

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS DE SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SAMUEL PENTEADO URBAN

**A FORMAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO POPULAR
FULIDAIDAI-SLULU EM TIMOR-LESTE: UMA HISTÓRIA DE
RESISTÊNCIA**

SOROCABA – SP
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS DE SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SAMUEL PENTEADO URBAN

**A FORMAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO POPULAR
FULIDAIDAI-SLULU EM TIMOR-LESTE: UMA HISTÓRIA DE
RESISTÊNCIA**

**Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Educação pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de São Carlos – *campus*
Sorocaba**

Orientação: Profa. Dra. Kelen Christina Leite

SOROCABA – SP
2016

Urban, Samuel Penteadó

A formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu em
Timor-Leste: uma história de resistência / Samuel Penteadó Urban. -- 2016.
204 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus
Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Kelen Christina Leite

Banca examinadora: Irlan von Linsingen, Antonio Fernando Gouvêa da
Silva

Bibliografia

1. Educação Popular. 2. Economia alternativa. 3. Timor-Leste. I.
Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

SAMUEL PENTEADO URBAN

**A FORMAÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO POPULAR
FULIDAIDAI-SLULU EM TIMOR-LESTE: UMA HISTÓRIA DE
RESISTÊNCIA**

**Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de São Carlos
Sorocaba, 29 de fevereiro de 2016**

Orientadora:

Prof. Dra. Kelen Christina Leite
UFSCar – PPGEd

Examinadores:

Prof. Dr. Irlan von Linsingen
UFSC – PPGECT

Prof. Dr. Antonio Fernando Gouvêa da Silva
UFSCar – PPGEd

DEDICATÓRIA

Aos camponeses de Timor-Leste

e ao Povo Maubere

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que participaram e contribuíram de alguma forma para a realização desta Dissertação.

Primeiramente, de maneira especial, gostaria de agradecer à minha orientadora, Profa. Dra. Kelen Christina Leite, pela amizade, pelo imenso apoio em minha ida a Timor e pela incansável orientação à distância (quando estive no Timor-Leste), sempre de forma atenciosa, para que, enfim, eu pudesse finalizar esta pesquisa.

De modo especial, também gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Irlan von Linsingen que foi um dos meus Coordenadores enquanto estive no Timor-Leste e membro integrante da banca de defesa do presente Mestrado. Além disso, o Professor Irlan sempre esteve disponível para ajudar na realização da pesquisa.

Ainda de modo especial, à Profa. Dra. Suzani Cassiani, que foi também coordenadora em Timor-Leste do PQLP e aceitou prontamente ser membro suplente da banca de defesa deste Mestrado.

Ao Prof. Dr. Antonio Fernando Gouvêa da Silva que além de ter sido parte de minha banca, sempre esteve pronto para me ajudar na realização da pesquisa, em especial sobre Paulo Freire.

À Profa. Dra. Juliana Rezende Torres que aceitou prontamente participar da banca como membro suplente e pelas várias contribuições na disciplina relacionada a currículos emancipatórios junto com o Prof. Dr. Antonio Fernando Gouvêa da Silva.

À Profa. Dra. Dulce Ferreira que, desde minha volta ao Brasil, esteve sempre pronta para ajudar com relação ao Mestrado.

Ao meu grande amigo e companheiro Prof. Dr. Antero Benedito da Silva, com quem tive imenso prazer em trabalhar, como professor codocente, na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e. Ele além de estar sempre pronto para ajudar na pesquisa, foi um dos grandes professores que tive em Timor.

À minha amiga e companheira Uka, que em apoio à pesquisa esteve sempre pronta a ajudar, sendo também uma das grandes professoras que tive em Timor.

Aos amigos e companheiros Miro, Leo, Sr. Alberto e Sr. Amaro, que em vários momentos me acolheram em Ermera para realização da pesquisa, além dos vários convites para saborear a maravilhosa comida timorense em suas residências, regado a boas histórias sobre Timor que não estão registradas em livro algum.

Ao meu amigo Teonuco Castro dos Santos, meu orientando de monografia em 2014 e ao mesmo tempo meu professor em Timor, com quem pude aprender muito sobre a educação formal no país.

Ao Prof. Me. Marcelino, Juvinal, Nicolau, Sonia, Rigoberto, Isidoro, Eugênia, Celso e Cipriano, que fizeram parte do grupo de estudos sobre Tarabandu na Faculdade de Ciências

Sociais da UNTL e que, dedicados, foram também meus professores, e aos demais educandos com quem tive a oportunidade de aprender.

À Camila Tribess, ao Daniel De Lucca e aos demais que trabalharam comigo na formação da Escola Fulidaidai-Sululu, que apoiaram a realização da pesquisa, e abriram algumas portas necessárias para sua realização.

Aos meus pais Gerson Antonio Urban e Lidia Penteado Urban, que sempre estiveram ao meu lado, acreditando em mim, fazendo o possível e o impossível para que eu pudesse realizar meus estudos.

À minha avó Eunice, que me acolheu em alguns momentos para finalização da Dissertação em sua casa.

À Juliana Paiva Santiago, que em todos os momentos da pesquisa esteve ao meu lado, dando-me suporte intelectual e emocional.

À minha amiga Livia Navarro, que me deu hospedagem durante todo o ano de 2015, para que eu pudesse realizar o Mestrado na cidade de Sorocaba.

Aos meus amigos Lucas, Thiago, Victor Staniscia, Victor Falasca, Everton, André, Natália, Alessandro, Vanessa, Jaime, Kamylla e Daniela, que sempre me apoiam, tanto na pesquisa quanto nas demais áreas da vida.

Aos meus irmãos e demais membros da minha família, além das diversas amizades que tive em Timor-Leste, das mais variadas nacionalidades, destacando a minha mãe portuguesa Geiza Marques d'Oliveira e Claudio Savaget.

Ao meu irmão timorense Marco e a todos os bolseiros com quem tive oportunidade de trabalhar e que, hoje, estão nas universidades brasileiras.

Por fim, gostaria de agradecer à UNAER por fazer possível a realização da presente pesquisa, à CAPES da qual fui bolsista enquanto estive no Timor-Leste e ao PPGEd da UFSCar Sorocaba, aos meus colegas de trabalho do PQLP e a todos os timorenses que fizeram parte dessa que foi a melhor e mais enriquecedora experiência de minha vida.

A Deus e à nação de Timor-Leste. A palavra saudade não contempla o que sinto por Timor. Timor, Há'u hadomi ó!

NOVOS ELDORADOS

*Atenção investidores
Corram enquanto é tempo
Juntem-se à Indonésia na
Venturosa pilhagem do Timor
As petrolíferas ocidentais
Já despertaram para os grandes atrativos da região
E o melhor, o melhor é que a "imprensa livre", como sempre
Finge ignorar, como convém.*

Aproveitem a liquidação!

*Afinal todos sabemos que nada disso, nada disso seria possível
Sem aquele banho fervente de sangue iniciado lá em 75
Por aqueles indomáveis generais indonésios
Que contaram naturalmente com todo o apoio logístico
Entenda-se armas, armas e armas de Washington
Para dar sumiço em nada menos que um terço da população.*

UAU!!!

Aproveitem a liquidação!

É por isso que eu digo:

VIVA CARTER!!!

VIVA A IMPRENSA LIVRE!!!

(Fred Zero Quatro e Mundo Livre S/A)

RESUMO

Timor-Leste é considerada a primeira democracia a se estabelecer como tal no século XXI, entretanto, seu passado foi marcado por invasões que fizeram com que a Educação no país fosse, hoje, complexa, e composta por intervenções materializadas através da questão linguística no país, entre outras. Num primeiro momento, com o processo de colonização portuguesa, muito pouco foi feito em relação à educação nesse território. Com a invasão indonésia em 1975, após o curto período de independência, investiu-se na construção de escolas, desde a educação infantil até o ensino superior, tendo como base um ensino ideologicamente integracionista e opressor. Em contrapartida (e internamente à luta pela restauração da independência contra a invasão indonésia) a Frente de Timor-Leste Independente (FRETILIN) juntamente com a União dos Estudantes de Timores (UNETIM) e integrantes do grupo intitulado “Casa dos Timores” iniciaram um processo de Educação Popular que teve grande influência de Paulo Freire, Mao Tsé Tung e Amílcar Cabral, estudiosos ligados à conscientização política e pautados no conhecimento cotidiano dos próprios educandos. Esse processo de ensino contextualizado às necessidades da luta, foi denominado “Pedagogia Maubere”. Após a restauração da independência em 2002, a principal luta dos agricultores do distrito de Ermera centrou-se na questão do direito à terra, isto é, na luta pela reforma agrária, como resultado histórico de todo um passado de exploração econômica da terra. Nesse sentido, surge o combate ao analfabetismo e as demais necessidades relacionadas a agricultura com a União dos Agricultores de Ermera (UNAER), por meio da formação da Escola Fulidaidai-Slulu. Cabe ressaltar que essa educação está relacionada a um conceito local de economia denominado de Fulidaidai-Slulu, podendo ser traduzido das línguas Makalero e Mambai como “trabalho conjunto” ou mesmo “trabalho em solidariedade”, havendo, neste sentido, a presença de uma economia alternativa ao capitalismo. O objetivo geral desse trabalho é, pois, compreender qual a concepção de educação presente no processo de formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, considerando-a um resultado histórico de uma Educação iniciada em meados de 1974, em combate ao analfabetismo e ao *obscurantismo*, sendo a formação dessa escola o objeto da presente pesquisa. Os procedimentos metodológicos da pesquisa inserem-se, em seu aspecto geral, no que se denomina comumente como pesquisa qualitativa, tendo essa também o caráter de uma observação participante. Dessa forma, como coleta de dados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas com os envolvidos na formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu em Timor-Leste. Por fim, concluiu-se que a concepção de educação presente na Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu possui como principais influências: Paulo Freire, Amílcar Cabral e Mao Tsé-Tung num primeiro momento e, num segundo, Borja da Costa, Ablilio Araujo, Vicente Maria Reis (Sahe), Dr. Lekdoe e Dr. Maubere. Nesse sentido, afirma-se que foi a partir das práticas da Pedagogia Maubere, que realizou-se a seleção do conteúdo programático do currículo da Escola Fulidaidai, adaptado a atual “unidade epocal”. Assim, foi possível a realização da presente pesquisa, partindo de uma experiência, viabilizada pela cooperação internacional Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste - PQLP, na formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu.

Palavras-chave: Educação Popular. Economia Fulidaidai-Slulu. Economia alternativa. Timor-Leste.

ABSTRACT

Timor-Leste has been considered the first democracy to establish in the XXI century. Timor-Leste's past was marked by invasions, which resulted in complex Education today. This complexity has been materialized through the language issue in the country. At first, the process of Portuguese colonization did very little to Education in Timor. The Indonesian invasion in 1975, after the short period of independence, it was up invested in the construction of schools, from kindergarten to higher education, based on an integrationist ideological and oppressive education. In contrast, internally the struggle for restoration of independence against the Indonesian invasion, the Front of Timor-Leste Independent (FRETILIN), together Union of Timores Students (UNETIM) and members of the group called House of Timores, began a process of Popular Education, which had great influence of Paulo Freire, Mao Tse-Tung and Amilcar Cabral. This Popular Education a political awareness and based on everyday knowledge of the learners. It is a contextualized education to the fight needs Maubere Pedagogy). After the restoration of independence in 2002, the main struggle of farmers in the district of Ermera has been focused on the issue of land rights. In other words, the struggle for agrarian reform is a historical result of all the past economic exploitation of the land. In this sense, the fight against illiteracy and other needs related to agriculture to the Union of Ermera Farmers (UNAER) through the formation of Fulidaidai-Slulu School. This education is based in a local economy concept called Fulidaidai-Slulu and can be translated from Makalero and Mambai languages as working together or even work in solidarity - an alternative to capitalism economy. The aim of this study is to understand which the concept of this education in the formation of the School of Education Fulidaidai-Slulu Popular, considering it as a historical result of Education started in mid-1974 (fight against illiteracy and obscurantism). The formation of this school the subject of this research. The methodological procedures of the research are inserted in his general appearance is known as qualitative research, with this also the character of a participant observation. Thus, as data collection, we carried out a literature review and semi-structured interviews to those involved in the formation of Popular Education School Fulidaidai-Slulu in Timor-Leste - in order to understand the formation of this school. Therefore, the design of this education in the School of Education Fulidaidai-Slulu Popular, at first has been main influences: Paulo Freire, Amilcar Cabral and Mao Tsé-Tung; secondly, Borja da Costa, Ablilio Araujo, Vicente Maria Reis (Sahe), Dr. Lekdoe and Dr. Maubere. In this sense, the Maubere Pedagogy practices have led to the selection of the Fulidaidai Schoolad content, apted to current "epochal unity." Thus, it was possible to carry out this research starting from an experiment in International Cooperation in the formation of the School of Education Fulidaidai-Slulu Popular (Teacher Training Program in Portuguese Language- PQLP).

Keywords: Popular Education. Fulidaidai-Slulu Economy. Solidary Economy. Timor-Leste.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Esquema do processo de formação professores	73
FIGURA 02 - Estrutura da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu	99
FIGURA 03 - Linha do tempo - formação da escola	100
FIGURA 04 - Características históricas contidas na Educação Popular em Timor-Leste ...	120
FIGURA 05 - Instituições envolvidas na formação da EEPFS	131
FOTO 01 - Guerrilheiros da II Companhia da BV numa aula de alfabetização durante o cessar-fogo, áreas de Bivake, RMFSN-PL. 1983 – FRETILIN	76
FOTO 02 - Alfabetização de um grupo de Guerrilheiros das FALINTIL (1983)	77
FOTO 03 - Alfabetização de um grupo de Guerrilheiros das FALINTIL e civis nas áreas de Bivake, Baucau, Ponta-Leste (1983)	78
FOTO 04 - Reunião entre membros da UNAER e parceiros na construção da EEPFS em 2013 na cidade de Gleno em Ermera	110
FOTO 05 - Seminário na Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu em Ermera	112
FOTO 06 - Estrutura física da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu	114
FOTO 07 - Primeira aula da EEPFS sendo ministrada pelo Professor Leo	115
GRÁFICO 01 - Taxa de analfabetismo em Timor-Leste	97
MAPA 01 – Mapa Político de Timor-Leste	26
MAPA 02 - Timor-Leste na região Ásia-Pacífico	27
MAPA 03 - Os principais grupos etnolinguísticos de Timor	28
MAPA 04 - A escolarização das crianças em 1963	31
MAPA 05 - Os projetos de exploração petrolífera da Austrália no Mar de Timor em 1964..	34
MAPA 06 - A invasão indonésia (1975-1976)	36
MAPA 07 - A campanha militar indonésia <i>Cerco e aniquilamento</i>	41
MAPA 08 - A evolução da população de Timor-Leste por distrito (1975-1981)	46
MAPA 09 - Os distritos abertos pela Indonésia em 1989	48
MAPA 10 - Densidade Populacional de Timor-Leste	121
MAPA 11 - Índice de analfabetismo no Timor-Leste	122

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - Síntese histórica de Timor-Leste (1512-1999)	55
TABELA 02 - Estrutura Regional da FRETILIN em 1976	67
TABELA 03 - A manifestação das economias locais no território timorense	92
TABELA 04 - Grade curricular do primeiro módulo da EEPFS (primeira versão)	102
TABELA 05 - Indicadores de estado nutricional de crianças menores de cinco anos no Timor-Leste para 2003 e 2009	103
TABELA 06 - Grade curricular do segundo módulo da EEPFS (primeira versão)	105
TABELA 07 - Síntese da Educação Popular em Timor-Leste	117
TABELA 08 - Influência da Pedagogia Maubere na EEPFS	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APODETI - Associação Popular Democrática Timorese
ASDT - Associação Democrática de Timor
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAVR - Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação
CEFOPOL – Centro de Formação Política
CNRM - Conselho Nacional da Resistência Maubere
CNRT - Conselho Nacional da Reconstrução de Timor
CNRT - Conselho Nacional da Resistência Timorese
CRRM - Conselho Revolucionário da Resistência Nacional
CRRN - Conselho Revolucionário da Resistência Nacional
DOPI – Departamento de Orientação Política e Ideológica
EEPFS – Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu
EPB - Estudos de Problemas Brasileiros
FALINTIL - Forças Armadas de Libertação e Independência de Timor-Leste
FRELIMO - Frente Revolucionária da Libertação Moçambicana
FRETILIN - Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente
GCRET - Grupo Coordenador para a Reformulação do Ensino em Timor
KSI – Kdadalak Sulimutuk Instituto
MPLA - Movimento Nacional da Libertação Angolana
ONU – Organização das Nações Unidas
PQLP – Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste
PPGEd – Programa de Pós Graduação em Educação – UFSCar Sorocaba
PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
RDTL – República Democrática de Timor-Leste
RENETIL - Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste
SAPT – Sociedade Agrícola, Pátria e Trabalho
UDT - União Democrática Timorese
UNAER – União dos Agricultores de Ermera
UNAMET - Missão das Nações Unidas em Timor-Leste
UNETIM – União dos Estudantes de Timores
UNTL – Universidade Nacional de Timor Lorosa’e

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE TIMOR-LESTE	25
1.1. A colonização portuguesa e a independência de Timor-Leste.....	28
1.2. A invasão indonésia e a luta pela restauração da independência	33
1.2.1. Inicia-se a invasão	35
1.2.2. As FALINTIL e sua primeira reorganização.....	40
1.2.3. O surgimento da figura de Xanana Gusmão e a nova reorganização da guerra popular ...	43
1.2.4. Um novo momento da guerrilha	50
2. A EDUCAÇÃO POPULAR EM TIMOR-LESTE: APONTAMENTOS HISTÓRICOS	56
2.1. Pressupostos teóricos da Educação Popular em Timor-Leste.....	57
2.2. Educação Popular e a Pedagogia Maubere	61
2.2.1. Os primórdios da Pedagogia Maubere	63
2.2.2. Principais figuras da Pedagogia Maubere	65
2.2.3. Paulo Freire como base do processo Educativo na guerrilha	70
2.2.3.1. Formação de Professores na campanha de alfabetização	72
2.2.3.2. Temas Geradores e Práticas Culturais no processo de alfabetização	79
2.2.3.2.1. Como eram utilizados os Temas Geradores	82
2.2.4. A Educação Popular no Distrito de Ermera	85
3. A ESCOLA DE ECONOMIA FULIDAIDAI-SLULU	88
3.1. Economias Fulidaidai e Slulu	89
3.1.1. As raízes da Economia Fulidaidai-Slulu e sua contextualização no Timor-Leste	91
3.2. Processo Educativo por meio da Economia Fulidaidai	94
3.2.1. O conteúdo curricular da escola	100
4. A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA FULIDAIDAI-SLULU NO DISTRITO DE ERMERA 117	
4.1. Características gerais do distrito de Ermera	120
4.2. Os agricultores em Timor-Leste e a UNAER.....	122
4.2.1. Cenário colonial português.....	123
4.2.2. Cenário indonésio.....	124
4.2.3. A terra em Timor-Leste após a restauração da independência e a ligação com o surgimento da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu.....	126
4.2.3.1. A formação da União dos Agricultores de Ermera (UNAER)	128
4.3. O papel dos intelectuais dentro desse processo educativo.....	130
4.3.1. O papel dos intelectuais envolvidos com o Kdadalak Sulimutuk Instituto (KSI)	131
4.3.2. O papel dos intelectuais envolvidos com a UNTL	132
4.3.3. O papel da Cooperação Brasileira	134
4.4. As dificuldades enfrentadas na formação da Escola	135
4.5. O projeto de construção da Escola de Educação Popular do distrito de Ermera como forma alternativa ao capitalismo	138
4.6. Perspectivas para o futuro da escola.....	143
4.6.1. As parcerias para o futuro.....	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	150
GLOSSÁRIO	155
ANEXOS	157
APÊNDICES	163

INTRODUÇÃO

A proposta inicial do presente Mestrado era a de realizar uma pesquisa sobre a relação entre Economia Solidária e Educação. Após o início do Mestrado, surgiu a oportunidade de participar do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP), financiado pela CAPES e coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este programa visa à cooperação educacional entre Brasil e Timor-Leste.

Após minha aprovação em processo seletivo organizado pela CAPES no ano de 2013, tranquei a matrícula no PPGEd (por dois semestres) e parti para o Timor-Leste.

Estando já em território timorense, fui convidado para trabalhar juntamente com professores brasileiros e timorenses, dentre várias outras atividades, na formulação do currículo da Escola Fulidaidai-Slulu. Esta é uma escola de Educação Popular que possui seus princípios fundamentados num trabalho conjunto, por vezes assemelhando-se aos pressupostos da Economia Solidária, com um embasamento teórico calcado, dentre outros autores, também em Paulo Freire.

Assim, trabalhei com professores brasileiros que não pretendiam impor algo aos timorenses, mas sim, trabalhar de forma horizontal, levando em conta o destacado por Freire (1997, p. 87), que: “Nosso papel não é falar (...) sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la (...), mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa”.

Os timorenses com os quais tive contato, em especial, o Professor Dr. Antero Benedito da Silva, Mana Uka, Maun Miro, Maun Leo e o Professor Natalino Gusmão Soares se revelaram os maiores professores que eu poderia ter naquele país. O aprendizado aconteceu desde o primeiro contato, quando pude trabalhar em colaboração com os mesmos por 18 meses.

Com o professor Natalino, tive a oportunidade de aprender sobre a história de Timor-Leste. Fui codocente em sua disciplina de História Geral e de Timor-Leste¹ na Universidade Nacional de Timor-Lorosa'e. Com o professor Antero (na mesma Universidade), tive a oportunidade de realizar um trabalho como codocente em sua disciplina: Educação Popular e Adulto.

¹ A disciplina refere-se à história geral e à história de Timor-Leste.

Com essas experiências pude perceber o quanto e como, historicamente, Paulo Freire, Amílcar Cabral² e Mao Tsé-Tung estão relacionados a esse processo educativo em Timor, principalmente no que diz respeito ao processo de Educação Popular que se iniciou na luta pela restauração da independência de Timor-Leste contra a invasão indonésia em 1975 e se materializa, nos dias atuais, como Escola Fulidaidai-Slulu. É nesse sentido que é possível observar o caráter histórico ligado a formação dessa escola.

Com os Professores da escola Fulidaidai-Slulu, Maun Miro, Maun Leo e Mana Uka, pude trabalhar, em processo de colaboração, na construção do currículo da escola, participando de um acompanhamento até o início das aulas em fevereiro de 2015, pude também aprender muito sobre a luta pela terra em Timor, que esteve sempre relacionada à educação e assim permanece com a criação da escola Fulidaidai.

De forma geral, houve um processo de mudança em vários pontos de minha vida, perpassando o lado pessoal e, principalmente, o lado profissional, fazendo-me uma pessoa mais aberta aos desafios contemporâneos da educação, mais especificamente em relação à educação transformadora: que almeja um processo de mudança de pensamento fundamentada numa cultura de cooperação e de solidariedade, contrariando as práticas da competição e da exploração capitalista.

O interesse por estudar a formação da Escola Fulidaidai-Slulu surge aliado ao intuito de compreender esse processo educativo em Timor-Leste como algo histórico, contido por diversas “situações-limites”³, mas que em meio a todo esse revés, ainda foi possível utilizá-la como uma “arma política”⁴.

Num longo processo histórico (1512 a 1975), Timor é mantido como colônia portuguesa, contexto este iniciado no período das grandes navegações. Durante todo esse período, os baixos índices de alfabetização da população podem ser compreendidos como forma de, estrategicamente, manter um maior controle sob a população timorense.⁵ Num primeiro momento não se estabelece, com o Timor, uma relação de exploração, sendo que apenas após 1515 se inicia a exploração do sândalo. Nesse período, segundo Silva (2011, p. 04),

² Amílcar Cabral foi uma liderança na luta pela libertação de Cabo Verde e Guiné Bissau. É conhecido pela Pedagogia da luta de libertação, sendo a educação uma arma política para a libertação contra o processo de colonização portuguesa. Foi fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

³ Categoria de Paulo Freire (1997), podendo ser entendido como contradições.

⁴ Categoria de Amílcar Cabral (s/d.).

⁵ Isso não quer dizer que os timorenses não questionassem este estado de coisas, pelo contrário. A independência de Timor em 1975 e depois a restauração da mesma em 2002, foi fruto de uma organização e resultado de processos educativos internos ligados a FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente).

missionários católicos da Ordem de S. Domingos foram enviados a Timor com o intuito de promover a civilização dos povos menos desenvolvidos. De certa forma, o caso de Timor assemelha-se ao acontecido no Brasil, sendo que o processo de “colonização, foi, sobretudo, uma empreitada comercial. Os nossos colonizadores não tiveram — e dificilmente poderiam ter tido — intenção de criar, na terra “descoberta”, uma nova civilização. Interessava-lhes, em um primeiro momento, a exploração comercial da terra.” (FREIRE, 1967, p. 67).

Deste modo, entende-se, segundo (SILVA, 2012), que Portugal não deixou de lado a questão educacional em Timor por falta de interesse, mas sim, proporcionou essa situação de grande analfabetismo no país. Lembrando que as políticas educacionais, como o próprio nome já diz, são atos políticos e, assim, são proporcionadas por um ou mais agentes com algum propósito.

Neste caso, uma política educacional que não esteve voltada para a alfabetização da população permite inferir que havia certa indução no sentido de manter os timorenses submissos de alguma forma. Em outras palavras, pode-se intuir que Portugal teria mantido a situação de analfabetismo no país, pois esta condição de subalternidade dos timorenses lhe era favorável. Até porque, “não há real ajuda entre classes dominantes e classes dominadas nem entre as ‘sociedades imperiais’ e as chamadas sociedades dependentes, de fato, dominadas, na compreensão de cujas relações não se pode prescindir da análise de classe” (FREIRE, 1977, p. 16).

Prosseguindo o desenrolar cronológico, Timor proclama sua independência unilateral em 28 de novembro de 1975, através da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente - FRETILIN. Dias depois, esse processo de independência é interrompido pelos indonésios que invadem o país em 7 de dezembro de 1975, apoiados pelos EUA, Inglaterra e Austrália no contexto de Guerra Fria. Desde então, é quase imediata a proibição do uso da língua portuguesa no ensino timorense, e dá-se início ao uso da língua indonésia.⁶ Desta forma, segundo Silva (2011a, p. 10), “todas as posições administrativas, técnicas e profissionais eram cargos ocupados pelos indonésios: 20% dos professores primários e 90% dos professores secundários que lecionavam nas escolas não eram timorenses.”

Deste modo, o ensino, de modo geral, foi sempre marcado por uma imposição linguística, pela memorização e por um ensino descontextualizado, no qual eram trabalhados

⁶ Destaca-se que, um importante ator da difusão da Língua Portuguesa no Timor-Leste, foi a Igreja Católica. Esta que respondia ao Vaticano e não a Jacarta. A ilustração desse contexto, pode ser visto no episódio ocorrido em 1983, em pleno regime indonésio, quando a Escola Portuguesa localizada em Díli, foi reaberta oferecendo cursos na Língua Portuguesa, fora do currículo nacional proposto pelos indonésios. (GUNN, 2007, p. 51)

conteúdos advindos de Portugal, num primeiro momento, e depois advindos da Indonésia. (ACÁCIO, 2006; GUNN, 2007)

Com a conquista da restauração da independência, Timor-Leste se torna a primeira democracia estabelecida no século XXI e, como resultado histórico de todo esse processo de invasão, constata-se diversos reflexos na sociedade timorense, dentre eles, na educação.

Assim, acrescenta-se que o contexto educacional atual de Timor-Leste é resultado de processos históricos, nos quais se destacam como principais agentes: Portugal, no período das grandes navegações e do imperialismo⁷; Indonésia, no período da Guerra Fria, neste momento, Estados Unidos da América do Norte e a Austrália possuem relevantes papéis, o primeiro fornecendo armamentos e o segundo com o interesse no petróleo presente no mar do sul de Timor.

A educação timorense atravessou esses momentos históricos profundamente marcada pela questão da língua: num primeiro momento, o português e, num segundo, a língua indonésia. (ACÁCIO, 2006; SILVA, 2011)

Essa questão linguística pode ser entendida a partir de uma análise intergeracional, que se relaciona com o histórico de invasões ocorrido em Timor-Leste. Nesse sentido, Gonçalves (2012) afirma que a importância linguística para cada geração pode ser dividida em três partes: a geração que nasceu antes de 1975, que viveu parte de sua vida quando Timor-Leste ainda era uma colônia portuguesa; a geração que viveu sua experiência educacional durante o regime indonésio, denominada de *gerasaun foun* e; a geração que viveu esse processo linguístico após a restauração da independência.

A primeira geração, grande responsável pela presença da língua portuguesa como oficial do país junto com o Tétum, “expressa a sua afinidade com a Língua Portuguesa como elemento integrante da identidade timorense, ao contrário da Língua Indonésia que é compreendida como língua do colonizador”. (GONÇALVES, 2012, p. 9). Ainda segundo Gonçalves (2012), a *gerasaun foun* por sua vez, falante da língua Indonésia, defende que a língua portuguesa é a língua do colonizador. Dentre a geração pós restauração da independência, grande importância se é dada à língua Tétum como identidade nacional, tendo a língua portuguesa também seu grau de importância. (GONÇALVES, 2012). Toda essa complexidade somada às dezenas de línguas maternas existentes no país.

⁷ Ler HARVEY, David. O Novo Imperialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

Desta forma, parte-se do pressuposto de que as invasões ocorridas no Timor-Leste são contradições históricas, isto é, “situações-limites” (FREIRE, 1997) enquadradas em determinada “unidade epocal”⁸ (FREIRE, 1997).

É diante deste quadro que surge a escola Fulidaidai-Slulu, com o intuito de realizar uma denúncia em relação ao *status quo* e, ao mesmo tempo, induzir um processo calcado em construir algo junto com o outro, ou seja, uma nova forma de economia estabelecida no âmbito da solidariedade, permitindo, assim, a emancipação dos envolvidos, em especial do Povo Maubere.⁹

A presente denúncia se constrói em contraponto aos séculos de “obscurantismo”¹⁰ (SILVA, 2012) proporcionados por uma educação “bancária” (FREIRE, 1997) que não se baseava nas reais necessidades dos educandos. Destaca-se que a formação dessa escola surgiu como demanda do movimento social do campo, União dos Agricultores de Ermera (UNAER), no sentido de construir uma escola diferente. Construir, na denúncia, o diferente. Algo que buscava valorizar uma solidariedade indígena timorense, como alternativa às necessidades básicas do dia-a-dia, como produção de alimentos em combate a fome, luta contra o analfabetismo, acesso à terra, etc.

Cabe destacar que, como ressaltado pelo próprio Professor Dr. Antero Benedito da Silva, em entrevista realizada para a presente pesquisa, o conceito de Fulidaidai-Slulu é um conceito novo e que ainda merece ser discutido academicamente. De forma geral, destaca-se que o mesmo pode ser traduzido das línguas Makalero¹¹ e Mambai¹² como trabalho conjunto ou mesmo trabalho em solidariedade havendo, neste sentido, a presença de uma economia alternativa ao capitalismo com aproximações com aquilo que, no Brasil especificamente, se denomina de Economia Solidária, interesse inicial apresentado ao Mestrado.

A construção histórica desse processo educativo em Timor se deu, sobretudo, a partir de uma luta de libertação nacional, utilizando-se a educação como “arma política” (CABRAL, s/d.), buscando, dentre as diversas limitações circunstanciais, uma problematização do que é de conhecimento dos indivíduos, ou seja, a opressão exercida pelos “colonialistas” (SILVA, 2011).

⁸ Compreendido aqui como determinado contexto.

⁹ Povo de Timor-Leste.

¹⁰ A questão do obscurantismo será tratada na página 77.

¹¹ Língua falada ao sul do distrito de Lautém.

¹² Língua falada em Ermera.

Faz-se necessário também destacar que houve diversas dificuldades para a realização da educação num contexto de luta pela libertação nacional, até mesmo pelo fato de se estar em guerra. Nesse sentido é que a Educação Popular libertadora e alternativa em Timor-Leste se desenvolveu utilizando-se de uma interpretação local dos Temas Geradores de Paulo Freire (1997), havendo um processo de investigação de acordo com o que era possível ser feito, considerando todas as contradições históricas do processo educativo realizado em Timor-Leste. Dessa forma é que a presente pesquisa buscou compreender os “obstáculos e as potencialidades de emancipação presentes em cada momento histórico” (NOBRE, 2004, p. 34). Momento este em que, apesar dos diversos obstáculos relacionados às “situações-limites” vê-se a possibilidade de um avanço com relação a uma educação de caráter libertador.

A esperança da educação está em considerar que a emancipação é possível, pois o contexto não é determinante, mas condicionante. Sendo os agricultores, no presente caso, agentes transformadores da sua própria história (FREIRE, 1997, 1985).

Foi em Timor-Leste, através das atividades realizadas junto aos timorenses, que houve, em mim, um despertar e uma necessidade de conhecer melhor a obra de Paulo Freire, autor reconhecido internacionalmente, mas com o qual tive pouco contato em minha formação de professor/geógrafo. Esta necessidade se deu, primeiramente, porque os professores com os quais trabalhei em Timor se pautavam, em seus estudos e em suas práticas, em Freire que, por sua vez, possui um ideário que se relaciona e esteve presente no processo de libertação nacional timorense, portanto os processos de libertação nacional em Timor bem como o processo de Educação Popular estão intimamente relacionados com as ideias de Paulo Freire e outras influências.

Desta forma, ciente da necessidade de uma maior “escovação” das palavras de Paulo Freire em suas diversas obras, buscou-se colocar como objetivo deste trabalho compreender o processo de formação da Escola Fulidaidai-Slulu, levando em conta o contexto histórico ligado a uma determinada unidade epocal (FREIRE, 1997).

Em meio a este processo, surgiu a Pedagogia Maubere a partir de pressupostos marxistas, mais especificamente ligados à libertação no sentido da emancipação da pessoa humana. Emancipação esta que diz respeito ao capitalismo, sendo este, por excelência, desumanizante, pois sua essência é coisificar e reduzir o outro a mercadoria. De forma mais ampla, parte-se da leitura ética do real, isto é, do prognóstico emancipatório de que nada justifica o sofrimento humano, que é passível de mudança. (FREIRE, 1985, 1997).

Nesse sentido, tem-se como questão central da pesquisa compreender qual concepção de educação encontra-se presente na Escola Fulidaidai. Como se deu historicamente esse processo de Educação Popular e qual sua ligação com a Escola Fulidaidai-Slulu? Tendo como base a Economia Fulidaidai-Slulu como prática pedagógica, a formação da escola estaria, ainda que marginalmente, inserida no interior do próprio modo de produção capitalista ou seria ela uma economia alternativa contrária às práticas desumanizantes ligadas ao capitalismo?

O objetivo geral desse trabalho é, pois, compreender qual a concepção de educação presente no processo de formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, considerando-a como resultado histórico de uma Educação iniciada em meados de 1974, em combate ao analfabetismo e ao “obscurantismo”.

Especificamente, objetiva-se: compreender os conceitos de Fulidaidai e Slulu integrados a uma Educação Popular levando em conta suas raízes; analisar criticamente esses conceitos com o intuito de compreender seus principais pontos; compreender a luta pela terra em Timor-Leste, baseada numa economia indígena (Fulidaidai e Slulu); analisar e compreender o papel das instituições envolvidas no processo de formação da Escola e; contribuir para a produção científica em Timor-Leste, com aqueles que fizeram parte do processo de investigação e principalmente como forma de desenvolvimento da Escola Fulidaidai-Slulu.

Os procedimentos metodológicos da presente pesquisa inserem-se, em seu aspecto geral, no que se denomina comumente como pesquisa qualitativa, tendo essa também o caráter de uma observação participante. Desta forma, como coleta de dados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas com os envolvidos na formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu em Timor-Leste, com o intuito de compreender a formação dessa escola, levando em conta que em pesquisas como essas

(...) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atuação especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as situações que estão sendo focalizadas. Ao considerarmos os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 7)

Parte-se da compreensão de pesquisa qualitativa presente em Ludke e André (1986), considerando seu “potencial para estudar as questões relacionadas à escola” (LUDKE;

ANDRÉ, 1986, p. 13) e refletir sobre o processo de ensino aprendizagem, considerando um contexto mais amplo (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Assim, para realização da pesquisa, considerou-se a formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu contida dentro de determinada “unidade epocal”, considerando o atual estágio do capitalismo.

O acompanhamento da formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, deu-se não apenas por meio da observação, mas também pela participação através do envolvimento na elaboração da grade curricular da escola e com o acompanhamento de atividades: desde a construção da escola até o início das aulas. Ressalta-se que essa participação insere-se no que se denomina como observação participante.

De forma mais específica, realizou-se um exaustivo aprofundamento teórico com relação a história de Timor-Leste - em especial no que diz respeito ao período pós 1975 – e também em relação a Educação Popular no país, ligado à Pedagogia Maubere e a seus pressupostos teóricos influenciados por alguns autores e, sobretudo, por Paulo Freire.

Além disso, houve um aprofundamento nas leituras de Freire (1985, 1997) e Silva (2011, 2012, 2014) com o intuito de compreender os avanços e limitações da Educação Popular em Timor, iniciados em meados de 1974, mas que se refletem na Educação Popular dos dias atuais.

Em função dos poucos estudos ligados a Educação Popular em Timor-Leste, sendo quase nulo o estudo da Educação Popular atual ligado a formas econômicas alternativas, tidas como práxis pedagógica (GADOTTI, 2009), utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas com vários sujeitos envolvidos com a Educação Popular e, especificamente, com a Escola e a Economia Fulidaidai.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com o Professor Dr. Antero Benedito da Silva (Universidade Nacional de Timor-Lorosa'e), Mana Uka, Maun Leo e Maun Miro (Professores da Escola Fulidaidai-Slulu) e com a liderança do movimento social do campo UNAER, nas pessoas do sr. Alberto (Vice-Presidente) e sr. Amaro (Presidente).

Utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas por não serem rígidas, abrindo, assim, para respostas relacionadas a relatos pessoais e para o surgimento de novos questionamentos durante a realização da entrevista sendo capaz de “captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34)

As entrevistas foram realizadas no Timor nas línguas Tétum, Portuguesa e Indonésia. O objetivo básico das entrevistas relacionava-se com a necessidade de compreender, historicamente, a Educação Popular em Timor-Leste, mas principalmente, entender a Escola Fulidaidai-Slulu hoje.

Cabe destacar que, além dos poucos estudos relacionados à temática, poucas são as fontes encontradas em língua portuguesa. Assim, foi necessário recorrer, em grande parte, à língua Inglesa e ao Tétum e, de forma complementar, à língua Indonésia para realizar o levantamento de informações necessárias.

Foram realizadas, também, diversas pesquisas de campo no distrito de Ermera com o intuito de fotografar e acompanhar discussões relacionadas a formação da escola desde 2013 até 2015. Essas pesquisas se estenderam ao Museu da Resistência Timorense, com o intuito de obter informações relacionadas principalmente ao primeiro capítulo deste trabalho.

No Instituto de Estudos de Paz e Conflito da UNTL, realizaram-se reuniões de acompanhamento da formação da escola com os professores da Escola Fulidaidai-Slulu e, quando possível acompanhamos o Professor Dr. Antero Benedito da Silva, produzindo assim alguns relatos.

Utilizou-se de intensas pesquisas documentais na Casa Comum¹³ com o objetivo de compreender alguns processos históricos e questões relativas especificamente a educação em Timor dentre o período de 1973 a 1999.

Para caracterizar o distrito de Ermera através de dados, utilizou-se documentos governamentais como o Censo (2004 e 2010) e o relatório das Nações Unidas referente à segurança alimentar.

Esta Dissertação buscou, portanto, trabalhar a formação de uma escola de Educação Popular alicerçada nos princípios e fundamentos de uma economia que busca ser alternativa ao capitalismo.

O primeiro capítulo faz alguns apontamentos sobre o processo histórico de Timor-Leste, em especial sobre o contexto da invasão indonésia, baseando-se, principalmente, em Acácio (2006), Belo (2012), Gunn (2007), Schouten (2007) e Silva (2012).

¹³ www.casacomum.org/cc/arquivos

O segundo capítulo busca trabalhar o início da Educação Popular no país com seus pressupostos fundamentais, destacando-se a presença de Paulo Freire e a Pedagogia Maubere, sem deixar de lado os demais pressupostos externos ao Timor e os próprios timorenses envolvidos nesse processo educativo, utilizando-se principalmente Silva (2011, 2012, 2014).

O terceiro capítulo aborda aspectos da Economia Fulidaidai-Slulu e suas raízes, realizando uma pequena comparação com a Economia Solidária, destacando o processo educativo por meio desta economia baseada numa solidariedade indígena, que se manifesta hoje na Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu.

No quarto capítulo, buscou-se analisar a construção da Escola Fulidaidai-Slulu como materialização da Pedagogia Maubere no distrito de Ermera, relacionada a União dos Agricultores de Ermera e demais instituições, seus limites e desafios, como a escola se coloca alternativamente ao capitalismo e as pretensões futuras da escola.

1. APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE TIMOR-LESTE

Fez-se necessário, inicialmente, destacar alguns pontos fundamentais sobre o Timor-Leste, embora não se tivesse pretendido, nesta pesquisa, retratar pontos históricos de forma desvinculada do objeto de estudo, mas destacar apontamentos relevantes sobre o uso da terra e sobre a educação em Timor-Leste, para a compreensão de todo um processo histórico de uma Educação Popular que se materializa, hoje, como Escola Fulidaidai-Slulu em Timor.

A função desempenhada pela terra em Timor-Leste¹⁴ é, majoritariamente, voltada para a produção de bens de consumo local, sendo apenas uma pequena parcela para a exportação. Isso se dá em função de que apenas 27, 5%¹⁵ do território é propício à agricultura na atual estrutura agrícola. Além disso, há precariedade de incentivos voltados para a agricultura, tanto no que se refere à Educação, quanto a incentivos financeiros e técnicos, para desenvolvimento dessa agricultura que se caracteriza por ser familiar e, assim, demandaria políticas públicas para seu maior desenvolvimento.

Nesse sentido, a questão da terra vem a ser, historicamente, um ponto primordial tanto no que se refere ao âmbito econômico, de subsistência, como no campo de lutas, desde o período da colonização portuguesa até os dias atuais. Em outras palavras, pode-se dizer que

A grande complexidade da reivindicação das terras em Timor-Leste advém principalmente do seu passado colonial, sendo identificados quatro cenários: interesses tradicionais; títulos de propriedade portugueses; títulos de propriedade indonésios; e ocupação após o conflito de 1999 de longo prazo. (FITZPATRICK *apud* NARCISO; HENRIQUES, 2011, p. 247).

Assim, evidenciaram-se, cronologicamente, alguns dos principais momentos históricos relevantes à pesquisa, a saber: o processo de colonização portuguesa e a independência de Timor-Leste em 1975; a invasão indonésia e o processo de restauração da independência e alguns apontamentos acerca da educação e da questão agrária em Timor-Leste.

¹⁴ Majoritariamente, a população timorense é de base rural, mesmo que haja o crescimento de cidades, a questão urbana ainda é muito incipiente.

¹⁵ República Democrática de Timor-Leste - RDTL (2005).

Como ponto de partida, fez-se necessário realizar um pequeno enquadramento espacial do país objeto desta pesquisa. Este se localiza no sudeste asiático, compreendendo uma pequena área de aproximadamente 15000 km² (MAPA 01).

MAPA 01- Mapa Político de Timor-Leste



Fonte: UN Cartographic (2011)

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (2012) trata Timor-Leste como a “mais longínqua colônia da Ásia”. Se compararmos a uma realidade brasileira, a área de Timor-Leste é menor que o estado de Sergipe. Compreende metade da Ilha de Timor, estando em seu lado oriental. No lado oeste, intitulado Timor Ocidental, está parte do território indonésio, além de um enclave pertencente a Timor-Leste, como resultado da configuração territorial ocorrida após negociações entre Portugal e Holanda, no período conhecido como o das *grandes navegações*.¹⁶

¹⁶ Oecusse foi o primeiro ponto da ilha de Timor em que os portugueses se estabeleceram em 1556. Em 1859, com o tratado de Lisboa, Portugal e Holanda dividiram a ilha entre si, ficando o primeiro com a parte leste da ilha mais o enclave e o segundo com a parte oeste.

Cabe destacar que Portugal foi tido como país colonizador de Timor-Leste, enquanto a Holanda foi tida como colonizadora do território indonésio. Ainda de maneira a apresentar a configuração espacial (regional), importantíssima para a compreensão do processo histórico de Timor-Leste, encontra-se, ao sul de Timor, a Oceania, representada pela Austrália (MAPA 02). Portanto, pode-se dizer que Timor-Leste encontra-se localizado entre a Indonésia e a Austrália.

MAPA 02 - Timor-Leste na região Ásia-Pacífico



Fonte: Durand (2010)

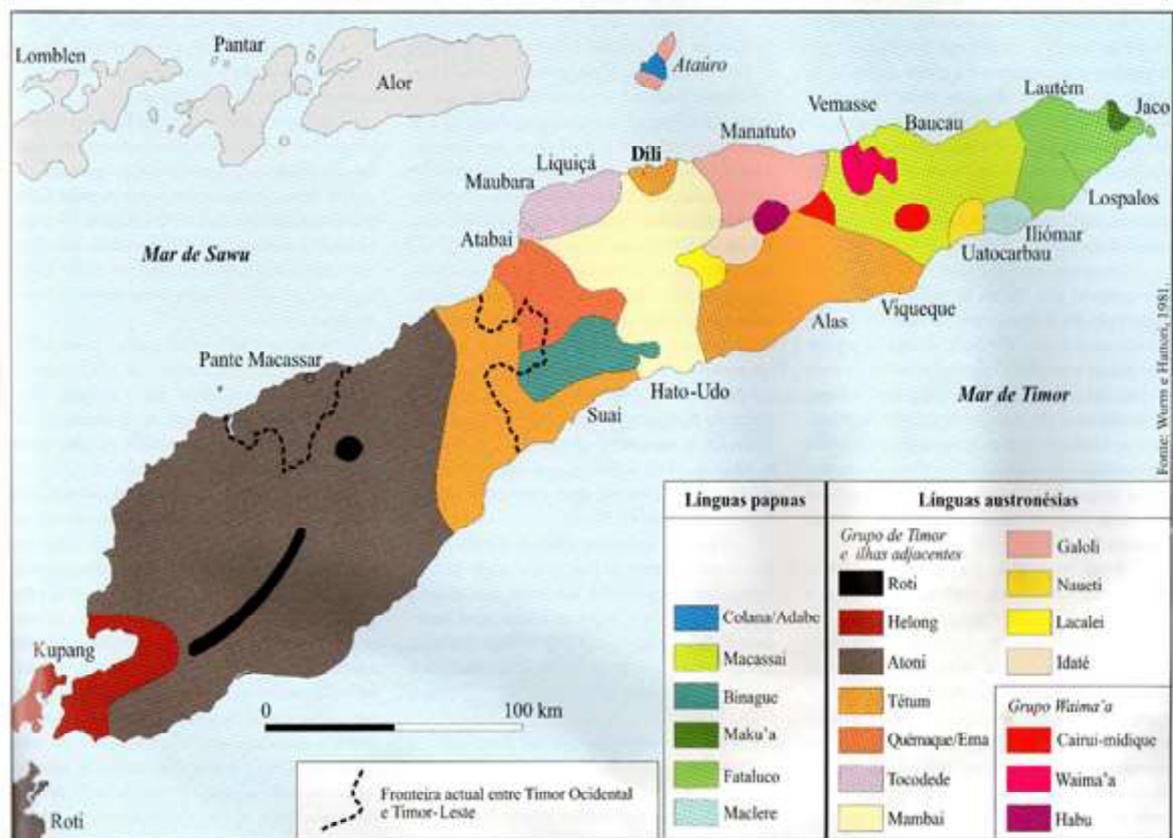
Administrativamente, até o atual momento, o país é dividido em distritos, sucos¹⁷ e aldeias. Neste sentido, a presente pesquisa baseou-se no distrito de Ermera, localizado na área montanhosa de Timor-Leste, sendo este o maior distrito produtor de café do país e estando próximo da capital Díli.

¹⁷ Administrativamente, existem sucos internamente a um distrito e, dentro de cada suco, existem aldeias.

1.1. A colonização portuguesa e a independência de Timor-Leste

Anteriormente a 1512, o país era dividido em reinos que, segundo Durand (2010), se originaram a partir de povoações de origem Austronésias¹⁸ e Papuas. Atualmente essas povoações são representadas na sociedade timorense através dos grupos etnolinguísticos (MAPA 03).

MAPA 03: Os principais grupos etnolinguísticos de Timor



Fonte: Durand (2010)

Os portugueses, em 1512, chegaram a Timor em meio à conquista colonial que empreendiam naquela época. A priori podem-se perceber fortes semelhanças com a chegada dos portugueses ao Brasil, inclusive porque não houve, de imediato, um interesse revelado e explícito pela exploração do país. Isso ocorreu 30 anos mais tarde, ou seja, por volta de 1540.

¹⁸ Grupo de línguas com uma vasta área de distribuição pelas ilhas do sueste asiático e do Pacífico.

Em Timor, houve a exploração do sândalo, enquanto no Brasil explorou-se o pau-brasil. Porém, muito maiores são as diferenças do que as possíveis semelhanças entre essas duas colonizações portuguesas.

Além da enorme distância territorial, o Brasil encontra-se muito mais próximo do país europeu, tendo em seu território uma forte presença da cultura europeia. Destaca-se, ainda, a gama de recursos disponíveis à exploração no Brasil muito maior que no Timor, ou seja, a área facilitada pela rota do tráfico de recursos naturais que foi se desenvolvendo com o passar do tempo, concomitante, houve a questão do tráfico negreiro e a relação com a Inglaterra. Portugal não deu atenção a Timor até que o Brasil fosse considerado uma nação independente. Segundo o Governador Afonso de Castro¹⁹, “os portugueses haviam deixado muito poucas contribuições ao país”. (SCHOUTEN, 2007, p. 30).

Nesse sentido, já no século XX, diversos problemas sociais foram aflorando em um local que almejava a modernidade.²⁰ A perda de muitos de seus territórios coloniais²¹ fez com que Portugal voltasse os olhos para Timor, pois seu poderio dentre as nações europeias já era muito inferior ao “*status* de que usufruía no palco europeu na época dos descobrimentos”. (SCHOUTEN, 2007, p. 28).

Para Schouten (2007, p. 28), Portugal “se tornara uma espécie de Estado de segunda categoria, em nada comparável ao *status* que usufruía no palco europeu na época dos descobrimentos”. Com um maior interesse na ilha de Timor, o uso da força como forma de reprimir os timorenses se tornou uma rotina. A introdução do cultivo de café em larga escala, no século XIX, fez-se marcada pela degradação das condições de trabalho dos timorenses nos cafezais, havendo traços de escravatura. Casos estes que através da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho (SAPT), portugueses se apossavam das terras, fazendo os timorenses trabalhar para os colonizadores. (SCHOUTEN, 2007)

Conseqüentemente, iniciou-se um processo de revoltas com destaque à Guerra de Manufahi, ocorrida entre 1911 e 1912. Esta ocorreu em função de motivos nacionalistas, econômicos e políticos (BELO, 2012). O primeiro e principal motivo de fundo nacionalista, era expulsar os portugueses de Timor. Os motivos econômicos se deram em função de uma reforma

¹⁹ O Governador Afonso de Castro esteve à frente de Timor-Leste entre 1859 e 1863.

²⁰“(…) desenvolver o território” (SCHOUTEN, 2007, p. 33)

²¹ “Portugal foi progressivamente mais isolado e condenado pela comunidade internacional; os movimentos de libertação proliferaram nas colônias africanas que alimentaram-se em uma guerra colonial dramática na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola que duraram até a famosa Revolução dos Cravos em Portugal em 25 de abril, 1974.” (SOUSA, 2013, p. 154, tradução nossa)

por intermédio da qual, em 1911, o governo colonial aumentaria os impostos referentes ao uso dos recursos naturais em Timor. Em relação ao cenário político, em 1910, deu-se a implantação do regime republicano em Portugal, fazendo com que lideranças timorenses locais corressem o risco de perder suas regalias (BELO, 2012). Dessa forma, Paulino (2012, p. 3) ressalta que este último não foi o principal motivo, pois dizer que houve “um acto de ressentimento por causa da mudança do regime em Portugal em 1910, (...), minimiza a história da Guerra de Manufahi, desvalorizando a valentia heroica de D. Boaventura e seus respectivos aliados”. (PAULINO, 2012, p. 3).

A partir de então, segundo Belo (2012, p. 27), “o ambiente de Timor não seria muito diferente do de 1911”, isto é, com a Guerra de Manufahi, mesmo sob a grande repressão portuguesa, a luta pela independência de Timor se manteve e até mesmo se acentuou a partir da década de 1960.

Belo (2012) ainda afirma que, para manter os timorenses calados, sem questionar o processo predatório da colonização portuguesa, mantiveram a população sob baixos níveis educacionais, favorecendo, portanto, o grande índice de analfabetismo. Segundo Pires (2013, p. 20), a primeira escola oficial foi apenas criada em 1915 e o ensino liceal apenas após a Segunda Guerra Mundial, sendo que, até aquele momento, a educação era de responsabilidade das Missões Católicas²². Em 1938, em tom de *apartheid*, Pires (2013, p. 20), destaca que segundo o Diploma Legislativo nº 154, Art. 55, “não é permitida a europeus e assimilados a frequência das escolas e classes indígenas ou inversamente, a frequência de indígenas nas escolas e classes de europeus e assimilados”.

A pouca relevância dada à Educação em Timor, fez com que Luiz Felipe Thomaz destacasse o fato de, em 1953, existirem apenas 39 escolas primárias, sendo que apenas 8 mil estudantes as frequentavam.²³ Como forma de impulsionar o ensino da língua portuguesa, em 1974 houve um salto no que se refere ao número de escolas primárias, chegando a 456 e havendo, assim, 60 mil estudantes nestas escolas. Porém, o índice de analfabetismo beirava os 90% da população (CUNHA, 2001, p. 117).

Na década de 1950, segundo Durand (2010, p. 87), a população de Timor-Leste, em números absolutos, era de 442.378 habitantes e os alunos matriculados no ensino primário beiravam os 8 mil. No mesmo período, segundo dados do IBGE (2000, 2006), o Brasil possuía

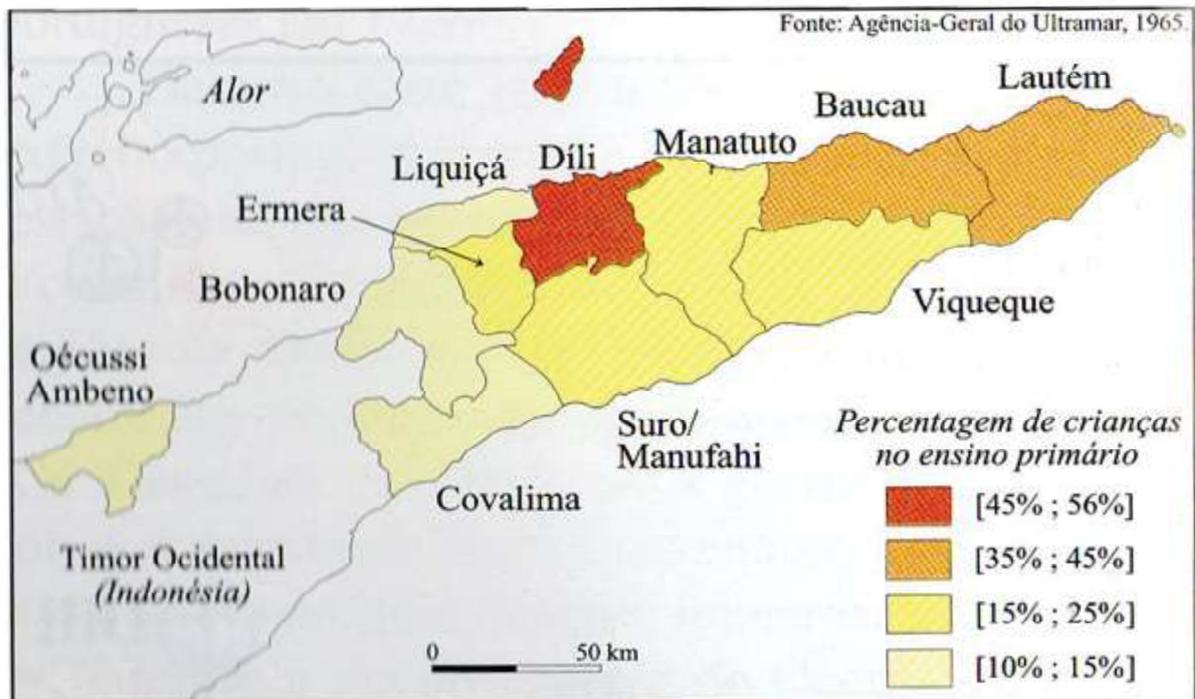
²² Num período anterior, mas de forma semelhante, os jesuítas foram responsáveis pela educação no Brasil.

²³ Não se têm dados de um número total de estudantes.

uma população de 51,9 milhões de habitantes, estando matriculados no ensino primário 4.352.043 alunos. Tirando a razão destes números, enquanto Timor-Leste possuía 1,8% de sua população matriculada no ensino primário, o Brasil possuía 8,4%, sem destacar os dados do ensino superior que eram inexistentes no país asiático.

Em 1963, observa-se que a escolarização ligada ao ensino primário no país estava entre 10% e 15% nos distritos de Liquiçá, Bobonaro e Covalima; 15% e 25% em Ermera, Suro/Manufahi (atual distrito de Same), Manatuto e Viqueque; 35% a 45% em Baucau e Lautém e, no distrito de Díli, entre os 45% e 56% (MAPA 04). De forma complementar, Cunha (2001, p. 182) destaca que “a difusão do ensino (...) foi lenta e tardia: em 1970-71, frequentavam a escola básica 28% das crianças em idade escolar; em 1972-73, aquela porcentagem ascendia a 51%, para atingir em 1973-74, os 77%”.

MAPA 04 - A escolarização das crianças em 1963



Fonte: Durand (2010)

No ano de 1974, inicia-se a organização de três associações políticas: Associação Popular Democrática Timorense (APODETI), União Democrática Timorense (UDT) e Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN). Resumidamente, o período que antecede a proclamação da independência de Timor-Leste destaca-se por conflitos diretos e indiretos dos

três partidos políticos. A APODETI, já num primeiro momento, assume sua posição pró-Indonésia com o intuito integrar Timor à Indonésia. Os outros dois, num primeiro momento, se colocam como uma coligação que visa à independência de Timor em relação a Portugal. Porém, em função da inclinação política em que a FRETILIN²⁴ se coloca, há o rompimento da coligação.

O argumento utilizado pela UDT para rompimento com a coligação era de que a FRETILIN estaria se baseando em ideias comunistas (PIRES, 2013). Cabe ressaltar que o momento histórico que o mundo estava vivendo era o da Guerra Fria. Dessa forma, a UDT inclinou-se para o lado da integração indonésia. A UDT chegou a fazer uma petição ao governo indonésio nos seguintes termos: “nós, o Povo de Timor Oriental²⁵ e suas dependências, solicitamos, por este meio, a Sua Excelência, o Chefe de Estado da República Indonésia que autorize a Integração do nosso território na Nação Indonésia” (PIRES, 2013, p. 131).

Assim, “Depois de serem ‘convidadas’ pelo líder da UDT (...) a intervir militarmente em Setembro [de 1975], as forças indonésias ocuparam a cidade ocidental de Batugade no dia 8 de Outubro (...).” Ainda segundo Niner (2011, p. 42), em resposta a essa e outras incursões militares, em 28 de Novembro de 1975, “a Fretilin fez a Declaração Universal de Independência, criando a República Democrática de Timor-Leste (RDTL).” Em seguida, Nicolau Lobato foi nomeado primeiro-ministro, Xavier do Amaral presidente da República, Mari Alkatiri ministro de Estado para questões Políticas e José Ramos-Horta ministro dos Negócios Estrangeiros e Informação Externa. (NINER, 2011, p. 42)

Com o processo de independência, inicia-se, na República Democrática de Timor-Leste (RDTL), uma estruturação de governo que vai desde a nomeação de chefes de Estado, até a organização das Forças Armadas de Libertação e Independência de Timor-Leste (FALINTIL) e uma estrutura educacional muito além da estabelecida até então pelos portugueses.

Segundo Silva (2012), a FRETILIN iniciou um programa de alfabetização com o intuito de possibilitar a libertação do povo timorense, uma forma de superação de 500 anos de “obscurantismo”. Desse modo, Silva (2012) destaca que o Primeiro Ministro da RDTL, Nicolau Lobato, aponta que, em três meses após a independência, foram estabelecidas 90 escolas com mais de 9 mil alunos, utilizando-se de um ensino que desenvolve a consciência política. Este ensino será discutido através da Pedagogia Maubere no capítulo 2.

²⁴ Já em sua formação, as FRETILIN assumem-se como um partido de ideologia marxista-leninista.

²⁵ Timor-Leste também era chamada de Timor Oriental por estar na parte oriental da ilha de Timor.

1.2. A invasão indonésia e a luta pela restauração da independência

David Harvey (2010) destaca em sua obra *O novo imperialismo* que a ação estadunidense no Iraque foi toda ela por causa do petróleo. Essa questão pode ser transposta para Timor-Leste, quando se volta para o principal motivo de uma invasão que gerou a morte de um terço da população timorense. Nesse sentido, Chomsky (*apud* LIMA JR, 2008, p. 134) ressalta que

Sob Clinton aconteceu a tragédia vivida pelo Timor Leste, embora o conflito tenha se iniciado com a invasão indonésia, em 1975, logo após a declaração de independência da antiga colônia portuguesa, resultando na matança de cerca de um terço da população do país e uma ‘enorme onda de destruição, tortura e terror, repetida em 1999’.

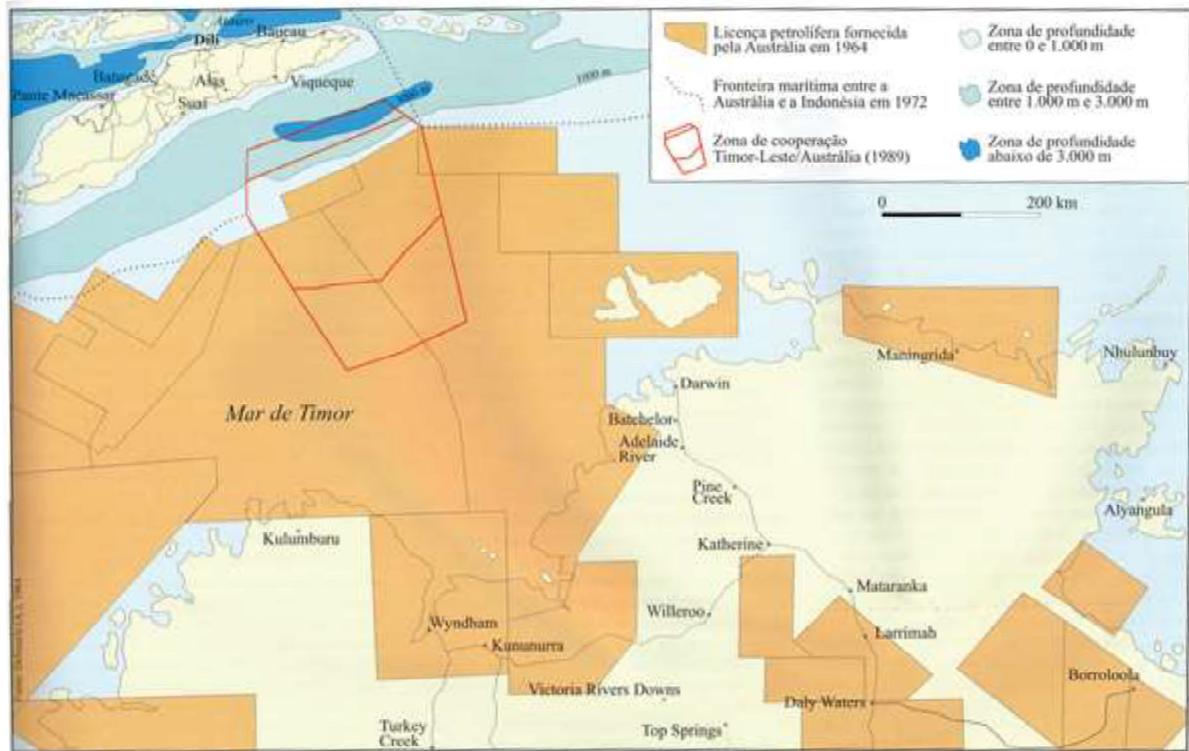
“Análises bem completas do imperialismo americano estavam disponíveis nos anos 1960, tendo como foco particular o papel dos Estados Unidos na América Latina e no Sudeste Asiático.” (HARVEY, 2010, p. 16). Isto é, segundo Chomsky (*apud* LIMA JR, 2008, p. 131) em relação à doutrina da nova ordem internacional global, o mesmo resume-se à palavra de ordem como:

(...) os tiranos que se cuidem”. Sua análise é focada com primazia nos objetivos anunciados pelos Estados Unidos (e certamente seu "sócio britânico") e pela Otan para a intervenção em diversas partes do mundo com os objetivos anunciados de "garantir a estabilidade da Europa Oriental"; "conter a limpeza étnica"; e "garantir a credibilidade da Otan". Assim, estão no centro das atenções o bombardeio à Sérvia pela Otan no final da década dos 1990, as operações indonésias no Timor Leste, a repressão aos curdos por Saddam Hussein e pelos turcos, o financiamento ao terror na Colômbia, os atos criminosos de Israel contra os palestinos, as intervenções em nome da guerra contra o terror no Afeganistão e no Iraque, entre outras situações.

Nesse sentido, destaca-se o interesse principal dos EUA em “manter intocadas suas relações com a Indonésia, um país de grande riqueza mineral e mais de 200 milhões de habitantes” (CHOMSKY *apud* LIMA JR., 2008, p. 135). Acrescido a isso há, ainda, a posição da Austrália para a qual “a integração de Timor à Indonésia defende melhor os seus interesses estratégicos e econômicos.” (ACÁCIO, 2006, p. 45). Sendo assim, observa-se uma aliança entre EUA, Inglaterra, Austrália e Indonésia contra parte da ilha de Timor.

No Mapa 05, podem ser vistos os projetos petrolíferos australianos para Timor anteriormente a invasão indonésia:

MAPA 05 - Os projetos de exploração petrolífera da Austrália no Mar de Timor em 1964



Fonte: Durand (2010)

Além da questão econômica, com o avanço comunista no Camboja, Vietnam e Laos, somado ao alinhamento ideológico da FRETILIN ao Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), a Frente Revolucionária da Libertação Moçambicana (FRELIMO) e ao Movimento Nacional da Libertação Angolana (MPLA)²⁶, aumentou a importância da Indonésia em Washington (ACÁCIO, 2006, p. 45), fortalecendo a invasão indonésia no Timor-Leste.

Segundo o documento do Departamento de Estado Norte Americano (ANEXO 01) intitulado “*Indonesia and Portuguese Timor (1975)*”, a pequena ilha de Timor, que possui 600.000 habitantes e era até então negligenciada como colônia portuguesa, se constitui territorialmente dividida em duas metades: o lado oeste pertencente à Indonésia e a parte leste a Portugal. Porém, ambas possuem a mesma etnia, não havendo distinção entre elas. O atraso econômico realizado por Portugal favorece a invasão indonésia, como forma de evitar o controle do território de Timor pela FRETILIN²⁷. Nesse sentido, com a invasão defendida pelo

²⁶ Utilizando-se de pressupostos teóricos marxistas que será discutido no capítulo 2.

²⁷ As FRETILIN neste momento utilizam-se de princípios marxistas.

Estado maior²⁸, Gunn (2007, p. 45) destaca que a “invasão indonésia foi altamente intrusa, dando condições para uma mentirosa propaganda da integração mental e mítica de Timor-leste com a pátria-mãe”.

Cabe destacar que, no referido período, a Indonésia encontrava-se sob regime do General Suharto. Nesse sentido, surgiram políticas de combate ao Partido Comunista Indonésio que se estenderiam também como pretexto da invasão ao Timor. Assim, de forma prévia, para a invasão, que não foi apenas indonésia, mas das quatro nações²⁹, houve conversações entre elas, tendo como discurso o fato de que Timor estaria propenso a alinhar-se à União Soviética, mas teve como real objetivo a lógica territorial do capital na região, em busca do petróleo, num discurso de segurança e ordem. Em outras palavras, Acácio (2006, p. 42) destaca que

(...) Timor é o peão a sacrificar num xadrez geopolítico em que a intersecção dos interesses dos Estados Unidos, da União Soviética, da China e da Austrália, favorece claramente a Indonésia. A 6 de Dezembro de 1975, em Jacarta, Suharto reúne-se com o presidente norte-americano Gerald Ford, e com o secretário de Estado Henry Kissinger, de quem recebe luz verde para a intervenção armada em Timor-Leste. Para não causar maiores embaraços ao amigo americano, que regressa a casa horas depois, as operações militares ficam marcadas para o dia seguinte. (ACÁCIO, 2006, p. 45)

Assim, no dia 30 de novembro de 1975, a UDT e a APODETI assinam a Declaração de Balibó, que declarava a integração de Timor-Leste à Indonésia. Em 07 de dezembro, através da Operação Lótus, Timor é invadido por militares indonésios, e ali foram mortos, nos primeiros dias, 2000 cidadãos na capital Díli, sendo a maior operação militar indonésia (NINER, 2011; ACÁCIO 2006). De acordo com Acácio (2006, p. 50) “A ocupação de Díli é conduzida de uma forma extremamente bárbara, com execuções públicas, violações e saques generalizados”.

1.2.1. Inicia-se a invasão

A invasão ao Timor inicia-se com navios bombardeando as zonas costeiras, paraquedistas advindos de Kupang³⁰ com o intuito de chegar ao palácio do governador e ao centro da cidade de Díli, fuzileiros acompanhados de tanques ligeiros anfíbios PT-76 e viaturas blindadas anfíbias de transporte de pessoal BTR-50. As FALINTIL ordenam a retirada das

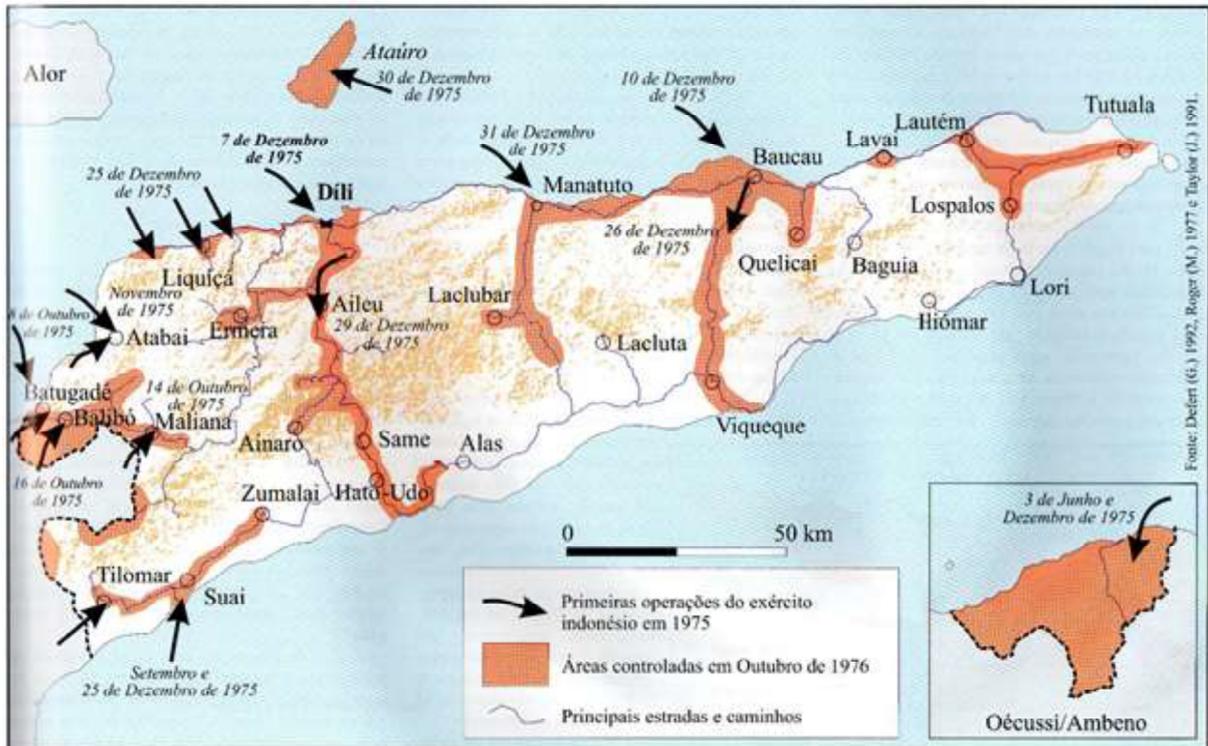
²⁸ EUA.

²⁹ EUA, Inglaterra, Austrália e Indonésia.

³⁰ Cidade da parte oeste da Ilha de Timor pertencente a Indonésia.

forças para as montanhas, com o intuito de se reorganizarem, pelo fato de estarem impossibilitados de continuar a controlar a cidade. Essa retirada é considerada uma tática de guerra, fortalecendo, assim, um espírito patriótico. (ACÁCIO 2006, p. 46-56). O mapa 06, abaixo, ilustra essa invasão nos anos de 1975 e 1976 em vários ataques.

MAPA 06 - A invasão indonésia (1975-1976)



Fonte: Durand (2010)

Em outros pontos do território, soldados indonésios chegavam através dos aeródromos de Baucau e Viqueque, porém, em função do conhecimento de seu próprio espaço, incluindo aqui o conhecimento climático³¹ e geomorfológico³², os soldados timorenses conseguiram retardar o avanço indonésio, apesar de este último possuir uma grande superioridade bélica. Neste período, em 17 de dezembro de 1975, é instituído, em Díli, o governo provisório indonésio, constituído pelo líder da APODETI, Arnaldo Reis de Araújo e pelo líder da UDT, Francisco Lopes da Cruz (ACÁCIO, 2006, p. 53).

³¹Os soldados indonésios só conseguiram avançar em março do ano seguinte, com o fim da época das chuvas. (ACÁCIO, 2006, p. 53)

³²“As FALINTIL utilizam as fortificações oferecidas pelo terreno acidentado para se entrincheirarem e atacarem as colunas inimigas.” (ACÁCIO, 2006, p. 52)

Em abril de 1976, o distrito de Ermera, foco da presente pesquisa, localizado nas montanhas, é invadido pelo exército indonésio, havendo assim, uma maior interiorização das batalhas. Cabe destaque aqui para uma fala do atual presidente da RDTL, Taur Matan Ruak:

As operações eram o pão-nosso de cada dia. Nós defendíamos a todo o custo o avanço dos indonésios, para não ocuparem mais porções do nosso país e para garantir a segurança da população, para poder trabalhar na agricultura, e organizar-se de modo a ajudar-nos a combater e a sobreviver ao mesmo tempo (ACÁCIO, 2006, p. 58).

Nesse mesmo contexto, no Comunicado de 3 de março de 1976, Nicolau Lobato aponta para a Educação Popular ligada a uma luta de libertação nacional em que a juventude da UNETIM trabalha “com as massas para aumentar a produção de alimentos, para implementar programas de literacia, saúde e higiene” (ACÁCIO, 2006, p. 59). Ponto este que será melhor discutido no Capítulo 2 deste trabalho.

Nesse mesmo sentido, destaca-se uma agricultura de cunho revolucionário, batizada como Força de Arma Branca, que garantia a segurança e tarefas de auxílio à FRETILIN (ACÁCIO, 2006, p. 61), isto é, fornecia alimentos, servia como local de informações e esconderijo para soldados das FALINTIL, semelhantemente ao ocorrido durante a Guerra do Vietnã. Segundo a revista FUNU de julho de 1980, o Padre Leoneto do Rego destaca que,

Havia um organismo da FRETILIN que dirigia a agricultura. Cada família tinha a sua horta e havia uma horta comunal cujo produto se destinava, parte a ser armazenado e parte para alimentar as forças armadas. A população trabalhava livremente nas hortas comunais. Nunca vi alguém que não quisesse trabalhar. O comité central da FRETILIN promovia reuniões, esclarecia o povo, ouvia-o e depois organizava-se o calendário de trabalho de cada um na horta colectiva. As pessoas compreendiam que havia homens a combater e que era preciso alimentá-los. (ACÁCIO, 2006, p. 62)

Destaca-se, então o papel das mulheres na resistência timorense desde a luta armada até a organização da Educação com o intuito de treinar outros professores. Na luta armada, segundo Acácio (2006, p. 62), cerca de 1000 mulheres estiveram nos campos de batalha. Com relação à Educação, Acácio (2006, p. 63) registra depoimento de Adelina Tilman, membro da Organização Popular da Mulher de Timor-Leste:

(...) foram criados vários centros de saúde e creches. Estima-se que pelo menos 4000 crianças com menos de 14 anos perderam os seus pais, por isso, o

governo da República Democrática de Timor Leste atribuiu à organização das mulheres a responsabilidade de cuidar das crianças. (ACÁCIO, 2006, p. 63).

Ainda em relação à Educação, cabe destaque ao importantíssimo Centro de Formação Política (CEFORPOL), orientado pelo Departamento de Orientação Política e Ideológica (DOPI) da FRETILIN, de 1976 até 1978. Esse centro teve como base uma Educação Popular com princípios advindos de Marx, Amílcar Cabral, Paulo Freire e Mao Tsé Tung. Dessa forma, foram criadas escolas de Educação Popular que se materializavam nos centros de formação política. Essas escolas eram voltadas, principalmente, à liderança da FRETILIN nas montanhas, sendo estabelecidas em quase todo território timorense. Segundo Silva (2014), anteriormente a este processo, um dos precursores da Educação Popular em Timor, envolvido com a CEFORPOL, foi o timorense Vicente Reis (Sahe) que encabeçou esta luta com base na Educação, já em 1974, com o apoio da União dos Estudantes de Timor-Leste (UNETIM).

Como forma de contato com o exterior,³³ foi criado, sob o comando da FRETILIN em 11 de março de 1976, a Rádio Maubere, que também serviu como meio de comunicação interna do povo timorense. O intuito era passar informações de encorajamento para o povo, no sentido de expor a necessidade de resistir contra a invasão externa. Porém, em 28 de julho, as autoridades australianas confiscaram o único emissor-receptor que mantinha as comunicações entre a Austrália e a Rádio Maubere. Vale lembrar que a Austrália, como *hegemon*³⁴ ligado aos EUA, tinha o objetivo de se voltar contra qualquer ameaça comunista, combatendo o partido localmente e externamente (ACÁCIO, 2006).

Observa-se que, a cada momento, a Indonésia avançava, adentrando o território timorense. Dessa forma, em 17 de julho, a República da Indonésia publica a lei 7/76, que integra Timor-Leste como 27^a província, na sequência de uma assembleia fantoche realizada em Díli a 24 de maio. Assim,

No momento em que Timor-Leste se tornou administrativamente incorporado à grande Indonésia, todas as demais agências governamentais indonésias pertinentes fizeram sua aparição. Isso incluiu agências e departamentos governamentais, como saúde, agricultura, serviços públicos, educação, informação (...). Até a administração da religião ficou a cargo de um departamento especial. (...) Obviamente, a moeda da Indonésia substituiu a moeda do Timor Português, ao passo que bancos indonésios, tanto privados como públicos substituíram os bancos portugueses. (GUNN, 2007, p. 42)

³³Partido Comunista da Austrália principalmente.

³⁴Harvey (2010) trabalha esse conceito como uma representação territorial de um país em outra localidade. No presente caso, Austrália e Indonésia são os representantes regionais dos EUA na zona Asia-Pacífico.

Gunn (2007) destaca que a Indonésia trouxe ao Timor uma burocracia materializada no levantamento de estatísticas inúteis, acrescida de um modelo administrativo de padrão-cliente que gerava nepotismo e corrupção.

Através de um monopólio da terra³⁵, os militares indonésios dominaram o setor da agricultura, fazendo crescer a corrupção e a fome entre os timorenses, pois estes tinham que pagar aos militares para utilizarem sua própria terra (ACÁCIO, 2006, p. 64).

Ideologicamente, o governo indonésio “entrou com todo o aparato da mídia de massa, incluindo apresentação de filmes, exposições, mídia impressa, rádio e televisão, sem mencionar a imposição da nova língua e de um novo conceito de Estado ao povo timorense.” (GUNN, 2007, p. 50). Nesse sistema de controle da informação, só era autorizado o uso de livros na língua indonésia que tivessem relação com os conteúdos curriculares, até pelo fato de que a Educação era ponto-chave do projeto indonésio. Diferentemente da visão portuguesa, os indonésios iniciaram um investimento na Educação, com o intuito de fortalecer desde a educação primária até o ensino superior, porém de forma controlada (GUNN, 2007; SHOLEH, 2014).

De maneira semelhante à disciplina de *Educação moral e cívica* no ensino médio e da disciplina Estudos de Problemas Brasileiros (EPB) no ensino superior no Brasil, durante o mesmo período, o governo indonésio utilizava-se, no ensino superior, da disciplina *Pancasila*³⁶, com o intuito de difundir uma ideologia nacional integracionista e suprimir o sentimento nacionalista dos timorenses. (GUNN, 2007).

O uso da língua portuguesa havia se tornado proibido, com exceção de usos referentes a celebrações da Igreja Católica, já que era preciso, de alguma forma, realizar uma tentativa de agradar o povo timorense, respeitando a religião cristã, cativando-os para aceitarem a integração indonésia. Até mesmo as escolas católicas eram obrigadas a seguir o currículo indonésio. (GUNN, 2007, p. 50-52).

Em relação ao ensino superior, muitos timorenses foram estudar na Indonésia. Mas, como forma de fortalecer a educação local de Timor, foram criadas universidades, incluindo aí

³⁵ Temática que será desenvolvida no capítulo 2.

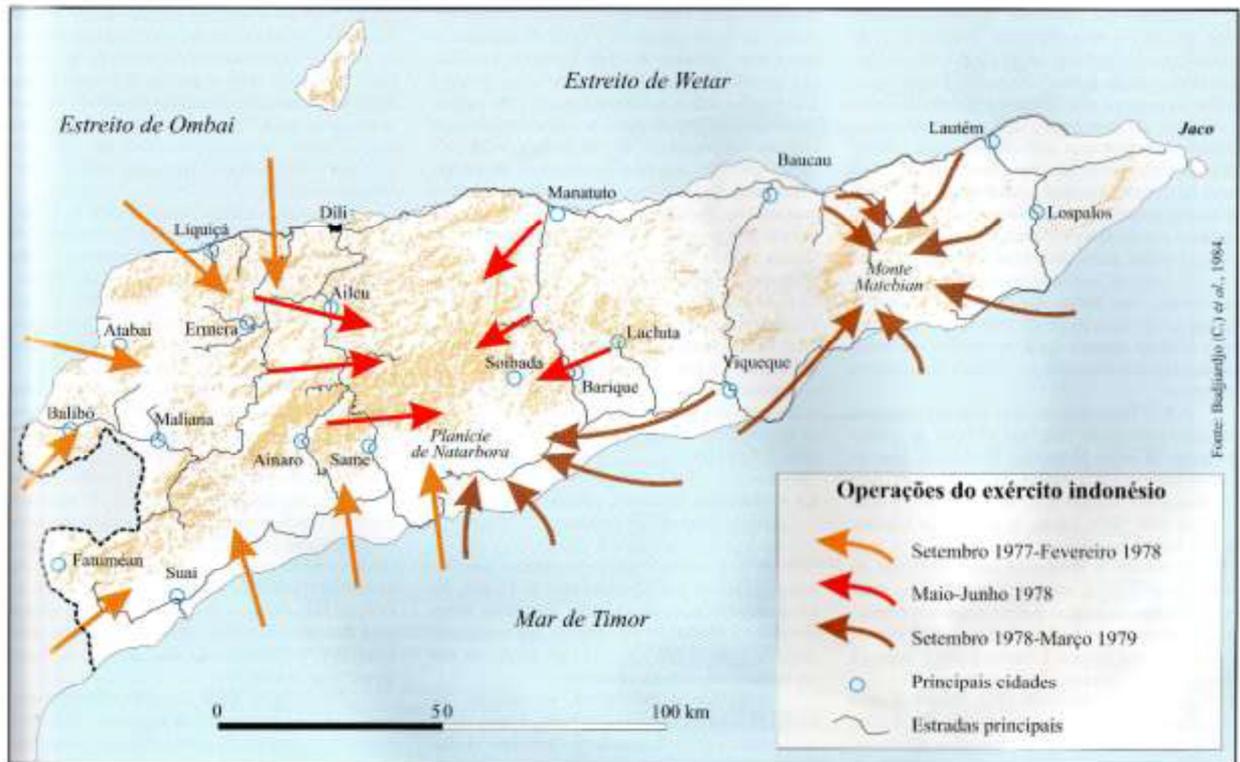
³⁶O Estado Indonésio baseia-se na ideologia e filosofia da Pancasila, que tem por objetivo unificar no mesmo Estado várias culturas distintas. Processo este, iniciado após a independência indonésia contra a Holanda. De forma a ilustrar o espaço geográfico indonésio, cabe destacar que fisicamente o país possui mais de 17 mil ilhas. Assim, os cinco princípios fundamentais da Pancasila são: crença em um Deus supremo, sentido de humanidade justa e civilizada, unidade da Indonésia, democracia guiada por uma sabedoria interior advinda de representantes do povo e justiça social para todo o povo indonésio.

a Escola Superior Técnica de Fatucama, administrada pela Igreja Católica; a instituição privada Universiti Timor Timur e a Escola Politécnica de Díli, atual *campus* da UNTL de Hera, onde se concentram os cursos de Engenharia de petróleo.³⁷

1.2.2. As FALINTIL e sua primeira reorganização

Entre os dias 8 de março e 20 de maio de 1976, o Conselho Superior da Luta da FRETILIN reuniu-se pela primeira vez nas montanhas (Laline) e aprovou o princípio da guerra popular prolongada baseada nas próprias forças e nomeou Nicolau Lobato como comandante militar das FALINTIL (ACÁCIO, 2006, p, 67). Em outras palavras, uma guerra que se iniciou de forma convencional, começava a tomar formato de uma guerrilha, em função da imensa superioridade bélica e numérica dos indonésios. A necessidade dessa nova forma só veio se confirmar com as operações de *cerco e aniquilamento* (MAPA 07) em que as forças indonésias atacaram e destruíram bases da resistência, aniquilando muitos dos principais líderes da luta, restando apenas acampamentos isolados de civis e militares nas montanhas.

³⁷ Informação coletada em visita ao Museu da Resistência Timorese, localizado na capital Díli.

MAPA 07 - A campanha militar indonésia: *Cerco e aniquilamento*

Fonte: Durand (2010)

A guerrilha e a resistência não possuíam apoios externos³⁸. A principal fonte de abastecimento de armamentos, documentos, botas etc., eram os próprios soldados indonésios, isso por meio da realização de assaltos aos batalhões indonésios. Além disso, como forma de articular o processo da luta, utilizavam-se de um ensino que priorizava a teoria em detrimento da prática, até mesmo em função dos poucos recursos materiais para a guerrilha. (ACÁCIO, 2006, p. 66-67). Outra questão importante nesse processo educativo, interno aos grupos guerrilheiros, era o ensino de Geografia para guerra, baseando-se nos conhecimentos prévios dos envolvidos:

Segue-se a aprendizagem de táticas para que saibam rentabilizar os recursos naturais que têm à disposição: um país atravessado por uma cadeia de montanhas, em que os desfiladeiros e as encostas escarpadas, a vegetação

³⁸ Para Gunn (2007), uma outra constatação da falta de apoio externo ao Timor foi o fato de, em abril de 1985, ter sido imposto o “controle de natalidade” às mulheres com apoio do Banco Mundial e da Fundação Ford. Esse controle nada mais era do que uma esterilização forçada, “que incluía o uso obrigatório da droga contraceptiva Depo Provera, altamente controversa” (GUNN, 2007, p. 47).

densa e as ribeiras que engrossam com as chuvas, são armas importantes para os guerrilheiros. (ACÁCIO, 2006, p. 65)

A resposta bélica se deu através da chegada dos aviões Rockwell OV-10 Bronco (aparelhos norte-americanos especializados na antiguerrilha). Além disso, os campos de produção e os centros de saúde organizados pela FRETILIN se tornaram alvos de bombardeamentos com armas biológicas (NAPALM) e outras armas de destruição massiva para anular a subsistência dos guerrilheiros. (ACÁCIO, 2006, p. 68-80).

Surgiu, então, a necessidade de uma nova reunião com o intuito de avaliar e delinear novos encaminhamentos da guerrilha. Assim, aos 8 de março de 1977, começou a primeira reunião do Conselho Superior da Luta e do Comité Político do Comité Central da FRETILIN, sendo aprovada a continuação da guerra popular prolongada, levando em conta a necessidade de se estabelecer um caráter mais revolucionário à luta, baseando-se no marxismo-leninismo como ideologia já utilizada pela FRETILIN.

Essa radicalização fecha as portas para qualquer negociação com o invasor. (ACÁCIO, 2006, p. 71). Ainda neste mesmo encontro, Xavier do Amaral é expulso da presidência da RDTL e da FRETILIN por crime de alta traição à Pátria. Segundo o Comité Central da FRETILIN, os indonésios utilizaram-se de táticas para seduzir os timorenses, prometendo-lhes cargos.

Nos anos que se seguem, chegam 15.000 soldados indonésios para exterminar a resistência e garantir a integração de Timor como a 27ª província indonésia, empurrando a população para zonas ainda não ocupadas. Acácio (2006, p. 79) ilustra que essa movimentação da população levou algumas famílias a deixarem os bebês perto dos povoamentos para que seu choro não os denunciasse e guiasse os soldados inimigos aos locais onde já não mais se encontravam.

A guerrilha estava dividida em seis bases de apoio, sendo que, naquele momento da guerra, elas começaram a ser atacadas pelos indonésios, restando apenas a da ponta leste – oposta à fronteira indonésia.³⁹ Em seguida, esta última base começou a ser pressionada para que a população começasse a seguir em direção a área montanhosa do Matebian sendo, novamente, o conhecimento das condições naturais do campo de batalha uma arma contra os indonésios. Porém, neste processo de ida para a área mais alta do território, "centenas de aldeias são devoradas pela guerra e apagadas do mapa. Populações inteiras são dizimadas pelas

³⁹ O período descrito vai de maio a junho de 1978, quando acontece a segunda fase das operações de "cerco e aniquilamento".

ofensivas militares, pelas execuções em massa e pela arma impiedosa da fome". (ACÁCIO, 2006, p. 81)

Novamente a superioridade numérica e bélica da Indonésia se manifesta, com a chegada dos aviões Skyhawk, com os quais procedem a extensos bombardeamentos e, assim, em 22 de novembro de 1978, as forças indonésias controlam a região do Matebian, a última das seis bases da resistência que subsistia aos intensos ataques militares. Xanana Gusmão, Taur Matan Ruak, Mau Hodu e outros resistentes abandonaram o Matebian. De acordo com Acacio (2006, p. 84),

Mais de 100.000 pessoas descem das montanhas. Muitas são fuziladas pelos soldados, que vingam a morte dos camaradas de armas, enquanto a maioria é colocada em aldeias estratégicas, sob controlo militar. Estas aldeias, a que a resistência chama campos de concentração, ficam perto das estradas, longe das áreas de cultivo tradicionais. A má qualidade de muitas destas terras, e o facto de os militares não deixarem os habitantes afastarem-se para longe, inviabiliza a prática da tradicional agricultura de subsistência.

O ano de 1978⁴⁰ e o início de 1979 se estabelecem de forma dramática, havendo grandes baixas na liderança da luta. Dentre as baixas estão Nicolau Lobato (o líder da resistência), António Carvarino (vice-presidente da FRETILIN), Vicente Sahe (Primeiro-Ministro e precursor do processo de Educação Popular da FRETILIN) e Hamis Bassarewan (Ministro da Educação e Cultura). Assim, em fevereiro de 1979, encontravam-se vivos apenas três dos 50 membros do Comité Central da FRETILIN, Xanana Gusmão, Ma'Huno e Txai. (ACÁCIO, 2006, p. 87).

1.2.3. O surgimento da figura de Xanana Gusmão e a nova reorganização da guerra popular

Um balanço da guerra até aquele momento de reorganização mostrava que, segundo o censo indonésio, um quarto da população timorense foi dizimada como resultado da guerra e da fome. Já segundo a Igreja Católica, o registro é ainda maior, beirando a um terço da população. Segundo Gunn (2007, p. 43) as estatísticas eram questionáveis, uma vez que advinham da burocracia indonésia, que tinha o intuito de mascarar “uma realidade social sombria”.

⁴⁰ Em 22 de dezembro, Austrália reconhece oficialmente a integração de Timor-Leste na Indonésia.

Após a operação de “cerco e aniquilamento”, inicia-se um processo de “controle populacional com a criação de um sistema de povoados de reassentamento similar às *aldeias estratégicas* criadas pelas Forças Armadas dos Estados Unidos no Vietnã e a apressada urbanização também imposta a certos grupos das montanhas pelos E.U.A., tanto no Vietnã como no Laos (GUNN, 2007, p. 45). Em alguns casos, a falta de solo fértil para a agricultura, nessas aldeias, fazia com que muitos morressem de fome.

Na capital Díli, a vida urbana já não era mais a mesma. O não-uso dos espaços públicos pelos timorenses já se tornara regra em “consequência de uma atmosfera impregnada de medo.” (GUNN, 2007, p. 46). Desta forma, o próprio direito de ir e vir era algo que deveria ser concedido ou não pelos militares indonésios. Assim,

(...) empurrados para os subúrbios de Díli, como Santa Cruz, os timorenses eram também obrigados a viver cara a cara com o invasor. Nenhum quarteirão de Díli ficava longe de uma unidade militar ou de um posto policial. Nenhum timorense urbano estava fora das vistas dos atentos olhos de uma ou outra agência governamental ou de seus agentes. Isso tudo era muito aparente ao visitante, já que as conversações espontâneas eram praticamente inexistentes. (...) Até o direito a viver e viajar eram direitos concedidos pelo ocupante. Apenas quem possui um documento de identidade indonésio, tinha esse direito garantido, uma vez que a apresentação de tal documento para qualquer autoridade uniformizada – e, mais frequentemente ainda, à paisana – se tornou um julgamento e um ritual obrigatório para qualquer timorense em sua vida diária. (GUNN, 2007, p. 46).

Nesta etapa, em função das enormes perdas de pessoal da guerrilha, Xanana Gusmão se tornou o novo líder da resistência. Desta forma, ele deu início ao trabalho de reorganizar a guerrilha, reestabelecendo as suas bases de apoio. Esse processo de reestruturação, iniciado em meados de 1979 indo até 1983, contou com o reagrupamento dos guerrilheiros, fazendo com que, em vez de terem “uma estrutura assente em bases permanentes, organizam-se em pequenas unidades de guerrilha, que têm uma elevada mobilidade e que são responsáveis pela sua própria subsistência.” (ACÁCIO, 2006, p. 93)

Internamente a esse processo de reestruturação da resistência timorense, de 1 a 8 de março de 1981 aconteceu a Conferência Nacional da FRETILIN, sendo criado o Conselho Revolucionário da Resistência Nacional (CRRN). Nesse encontro, Xanana Gusmão é escolhido como comandante-chefe das FALINTIL e, como uma nova tática contra os indonésios, inicia-se um processo de rendições de membros das FALINTIL com o intuito de fazerem jogo duplo com os indonésios, possuindo acesso a armamentos e informações advindos dos inimigos. (ACÁCIO, 2006, p. 100). Em outras palavras, numa espécie de “Cavalo de Tróia”, alguns

soldados das FALINTIL se rendiam e, quando já estavam a serviço dos indonésios, realizavam ataques internos aos batalhões indonésios, adquirindo, assim, armamentos e demais itens necessários para a sobrevivência da guerrilha. Essa nova frente da luta é denominada como Frente Clandestina, estando ao lado das Frentes Diplomática⁴¹ e Armada⁴².

Naquele mesmo ano de 1981, a Igreja aprovou o uso da língua Tétum nas liturgias. Em outubro, na procissão da Nossa Senhora de Fátima, em Díli, D. Martinho da Costa Lopes denunciou os massacres cometidos pelas forças invasoras⁴³, sendo retirado de Díli após o ocorrido. Em novembro, D. Martinho foi recebido por Suharto juntamente com a Conferência Episcopal Indonésia e denunciou as atrocidades do exército indonésio em Timor. Após este fato, D. Martinho foi substituído pelo padre timorense Carlos Filipe Ximenes Belo, a pedido dos indonésios ao Vaticano motivando, assim, protestos por parte dos timorenses.

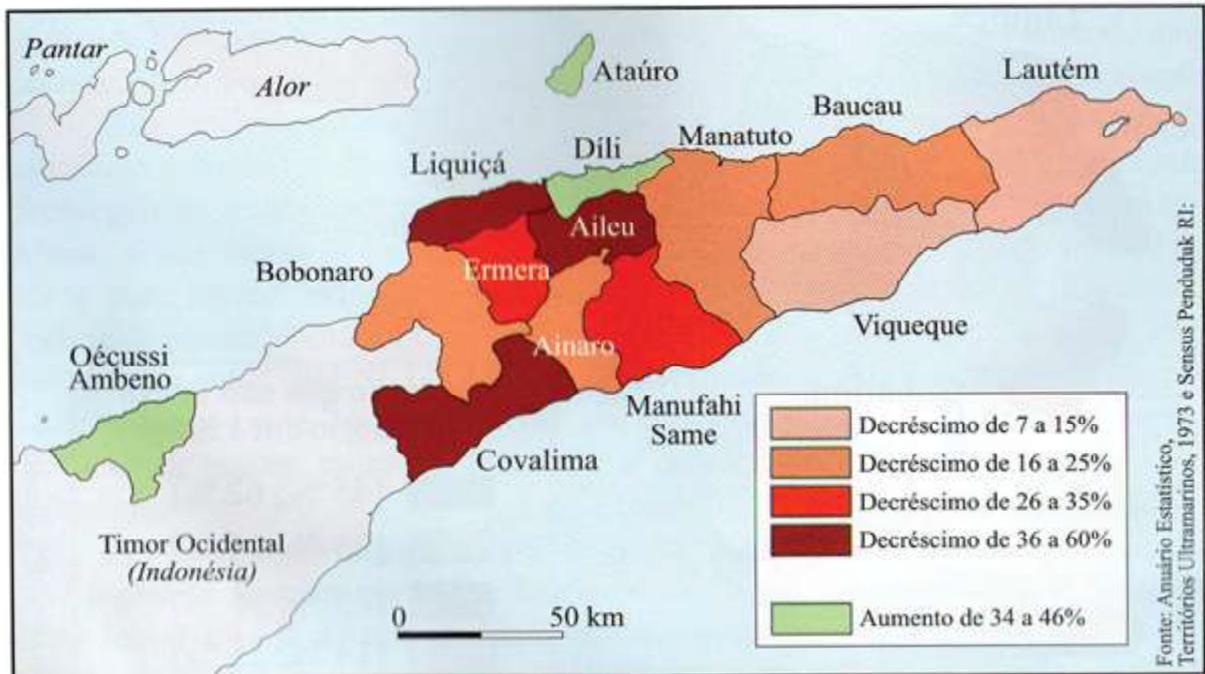
A operação *Kikis*, iniciada pelos indonésios entre maio e setembro, tinha por objetivo o uso de timorenses como escudo humano. Desta forma, a população timorense concluiu que as atrocidades eram tantas que não resistir e aceitar a integração, ainda assim, não garantia segurança. (ACÁCIO, 2006, p. 109). No seguinte mapa, pode-se ver o decréscimo da população de Timor-Leste por distrito, desde 1975 até 1981:

⁴¹ Composta por representantes enviados ao exterior ainda no ano de 1975. Foi também chamada de Frente Externa.

⁴² Guerrilha.

⁴³ "...uma série de valas comuns e locais de massacre são freqüentemente encontrados em vários lugares na cidade ou nas matas." (CORREIA, p. 281).

MAPA 08 - A evolução da população de Timor-Leste por distrito (1975-1981)



Fonte: Durand (2010)

Em março de 1983⁴⁴, ocorreu o primeiro encontro entre Xanana Gusmão e o Coronel Gatot Purwanto. Foi estabelecido, assim, um cessar fogo e iniciaram-se algumas negociações entre as partes. Sem muitos acordos, restabeleceu-se o primeiro tiro e a batalha recomeçou. Aos 8 de agosto de 1983, a resistência timorense lançou assalto a Krarás, havendo mais adiante uma reofensiva das forças indonésias (operação Keamanan).

Cabe ressaltar que, desde o primeiro momento de reestruturação da guerra popular, mais especificamente em relação à forma de como lutar pela resistência, houve uma sequência de atitudes como forma de reinventar a luta. Neste sentido, em 1986, no dia 18 de março, UDT e FRETILIN restabeleceram ligação e criaram a Convergência Nacionalista. Assim, colocaram fim a uma separação que se deu num contexto pré-independência. Esse novo quadro, acabou por fortalecer a Frente Externa da luta.

Sob o comando de Xanana Gusmão, extinguiu-se o Conselho Revolucionário da Resistência Nacional e criou-se o Conselho Revolucionário da Resistência Maubere (CRRM)⁴⁵,

⁴⁴ Neste mesmo ano, em 5 de maio, Xanana Gusmão assumiu o posto de comandante-chefe das FALINTIL ao Comitê Central da FRETILIN no exterior sobre a estrutura do Conselho Revolucionário da Resistência Nacional (CRRN).

⁴⁵ Abandono da ideologia marxista-leninista.

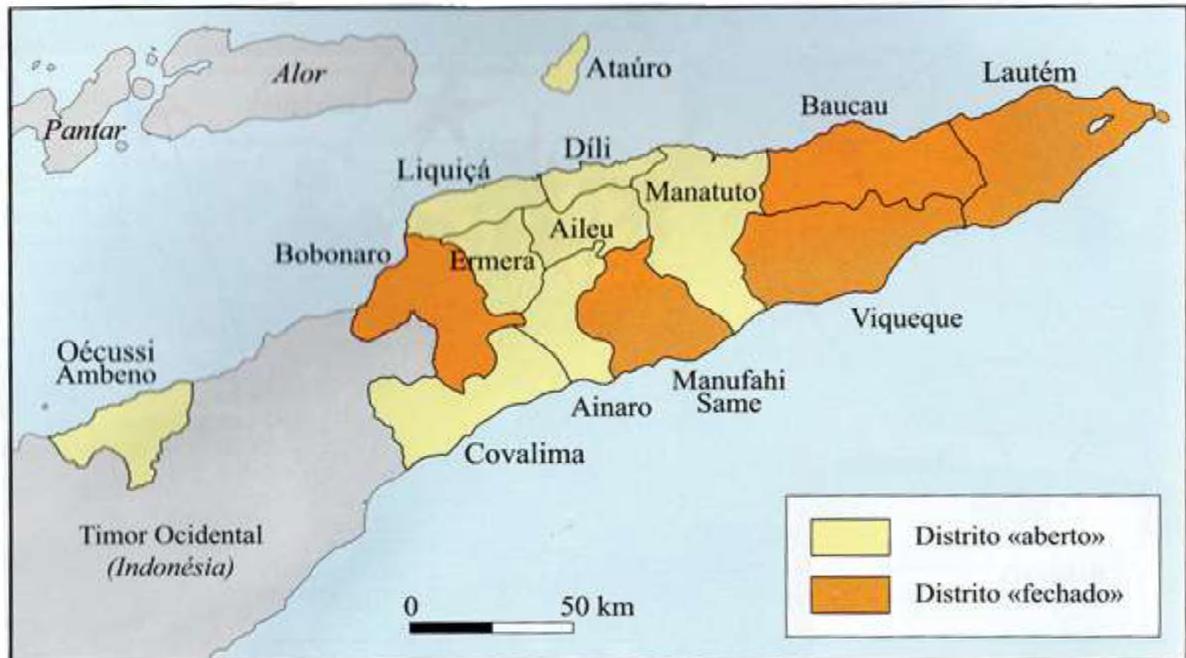
instituindo um descontentamento de elementos da FRETILIN, em função de um dos principais pontos deste novo conselho ser a despartidarização da luta. Por outro lado, essa nova sigla tinha como objetivo aproximar a luta da UDT, permitindo “o alargamento da rede clandestina a setores do tecido social timorense que se mantinham à margem deste processo, conquista apoios dentro da Igreja e envolve líderes tradicionais, que querem participar na luta.” (ACÁCIO, 2006, p. 151)

Naquele momento, Xanana Gusmão foi instituído comandante das FALINTIL, Taur Matan Ruak assumiu as funções de subchefe do Estado Maior, Mau Hodu as de conselheiro político e Ma'Huno de conselheiro militar.

Além dessas alterações, ainda em 1988, foi criada, na Indonésia a Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste (RENETIL) em ligação com a FALINTIL. Assim, a UNETIM que, desde 1974, vinha trabalhando junto à resistência de forma interna, viu seu campo de atuação ampliado ao contexto externo.

Em meio à contínua guerra, em 1989, o governo indonésio realizou a abertura de alguns distritos de Timor-Leste para o mundo (MAPA 09) como forma de demonstrar que estas áreas eram já parte da Indonésia e que não havia mais ameaça de guerra. Isto acabou também por beneficiar a rede clandestina da resistência, por proporcionar mais contatos com informações e poderem, os timorenses, tentar expor ao mundo as violações de direitos humanos. (ACÁCIO, 2006, p.157).

MAPA 09 - Os distritos abertos pela Indonésia em 1989



Fonte: Durand (2010)

Com a nova ideia de unidade nacional⁴⁶, a Frente Externa conseguiu uma de suas grandes vitórias com o acesso de D. Carlos Filipe Ximenes Belo à ONU. Nesse sentido, em defesa da realização de um referendo, o clérigo argumentava:

(...) Tomo a liberdade de escrever a Sua Excelência o Senhor Secretário Geral para levar ao seu conhecimento que o processo da descolonização de Timor Português ainda não está resolvido pelas Nações Unidas e convém não deixá-lo no esquecimento. Para nós, o Povo de Timor, pensamos que temos de ser consultados sobre o destino da nossa terra. Por isso, como responsável da Igreja Católica e, como cidadão de Timor, venho pedir ao Senhor Secretário-Geral, para iniciar em Timor o processo de descolonização o mais normal e democrático que é a realização de um REFERENDUM. O Povo de Timor deve ser ouvido através de um plebiscito quanto ao seu futuro. Até agora, o povo não foi consultado. São os outros que falam em nome do povo. É a Indonésia que diz que o povo de Timor Timur já escolheu a integração, mas o próprio povo de Timor nunca disse isso. Portugal que [sic] deixar ao tempo a resolução do problema. E nós vamos morrendo como povo e como nação. (TIMOR DOBEN FURAK)

Após esta declaração às Nações Unidas, foi agendada para o mês de outubro uma visita do Papa João Paulo II ao Timor. Naquele momento, ao fim da missa,

⁴⁶Convergência Nacionalista.

(...) cerca de duas dezenas de jovens levantam cartazes a denunciar a ocupação e a exigir a independência. Cabe ressaltar que, nos dias que precederam a visita do Papa, muitos jovens foram detidos por se organizarem a favor da independência. (ACÁCIO, 2006, p. 159).

Mais uma derrota timorense aconteceu no dia 11 de dezembro de 1989, quando Indonésia e Austrália assinaram o acordo de *Timor Gap* para a partilha de petróleo e gás natural do mar de Timor. Este acordo durou, oficialmente, de 1989 até o ano de 2002, quando Timor-Leste se tornou independente. Este acordo se deu com o encontro entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Austrália, Gareth Evans, e o da Indonésia, Ali Alatas, com o intuito de definir os modos de cooperação na exploração conjunta dos recursos petrolíferos no solo de uma zona do mar de Timor.⁴⁷

Do dia 23 a 28 de maio de 1990, ocorreu a reunião extraordinária do Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM), com o intuito de reestruturá-la e com a intenção de criar uma comissão executiva da Frente Clandestina. Esta surge como uma nova estratégia de âmbito nacional, numa tentativa de organização das populações. Após este episódio, Acácio (2006, p. 162) afirma que no mês de setembro, Xanana Gusmão concedeu uma entrevista ao jornalista australiano Robert Domm, argumentando que os indonésios acreditaram erroneamente que, derrotando as FALINTIL, findar-se-ia a guerra e que o “sangue derramado pelos guerrilheiros fertilizou o solo da sociedade timorense, que se mobiliza contra o ocupante”. (ACÁCIO, 2006, p. 162)

Assim, em novembro daquele mesmo ano, em resposta àquela entrevista, o governo indonésio reagiu enviando mais 10.000 soldados para Timor, como forma de aniquilar de vez a resistência timorense. Com isso, cada vez mais se viu a importância da luta a partir das frentes externa e clandestina. (ACÁCIO, 2006).

Tendo tomado conhecimento da vinda ao Timor de uma delegação portuguesa, Xanana Gusmão foi ao seu encontro com o uso de documentos falsos para livre circulação em Díli. Com receio de emboscada, ele acabou por não encontrar os portugueses. Com a suspeita de que o líder da resistência estaria na Igreja de Motael, soldados indonésios adentraram a igreja, disparando contra um grupo de jovens estudantes que ali se refugiavam em função de protestos anteriores e, assim, ocorreu o assassinato do jovem Sebastião. (ACÁCIO, 2006). Como resultado desta morte, no dia 12 de novembro, por ocasião da celebração da missa em sua

⁴⁷ Informação obtida em visita ao Museu da Resistência Timorense.

memória, a procissão da Igreja de Motael até o cemitério Santa Cruz foi acompanhada de manifestações da juventude em apoio à guerrilha e em favor da independência, havendo, então, o *Massacre de Santa Cruz*. De forma mais detalhada, Acácio (2006, p. 170) destaca que

A resistência decide realizar um desfile até o cemitério de Santa Cruz, no dia da romagem à campa de Sebastião Rangel que, segundo a tradição, se realiza duas semanas após a morte. Os jovens levam os cartazes e as bandeiras que prepararam para a visita da delegação parlamentar portuguesa, e desfilam pelo centro da cidade. Neste dia 12 de novembro de 1991, eles ainda não sabem que, este, é o momento crucial da luta pela autodeterminação em Timor. Os militares permitem a marche até junto ao cemitério de Santa Cruz e depois atiram a matar, massacrando 271 pessoas. Uma matança que se prolonga pelos dias seguintes, com o assassinato de muitos feridos, e o desaparecimento de muitos dos participantes no desfile de protesto.

Este episódio surgiu como uma virada no jogo para o lado dos timorenses. O jornalista inglês, Max Stahl, estava no local no momento do acontecido e filmou o massacre, enterrando sua câmera num dos túmulos. Após alguns dias, ele foi buscá-la e divulgou ao mundo o nível da barbárie que se cometia em Timor pelos indonésios. Desta forma, Acácio (2006, p. 174) acrescenta que o “massacre constitui a maior derrota sofrida pelos indonésios. Nada fica como dantes, depois de Santa Cruz. O regime de Suharto é questionado com uma intensidade sem precedentes.”

1.2.4. Um novo momento da guerrilha

Após diversos acontecimentos, em 1993, Xanana Gusmão foi preso e após julgamento foi condenado à prisão perpétua. Taur Matan Ruak se torna Comandante Militar, Konis Santana assume o comando da luta e reestrutura a organização da luta.

O CNRM continua a ser o órgão máximo da luta, sendo composto pela Comissão Directiva da FRETILIN e pelo Estado-Maior das FALINTIL⁴⁸. O processo de reestruturação, segundo Acácio (2006, p. 185), fica da seguinte forma:

A Comissão Directiva da FRETILIN é liderada por Ma'Huno, que responde pela luta no plano interno, em coordenação com José Ramos-Horta. Lu Olo e Konis Santana são os subsecretários desta comissão. Taur Matan Ruak, o

⁴⁸Refere-se aos representantes máximos da RDTL.

subchefe do estado-maior das FALINTIL, é nomeado comandante operacional. José Ramos-Horta é confirmado como representante especial do CNRM no estrangeiro, e são-lhe concedidos poderes para tomar iniciativas estratégicas sempre que não for possível consultar a liderança no interior. (ACÁCIO, 2006, p. 185).

Dentre os obstáculos internos à luta timorense acontece uma série de desentendimentos entre elementos da UDT e FRETILIN, havendo, dessa forma, uma crítica por parte do comandante Konis Santana de que esses desentendimentos fazem parte do pouco caso do sangue derramado pela Frente Armada. (ACÁCIO, 2006).

Muito tardiamente, as Nações Unidas condenam as atitudes do regime Suharto em Timor-Leste. Tal atitude, somada à captura de Ma'Huno logo após a prisão de Xanana Gusmão, abalam a estrutura psicológica da guerrilha. Konis Santana, enfim, tem a missão de assumir o lugar deixado por Ma'Huno e, em nível partidário, assume o cargo de secretário da Comissão Diretiva da FRETILIN, ficando Lu Olo como vice-secretário. (ACÁCIO, 2006, p. 186-188)

Dois pontos foram essenciais para que se continuasse a resistência: a liderança de Konis Santana e o reestabelecimento de contatos com Xanana Gusmão. Ressalte-se que a escassez de apoio fez com que os timorenses dependessem deles próprios. O papel da ONU em todo esse processo se deu apenas em 1999.

Conforme o tempo passava, a importância das Frentes Externas, Clandestinas e Estudantis aumentavam em função de que o cerco se fechava cada vez mais para os guerrilheiros. Assim, em 1994, jovens timorenses invadiram a embaixada dos EUA em Jacarta e pediram a libertação de presos políticos. O momento foi escolhido por estar havendo, na cidade, uma reunião do Fórum Econômico Ásia-Pacífico em que participava o presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton. (ACÁCIO, 2006, p. 201).

Como resposta àquela manifestação, os militares indonésios começaram a treinar milícias para coibir violentamente quaisquer atos de protesto contra o regime indonésio. A estratégia de Konis Santana foi, então, a de alargar a atividade da guerrilha aos distritos onde, historicamente, ela esteve menos presente, com o intuito de avançar e proteger a população. Desta forma, muitas aldeias visitadas pelos guerrilheiros responderam de forma positiva e manifestaram-se para ajudar a alargar o campo da ação das FALINTIL. (ACÁCIO, 2006).

O ano de 1995 inicia-se com um pequeno número de guerrilheiros, pois a falta de armamentos inviabilizava o alistamento de novos combatentes. Outro obstáculo era a

alimentação, pois, mesmo com o apoio de alguns povoamentos, em uma mensagem de saudação, transmitida via rádio em fevereiro de 1995, Xanana Gusmão destacou que os batalhões indonésios devastavam os coqueirais, os pés de fruta-pão e de jaca, arrasam as bananeiras num desesperado esforço de exterminar a FRETILIN pela fome. (ACÁCIO, 2006, p. 214).

Naqueles últimos anos, os Indonésios se mostravam cada vez mais vitoriosos nos campos de batalha de Timor. No entanto, em âmbito internacional, Timor-Leste adquiriu uma grande vitória com a premiação do Nobel da Paz para José Ramos-Horta e D. Carlos Filipe Ximenes Belo, em outubro de 1996.

No ano de 1997, ocorreram as eleições presidenciais na Indonésia, sendo que a resistência timorense organizava um boicote nacional para com elas, porque, naquele momento, caía o regime militar indonésio, havendo um processo de transição para a democracia.

O ano de 1997 mostrou-se economicamente problemático para a Indonésia, que enfrentava uma crise econômica com altas taxas de inflação e extrema desvalorização da moeda *Rupiah*, assemelhando-se muito ao Brasil na década de 1990.

No momento em que negar as atrocidades se tornava quase que inviável para a comunidade internacional, começaram a surgir as ajudas internacionais: em 1997, o Japão ofereceu apoio à resistência. Austrália e Nova Zelândia também iniciaram o mesmo processo de ajuda. Em outras palavras, como muitas vezes ocorre, depois de muito se ter apoiado ou se manter omissos em relação à situação dos timorenses, a ajuda finalmente apareceu. De forma geral, a Indonésia foi quem fez o trabalho sujo, como representante regional dos EUA e, em menor escala, da Austrália, sem deixar de lado a Inglaterra.

Em 1998, outro golpe sofrido pela resistência foi a morte de Konis Santana. Ele teria morrido em seu esconderijo no distrito de Ermera, após acúmulo de ferimentos sofridos como resultado de diversos combates. Sendo assim, Taur Matan Ruak assumiu o Comando Operacional das FALINTIL. Em seguida, extinguiu-se o Conselho Executivo da Luta, que funcionava como uma *troika* para as Frentes Armada, Clandestina e Diplomática. Assim, criou-se a Frente de Política Interna. (ACÁCIO, 2006, p. 221-225). Neste mesmo sentido, foi criado o Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT), atual partido político de Xanana Gusmão, que substituiu a organização CNRM.

Segundo ACÁCIO (2006), o motivo para a mudança teria sido que o termo *Maubere* conota-se a FRETILIN e, neste sentido, foi uma forma de incluir totalmente a UDT na luta pela resistência timorense. Cabe destacar que, anteriormente, buscou-se o termo *Maubere* com o intuito de despartidarização da luta pela restauração da independência, porém, em função da grande influência da FRETILIN, o conceito *Maubere* se torna intimamente ligado ao partido político.

No ano de 1999, o presidente da República da Indonésia, Yusuf Habibie, fez a primeira referência pública à possibilidade de Timor-Leste se separar da Indonésia. Em relação à ONU, o Conselho de Segurança aprovou a resolução para a criação da Missão das Nações Unidas em Timor-Leste (UNAMET), com o intuito de realizar o referendo naquele mesmo ano e instituir o subsequente governo transitório para a independência. Através da consulta popular, votaram 98,6% dos recenseados, tendo como resultado 21%⁴⁹ da população contra a independência e 78,5%⁵⁰ a favor.⁵¹

Durante esse período de pré e pós-referendo, militares indonésios, acompanhados de milícias armadas, proporcionaram violentas ações em todo o território de Timor, havendo destruição, pilhagens e assassinatos e uma nova fuga da população para as montanhas. A resistência episcopal em Díli foi atacada e incendiada. Dom Ximenes Belo foi a Roma informar o Papa da gravidade da situação. Ocorre, naquele período, a deportação de 250.000 timorenses do território indonésio, em especial de Timor Ocidental. Com isso, em 5 de abril de 1999,

Xanana Gusmão autoriza os guerrilheiros das FALINTIL a tomarem todas as ações necessárias para defenderem o povo. O comunicado do presidente do CNRT denuncia a passividade da comunidade internacional, e lamenta que a boa vontade política e o empenho na paz sejam entendidos como ponto de fraqueza. (ACÁCIO, 2006, 236)

Dessa forma, passa a ser intermediado pela Igreja um encontro para que seja assinado acordo entre milícias, militares indonésios e FALINTIL. Porém, é encontrada grande dificuldade para que haja esse acordo, pois, segundo investigações feitas pela UNAMET, as milícias pró-integração continuaram a receber apoio, tático e direto, de elementos das TNI e da polícia indonésia. (ACÁCIO, 2006, 247-257). Após o referendo, a UNAMET (Missão das

⁴⁹ 94.388 eleitores.

⁵⁰ 344.580 eleitores.

⁵¹ Informação coletada em visita ao Museu da Resistência Timorense em Díli.

Nações Unidas em Timor-Leste) inicia um pedido aos timorenses (Frente Armada) para a realização do processo de desarmamento. Porém, eles se recusam, em função de os militares indonésios ainda se manterem no território de Timor-Leste, podendo atacar a população em geral. Nesse sentido, a população timorense ainda continuava morrendo pelo fato de que a Comissão de Paz e Estabilidade agia de forma ineficaz, nunca chegando a contar de fato com a presença dos membros das FALINTIL. Estes últimos se mostraram interessados, porém não lhes foram garantidas seguranças mínimas, podendo eles, a qualquer momento, ser atacados por milícias ou mesmo capturados pelo exército indonésio. Para piorar, com o processo de acantonamento⁵², os guerrilheiros começaram a sentir a falta de bens básicos, não sendo ajudados pela Missão da ONU. Apenas em 2000, inicia-se o processo de inclusão dos guerrilheiros nas forças de paz, porém de maneira muito tímida. (ACÁCIO, 2006). E assim, dentre as diversas dificuldades, no dia 20 de maio de 2002, a RDTL restaura sua independência, havendo, ainda, vários ataques das milícias contra a população timorense, registrando-se, até mesmo, confrontos com os *Capacetes Azuis* da ONU. (ACÁCIO, 2006, p. 263).

Assim, a história de Timor-Leste foi marcada por um conflito armado prolongado. Nessa luta, os timorenses tinham como objetivo a conquista da restauração da independência através da libertação da Pátria contra a ocupação militar estrangeira (indonésia) (CORREIA, 2013, p. 181).

Considerando, então, Timor-Leste a primeira democracia estabelecida no século XXI, observa-se que todo o processo histórico se reflete nos dias atuais, gerando, ou mesmo reproduzindo, contradições sociais, em especial, as relacionadas à Educação no país. É nesse contexto que surge a formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, tendo como principal objetivo, sanar as deficiências educacionais refletidas nos dias de hoje: alto índice de analfabetismo atrelado às deficiências técnicas relacionadas à agricultura. (MIRO, 2015; LEO, 2015).

De forma sintética, a tabela abaixo aponta os principais momentos discutidos no presente capítulo, como forma de uma melhor compreensão de toda a complexidade de Timor-Leste como campo de invasões e resistência.

⁵² A liderança da luta, nos dias anteriores e posteriores ao referendo, reorganiza a guerrilha para que ela se mantenha em alguns cantos estratégicos, como forma defensiva. (ACÁCIO, 2006)

TABELA 01 - Síntese histórica de Timor-Leste (1512-1999)

PERÍODO	PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS	PRINCIPAIS PONTOS DA EDUCAÇÃO
Período Português (1512-1975)	1512 - Chegada dos portugueses em Timor	Pouca atenção foi dada a Timor, resultando também em pouca atenção à Educação. Nesse período, a Educação era realizada pelas Missões. Católica. (1512-1915)
	Final do século XIX - Portugal inicia a exploração do café em Timor-Leste com a SAPT.	
	1911 - 1912 - revoltas com destaque para a Guerra de Manufahi	Início da atenção à Educação em Timor. De forma geral a educação foi caracterizada por um ensino tradicional e opressor. (1915-1975)
	1915 - Primeira escola oficial	
	1973 - 1974 - Organização da FRETILIN	
1975 - Início da Campanha de Alfabetização da FRETILIN; Proclamação da Independência; Invasão Indonésia	Com o início da Campanha de Alfabetização, buscou-se uma educação oposta a realizada até então, através da valorização da cultura local. (1975)	
Período Indonésio (1975-1999)	1976 - Início da exploração da terra pela P. T. Demok Hernandes International;	Educação Indonésia – buscava a ideologia integracionista, baseando-se num ensino opressor. Criação de universidades com o intuito de desenvolver a educação integracionista.
	1976 - 1978 - Atividade do Centro de Formação Política (CEFORPOL) orientado pelo Departamento de Orientação Política e Ideológica (DOPI) da FRETILIN;	
	1979-1983 - Reorganização voltada para pequenas unidades de guerrilha; Surgimento da figura de Xanana Gusmão.	Educação da FRETILIN – CEFORPOL (formação política para lideranças), Educação e produção de medicamentos relacionada aos Doutores Lekdoe, Maubere e a própria Campanha de Alfabetização. Todo esse processo educativo é denominado de Pedagogia Maubere.
	1991 - Massacre de Santa Cruz	
	1995 - Número reduzido de guerrilheiros (enfraquecimento da luta)	
	1996 - Premiação do Nobel da Paz para José Ramos-Horta e D. Carlos Filipe Ximenes Belo, fortalecendo a Frente Diplomática.	
1999 - Consulta Popular (referendo)		
Administração Transitória da ONU (1999-2002)	1999-2001 - Ataque das milícias pró-indonésia direcionadas à população timorense. 2000 - As FALINTIL são incluídas às forças de paz da ONU.	-

Fonte: Elaboração própria.

2. A EDUCAÇÃO POPULAR EM TIMOR-LESTE: APONTAMENTOS HISTÓRICOS

A partir das entrevistas realizadas e da bibliografia analisada, pôde-se constatar que as lutas em Timor-Leste, desde o período da colonização portuguesa até os dias atuais, basicamente se concentram nas lutas pelo direito à terra, pela alfabetização associada a um processo de conscientização política⁵³ e pela conquista/restauração da independência.

Em cada período histórico ou, como destaca Freire (1997), em cada unidade epocal⁵⁴, uma luta se sobrepõe à outra, em função das necessidades prioritárias do momento, isto é, subunidade epocal. Desta forma, no período que antecede 1975, a luta primordial dos agricultores do distrito de Ermera foi a luta pela conquista da independência. Tal luta englobava, ainda, as lutas pelo acesso à terra e pela alfabetização, já que nesse período, em especial no distrito de Ermera, a Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho (SAPT)⁵⁵ utilizava as terras para cultivo do café, fazendo com que os timorenses trabalhassem num regime de quase escravidão no lugar em que outrora foram donos.⁵⁶ Em relação à Educação, como já exposto no primeiro capítulo, concordo com Silva que os portugueses mantiveram o grande índice de analfabetismo em sua colônia, para que os timorenses, em sua maioria, se mantivessem como não questionadores do regime opressor português. (SILVA, 2005; SILVA, 2011).

No período indonésio, a luta primordial era para que a RDTL restaurasse a independência. Assim, tanto as lutas pela terra como as contra o analfabetismo estiveram internalizadas com foco na conquista da independência. Destaca-se o papel da empresa *P. T. Demok Hernandes International* como responsável pelo monopólio da terra durante o regime indonésio, pois explorava a situação economicamente através da produção cafeeira, fazendo dos timorenses seus funcionários nos mesmos moldes da SAPT.⁵⁷ Com relação à Educação, diferentemente do período de colonização portuguesa, houve uma extensa política educacional,

⁵³ “O termo “conscientização” derivada de Paulo Freire, foi usado pela FRETILIN para descrever seu “trabalho de base e campanha de alfabetização.” (SILVA, 2011, p. 8, tradução nossa).

⁵⁴Freire (1997) destaca unidade epocal e subunidade epocal. A primeira refere-se a momentos históricos mais gerais: na época das grandes navegações, Timor se tornou colônia portuguesa. Em seguida, num contexto de Guerra Fria, a Indonésia invade a RDTL com apoio do lado capitalista da guerra (E.U.A.). Por fim, após a restauração da independência, que é precedida pelo fim da Guerra Fria, Timor é inserido num contexto de capitalismo neoliberal. As subunidades aqui podem ser entendidas como questões locais que, apesar de suas diferenças, possuem um mesmo objetivo em sua totalidade (independência do país).

⁵⁵ Empresa portuguesa responsável pela exploração do café em Timor-Leste e pelo início do processo de concentração de terras nas mãos de estrangeiros. Este ponto será discutido no capítulo 4 dessa dissertação.

⁵⁶ A questão da terra em Timor será desenvolvida no capítulo 3 desta pesquisa.

⁵⁷ Questão que será discutida no capítulo 4.

porém, esta encontrava-se ligada a um processo em que se priorizava uma educação “bancária” (FREIRE, 1997) e integracionista.⁵⁸

Após a restauração da independência em 2002, a principal luta dos agricultores do distrito de Ermera centrou-se na questão do direito à terra, isto é, na luta pela reforma agrária, como resultado histórico do acesso à terra em Timor. Nesse sentido, surge o combate ao analfabetismo a partir da União dos Agricultores de Ermera (UNAER), com a formação da Escola Fulidaidai-Slulu. Assim, nesse novo período, a agenda de lutas mudou de foco, não mais tendo como pauta a luta pela restauração/conquista da independência, mas sim para que os direitos efetivos do povo timorense fossem, de fato, garantidos e exercidos.

2.1. Pressupostos teóricos da Educação Popular em Timor-Leste

Com relação à unidade epocal na qual o Timor estava inserido, associado a um contexto de lutas pela libertação nacional, o professor Antero afirma que a “*Educação Popular em Timor tem várias dimensões, vários teóricos, vários fundamentos de teoria*” (SILVA, 2015). Essas dimensões da Educação Popular permeiam desde a campanha de alfabetização realizada pela FRETILIN, até a produção de medicamentos ligada à formação de pessoas para lutarem na guerrilha como enfermeiros. (SILVA, 2015). De forma geral, “O termo ‘educação popular’ descreve o programa de educação alternativo da FRETILIN realizado entre 1974 e 1999.” (SILVA, 2011, p. 3, tradução nossa)

Segundo Silva (2014, p. 40, tradução nossa), tais influências estão permeadas pela “teoria de classe de Karl Marx: camponês contra latifundiário (...); classe burguesa e classe do proletariado no sistema capitalista; e colonizado contra colonialistas no sistema colonial.” Especificamente foram utilizados alguns pensadores marxistas no desenvolvimento do pensamento timorense em relação à Educação, sendo “*Freire, Amilcar Cabral e Mao Tse Tung os principais*” (SILVA, 2015).

Estas teorias foram introduzidas pela FRETILIN através de escolas populares, em reuniões populares, reuniões de massas e sistematicamente foi desenvolvido em base de apoio escolas políticas destinadas a formação da liderança da FRETILIN – CEFORPOL, orientado pelo DOPI (Departamento Orientação Política Ideológica) do partido (1976 a 1978). (SILVA, 2015)

⁵⁸ Integração de Timor na Indonésia, autodenominados como “Pátria mãe”.

Assim, pode-se dizer que se trabalhava em frentes distintas neste processo de Educação Popular. Em um primeiro momento, houve o início da campanha de alfabetização que englobava pressupostos teóricos ligados a um ensino de conscientização política. Em um segundo momento, houve a própria escola de formação política, que partia dos mesmos pressupostos, mas tinha como público-alvo lideranças da FRETILIN, militares e alguns jovens já alfabetizados.

A influência de Paulo Freire, que será discutida de forma mais aprofundada no item 2.2.3., foi aquilo que deu grande suporte à campanha de alfabetização realizada pela FRETILIN, englobando um trabalho de base que se utilizava de práticas culturais do povo⁵⁹, juntamente com o uso de temas geradores⁶⁰, visando a uma educação direcionada para a emancipação que, no caso de Timor, se concretizaria através da libertação nacional contra Portugal, em um primeiro momento e, posteriormente, contra o regime indonésio. Dessa forma, segundo o Programa Político da FRETILIN de 1974, “para constituirmos um Timor verdadeiramente livre e independente, é necessário que todos, homens, mulheres, velhos, jovens, crianças, todos saibam ler e escrever.” (FRETILIN, 1974, p. 19).

A influência de Mao Tsé-Tung se deu com o trabalho de base realizado pela FRETILIN com apoio da UNETIM. Esse trabalho ocorreu nas bases de apoio que lutavam pela independência e, logo depois, na resistência contra a invasão indonésia. Nessas escolas, localizadas próximas às aldeias, encontravam-se integrantes das FALINTIL e a população civil, em geral, incluindo os trabalhadores e trabalhadoras da agricultura⁶¹ e suas famílias. Assim, na entrevista realizada com o professor Silva (2015), ele destaca que,

(...) a Educação Popular têm outras práticas, teorias, por exemplo, o conceito Gotu beis/fila batu male⁶², trabalho de base. O trabalho de base foi a prática do partido Comunista na China, praticado em uma província chamada ‘Yan’an province’, parte norte do país. Em 1942, Mao Tse Tung construiu uma base de apoio na província de Yan’an, em que todos os revolucionários visitaram as aldeias para trabalhar com os camponeses, tendo a prática como critério de verdade: ‘se vocês são revolucionários, vão lá para trabalhar com as massas’.

⁵⁹ Ler FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

⁶⁰ Tema Gerador surge como a própria compreensão coletiva do educando ligada a sua realidade, questionando-a como determinante do atual estágio do capitalismo. Para realização na prática, o Tema Gerador requer um processo de investigação, denominado como *investigação temática*. Nesse processo, ocorrem levantamentos de “situações-limites”, a partir das contradições presentes nas falas, resultando num processo educativo que seja baseado em problemas reais que, atendam as reais necessidades dos educandos e da comunidade de forma geral. (FREIRE, 1997).

⁶¹ Buscou-se nesse momento não tratar o termo rural, já que a concepção de rural e urbano difere da ocorrida no Brasil, por exemplo. Fica aberto aqui, um aprofundamento maior na temática em pesquisas posteriores sobre a relação entre urbano e rural.

⁶² Traduzindo da língua Tétum para a língua portuguesa, significa trabalho de base.

Pode-se ver então, a compreensão do trabalho de base realizado na China pelo entrevistado, quando o mesmo destaca a “*prática como critério de verdade*” (SILVA, 2015). Nas palavras de Freire (1985, p. 26), pode-se compreender esse processo por “autêntica educação”. Esta refere-se à práxis em que “a reflexão sobre a ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou a prática) não é verdadeira” (FREIRE, 1985, p. 26), ressaltando práxis como algo que engloba a ação e a reflexão.

Com relação à agricultura, Mao Tsé-Tung destaca que os agricultores são peças potenciais para a revolução, assim, os revolucionários do Partido Comunista precisam trabalhar em conjunto com o povo, trazendo o método da revolução.⁶³ (SILVA, 2014, p. 43).⁶⁴

Seguindo a entrevista, Silva (2015) acrescenta detalhes sobre como foi desenvolvido esse trabalho de base, a partir dos pressupostos de Mao Tsé-Tung em Timor:

(...) a FRETILIN promove a mesma prática aqui, servisu base⁶⁵, trabalho de base, onde o piloto foi em Aisirimou em Aiuleu: o 28 de novembro de 2014, foi celebrado ali na primeira base; segunda base foi em Bulcoli em Baucau. E depois espalhou-se esse trabalho de base por todo o território timorense, sendo que, quase 200 estudantes da UNETIM e estudantes da Casa dos Timores que foram a Lisboa e voltaram aqui para trabalhar junto com estudantes aqui e com os membros do Comitê Central (FRETILIN), todos foram viajar para as áreas rurais e trabalhar com o povo, sendo esta uma dimensão da Educação Popular.

De forma mais detalhada, as três escolas-piloto foram criadas em Aisirimou (Aileu), focando-se principalmente na Educação Política e na alfabetização; em Bucoli (Baucau), focou-se na Educação Política voltada à produção agrícola e em Bazartete, o era a Agricultura Cooperativista. (SILVA, 2014, p. 55-59).

Trabalho de base aqui, segundo Silva (2011), refere-se principalmente à mobilização de estudantes, membros da UNETIM, para a realização de uma educação voltada para a população timorense em geral, através da campanha de alfabetização, utilizando-se do manual de alfabetização da FRETILIN. A inspiração veio do trabalho realizado por Mao Tse-Tung na China e o manual inspirado em Paulo Freire, ou seja, “refere-se a atividades de educação popular (...) que começou a partir do nível de base, o movimento de educação popular.” (SILVA, 2011, p. 20, tradução nossa).

⁶³ Esse método é tratado, em alguns momentos, como método de Paulo Freire (sic), como algo trazido com o intuito de ensinar a política para o povo (SILVA, 2014, p. 43).

⁶⁴ “Mao Tse-tung (sic) vê os agricultores como potências para a revolução, porém os revolucionários do partido comunista precisam realizar trabalho conjunto com o povo e com os agricultores, a fim de aprenderem o método da revolução.” (SILVA, 2014, p. 43, tradução nossa)

⁶⁵ Trabalho de base de segundo o entrevistado.

Nesse trabalho de base, houve também a influência de Amílcar Cabral através do PAIGC, aprendido quando em Portugal, os estudantes da Casa dos Timores tiveram contato com integrantes desse partido político africano (SILVA, 2014, p. 40)⁶⁶ e com a obra de Cabral intitulada *Pedagogy of the Liberation Struggle*. Dessa forma, as bases de apoio em Timor foram influenciadas por Mao Tse Tung e Amílcar Cabral. Assim, considerando a Educação como uma arma política (SILVA, 2011), a influência de Cabral veio no sentido de

(...) uma educação mais política, (...) [sendo] a dos esclarecimentos, mistura de uma propaganda política⁶⁷ e literacia política sobre conceitos e teorias principais, por exemplo, as teorias revolucionárias marxistas, Teoria de Mao Tsé Tung e Amílcar Cabral em África.

É relevante ressaltar que, dentre as práticas realizadas pelo PAIGC⁶⁸, almejou-se um desenvolvimento da agricultura, da saúde e da luta contra o analfabetismo. (SILVA, 2011, p. 84, tradução nossa). De forma semelhante, o mesmo ocorreu em Timor, com suas peculiaridades inerentes à Pedagogia Maubere.

Nesse sentido, em *Cartas à Guiné-Bissau*, Freire (1977, p. 20) destaca que não se deve pensar

(...) a alfabetização de adultos em si mesma, reduzindo-a a um puro aprendizado mecânico da leitura e da escrita, mas como um ato político, diretamente associado à produção, à saúde, ao sistema regular de ensino, ao projeto global de sociedade a ser concretizado, ver e ouvir, indagar e discutir, partindo embora do Comissariado de Educação, teriam de prolongar-se a outros comissariados, ao Partido, incluindo as suas organizações de massas.

Observa-se, nessa prática, que os estudantes foram sujeitos primordiais para que esse processo de Educação Popular pudesse acontecer. Assim, destaca-se uma educação política intimamente ligada com a formação de uma consciência política “para além de um limite mínimo que é a consciência das suas necessidades” (CABRAL, s/d, p. 84). Desse modo, a Educação Popular timorense, embasada nos pressupostos teóricos destacados acima, resultou de uma série de influências teóricas distintas com o intuito de criar uma educação contextualizada a Timor, sendo denominada como Pedagogia Maubere (SILVA, 2011; 2012; 2014).

⁶⁶ “De acordo com Abílio Araújo, foi através do MRRP que os alunos da Casa dos Timores aprenderam sobre Amílcar Cabral do PAIGC e sobre os movimentos anti-coloniais na África.” (SILVA, 2011, p. 60, tradução nossa)

⁶⁷ Por não constar essas informações no material pesquisado, cabe mais um questionamento: como se deu a difusão da propaganda política com o povo?

⁶⁸ “Os escritos de Cabral são importantes porque os movimentos de libertação nacional teorizaram o papel de suas lutas num período prévio as formações realizadas pela FRETILIN.” (SILVA, 2011, p. 79, tradução nossa)

Pode-se dizer, desse modo, que há uma certa polissemia do que seja a Educação Popular em Timor, dando grande relevo às contribuições advindas de Freire, Cabral e Mao-Tse-Tung.

2.2. Educação Popular e a Pedagogia Maubere

A Educação Popular em Timor, mais especificamente no que se refere à Pedagogia Maubere, foi realizada pelo Programa de Educação Alternativo da FRETILIN entre os anos 1974 e 1999. (SILVA, 2011, p. 3). Tal período antecede a proclamação da independência⁶⁹ e todo o período de ocupação indonésia.

Ressalta-se que o termo Educação Popular foi utilizado apenas posteriormente ao período de lutas no país, sendo que, durante a conjuntura vivida por Timor, os envolvidos nesse processo educativo denominavam a Educação Popular como trabalho de base. (SILVA, 2011, p. 77).

Com relação ao conceito de Pedagogia Maubere, no sentido literal, as palavras maubere e buibere significam respectivamente homem natural de Timor e mulher natural de Timor. (UNTL, 2005; HULL, s/a.). Já Silva (2011, p. 20-97) define Maubere⁷⁰ como um conceito social utilizado pela FRETILIN, referindo-se ao povo comum, aos despossuídos, à classe trabalhadora, em especial, os agricultores da sociedade timorense durante o período colonial português. Porém, com o passar do tempo, o conceito ganhou nova dimensão, tornando-se um símbolo da “Educação Política e Popular” (SILVA, 2011) de mobilização em massa. Em outras palavras, “visto da perspectiva da teoria da Educação Popular, os líderes da FRETILIN viram que era necessário uma nova pedagogia da Revolução Maubere.” (SILVA, 2011, p. 118, tradução nossa).

O conceito de Pedagogia Maubere, em seu âmbito social e a ligação que este possui com a Educação Popular, pode ser mais bem compreendido a partir da perspectiva de que

Em primeiro lugar, foi necessário um amplo movimento popular e genuíno, aquele que envolveu as pessoas a resistirem contra as forças neocoloniais. Este era o lugar onde o trabalho de base e conscientização tornou-se imperativo. As pessoas tinham que entender como eles haviam sido colonizados e explorados, e que era possível e necessário resistir por todos os meios possíveis. Os líderes da FRETILIN também tiveram que lidar com o fato de que as lutas timorenses anteriores contra os colonizadores tinham sido localizadas e fragmentadas,

⁶⁹ Termo utilizado em Timor, referindo-se à proclamação da independência timorense conquistada em 28 de novembro de 1975.

⁷⁰ Apesar de haver tanto os termos masculino como feminino, quais os motivos que fizeram com que as FRETILIN não mais se utilizassem desses termos já estabelecidos e dessa ênfase ao gênero masculino? Caberia novas investigações para esclarecer a questão.

havendo dificuldades para resistir contra o colonialismo Português de forma nacional. Por isso, eles precisavam de uma ideia revolucionária e uma plataforma política que serviria como símbolo de unidade nacional em torno da montagem da luta. A História forneceu-lhes o conceito Maubere, e em 20 de Maio de 1975 que proclamou a Revolução Maubere (Revolução de Mau Bere). O conceito "Maubere" foi usado para combater os ataques anticomunistas contra a Fretilin, e também serviu para gerar um sentimento de orgulho entre as pessoas. Povo Maubere estava cheio do espírito de luta e sonhos, e tinha capacidade intelectual para tornar seus sonhos realidade. Na base, havia também uma necessidade de estruturas e organizações, como meio de mobilização da educação. (SILVA, 2011, p. 118-119, tradução nossa)

Assim, é possível compreender o conceito Maubere como fruto de um processo histórico, isto é, como resultado de contradições históricas da sociedade timorense. Esse conceito surge “na existência dos homens aqui” (FREIRE, 1997, p. 90) que,

Sendo os homens seres em “situação”, se encontram enraizados em condições tempo-espaciais que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria “situacionalidade”, na medida em que, desafiados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, algo mais que estar em “situacionalidade” que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão. (FREIRE, 1997, p. 101).

Dessa forma, “no momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das ‘situações-limites’” (FREIRE, 1997, p. 91), superação das contradições que está intimamente ligada com todo o significado da Pedagogia Maubere, objetivando um “Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”. (FREIRE, 1997, p. 82). Nas palavras de Silva (2015), “*Os timorenses são todos mauberes a lutar contra o colonialismo. Então camarada Maubere, camarada Buibere, são iguais.*”

Isso posto, Educação Popular e Pedagogia Maubere são conceitos indissociáveis, pois essa pedagogia foi a própria Educação Popular realizada entre os anos de 1974 e 1999 em Timor-Leste. Silva (2011, p. 97, tradução nossa), ressalta o “conceito Maubere como um símbolo político e popular para a mobilização de massas.” Assim, a partir desse símbolo foi possível uma mobilização das massas para a realização dessa educação da FRETILIN, que tinha como principal objetivo “a libertação do país e a libertação das pessoas.” (SILVA, 2011, p. 99, tradução nossa)⁷¹. Em outras palavras “enquanto quefazer humanista e libertador, o importante

⁷¹ “*The liberation of the country and the liberation of the people.*” (SILVA, 2011, p. 99)

está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação.” (FREIRE, 1997, p. 75).

Compreende-se, dessa forma, a libertação como um dos princípios para emancipação.⁷² Esta última como algo que deve ser construída coletivamente a partir da problematização das contradições em que os timorenses estavam inseridos.

É possível observar a busca pela emancipação a partir do Programa Político da FRETILIN:

A libertação do povo tem de ser completa e total. É necessário que todos, mas todos sem exceção participem activamente no governo da Nação. O povo tem de estar esclarecido para decidir a sua vida. Não pode continuar ignorante para que ninguém possa aproveitar-se desta ignorância e explorá-la em seu benefício. É necessário que todos, todos saibam exactamente o que querem e porque querem. Que a política não seja um tema estranho e vago só para senhores doutores. É necessário que o Povo esteja esclarecido para reclamar a solução dos seus problemas, para não continuar a ser enganado e depois que entrave (sic) é para o desenvolvimento da nossa cultura⁷³ o alto grau de analfabetismo em que vivemos! (FRETILIN, 1974, p. 18).

Assim, na busca pela emancipação, a FRETILIN desenvolveu uma campanha de mobilização popular conhecida como trabalho de base, utilizando-se de pressupostos de Paulo Freire e de outros em sua campanha de alfabetização. (SILVA, 2011, p. 77). Portanto denomina-se esse processo como “*army of the pens the Pedagogy of the Maubere Revolution*”⁷⁴. (SILVA, 2011, p. 2)

2.2.1. Os primórdios da Pedagogia Maubere

Para compreender os primórdios dessa Educação Popular, faz-se necessário destacar o papel da Casa dos Timores e da União dos Estudantes de Timores (UNETIM).

A Casa dos Timores surgiu de “um grupo de estudantes universitários timorenses que estavam realizando seus estudos em Portugal (...), [que tinham] começado a estudar teorias revolucionárias e nacionalistas no início da década de 1970.” (SILVA, 2011, p. 23, tradução nossa). Dentre os envolvidos estavam Mari Alkatiri, José Ramos-Horta, Nicolau Lobato e Francisco Borja da Costa.

⁷² No plano da conscientização que pode levar a uma emancipação do país.

⁷³ “Cultura do povo timorense é diferente da cultura colonial.” (SILVA, 2014, p. 42, tradução nossa)

⁷⁴ “(...) exército das canetas a Pedagogia da Revolução Maubere” (SILVA, 2011, p. 2, tradução nossa)

Observa-se que Borja da Costa encontrava-se, inicialmente, nesse grupo junto a seus contemporâneos de estudo e, mais tarde, foi um dos fundadores da Casa dos Timores com Francisco Calsona, Antonio Cavarinho, Abilio Araújo, Vicente Maria Reis (Sahe), Justino Iap e outros.

Nesse sentido, a convergência de ideias proporcinou ao grupo Casa dos Timores apoiar o processo de independência liderado pela FRETILIN - no momento ainda denominada como Associação Democrática de Timor (ASDT). (SILVA, 2014, p. 26).⁷⁵

Dentre as preocupações dos componentes da Casa dos Timores estavam: o “não desenvolvimento [sic] integral dos povos; particularmente na educação [sic] para facilitar a exploração [sic] e, na existência [sic] de um ensino desarticulado das realidades” (CASA DOS TIMORES *apud* SILVA, 2014, p. 26). Segundo Silva (2014, p. 26), o grupo Casa dos Timores tinha a Educação como ponto-chave para a mudança da situação em que viviam os timorenses. Educação esta que se pautava na construção de “bases de accao [sic] verdadeiramente populares e revolucionárias; (...) [em] fundamentar e alicercar [sic] em solido [sic] cimento os pilares de uma verdadeira participação [sic] popular para que o povo escolha livre e conscientemente o seu futuro” (SILVA, 2014, p. 26).

Logo após a Revolução dos Cravos⁷⁶, em abril de 1974, cerca de 20 estudantes voltaram a Timor com o intuito de fortalecer a luta pela independência. Desses vinte, dezesseis envolveram-se ativamente na construção da RDTL em 1975 e na sequente luta contra a invasão indonésia no mesmo ano. (SILVA, 2011, 2014).

Nesse retorno a Timor, destaca-se o nome de Vicente Maria Reis, o Sahe. Este se tornou professor na escola técnica e no Liceu Dr. Francisco Machado, realizando, por meio do ensino, um processo de formação política. Assim, dentre seus alunos, estavam Antonio Cavarinho (Mau Lear) e José da Costa (Ma'Hudo). Dessa forma, inicia-se um processo de discussão, a partir das lutas de libertação ocorridas na África com o PAIGC, a Frente Revolucionária da Libertação Moçambicana (FRELIMO) e o Movimento Nacional da Libertação Angolana (MPLA). Criase, então, a União Nacional dos Estudantes de Timores (UNETIM) com os alunos dos membros da Casa dos Timores em outubro de 1974. (SILVA, 2014, p.35).

⁷⁵ “*Estudante sira ne’ebe apoiu inkondisionalmente ba ideia Ukun-Rasik-an ASDT*” (SILVA, 2014, p. 26)

⁷⁶ No dia 25 de abril de 1974, em Portugal, acontece a revolução dos Cravos. Este movimento ficou marcado pela saída do ditador Salazar que, segundo Silva (2011, p. 9), realizava um regime ditatorial fascista. Se voltarmos à unidade epocal ao qual destaca Freire (1997), iremos ressaltar o contexto de Guerra Fria. Esta gerou os diversos regimes ditatoriais mundo afora, tais como no Brasil, em Portugal e em Timor.

O objetivo geral da UNETIM era o de se trabalhar pela união dos timorenses com o intuito de conquistarem o direito de liberdade e de progresso. (HILL *apud* SILVA, 2014, p. 36).

Jolliffee (*apud* SILVA, 2014, p. 36) destaca os objetivos específicos do movimento: destruir os aparatos fascistas e paternalistas do ensino; promover uma generalizada e democrática reforma no sistema educacional em colaboração com os envolvidos no processo; combater a hierarquização existente entre professores e alunos presentes no sistema paternalista de ensino e lutar pelo respeito aos estudantes, pela participação deles nas decisões relacionadas à Educação (ensino democrático).

Em outras palavras, Hill (*apud* SILVA, 2014, p. 37) aponta que os estudantes buscavam uma transformação no sistema educacional colonial, havendo a necessidade de uma mudança estrutural radical, no sentido da independência. Dentre as propostas da UNETIM, portanto, estavam: a campanha de alfabetização, os estudos em história e culturas de Timor, o estabelecimento de grupos de discussão, a criação de grupo de discussão sobre gênero, a prática de atividades desportivas e artes populares como o teatro, dança e concerto musical, além do próprio incentivo através de bolsas para que os timorenses pudessem realizar seus estudos no exterior e depois voltassem e contribuíssem para o desenvolvimento do país.

Assim, destaca-se a perspectiva crítica da Educação almejada pela UNETIM, contrariando a educação “bancária” (FREIRE, 1997) que se tinha até então, objetivando a quebra de hierarquias e o diálogo para que os envolvidos pudessem atingir a emancipação coletivamente, isto é, terem poder de decisão. (SILVA, 2014).

Nas palavras de Freire (1997, p. 102), compreende-se que a FRETILIN, com o apoio da UNETIM almejasse a superação de uma “prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isto, não comunicativa em que o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação que ele mesmo elabora ou elaboram por ele.”

2.2.2. Principais figuras da Pedagogia Maubere

Com esse processo, destacaram-se, além das influências externas, figuras internas a essa educação que trabalharam no sentido da conscientização política e libertadora. Dentre esses, nomeamos cinco deles ligados à Educação Popular em Timor: Francisco Borja da Costa, Abílio Araújo, Vicente Maria dos Reis (Sahe), Manuel Gama (Dr. Lekdoe) e João Varudo (Dr. Maubere).

Segundo CAVR (2006, p. 26), como dito anteriormente, “em 1970, os membros de uma geração de jovens educandos criaram um grupo de discussão anticolonial” do qual faziam parte Mari Alkatiri, José Ramos-Horta, Nicolau Lobato, Justino Mota e Francisco Borja da Costa.” Este grupo deu origem à Casa dos Timores e era composto por Abílio Araújo, Borja da Costa, António Duarte Cavarinho e Vicente Maria Reis. (HILL *apud* SILVA, 2011, p. 105). Mais tarde, estariam envolvidos com a conquista da independência e com a criação da RDTL.

Segundo informações de Silva (2015), Francisco Borja da Costa foi um jornalista timorense que trabalhou no Diário de Notícias em Portugal, junto com José Saramago. Além de jornalista, ele foi poeta e o criador de uma das maiores canções da luta pela resistência em Timor-Leste, o *Foho Ramelau*.⁷⁷ “Ele esteve lá e depois talvez encontrou com alguns poetas angolanos naquele momento (...) e depois quando estava em Portugal ele conseguiu escrever o *Foho Ramelau*.” (SILVA, 2015).

Juntamente com Borja da Costa, Abílio Araújo musicou a poesia *Foho Ramelau*. Silva (2015) ainda registra: “*Abilio Araújo escreveu as notas [musicais e] aumentou a palavra ‘Eh’ Foho Ramelau. Este é conceito principal também da Educação Popular, Foho Ramelau foi também um conceito político como o kuda⁷⁸ [também] foi também conceito político e, também o conceito Maubere.*” (SILVA, 2015). Na entrevista, Silva (2015) também ressalta que “*Abílio Araújo, é um homem muito importante em Portugal, ele escreveu o programa política com os colegas dele, o Programa Político da FRETILIN, é um intelectual muito conhecido até hoje.*” Assim, como o Programa Político da FRETILIN (ANEXO 03) possui um grande viés com a Educação, Abilio foi um grande idealizador de um ensino voltado à libertação nacional.

Além dessa música, a parceria entre Borja e Abilio gerou também a canção “*Katatalak Sulimutuk*”. Também, destaca-se a poesia intitulada “*Um minuto de silêncio*” (ANEXO 04), “*muito utilizada até hoje e ele foi morto no primeiro dia da invasão (...), 17 de dezembro de 1975, aqui em Díli, mas as poesias dele permanecem.*” (SILVA, 2015). Silva destaca, ainda, em relação a Borja da Costa que, “*a poesia dele influenciou muito, até mesmo nos dias atuais.*” Pode-se, então, com essa fala, compreender a influência que esse poeta teve e ainda tem junto aos timorenses, em especial, no contexto da Educação Popular, já que eram utilizados de temas da literatura. (SILVA, 2011)

Outro importante membro da Casa dos Timores foi Vicente Maria dos Reis (Sahe). Segundo depoimento de Silva,

⁷⁷ Anexo 02.

⁷⁸ De forma literal, significa cavalo na língua Tétum. Foi utilizado como tema gerador na concepção da FRETILIN-UNETIM durante a Educação Popular.

O Sahe foi o maior Educador timorense no terreno⁷⁹, ele estudou Engenharia na escola técnica em Lisboa, mas depois voltou a Timor quando ele estava no quarto ou quinto semestre da Universidade, voltou a Timor em 1974 e surgiu como o maior pensador dentro dos Timorenses. Nas bases de apoio, o Sahe foi muito conhecido, e também o Xanana⁸⁰ foi aluno do Sahe, O Lu Olo⁸¹, o Xanana, o Lere⁸², o Taur Matan Huak⁸³ foram todos estudantes do Sahe. Eles têm um alto respeito ao Sahe. Por quê? Ele era um homem do exemplo, tinha grande amizade com as pessoas e era inteligente, e ele trabalhava com outras pessoas, então ele, como se diz, era orador, grande orador, todas as pessoas eram apaixonadas pelo Sahe, todos. (SILVA, 2015)

Compreende-se que esse trabalhar com outras pessoas, entendido como um trabalho conjunto, promove uma horizontalidade. Isso gerou sua fama de maior educador em Timor-Leste, pois foi professor do Centro de Formação Política (CEFORPOL) orientado pelo Departamento de Orientação Política e Ideológica (DOPI).

Destaca-se, então, o papel de Sahe em seu processo de educação política ligada à liderança da luta armada, mas que se estendeu aos trabalhadores rurais com apoio da juventude ligada à UNETIM (SILVA, 2014, p.56).

O CEFORPOL era direcionado principalmente a lideranças da FRETILIN nas montanhas⁸⁴ e, “foi estabelecido em quase todo o território em seis setores principais” (SILVA, 2015):

TABELA 02 - Estrutura regional da FRETILIN em 1976

SETORES	DISTRITOS	COMISSARIADOS
Ponta-Leste (Eastern End)	Lautém	Juvenal Inácio (Sera Key)
Centro-Leste (Central East)	Baucau and Viqueque	Vicente dos Reis (Sahe)
Centro Norte (Central North)	Manatuto, Aileu, and Dili	João Bosco Soares
Centro Sul (Central South)	Manufahi and Ainaro	Hamis Bassarewan (Hata)
Fronteira Norte (Northern Border)	Ermera, Liquiçã and some parts of Bobonaro	Hélio Pina (Mau Cruma)
Fronteira Sul (Southern Border)	Covalima and some parts of Bobonaro	César Correia (César Mau Laka)

Fonte: Adaptado de SILVA (2011, p. 173)

⁷⁹ Território de Timor-Leste.

⁸⁰ José Alexandre Xanana Gusmão foi membro do Comitê Central da FRETILIN de 1974 até 1978.

⁸¹ Francisco Guterres Lu Olo

⁸² Guilherme dos Santos foi membro do Comitê Central da FRETILIN de 1974 até 1978.

⁸³ Atual presidente da República Democrática de Timor-Leste (RDTL).

Silva (2015) destaca que “a maioria dos líderes em Timor, alguns estão no parlamento nacional⁸⁵, foram alunos do CEFORPOL nas montanhas.” Esses Centros de Formação Política foram criados nos seis setores citados na tabela acima, sendo

(...) constituídos por alunos militares, líderes médios dos militares e também dos civis, jovens literados também participaram dos cursos regulares por pelo menos 3 meses, e assim, alguns mais tarde se tornaram delegados políticos, comissariados, viajando todo o tempo para fazer propaganda, discutir com os povos sobre questões de segurança. (SILVA, 2015).

Nesse sentido, o entrevistado destaca Sahe como o maior educador de Timor, pois Vicente Reis utilizou-se dos pressupostos teóricos aprendidos na Casa dos Timores e os utilizou de forma a adaptar ao contexto timorense, tendo aí a prática da Pedagogia Maubere:

Vicente é uma pessoa que conseguiu aprender várias teorias da revolução, mas conseguiu adotar a situação de Timor, ele é pensador dentro da FRETILIN, ele foi professor, educador. Então o Sahe foi o espírito, além de Nicolau⁸⁶, Nicolau foi o comando militar, mas o Sahe foi o homem do “the brain of the resistance”⁸⁷. Nicolau⁸⁸ é líder, à frente, o Sahe é reservado, pessoa reservada, e ele conseguiu sistematizar várias teorias para adotar a cultura de Timor e também interpretar a cultura de Timor pra serem teorias. (SILVA, 2015).

As práticas de Sahe, que foram utilizadas pelo Primeiro Ministro da RDTL, Nicolau Lobato, foram, segundo Silva (2011, p. 23), atividades que utilizavam teorias revolucionárias e nacionalistas (Mao Tsé-Tung, Amílcar Cabral, Paulo Freire), desenvolvendo assim, algo que era único e, especificamente, timorense, a denominada Pedagogia Maubere Revolucionária, marcada por seu caráter libertador em contraposição à opressão gerada por anos de invasão ao país.

Outra dimensão da Educação Popular diz respeito à saúde. Uma das principais bases da resistência em Timor encontrava-se no monte Matebian e, em consequência da guerra e dos problemas de saúde acumulados durante anos, o governo da RDTL construiu três centros de saúde e educação em Baguia (subdistrito de Baucau próximo ao Matebian): Centro de Saúde em Samalari, onde foram produzidos comprimidos e fornecidos serviços de saúde; Centro de Saúde na aldeia Bibela, com produção de comprimidos e realização de serviços de saúde e, um

⁸⁵ “É certamente o nome de Centro de Educação Popular do Sahe no Setor Leste Centre. Houve um CEFORPOL para quadros de todos os níveis, incluindo oficiais militares e os funcionários do Ministério do Trabalho e Serviços Sociais.” (SILVA, 2011, p. 112, tradução nossa)

⁸⁶ Nicolau Lobato.

⁸⁷ De tradução do inglês, significa o cérebro da resistência.

⁸⁸ Nicolau Lobato.

terceiro e talvez o mais importante Centro de Produção de Medicamentos em Kaisae-Hoo. Este último foi criado por Manuel Gama, que construiu depois um outro ramo do centro em Uato-Lari, em meados de 1977. (SILVA, 2011, p. 215-216). Nesses três centros médicos eram realizadas pesquisas médicas e produção de medicamentos. Eis o que registra Silva (2011, p. 216):

(...) com base em suas próprias experiências, (...) para experimentar e ter sucesso. Eles eram, portanto, centros de educação popular e de aprendizagem, fazendo uma contribuição única para a luta de libertação nacional contra a ocupação indonésia, e além.” (tradução nossa).

Essa foi, então, uma das diversas dimensões da Educação Popular no Timor-Leste, que, nas palavras de Freire (1977, p. 30) é uma educação baseada na prática, isto é, fundada “sempre na prática de pensar a prática, com que a prática se aperfeiçoa”. Em outras palavras, foi na aprendizagem do fazer que se realizou esse processo.

Nesses moldes, destacam-se os papéis de Dr. Maubere e do já citado Dr. Lekdoe que no depoimento de Silva (2015) apresentam

(...) outro tipo de Educação Popular [que] foi através da introdução de plantas indígenas para serem medicina⁸⁹, FRETILIN construiu escolas populares de saúde nas bases de apoio, havendo destaque para dois nomes famosos: o Dr. Maubere, foi iliterado, mas ele conhecia bem plantas indígenas então promoveu um centro de educação no centro norte em Remexio⁹⁰ e conseguiu educar quase 200 paramédicos para trabalhar em todo o campo das bases de apoio. Em outras partes do país, Manuel Gama (Dr. Lekdoe), foi analfabeto também. Ele foi preso em Angola em 1959 e depois voltou para Timor mais tarde em 1960 e, depois quando Indonésia invadiu esteve em Timor também. Em Angola anteriormente, ele trabalhou com um Doutor Português que fez pesquisa sobre plantas indígenas em Angola, ele aprendeu sem escrever, só vendo e praticando. Quando indonésia invadiu ele surgiu como enfermeiro e, estabeleceu um centro de produção de medicina e conseguiu trabalhar até o final das bases de apoio em 1978⁹¹. Ele teve muitos alunos paramédicos que trabalharam com ele. O centro funcionava em Baguia, centralizado em Baguia⁹², mas em outras bases de apoio havia também práticas de produção de medicina com plantas indígenas. Isso pra mim, foi científico e Político.

Manuel Gama residiu em Portugal e lá acabou aprendendo práticas ligadas à saúde e também pressupostos teóricos de Amílcar Cabral. Tem-se, então, essa experiência teórica traduzida em uma educação de caráter político e científico, direcionada à libertação nacional de

⁸⁹ Medicamentos.

⁹⁰ Cidade do Distrito de Díli.

⁹¹ Quando as bases de apoio foram derrotadas pelo exército indonésio, havendo a necessidade de mudança de tática.

⁹² Cidade do Distrito de Baucau.

Timor-Leste, tanto em seu aspecto formativo, quanto no que se refere à necessidades básicas da população com relação à mortalidade. Nesse sentido, tem-se o trabalho sistematizador do conhecimento que,

(...) proporcionaria o surgimento de verdadeiros centros de estudos que, girando embora em torno de um tema central – agricultura, saúde, por exemplo – desenvolveriam análises globais dos mesmos. Centros que se iriam convertendo a pouco e pouco, em função mesma de trabalho sistematizador do conhecimento, em permanente processo de aprofundamento, em futuras unidades universitárias mas de uma universidade que nasceria das classes trabalhadoras. (FREIRE, 1977, p. 30)

Assim, Silva (2011, p. 228) define este processo como *second cultural army*⁹³, pelo qual

(...) dois analfabetos, Manuel Gama 'Lekidoe' e João Varudo 'Doctor Maubere', tornaram-se figuras proeminentes, usando sua "inteligência natural" e conhecimento local para a produção de medicamentos, o que demonstra que o conhecimento indígena e fitoterapia são poderosos meios de revolução no sector da saúde. (tradução nossa)

2.2.3. Paulo Freire como base do processo educativo na guerrilha

Como salientado anteriormente, internamente ao sistema colonial português em Timor, os autores timorenses tratam o analfabetismo como uma arma política utilizada pelos portugueses com o intuito de manter os timorenses calados, através do “obscurantismo”, sem questionar o sistema opressor. (SILVA, 2012). Esse conceito foi comumente utilizado pela FRETILIN para caracterizar o sistema educacional colonial promovido pelos colonialistas, em meados da década de 1970. (SILVA, 2012, p. 1). Assim, Nicol (*apud* SILVA, 1997, p. 1, tradução nossa) destaca que “uma luta contra o analfabetismo é uma luta contra a ignorância. O Estado colonial utilizou-se do sistema educacional para polarizar a criatividade do povo e sufocar a cultura timorense”.

Como forma de combater essa opressão, a partir de 1975, tanto o Projeto Político da FRETILIN como a própria constituição da RDTL, em seus documentos, pautaram-se na necessidade de uma campanha de alfabetização⁹⁴. O primeiro documento destaca a necessidade de uma “grande campanha de alfabetização num ensino verdadeiramente libertador, que irá libertar o nosso povo dos 500 anos de ‘obscurantismo’.” (FRETILIN, 1974, p. 14). De forma

⁹³ Cultura como segunda arma.

⁹⁴ “O programa de alfabetização, preparado em Maio de 1974, foi implementado pela primeira vez em Janeiro de 1975” (CAVR, 2006, p. 17)

complementar, o segundo documento destaca que “A RDTL propõe a realização de uma grande campanha contra analfabetismo e “obscurantismo” e trabalha para proteger e desenvolver a cultura (timorense) como um importante instrumento de libertação”. (RDTL *apud* SILVA, 2012, p. 1, tradução nossa). Silva (2015) destaca que Freire é o caminho para uma educação ligada à alfabetização em Timor. Assim, foi promovida pela FRETILIN-RDTL, de forma sistemática no desenvolvimento da educação, a partir de 1974, nas bases da Resistência o uso de Palavras e Temas Geradores (SILVA, 2011, p. 212, tradução nossa).

Em se tratando de desenvolvimento cultural, destaca-se a influência de Paulo Freire na educação realizada com a campanha de alfabetização proporcionada pela FRETILIN. Tal campanha objetivava a proposição política de combate ao “obscurantismo”, através de uma campanha de massa⁹⁵, considerando a importância dos conhecimentos indígenas ou populares (tradicionais) como potencialmente revolucionários, semelhantemente à educação realizada por Amílcar Cabral no Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). (SILVA, 1997, p. 1). A Constituição da RDTL já destacava a cultura timorense como “um importante instrumento de libertação nacional” (RDTL *apud* SILVA, 1997, p. 1, tradução nossa).

Segundo relatório da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação (CAVR), mais especificamente no capítulo 5 (Resistência: Estrutura e Estratégia), o processo educativo realizado pela FRETILIN,

(...) levou a efeito programas de alfabetização recorrendo aos métodos desenvolvidos pelo educador brasileiro Paulo Freire. A educação era considerada importante porque, para a Fretilin, a verdadeira independência aconteceria apenas quando o povo participasse activamente no governo e esta participação activa só poderia suceder se as pessoas soubessem o que queriam e porquê. Se o povo vivesse na ignorância, seria sempre explorado. No ponto de vista da Fretilin, o sistema educativo implantado sob a administração colonial portuguesa era contrário às suas necessidades. O método de conscientização proposto por Freire era preferível, porque o povo não só aprendia a ler e a escrever como também passava por um processo de consciencialização relativamente à opressão colonial e à forma de a superar. (CAVR, 2006, p. 16-17).

O objetivo, portanto, do programa de educação da FRETILIN⁹⁶ era transformar o povo Maubere não apenas num novo ser humano⁹⁷ com uma nova mentalidade que fosse anticolonial, antifascista, verdadeiramente popular e democrática, mas também um novo ser humano que

⁹⁵ “*mass literacy campaign*” (SILVA, 2012, p. 1)

⁹⁶ “*New education system*” (NICOL *apud* SILVA, 2012, p. 2).

⁹⁷ *New man*.

fosse ativo na política para participar na sociedade a que ele pertence. Isso aproxima-se das ideias de Freire (1997), considerando que esse novo ser humano nasça na superação das contradições.

Em outras palavras, além da própria alfabetização, objetivava-se a conscientização política, para que fosse possível atingir a libertação nacional, construindo, assim, uma sociedade mais humana. Essa campanha, que foi política, buscou integrar alfabetização a um novo sistema educativo, diferentemente do praticado até então pelos portugueses. (NICOL *apud* SILVA, 2012, p. 2).

2.2.3.1. Formação de Professores na campanha de alfabetização

Para que fosse possível toda uma campanha de alfabetização, Silva (2012, p. 2) destaca que a FRETILIN, em parceria com o Comitê Português de Descolonização⁹⁸, estabeleceu o Grupo de Coordenação para Reformulação do Ensino em Timor (GCRET) em cooperação com a UNETIM, além de outros. Faz-se relevante ressaltar que, através desse comitê português, chegou a Timor a obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, sendo base para a presente campanha de alfabetização. Segundo Silva (2011, p. 63), dentre os integrantes dessa comissão para a alfabetização, estava a professora Judith Magalhaes⁹⁹ que, juntamente com os estudantes da Casa dos Timores, foi uma das pessoas a introduzir aos membros da UNETIM as ideias de Paulo Freire sobre conscientização em 1974. Nessa formação de professores, foi trabalhado como ensinar Geografia e História timorense, utilizando-se de ideias da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. (MAGALHAES *apud* SILVA, 2012, p. 2).¹⁰⁰

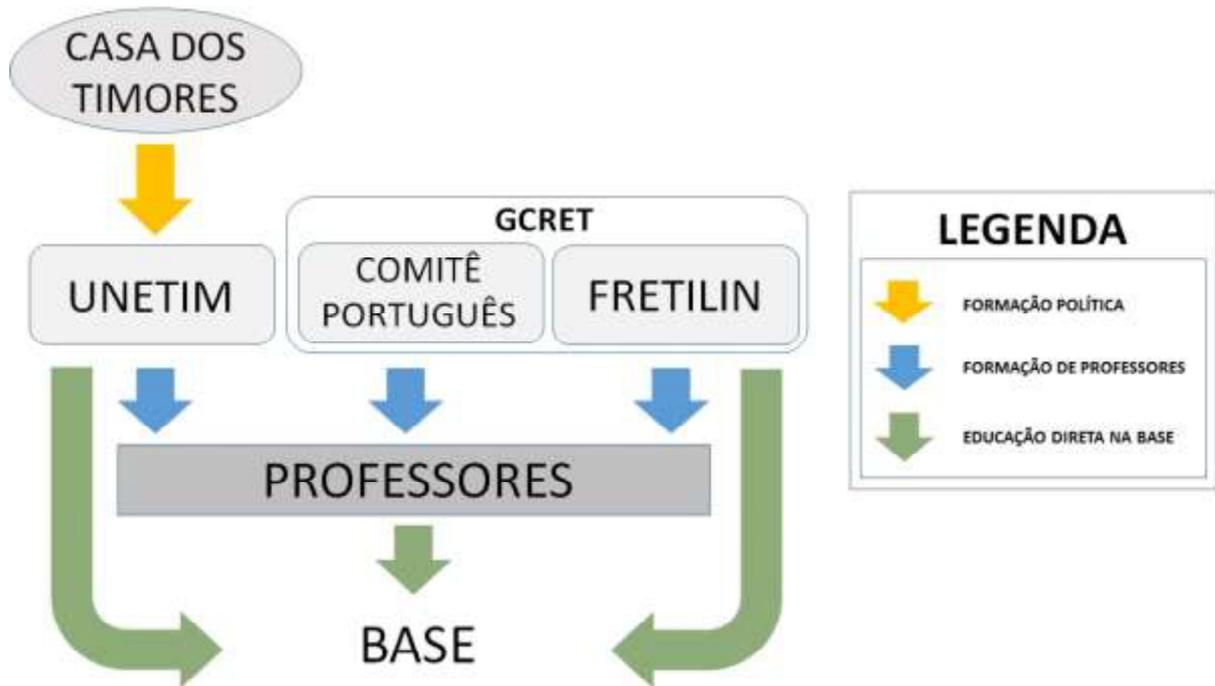
Como forma de compreender o processo de formação realizado em Timor-Leste, através dos diversos grupos envolvidos, têm-se o esquema abaixo:

⁹⁸ O processo de descolonização em Timor-Leste foi apenas pontual, sendo que omitiram em relação à invasão indonésia.

⁹⁹ Foi professora de pedagogia no Liceu na década de 1970 e esposa do professor Barbedo Magalhães. Este, quando estudante na Universidade de Porto, foi líder dos estudantes socialistas da época, além de posteriormente ter sido oficial do exército português em Timor e ativo defensor da FRETILIN. (SILVA, 2011, p. 63).

¹⁰⁰ “They had learned on how to teach geography and Timorese history, utilizing the ideas of Paulo Freire’s *Pedagogy of the Oppressed*”. (MAGALHAES *apud* SILVA, 2012, p. 2).

FIGURA 01 - Esquema do processo de formação de professores



Fonte: elaboração própria

De forma geral, pode-se destacar que esse processo se iniciou com o grupo Casa dos Timores, quando seus membros realizaram uma formação política (reflexão no processo formativo) direcionada aos estudantes da UNETIM. Também cabe destacar que as demais formações também foram políticas, porém pautadas em *como realizar* a campanha de alfabetização. Mais adiante, os integrantes da Casa dos Timores comporiam a FRETILIN, em especial, a direção do partido, sendo estes também formadores junto com os próprios membros da UNETIM e do Comitê Português de Descolonização (formação de professores). Após essa formação, anterior à campanha de alfabetização, muitos professores (civis e militares) foram às bases trabalhar na luta contra o analfabetismo em parceria direta com a UNETIM e a FRETILIN (Educação direta na base).

Essa foi uma formação de professores iniciada em meados de 1974, continuada nas bases da resistência, orientada pelo Departamento de Orientação Política e Ideológica (DOPI)

e pelo Departamento de Mobilização de Massa do Comitê Central da FRETILIN¹⁰¹, já que os portugueses foram retirados de Timor após a invasão indonésia.¹⁰² (SILVA, 2012, p. 2).

De acordo com Silva (2015) é possível se ter uma dimensão de como eram realizadas essas formações, nas quais os professores iam formando outros professores nas bases e, assim, cada vez mais era possível se ter um combate ao analfabetismo no interior do país: “*quase duzentos estudantes da UNETIM e da Casa dos Timores que foram para Lisboa e voltaram aqui para trabalhar com o povo.*” (SILVA, 2015). Através de relatos, Silva (2012) destaca que havia aproximadamente 100 professores que, regularmente, participavam da formação realizada por Antonio Carvarinho (Maulear). Durante a formação de professores, incluíam a promoção da língua Tétum, através da escrita e leitura, por ser a língua mais falada no país¹⁰³ (SILVA, 2011) e métodos básicos de alfabetização. Dentre os 100 professores, haviam civis e militares das FALINTIL. (SILVA, 2012, p. 4).

É nesse sentido que, Cabral (s/d, p. 3) destaca ser necessário “melhorar o nosso trabalho político (...) [e] organizar cada vez melhor as (...) Forças Armadas, e fazê-las agir cada vez mais intensivamente.” Também faz-se necessário orientar cada vez melhor o povo em todos os planos das suas atividades e orientar bem os estudantes, os quadros em formação.

Silva (2012, p. 4, tradução nossa) destaca, ainda, o relato de outro professor, Francisco Calsona que afirmou: “(...) estava sendo ensinado que, de acordo com Freire, em vez de ajudar o aluno a escrever, segurando sua mão, o papel do professor era ajudar os estudantes a usar suas próprias mãos”. Isto é, o presente educador destaca, figurativamente, como era realizado o processo de ensino-aprendizagem no sentido de uma reflexão.

De forma geral, segundo o documento que rege a campanha de alfabetização da FRETILIN, a Pedagogia Freireana foi um dos componentes mais ativos no terreno/trabalho de base, destacando o trabalho de formação realizado pelos estudantes da UNETIM com o uso do manual de alfabetização da FRETILIN nos trabalhos de base. (SILVA, 2012, p. 2). Assim, Boughton (2010, p. 256-257, tradução nossa) ilustra esse processo inspirado em Freire:

Em finais de 1974, um grupo de jovens estudantes timorenses que estavam em Lisboa produziram um manual de alfabetização em tétum, Timor Rai. Rai Ita

¹⁰¹ “FRETILIN continuou a promover os métodos de Paulo Freire” (SILVA, 2012, p. 4, tradução nossa)

¹⁰² Inicialmente, os portugueses foram alocados na Ilha de Ataúro e, logo depois, retornaram à Portugal a mando do governo português.

¹⁰³ De forma a considerar as questões locais, utilizou-se nessa Educação Popular das línguas faladas no país, tanto das maternas, quanto da língua Tétum. Segundo Silva (2012, p. 5), foi utilizado da língua portuguesa até que o Tétum fosse desenvolvido, pois faltavam-lhe muitas palavras.

Niang (Timor é o nosso país) (Anon 1975). O manual foi baseado na ideia de 'concientisation', desenvolvido pelo grande educador brasileiro de adultos, Paulo Freire. Ele foi ilustrado com desenhos para incentivar a discussão sobre o colonialismo e independência e incluiu as palavras do hino da independência, Foho Ramelau. Em Janeiro de 1975, os alunos voltaram para Timor e mobilizaram a organização estudantil FRETILIN/UNETIM para ir para o campo e começar o trabalho de alfabetização.

Dentre as dificuldades encontradas durante as aulas das escolas populares, destaca-se, primeiramente, a questão do tempo, pois em função de estarem em guerra, não era possível realizar encontros diariamente, já que muitos alunos eram integrantes das FALINTIL, e estavam presentes nos combates armados. Além destes, muitos eram agricultores e tinham suas atividades direcionadas a alimentar os militares e a população que ali se encontrava. Assim, segundo Silva (2012, p. 8), os encontros das aulas, conforme a guerra avançava, começaram a ser realizados apenas duas vezes por semana. Alberto (2015), liderança da UNAER e vice-presidente do movimento, em entrevista, relata que

No mato aprendiam as crianças, mas os FALINTIL também precisam aprender. Então todos passavam pela educação, mesmo aqueles que tinham físico para lutar, pois era necessário ler e escrever. Assim, criou-se escola, para conhecer armas, e para comando da luta (diretório).

FOTO 01 - Guerrilheiros da II Companhia da BV numa aula de alfabetização durante o cessar-fogo, áreas de Bivake, RMFSN-PL. 1983 – FRETILIN



Fonte: DRT - Documentos da Resistência Timorense – AMRT

Outra dificuldade era a falta de materiais disponíveis durante as aulas. (FOTOS 02 e 03). Segundo Alberto (2015), aluno de uma escola da FRETILIN e também educador, “*entre 1973 e 1975, depois, de 1975 até 1979 no mato. Naquela altura, eu também fui secretário da zona, pra ensinar jovens. Mas naquela altura, alunos não usavam caderno, usavam casca de bambu e depois escreviam com coco.*”

FOTO 02 - Alfabetização de um grupo de guerrilheiros das FALINTIL (1983).



Fonte: DRT - Documentos da Resistência Timorense - AMRT

FOTO 03 - Alfabetização de um grupo de guerrilheiros das FALINTIL e civis nas áreas de Bivake, Baucau, Ponta-Leste (1983)



Fonte: DRT - Documentos da Resistência Timorense – AMRT.

Silva (2012) acrescenta que, no setor Centro Norte da Resistência, os educandos utilizavam-se de panfletos jogados pelos aviões indonésios como materiais para as aulas, juntamente com o uso de rochas para escrever.

O povo Maubere soube utilizar os panfletos como recursos advindos do invasor (materialidade do opressor) numa lógica de golpes internos ao regime ditatorial indonésio, como forma de realizar uma educação alternativa de resistência. Esse processo é entendido aqui como uma síntese da resistência, isto é, os timorenses utilizavam desde armamentos até panfletos advindos do invasor para contra ele lutar.

Com relação ao processo educativo, esse é um grande exemplo dos processos de “extensão” e “comunicação” tidos em Freire (1985), isto é, através da “extensão”, os indonésios buscavam convencer os timorenses dos benefícios e da necessidade da integração entre os dois países. Porém, numa lógica de ensino onde todos aprendem juntos é que houve um processo de “comunicação” (FREIRE, 1985).

2.2.3.2. Temas Geradores e Práticas Culturais no processo de alfabetização

Como já relatado anteriormente, a influência de Paulo Freire chega a Timor com alguns portugueses que, diante da necessidade de uma campanha de alfabetização, viram que era imperativo utilizar um ensino que buscasse contrapor o que foi imposto durante séculos de “obscurantismo”, para que, a partir dali, pudesse haver um processo de humanização através da práxis tida em Freire. (SILVA, 2011)

Em outras palavras, de forma incisiva, a FRETILIN define o “obscurantismo” como a maior causa das injustiças sociais e da contínua colonização realizada em Timor, sendo combatido com a promoção de uma educação de massas de caráter alternativo. (SILVA, 2012, p. 8).

Cabe ressaltar que, segundo Silva (2012, p. 1), “obscurantismo” é definido como sinônimo de ignorância, ou seja, “uma oposição à disseminação de conhecimento ou uma política de conhecimento retida do público em geral” (SILVA, 2012, p. 1, tradução nossa). Contudo, partindo de Freire (1977, p. 18), o caso timorense não se define como obscurantismo, pois “Um povo que, apresentando um alto índice de analfabetismo, 90%, do ponto de vista linguístico, é altamente “letrado” do ponto de vista político, ao contrário de certas “comunidades” sofisticadamente letradas, mas grosseiramente “analfabetas” do ponto de vista político”.

Com o desenrolar da luta pela restauração da independência, tem-se como resultado de todo esse processo educativo uma agricultura de cunho revolucionário, batizada como Força de Arma Branca, que garantia a segurança e tarefas de auxílio à FRETILIN (ACÁCIO, 2006, p. 61), isto é, fornecia alimentos, servia como local de informações e esconderijo para soldados das FALINTIL (SILVA, 2012, p. 7), semelhantemente ao ocorrido durante a Guerra do Vietnã. Segundo a revista FUNU de julho de 1980, o padre Leoneto do Rego destaca que,

Havia um organismo da FRETILIN que dirigia a agricultura. Cada família tinha a sua horta e havia uma horta comunal¹⁰⁴ cujo produto se destinava, parte a ser armazenado e parte para alimentar as forças armadas. A população trabalhava livremente nas hortas comunais. Nunca vi alguém que não quisesse trabalhar. O comité central da FRETILIN promovia reuniões, esclarecia o povo, ouvia-o e depois organizava-se o calendário de trabalho de cada um na horta colectiva. As pessoas compreendiam que havia homens¹⁰⁵ a combater e que era preciso alimentá-los. (ACÁCIO, 2006, p. 62).

¹⁰⁴ Conceito ligado às comunas sob influência Russa, no socialismo Russo. (SILVA, 2014, p. 43).

¹⁰⁵ Segundo Acácio (2006, p. 62), cerca de 1000 mulheres estiveram nos campos de batalha.

As bases da resistência da FRETILIN/RDTL foram confrontadas com uma situação precária das necessidades básicas para a subsistência e sustento da resistência. Neste sentido, a educação realizada pela FRETILIN se tornou não apenas num sistema de alfabetização e politização, mas também num sistema de produção de alimentos que integrava um sistema educativo, permitindo crianças trabalharem na agricultura, em função das necessidades do momento. (SILVA, 2012, p. 8).

Silva (2012, p. 7) ressalta que a Educação Popular produzida nesse processo de agricultura revolucionária, baseava-se no ensino da escrita, leitura, geografia e música, além de treinamentos militares e na organização dos educandos para trabalharem nas fazendas comunais.

O uso das ideias de Paulo Freire, a partir de então, iniciou-se pelas Práticas Culturais do Povo, como forma de fazer com que houvesse um ensino contextualizado ao local, que fosse de caráter conscientizador, utilizando-se, assim dos Temas Geradores.¹⁰⁶ Nas escolas da FRETILIN, utilizava-se um Manual Político que propunha discussões direcionadas ao direito de autodeterminação do povo Maubere. (SILVA, 2012, p. 7).

Este processo é denominado como discussão temática que, segundo (SILVA, 2012), ocorria por meio de um *facilitador sira*¹⁰⁷ que conduzia esta atividade a partir de um tema. Silva (2014, p. 39) descreve este processo dizendo que os estudantes organizavam sessões para discussões, nas quais eles falavam e faziam questionamentos frente a frente com o povo em geral, com o intuito de explicar os significados de 25 de abril de 1974 (Revolução dos Cravos em Portugal) e da necessidade da independência. Deste modo, essa parece ser a interpretação do processo de investigação dos Temas Geradores por parte da UNETIM e demais envolvidos.¹⁰⁸ Durante esse processo eram realizadas entrevistas com a comunidade, destacando-se as seguintes perguntas: “Você já foi para a escola? Você quer aprender a ler e escrever? Por que você acha que é importante? Você sabe sobre a revolução em Portugal? Você

¹⁰⁶A presente pesquisa, baseou-se na concepção de temas geradores apontados nas entrevistas e na bibliografia referente a Educação Popular em Timor (SILVA, 2011; 2012; 2014). Numa análise mais aprofundada, em aberto para estudos posteriores, são cabíveis alguns questionamentos: os temas geradores utilizados em Timor, como a palavra *Kuda*, e os demais que serão apontados mais à frente neste trabalho, advêm das falas do povo ou seria uma leitura de mundo do educador sobre os conflitos e contradições presentes na realidade na comunidade? Nesse sentido, haveria um tema ou um contratema gerador (SILVA, 2004)? Cabe destacar que não se conseguiu levantar essas informações no material coletado e pesquisado, abrindo caminho para outros questionamentos: essa interpretação veio através dos portugueses que trabalharam na formação durante o curto período de descolonização ou foi uma interpretação dos próprios professores timorenses? Essas questões são relevantes e pretende-se aprofundá-las em trabalhos futuros.

¹⁰⁷Compreende aqui facilitador como mediador do processo de ensino-aprendizagem e não a realidade como mediadora desse processo?

¹⁰⁸“o pensar do povo com ele” (FREIRE, 1997, p. 102)?

sabe por que as pessoas se juntam em manifestações em Díli? Você é membro de qualquer partido político?” (NICOL *apud* SILVA, 2011, p.135, tradução nossa).

Em contrapartida, ciente de todo um contexto complexo, anteriormente a esse processo investigativo, já havia sido criado um manual para a campanha de alfabetização intitulado *Rai Timor, Rai Ita nian*¹⁰⁹, que continha os conceitos-temas a serem compreendidos pelos educandos, utilizando-se do método Paulo Freire¹¹⁰ sobre conscientização.¹¹¹ (SILVA, 2014, p. 39).

No entanto, anteriormente à instalação de escolas da FRETILIN, havia um processo de investigação realizado por membros da UNETIM (aproximadamente 200 estudantes). (NICOL *apud* SILVA, 2011, p.135). Após isso, a comunidade era convidada a se juntar às sessões de discussão, nas quais, todos tinham voz. (SILVA, 2011, p.135).

Com relação ao Manual da FRETILIN - UNETIM (*Rai Timor, Rai Ita nian*), cabe destaque a sua aplicação primeira na escola-piloto em Aisirimou (Aileu – Timor-Leste). Nesse sentido, Abilio Araujo e Guilhermina dos Santos apresentaram os conceitos de independência nas aldeias, utilizando-se da palavra *kuda* e todo o seu significado em torno dela. Em outras palavras, Leach (2013, p. 265) acrescenta:

Essa mistura foi evidente nas campanhas de alfabetização em língua vernácula, o Tétum, utilizando o manual de alfabetização "Timor Rai Rai Ita Niang" (sic) [Timor é o nosso país] (1975), que centrou-se na vida dos moradores comuns, e usou as lições como um veículo para explicar a natureza exploradora das relações sociais coloniais, e no caso da independência.

Seguindo o mesmo raciocínio, Silva (2014, p. 44, tradução nossa) salienta que “militantes e simpatizantes da FRETILIN constroem escola com materiais locais (...) composta por crianças, jovens, idosos, e assim todos eles aprendem com currículo único;”¹¹² currículo este que tinha como foco uma alfabetização que ensinava a escrever, a ler e a contar números.

¹⁰⁹ Terra de Timor, nossa terra.

¹¹⁰ Método ou métodos contidos em Paulo Freire?

¹¹¹ “Manual aqui, não usa também o método Paulo Freire (sic) sobre conscientização.” (SILVA, 2014, p. 39, tradução nossa)

¹¹² “Militantes e simpatizantes da FRETILIN construíam escolas com os materiais que tinham no momento.” (SILVA, 2014, p. 44, tradução nossa).

Utilizava-se, assim, de músicas como *Eh Foho Ramelau*¹¹³ como prática cultural. (SILVA, 2014, p. 44)¹¹⁴.

Em entrevista realizada por Silva (2012, p. 4) com Manuel Coelho, este ressalta que alguns educadores apoiavam-se nos métodos freireanos de Temas Geradores por facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Porém, ressalta-se que essa utilização não foi maciça, pois, em função da natureza da guerra, houve dificuldades em aplicar os Temas Geradores, pois requeria um longo processo de investigação. (SILVA, 2012, p. 4). Observa-se, deste modo, que não há um conhecimento superficial, mas aprofundado no funcionamento dos Temas Geradores, pois, segundo Freire,

Tanto quanto a educação, a investigação [precisa] constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicamente.” Isto é, a educação está junto ao processo de investigação, sendo que ambas requerem um longo processo de contextualização, sendo necessário o grande empenho de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Até porque, “Investigar um tema gerador é investigar (...) o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é a práxis. (FREIRE, 1997, p. 98)

2.2.3.2.1. Como eram utilizados os Temas Geradores

No que se refere às práticas de alfabetização, em especial na língua Tétum, utilizava-se o ensino das vogais ‘a’, ‘e’, ‘i’, ‘o’, ‘u’ para, então, formarem as sílabas ‘ka’, ‘ke’, ‘ki’, ‘ko’, ‘ku’ e, assim, formar palavras geradoras, como é o caso do *kuda*. A partir daí, traduzia-se para a língua portuguesa (cavalo). Outros exemplos de palavras utilizadas no ensino foram: *Ai* (árvore), *ema* (pessoa/humano), *inimigu* (inimigo), *kareta* (carro). Dessa forma, os educandos compreendiam muito rapidamente por se tratar da situação deles no momento. Com relação aos números, estes eram trabalhados, na maioria das vezes, utilizando-se da língua materna específica de cada região. (SILVA, 2012, p. 5; SILVA, 2014, p. 49).

Silva (2015) dá o seguinte depoimento com relação à utilização do *kuda* no processo de alfabetização que englobava desde a educação infantil até o ensino de adultos:

¹¹³“Os portugueses gostavam de afirmar que o Ramelau de Timor era a montanha mais alta de Portugal. Agora, a FRETILIN usa a montanha em sua canção como um símbolo do novo Estado que pretendem chamar Timor-Leste.” (STANNARD *apud* SILVA, 2014, p. 52, tradução nossa)

¹¹⁴ Não foi possível identificar claramente, no material pesquisado, se as práticas culturais como, por exemplo, as músicas e poesias utilizadas junto à campanha de alfabetização estavam na boca do povo ou foram os educadores como mediadores do processo de ensino e aprendizagem que as introduziram com o uso dos manuais. Nesse sentido, cabe aqui uma abertura para uma nova pesquisa, talvez em nível de doutorado para a temática.

Em 1974, houve pelo menos quase oitenta e pouco por cento dos timorenses que não foram literados, alfabetizados, eram a maioria da população. Então independência seria difícil se a FRETILIN não iniciasse campanha de alfabetização, literacia para eles¹¹⁵ poderem desenvolver a vida e ter um progresso social além de progresso político. Então começou o uso de Paulo Freire através do método temático. Foi interessante, em Brasil foi um conceito importante para educar os trabalhadores, tijolo identificado através do “halo umah”¹¹⁶ (construir casas), isso foi em Brasil. Em Timor na altura, o conceito Kuda¹¹⁷ foi o principal, porque o dono da Kuda são os Malais¹¹⁸ colonialistas, são os Liu Rais¹¹⁹, as elites coloniais, mas o povo dada Kuda¹²⁰, conduzem o kuda, cultivam o Kuda mas o kuda é do Malai¹²¹. Então conceito Kuda¹²² é utilizado em relação a um sistema de escravidão que os timorenses passaram em relação à terra, os timorenses trabalham com Malai, e Malai tem muitos kudas e o malai é dono dos kudas. Então conceito Kuda foi principal nas bases de apoio e literacia. Assim como tema gerador era utilizado de forma que objetivava pensar que o timorense precisa cuidar de seu Kuda próprio e pra si, não mais para os colonialistas. Karasi kuda tali¹²³, Ukun rasik-an, o kuda, conceito kuda foi o principal, é a mesma prática temática, discussão temática do Paulo Freire.

De forma complementar, Silva (2012, p. 5), acrescenta que *kuda* é um animal muito popular em Timor e que está ligado a todo um processo de opressão. No mais, a palavra *kuda* é encontrada na música revolucionária, *Foho Ramelau: Hader, kaer rasik kuda tali eh. Hader! Ukun Rasiknita rai eh!* (Acorda, toma as rédeas do seu próprio cavalo! Acorda, governemos nós próprios a nossa terra!). Dessa forma, era realizado um ensino que buscasse trabalhar com a realidade local, a partir de músicas locais. *Kuda* então é uma palavra-chave utilizada nesse contexto em que as palavras e temas geradores eram utilizados nas bases da resistência, na língua *Tétum*, como aspecto cultural da luta pela resistência. (SILVA, 2012, p. 5-6).

Em decorrência, Silva (2015) destaca que *kuda* é o conceito principal que engloba outras palavras como *ukun-rasik-an* (independência). É entendido, portanto, como um conceito necessário de se compreender para que pudesse haver o entendimento dos objetivos da luta. (SILVA, 2012, p. 6).

Constata-se, dessa forma, que se utilizando do *Kuda* como conceito principal, foi realizado um “esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja

¹¹⁵ O povo timorense.

¹¹⁶ Na língua *Tétum*, significa construir casa.

¹¹⁷ Na língua *Tétum*, significa cavalo.

¹¹⁸ Estrangeiro, similar ao que se intitula gringo no Brasil, porém Malai nem sempre é tratado de forma pejorativa.

¹¹⁹ Rei local existe até os dias atuais, mas com poderes limitados. São timorenses donos de terras.

¹²⁰ Na língua *Tétum*, significa puxar cavalo. Em outras palavras, pode-se dizer que, enquanto os Liu-rai e Malais e portugueses andavam em cima do cavalo, os timorenses apenas puxavam e não o tinham.

¹²¹ Estrangeiro, similar a gringo no Brasil, porém, Malai nem sempre é um termo pejorativo. No presente caso, Malai refere-se aos portugueses donos de terras.

¹²² Conceito *Kuda* é utilizado como Tema Gerador em Paulo Freire.

¹²³ Significa ser dono do cavalo agora, em língua *Tétum*.

análise crítica lhes (...) [possibilitasse] reconhecer a interação de suas partes.” (FREIRE, 1997, p. 96) Partes estas que podem ser entendidas conjuntamente com os demais conceitos utilizados dentro dessa campanha.

Como se objetivava um ensino conscientizador,¹²⁴ a questão política era trabalhada através de músicas revolucionárias como Pátria-Pátria (Anexo 05), Foho Ramelau (Anexo 02) e outras. (SILVA, 2012, p. 7). Silva (2015) ainda registra:

(...) a educação de Paulo Freire para a conscientização através das práticas culturais do povo (poesia, Tebe-Tebe¹²⁵) e outros materiais utilizados para consciencializar¹²⁶, eram utilizados como? Introduzindo-se conceitos políticos através das poesias, musicas que os timorenses costumavam cantar, etc...

Assim, através desses conceitos, almejou-se um novo conhecimento para transformar a realidade social¹²⁷ (SILVA, 2012, p. 6) voltada para o processo de emancipação perpassado pelas necessidades e aspectos de Timor. Até 1975, o ensino era realizado pelos portugueses e, como Timor era uma colônia portuguesa, eram estudados aspectos referentes à história, geografia e língua de Portugal. Assim, esse novo conhecimento utilizado a partir da campanha de alfabetização em 1975, buscava favorecer um ensino contextualizado a Timor, suas lutas e demais necessidades, sendo essa educação entendida como Pedagogia Maubere. (SILVA, 2014).

Um exemplo, nesse caso, era o ensino de geografia, sendo que as escolas da FRETILIN ensinavam os conteúdos geográficos não como nas escolas do período português, mas referente à geografia do novo Timor-Leste. (SILVA, 2012, p. 7)¹²⁸

De forma geral, destaca-se que, diferentemente do processo de obscurantismo proporcionado pela educação portuguesa e, conseqüentemente, pela educação advinda da Indonésia, a campanha de alfabetização da FRETILIN buscou não uma concepção ingênua (FREIRE, 2010), mas sim uma educação humanizadora.

¹²⁴ “*Praxis learning*” (SILVA, 2012, p. 6).

¹²⁵ Dança e música cultural timorenses.

¹²⁶ Conscientizar.

¹²⁷ “(...) *utilization of new knowledge to transform the social reality.*” (SILVA, 2012, p. 6)

¹²⁸ “*The FRETILIN schools taught geography, not as the Portuguese schools had taught it, but the ‘Geography of the new Timor-Leste’.*” (SILVA, 2012, p. 7)

2.2.4. A Educação Popular no Distrito de Ermera

Como forma de compreender a Educação Popular no distrito de Ermera, lócus desta dissertação, faz-se necessário compreender esse processo no país, pois, apesar das especificidades, Ermera encontra-se altamente inserida no processo de luta pela independência num primeiro momento e, num segundo momento, ligado a uma luta de resistência contra a invasão indonésia em seu território.

Por outro lado, faz-se necessário destacar algumas especificidades, já que Ermera possui uma grande relação econômica com a agricultura em função de o principal produto de exportação do país ser o café.

Cabe ressaltar que, em consequência dessa produção, o povo Mambai¹²⁹ resistiu contra os domínios português e indonésio em função dos longos anos de exploração com relação à terra.¹³⁰

Segundo Miro (2015), atuante na Escola Fulidaidai-Slulu, *“A iniciativa para promoção da Educação Popular em Ermera, inicia-se no período em que Timor estava sob administração portuguesa e depois continua no período indonésio.”* Isto é, inicia-se com a campanha de alfabetização realizada pela parceria FRETILIN-UNETIM em 1974. Nesse sentido, segundo Silva (2015), a Educação Popular esteve ligada *“com o movimento nacional anti-imperialista anticolonialista”*, que propiciou *“medidas para a realização de reforma agrária, para apoiar o povo a produzir alimentos com o intuito de autossuficiência, sendo objetivo básico da luta de libertação”* (SILVA, 2015). O autor ainda ressalta que essa produção de alimentos esteve ligada a um programa de Educação Popular que se utiliza de uma *“produção agrícola comunal: economia familiar, economia comunal.”* (SILVA, 2015)

Silva (2011, p. 129) também aponta a presença de Sahe e do Presidente da RDTL, Francisco Xavier do Amaral, em Ermera, durante a campanha de alfabetização e sua prática:

Sahe e alguns membros UNETIM viajaram com o Presidente da FRETILIN Francisco Xavier do Amaral para Atsabe em Ermera, para fazer campanha para a FRETILIN no final de 1974. Na chegada, eles encontraram soldados portugueses presentes em reunião com as pessoas da aldeia. Sahe disse: "as armas do povo não pode ser usado contra o povo." Isso causou tensão entre os soldados portugueses presentes, forçando Sahe a abandonar a reunião mais cedo.

¹²⁹ Povo Mambai é uma das diversas etnias existentes em Timor. Nesse sentido, a língua desse povo é denominada de mesmo nome.

¹³⁰ Questão que será melhor discutida no capítulo 3.

Nesse mesmo contexto de Ermera, o vice-presidente da UNAER, Sr. Alberto, relata sobre sua experiência de quando foi aluno de uma das escolas da FRETILIN, considerando seu cunho revolucionário e político ligado à luta pela terra:

Naquela altura, meu pai era comandante¹³¹ e no tempo português era soldado, que tinha tática para organizar a guerra, mas não sabia escrever, então ele disse para mim: “você vai ser o meu secretário” e, assim, eu comecei a estudar com política para ganhar a luta para libertar o Timor. Fiquei em Railaco¹³² quase dois anos, e depois o meu tio, ele também estava a lutar contra a indonésia e fomos a escola por três anos. Voltei como secretário de Suco, ficando por quase 2 anos e, assim a luta política para a reforma em Timor-Leste continua. (Alberto, 2015)

Assim, percebe-se que essa educação realizada pela FRETILIN se espalhou por praticamente todos os cantos do país, utilizando-se do trabalho de base e tendo como influência tanto Paulo Freire como Mao Tsé-Tung e Amílcar Cabral. Evidentemente que todas essas influências foram condicionadas e constituídas pelo momento histórico e pelas condições materiais do país. Foram, sem dúvida alguma, avanços com relação à Educação anteriormente existente, almejando-se um rompimento da educação “bancária” realizada até então. A própria utilização das ideias de Paulo Freire, como uma das principais influências para a Educação em Timor, representou um avanço no processo de emancipação em relação às invasões ocorridas no espaço timorense.

É relevante destacar, também, em relação à utilização dos Temas Geradores de Freire (1997) que, apesar de já haver um material criado previamente para a campanha em 1974/1975, não se pode deixar de considerar que houve a realização de um processo de investigação temática.¹³³ Este teve o intuito de conhecer o contexto dos educandos, tanto em relação aos níveis de escolaridade, quanto em relação aos possíveis interesses de estudo, e houve, posteriormente, sessões para discussões dialogadas. Dessa forma, essa busca por aproximações com os Temas Geradores resultaram no uso de conceitos locais de Timor, utilizando-se recursos didáticos ligados à cultura timorense.

¹³¹ Período indonésio.

¹³² Subdistrito de Ermera.

¹³³ A compreensão de investigação temática pelos timorenses, baseia-se principalmente nas sessões de discussão. Através desses momentos, todos tinham o direito de expor suas ideias ligadas às “situações-limites”. Porém o que ocorreu foi que a seleção de conteúdos a serem ensinados precederam o processo de investigação temática. Para Freire (1997) a investigação temática precede a seleção de conteúdos, para que assim possam ser constatadas as “situações-limites”.

Portanto, desde já, é possível afirmar que houve a influência da concepção de Educação Popular, inspirada nas ideias de Paulo Freire, na formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu no distrito de Ermera.

Assim, nos capítulos subsequentes, realizamos uma reflexão maior com relação aos conceitos de Temas Geradores, diálogo e investigação temática.

No tempo em que estive no Timor fui participante da formação da Escola Fulidaidai-Slulu, tendo reunido, além da experiência, documentos que relatam com maior intensidade *como* aconteceu essa formação da Escola inspirada em Freire podendo ainda apontar perspectivas para o futuro.

3. A ESCOLA DE ECONOMIA FULIDAIDAI-SLULU

Considerando a Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu (EEPFS) como resultado histórico de uma educação que buscou a restauração da independência em Timor-Leste, observa-se que esse processo educativo (EEPFS) está relacionado a uma economia local, representando um dos momentos da Educação Popular em Timor.

Num primeiro momento, realizou-se um processo educativo com intuito de libertação nacional (Pedagogia Maubere). Seu objetivo principal era o de combate ao analfabetismo ligado a uma luta pela Reforma Agrária, já que portugueses e indonésios realizaram o processo de monopólio da terra, deixando os timorenses em um regime de quase escravidão.

Após a restauração da independência, há registros nos materiais pesquisados, de outras formas de educação que, de uma forma ou de outra, estão interligadas à Pedagogia Maubere e ao que se têm hoje com a Escola de Economia Fulidaidai-Slulu.

Em meados de 2004, houve a formação de uma escola para lideranças dos agricultores com o intuito de promover a reforma agrária. Essa escola foi organizada pelo *Sahe Institute for Liberation*¹³⁴ e denominou-se Escola de Libertação dos Agricultores. De acordo com Miro (2015), essa

*(...) atividade de Educação Popular[objetivava] facilitar [o] ensino em comunidades, para cozinhar, preparar alimentação com o intuito de boa nutrição, aprender a ler e escrever. Esse processo realizou-se por 3 meses, em 3 bases: Ermera, Sakoko e Lequise*¹³⁵.

No contexto atual, pode-se dizer que a “*Escola de Economia Fulidaidai teve início com a Escola de Libertação dos Agricultores. Esta última como sendo de forma mais radical.*” (MIRO, 2015). De forma mais detalhada, Leo (2015) afirma em entrevista que a Escola de Libertação dos Agricultores, era uma

*(...) escola para militantes, facilitado pelo Instituto Sahe em Dili. Depois parou. Davam formação para todos os organizadores, por exemplo em Ermera para Maun Amaro*¹³⁶, *Maun Alberto*¹³⁷, *Maun João, com formação para eles*

¹³⁴ ONG que possui nome em homenagem a Vicente Maria Reis (Sahe), uma das principais figuras da Pedagogia Maubere.

¹³⁵ Aldeias

¹³⁶ Presidente da UNAER.

¹³⁷ Vice-Presidente da UNAER.

organizarem comunidade, mas agora não continua. Mas conceito não era igual, quase igual. Buscava formar pessoas que depois voltariam para os companheiros na base e assim organizariam enfrentamentos (ocupações de terras).

Em meados de 2006, ocorreu outro processo educativo relevante, qual seja, uma campanha nacional de alfabetização, tida como campanha de massa. Esse momento da Educação no país teve apoio da cooperação cubana por todo o território leste timorense.¹³⁸ Em função de problemas políticos advindos da crise de 2008 em Timor, o governo da RDTL acabou por não mais continuar a campanha. (BOUGHTON, 2008).

No projeto da criação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, é citado no documento que a campanha de alfabetização realizada com apoio do governo de Cuba foi uma influência para a criação da escola hoje, porém, com alguns objetivos diferentes. A EEPFS além de uma campanha de alfabetização, buscou outras dimensões, a saber, a denominada gestão democrática, a agricultura ecológica e outras características contidas no interior da Economia Solidária.¹³⁹

3.1. Economias Fulidaidai e Slulu

Para compreender as Economias Fulidaidai e Slulu, parte-se do pressuposto de que são economias locais de Timor-Leste e que podem ser traduzidas, em âmbito internacional, como Economia Solidária.¹⁴⁰ Em entrevista, Silva (2015) afirmou que “*Economia Solidária é promovida no Brasil, mas o solidário tem outro nome. Solidário em Timor é chamada Fulidaidai (...) outro conceito com mesma prática.*” (SILVA, 2015). Nesse mesmo sentido, Lucca (2014, p. 1), afirma que essas formas de economia podem ser traduzidas “como ‘cooperativa’ em linguagem mais acadêmica, fazendo, por vezes, com que a ‘economia *fulidaidai*’ ou a ‘economia *slulu*’ seja definida também como ‘economia solidária’.”

A economia solidária, que se distingue em diversas formas da economia capitalista, é formada por uma constelação de formas democráticas e coletivas de produzir, distribuir, poupar e investir. Suas formas clássicas são relativamente antigas: as cooperativas de consumo, de

¹³⁸ Ler Boughton (2008).

¹³⁹ Há, na Economia Fulidaidai e Slulu grandes proximidades com o que se convencionou denominar de Economia Solidária no Brasil, embora não haja um consenso sobre essas experiências na literatura brasileira aquelas analisadas por Singer, Gaiger e outros guardam relações com Economia Fulidaidai e esta é uma temática que será explorada no prosseguimento das minhas pesquisas sobre o Timor, seja por meio de novas incursões, seja por meio do material já anteriormente coletado.

¹⁴⁰ Atenta-se aqui para a necessidade de um maior aprofundamento na comparação entre as Economias Solidária e Fulidaidai-Slulu numa pesquisa posterior.

crédito e de produção, que datam do século XIX. Elas surgem como solução, algumas vezes de emergência, na luta contra o desemprego. (SINGER, 1998, p. 82)

Da mesma forma, segundo Singer (2000, p. 13), a Economia Fulidaidai-Slulu se materializa, dentre outras formas, através do cooperativismo, sendo a cooperativa de produção tida como unidade típica da Economia Solidária, “cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção; gestão democrática da empresa; repartição da receita líquida; destinação do excedente anual aos cooperados.” (SINGER, 2000, p. 13)

Um exemplo é a cooperativa da aldeia Sakoko, onde se realizou um processo de reforma agrária após a independência, em 2002. Nas palavras de Alberto (2015), “*Amaro em Sakoko, e meu colega João Alves organiza comunidade, distribui plantação, depois nós três, fizemos uma socialização, conscientização para outras plantações, para ganhar a participação dos agricultores.*” (ALBERTO, 2015).

Essa forma de cooperativismo, mantida em várias nações onde se manifestam a solidariedade econômica, ressurgiu a partir de uma crise no mundo do trabalho.¹⁴¹ Traz as marcas da crise ideológica da esquerda além da necessidade de enfrentar o neoliberalismo e a crise das relações de trabalho intensificadas, após a adoção, quase hegemônica, das políticas neoliberais. É desta forma que se observa esse

(...) ressurgimento da Economia Solidária em muitos países e (...) [havendo] indícios da criação, em número cada vez maior, de novas cooperativas e formas análogas de produção associada e ainda tantas outras experiências que buscam conjugar economia e solidariedade nas relações de produção. A esse respeito, podemos enumerar, por exemplo: o movimento de autogestão de empresas pelos trabalhadores; o comércio équo e solidário, agricultura ecológica, consumo crítico, consumo solidário, Sistemas Locais de Emprego e Comércio (LETS), Sistemas Locais de Troca (SEL), Sistemas Comunitários de Intercâmbio (SEC), rede global de trocas, economia de comunhão, sistemas de microcrédito e de crédito recíproco, bancos do povo, bancos éticos, grupos de compras solidárias, movimentos de boicote, sistemas locais de moedas sociais, cooperativismo e associativismo popular, difusão de *softwares* livres, entre muitas outras práticas que costumam ser situadas como alternativa ao modelo vigente, entrando no vasto campo da chamada Economia Solidária. (LEITE, 2010, p. 153)

É dessa forma que a Economia Fulidaidai-Slulu se manifesta com as especificidades de Timor-Leste, num contexto agrário ligado a uma agricultura ecológica, na busca do comércio

¹⁴¹ Ler Antunes (1999).

équo e solidário. Da mesma maneira, seu surgimento está ligado a uma solidariedade indígena do país, tendo seu ressurgimento após o processo de restauração da independência em 2002 e havendo, assim, junto a este processo, a luta pela reforma agrária, destacando como principal integrante a União dos Agricultores de Ermera. É através desse movimento que “*pequenos agricultores e muitas pessoas realizam iniciativas para realizar atividades de construir casas juntos, servisu hamutuk*¹⁴², e outras atividades para aquisição de *osan hamutuk*¹⁴³ para construir *kios*¹⁴⁴, fazer cooperativas.” (MIRO, 2015)

3.1.1. As raízes da Economia Fulidaidai-Slulu e sua contextualização no Timor-Leste

Como as Economias Fulidaidai e Slulu constituem-se como economias baseadas numa solidariedade indígena de Timor-Leste, esses conceitos derivam, então, de línguas locais do país, com destaque para as línguas Makalero e Mambai. Ambos os termos significam trabalho conjunto, trabalho coletivo ou trabalho solidário. “A palavra *fulidaidai* em makalero, língua falada ao sul do distrito de Lautém, significa ‘trabalho conjunto’ ou ‘trabalho coletivo’. A palavra *slulu* em Mambai, língua falada no distrito de Ermera, tem o mesmo significado.” (LUCCA, 2014, p. 1). De forma mais detalhada, Fulidaidai

*(...) vem da língua Makalero de Los Palos, significa trabalhar junto, traduzindo significa cooperativa. Mas na verdade é que em Timor nós temos também o termo que descreve que explica sobre esta ação de vir junto e trabalhar junto para ajudar uns aos outros, para ter benefícios iguais, então economia fulidaidai é este trabalho junto. Contemporaneamente, significa cooperativa (...). Então desde tempo dos avós, eles já praticavam essa ideia, este trabalho. Em vez de trabalhar sozinho, para trabalhar em meu to'os*¹⁴⁵, em minha plantação de café. Busca-se trabalhar com meus colegas, vizinhos, para trabalho junto. Essa é a ideia de Economia Fulidaidai, trabalho junto. Mas não é dependência (ser dependente de um dono de terra), vou trazer o que eu tenho para juntar e depois fazer benefício para todos os membros. Isso é o que eu entendo sobre economia Fulidaidai. Escola Fulidaidai também Slulu. Nós temos também Fulidaidai traço Slulu, Slulu é em Mambai. (UKA, 2015).

Nesse mesmo sentido de trabalho cooperativo, Silva (2008) destaca que Fulidaidai deve ser definido de duas maneiras: lutar em conjunto e caminhar em conjunto. A luta em conjunto vem no sentido da defesa da comunidade, sendo uma prática comum nos primórdios da

¹⁴² Servisu Hamutuk, na língua Tétum, significa trabalho conjunto ou mesmo trabalho cooperativo.

¹⁴³ Dinheiro coletivo.

¹⁴⁴ Pequenas vendas familiares.

¹⁴⁵ Agricultura local.

sociedade timorense agrária. O caminhar em conjunto está relacionado a um trabalho em conjunto (coletivo). Isso tudo resulta numa solidariedade social, solidariedade com o outro.

Assim, cabe destacar que essas formas de economias locais derivam de uma solidariedade indígena potencializada pela Pedagogia Maubere e ligada à FRETILIN entre os anos de 1974 e 1999. (SILVA, 2008). Desta forma, pode-se dizer que

(...) é um tipo de solidariedade indígena, porque todas as regiões (países) têm essa forma de solidariedade como Fulidaidai, servisu Hamutuk, trabalho conjunto, construir casas, cultivar as terras. (...) Este conceito é encontrado em todos os territórios e ainda sobrevive. Não é maior que o capitalismo, mas ainda sobrevive. (SILVA, 2015)

Em outras palavras, pode-se dizer que não apenas estes dois conceitos estão presentes em Timor-Leste, mas diferentes denominações para o mesmo significado, isto é, “*não temos conceito chamado solidário, mas outro conceito com a mesma prática.*” (SILVA, 2015).

Nesse sentido, Lucca (2014, p. 2) destaca que o uso de conceitos tradicionais e modernos, tratando-os como um conceito de solidariedade indígena, causa certa confusão conceitual.¹⁴⁶ Porém, “*demonstra grande autonomia intelectual na apropriação local, seletiva e intencional, de novos conceitos e interessantes ideias-chave que circulam globalmente.*”

Essa solidariedade (aproximação com a Economia Solidária) está presente em várias localidades de Timor ou, mais especificamente, em cada área de determinados grupos etnolinguísticos do país:

TABELA 03 - A manifestação das economias locais no território timorense

ECONOMIA LOCAL	GRUPO ETNOLINGUÍSTICO	LOCALIZAÇÃO PREDOMINANTE¹⁴⁷
Arosan	-	Laklubar
Figuini	Makasae	Baucau
Fulidaidai	Makalero	Iliómar
Hakawak	Tetun Terik	Suai/Maliana
Kawak	Bunak	-
Slulu	Mombae	Ermera
Ulu-Ini	Nauheti	Uatocarbau

Fonte: Elaboração própria.

De forma geral, pode-se dizer que “*Timor tem essa economia fulidaidai em prática nas pequenas sociedades de Timor, em aldeias, em sucus. (...) [Assim] quando pesquisamos mais*

¹⁴⁶ Ponto a ser abordado numa pesquisa futura.

¹⁴⁷ Vide Mapa 03.

à fundo, vamos descobrir que também nos dialetos tem essa ideia, o termo de servisu hamutuk¹⁴⁸, junto.” (UKA, 2015)

Através dessas denominações, é possível destacar um exemplo relacionado à presente pesquisa, pois não apenas na agricultura por meio da UNAER, é que se manifesta essa forma de economia solidária timorense nos dias atuais, mas como ressalta Silva (2008), através de uma cooperativa localizada no Distrito de Lautém denominada *Sentru Kooperativu Haburas Kultura Timor* (SKHKT), uma organização de mulheres realiza a confecção de tais¹⁴⁹ e uma variedade de *souvenir* com mercado na Austrália.

De forma regional, destacando o contexto territorial Ásia-Pacífico, a manifestação dessa economia direcionada à solidariedade está presente na Indonésia e Austrália:

Em Indonésia havia um professor chamado Ubiato, ele já está morto. Além dele surgiram mais outras pessoas em Indonésia que falavam sobre a mesma prática de economia: economia raia, economia do povo. Acho que essas práticas tem que ganhar espaço universal, para haver redes fora do país. Em Darwin¹⁵⁰, por exemplo, tem um conceito chamado Gharma, a cada dois anos os aborígenes, no Norte de Anamblar, celebram uma festa chamada Gharma Festival. Gharma é Fulidaidai. Eu fui lá, e escrevi em 2010 sobre este Gharma, que é Fulidaidai na Austrália e na Indonésia tem também, chamado de economia raia. (SILVA, 2015)

De forma geral, essas formas econômicas constituem-se na reafirmação da crença nos valores centrais de uma solidariedade indígena, somada à essência do movimento operário, ou seja: democracia na produção e na distribuição; luta direta dos movimentos sociais pela geração de trabalho e renda; luta contra a pobreza e a exclusão social. (SINGER, 2000).

Desse modo, essas formas econômicas surgem como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. (SINGER, 2000).

Essa luta, ligada a movimentos sociais, pode ser destacada, hoje, no Timor-Leste pela ação do principal movimento de luta a favor da reforma agrária no país: a União dos Agricultores de Ermera. Este movimento idealizou o desenvolvimento de uma educação que buscasse suprir as necessidades locais, sem deixar de lado o caráter político e conscientizador, objetivando a emancipação do timorense perante o monopólio da terra ligada a uma (des) ordem econômica. Silva (2015), ilustra essa idealização, relacionada à Economia Solidária, a partir do

¹⁴⁸ Trabalho conjunto na língua Tétum.

¹⁴⁹ Tecido local de Timor-Leste, que está ligado às celebrações locais.

¹⁵⁰ Principal cidade no norte da Austrália.

questionamento: “*Por que não utilizamos este espírito para desenvolver economia do povo, economia de raiz?*”. Nesse processo, dá-se

(...) especial destaque às relações com os movimentos sociais, às alternativas frente ao poder local e aos aspectos legais da organização popular comunitária, que deve desenvolver-se considerando alguns princípios educativos básicos, tais como: participação, motivação, diálogo, descentralização e as relações no interior da própria organização e desta com outras organizações. (GADOTTI, 2009, p. 19-20).

Assim, buscando um processo educativo que englobasse as necessidades locais em correlação com o desenvolvimento da Economia Solidária em Timor, o Professor Dr. Antero Benedito da Silva relata a Lucca (2014, p. 2) que “os timorenses da montanha não conhecem a palavra-conceito “cooperativa”, de modo que um dos esforços dos formadores do curso é fornecer conteúdo conceitual e crítico para as práticas tradicionais de trabalho comunitário já desenvolvido nas aldeias”, pois “*o povo sobrevive com seu próprio sistema de economia local.*” (SILVA, 2015). Em outras palavras, almeja-se um processo educativo ligado às economias locais de Timor, com o objetivo de desenvolver “*estas dimensões nacionais em Timor, os cafés, os camponeses, a agricultura de subsistência.*” (SILVA, 2015)

3.2. Processo educativo por meio da Economia Fulidaidai

Durante toda a realização da pesquisa, em vários momentos, fui questionado por colegas de trabalho sobre o porquê de o nome dessa escola se restringir a apenas dois termos: Fulidaidai e Slulu. Em conversas com os envolvidos no processo de construção da escola, especialmente os timorenses, constatou-se que o principal motivo dessa denominação é o fato de haver um maior desenvolvimento das economias locais no distrito de Lautém e Ermera, sendo que um objetivo futuro é que esta escola venha a ser reconhecida por todo o território timorense, num sentido de pertencimento, de pertencer a esta forma de economia. Nas palavras de Silva (2015), “*sendo primeiro um sistema de sentimento de dono, de pertencimento, sendo uma coisa encontrada na comunidade, tem uma força natural, se podemos promover...*”. (SILVA, 2015). De forma complementar, afirma-se que a denominação está ligada a uma “*relação emocional e conceitual forte na luta pelo direito pela terra.*” (MIRO, 2015).

Desta forma, os conceitos englobam uma solidariedade ligada a uma luta pela independência no sentido da emancipação através da práxis, do mesmo modo a “economia solidária destaca-se como um rico processo em curso, regido pelos princípios da solidariedade

(...) e da emancipação.” (GADOTTI, 2009, p. 25). De forma geral, mesmo com as várias denominações presentes em cada localidade,

O que há de comum em todas essas denominações é que todas estão associadas a uma “outra economia”, articuladas como um projeto de sociedade que implica novos valores, acentuando o papel da educação popular em seu caráter participativo, contestatório, alternativo e alterativo. Daí concluímos que a economia solidária é uma práxis pedagógica. (GADOTTI, 2009, p. 23).

Práxis pedagógica aqui, refere-se a “duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidária, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentida, imediatamente, a outra.” (FREIRE, 1987, p. 77). Isto é, considerando “o papel da prática na constituição do conhecimento e, conseqüentemente, o rol da reflexão crítica sobre a prática. A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade”. (FREIRE, 2010, p. 59). Desta forma, nesse sentido ligado a práxis, ligando a prática do dia a dia à reflexão, é que surge o papel das ideias de Paulo Freire como influência na Educação Popular hoje em Timor, mais especificamente na construção da EEPFS:

No início do projeto da escola, a inspiração veio de Paulo Freire, para transformação humana, descentralização da educação para se ter uma sociedade crítica considerando a educação como chave para transformação humana. Então baseia-se em ideias de Paulo Freire, sendo inspiração para os militantes¹⁵¹, como professor Antero, que elabora ideias para atividades de Educação Popular. Agora, Escola Fulidaidai tem princípio de pensamento de Paulo Freire, aprende com sociedade, num processo de aprendizagem para mudança de situação. Também, eu penso que escola Fulidaidai, tem eficiência e é eficaz para transformar ciência de pessoa para pessoa, buscando a ciência¹⁵² local: Escola Fulidaidai desenvolve criatividade local e aprende com o conhecimento local. Assim, elabora-se a Escola Fulidaidai. (MIRO, 2015)

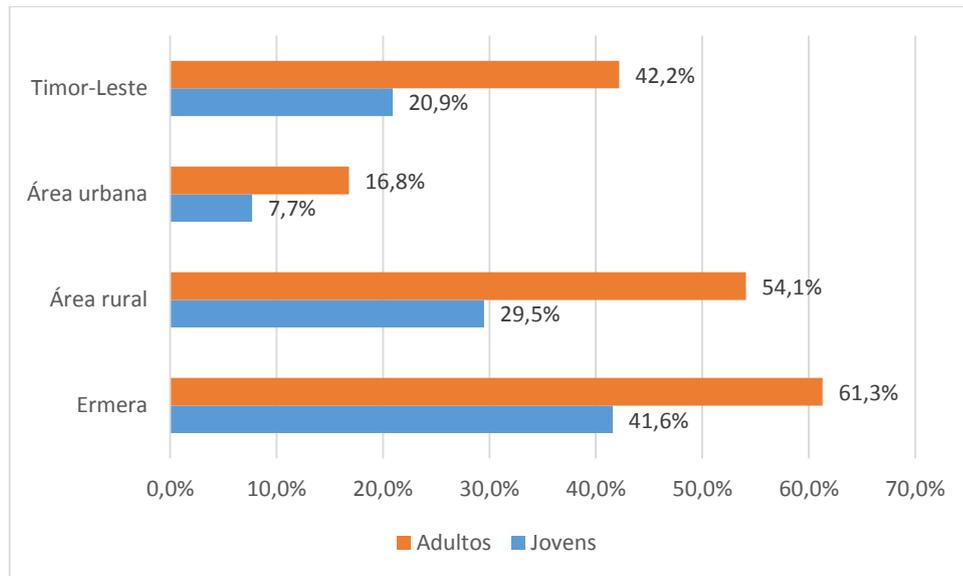
Nas palavras de Gadotti (2009, p. 17), é “preciso associar a consciência crítica e organizativa ao produtivo, ao trabalho e à renda.” Nisso, “*Fulidaidai é termo local, na língua Makalero de Los Palos e, significa servisu hamutuk*¹⁵³. Então escola é escola hamutuk, aprende hamutuk, além de aprenderem com professores, aprendem com estudantes e com companheiros.” (MIRO, 2015). Em outras palavras, pode-se dizer que essas próprias práticas econômicas são processos educativos, pois “*Sentido de Fulidaidai é em português trabalho conjunto, aprende-se juntos*” (ALBERTO, 2015) e, assim, com o projeto de construção da EEPFS, faz-se necessário que ela possua também um caráter horizontal.

¹⁵¹ O termo ativista em Timor significa militante.

¹⁵² É possível interpretar ciência nesse caso, como saberes locais, consuetudinários.

¹⁵³ Trabalho junto, trabalho solidário, etc...

GRÁFICO 01 - Taxa de analfabetismo em Timor-Leste



Fonte: RDTL - Censo 2010 (adaptado)

Analisando o gráfico, observa-se que o grau de analfabetismo no distrito de Ermera, onde a escola foi criada, supera o do país como um todo (61,3% contra 42% entre os adultos e 41,6% contra 20,9% dentre os jovens). De forma mais agravante, o país possui uma população rural analfabeta incrivelmente superior à urbana, beirando os 54,1% contra 16,8% entre os adultos e 29,5% contra 7,7% dentre os mais jovens. Outra informação importante é que há grande diferença entre alfabetizados jovens e adultos, sendo que os adultos se destacam com um grau de analfabetismo superior ao da juventude. Dessa forma, cabe destacar que o público-alvo da EEPFS são moradores da zona rural do distrito de Ermera, englobando jovens e adultos. Isso tudo mostra o porquê da necessidade da criação da escola.

Outro ponto a ser destacado com relação aos motivos da formação da escola é da gestão dos empreendimentos solidários, havendo, então, a necessidade de um maior conhecimento sobre o assunto. Nesse sentido, a

(...) educação desse instituto de economia Fulidaidai irá formar pessoas, os estudantes, os jovens, a comunidade, para assim poderem desenvolver economia alternativa, ligada ao cooperativismo e as ideias que contribuem para desenvolver a própria economia, em nível de base. Por exemplo, há alguns problemas em que a comunidade enfrenta com café, em que se tem dinheiro, mas não se têm um bom sistema de gestão, então, enfrenta-se pobreza. Educação Popular, Instituto Fulidaidai, reforça o conhecimento local que se tem para depois ter um bom gerenciamento, para poder contribuir para diminuição da pobreza, tendo boa gestão para a vida, para as atividades do dia-a-dia, para os chefes de família, para a própria comunidade, contribuindo ativamente. (LEO, 2015)

Além do aspecto do gerenciamento ligado à “*falta de capacidade para organizar os rendimentos advindos do café*” (AMARO, 2015), a “*UNAER tem uma política para reforma agrária ligada a educação, para todas as plantações*¹⁵⁴. (...) *Por isso que UNAER pensa em organizar formação para os dirigentes de base*” (AMARO, 2015) e, “*para os níveis mais baixos da UNAER.*”¹⁵⁵ (ALBERTO, 2015).

Para que haja a luta por uma reforma agrária, faz-se necessário um processo de conscientização ligado a um pensamento crítico através da reflexão. Nesse sentido, a escola surgiu como forma de combater o reflexo do “obscurantismo”, presente, ainda hoje no país, pois “*durante a ocupação portuguesa, a maioria dos agricultores não tinha pensamento crítico, apenas o conhecimento básico para cultivo. Por isso que é necessária a iniciativa de escola Fulidaidai.*” (AMARO, 2015). Assim, Fulidaidai é

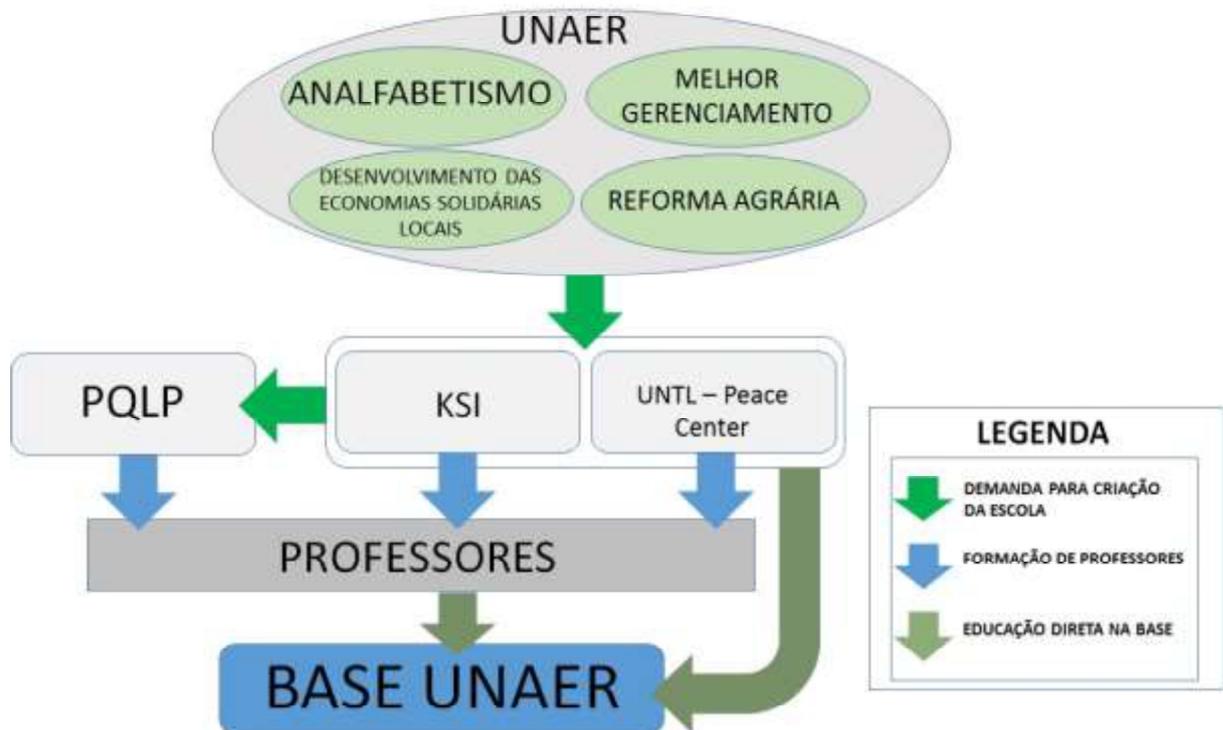
(...) um conceito que os membros e a juventude da UNAER podem vir aqui aprender na Escola Fulidaidai, voltando depois para a base e abrindo outras escolas nas bases, e assim esse aprendizado volta para centro da UNAER para aumentar a capacidade de recursos para assegurar a política e a luta pela reforma agrária. (ALBERTO, 2015).

O esquema abaixo sintetiza a estrutura desse processo educativo, destacado por Alberto, levando em conta os principais motivos para a criação da escola:

¹⁵⁴ Área em que estão os agricultores da UNAER.

¹⁵⁵ Objetivos da Escola Fulidaidai-Slulu.

FIGURA 02 - Estrutura da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu



Fonte: Elaboração própria

A estrutura do processo de formação da escola pode ser compreendido da seguinte forma: houve uma demanda advinda da UNAER; este pedido de apoio chegou ao KSI e ao *Peace Center* (UNTIL). De forma a desenvolver melhor o processo, através do Prof. Dr. Antero Benedito da Silva a demanda chegou à Cooperação Brasileira. Nisso, há a realização da formação de professores, sendo que, em seguida, esses educandos serão professores nas bases da UNAER, juntamente com professores timorenses ligados ao KSI e ao *Peace Center*. Observa-se assim, certa semelhança com a estrutura da Educação Popular realizada pela FRETILIN-UNETIM durante a luta pela restauração da independência.

Em síntese, o projeto da escola surgiu a partir da identificação de

(...) alguns problemas ligados a educação, mas tendo como ponto central a economia. Então aprende hamutuk aqui e aprende para fazer mudanças como saída a problemas, além do direito pela terra, lugar para morar, reforma agrária por completo, prosperidade sustentável para os agricultores, etc... Então um problema chave é a economia, para ajustá-la é necessário aprender juntos para confirmar soberania, tendo uma economia dos agricultores. (...) Porque eu entendo que além da escola aqui, necessita-se de investimento concreto em agricultura familiar, igual à história que contei para o

*maun*¹⁵⁶sobre comunidade de base, que eles começaram a produzir tijolos¹⁵⁷ como atividade concreta da economia, onde escola prepara as pessoas na luta contra a injustiça da economia¹⁵⁸, KSI com UNAER, servisu hamutuk, forma uma nova instituição/conceito de economia, ao menos um sistema não baseado na exploração, considerando as pessoas iguais, não criando injustiças e, assim, inicia-se a cooperativa fulidaidai onde a mesma já se concretizou, sai como instituição da economia local, como mínima solução para problemas do povo e dos pequenos agricultores. (MIRO, 2015)

3.2.1. O conteúdo curricular da escola

No Primeiro Congresso da UNAER em 2010, quando se oficializou a formação do movimento, surgiu a ideia da realização de uma escola de Educação Popular com o intuito de difundir os princípios de solidariedade e de dar acesso a educação àqueles que não tiveram oportunidade, desde o processo de alfabetização até o aperfeiçoamento de questões técnicas ligadas à agricultura ecossolidárias.

Este acesso é para capacitar todos os timorenses a nível de base, os pobres, para todos terem acesso à educação, porque educação não é só educação formal, é educação, Educação Popular, educação informal. Porque agora, praticamente o Ministério da Educação eles não tem um Instituto para capacitar os estudantes que não conseguem acabar a escola secundária, pré-secundária ou também primária, mas os estudantes muitas vezes querem continuar a estudar e, nós não temos este lugar. (UKA, 2015)

Após a realização desse evento, muitos foram os momentos voltados para a construção da escola (FIGURA 03) e para que, enfim, se iniciassem as aulas em fevereiro de 2015.

¹⁵⁶ Para mim.

¹⁵⁷ Os agricultores da UNAER começaram a produzir tijolos, com o intuito de baratear a construção de casas para a comunidade local e dar acesso à moradia a população.

¹⁵⁸ Capitalismo.

FIGURA 03 - Linha do tempo - formação da escola



Fonte: Elaboração própria.

Em maio de 2013, foi realizado o segundo Congresso da UNAER, sendo apresentada a primeira versão do currículo da EEPFS. A primeira versão do projeto apresentado buscou mostrar aos agricultores da UNAER o currículo da escola, destacando a necessidade de maiores contribuições por parte de todos os envolvidos. No momento da apresentação, grande parte da construção da escola já havia sido feita, como também praticamente toda a base curricular.

Nesse sentido, segundo Lucca (2014, p. 5), a estrutura curricular buscou trabalhar com temáticas variadas e contextualizadas à realidade dos integrantes da UNAER:

(...) escrita de diário, literatura mambai e tetum, matemática tradicional, meio ambiente, gestão da alimentação doméstica, educação popular e para autonomia, história da casa sagrada, história local, história da libertação nacional, sociologia da Knua (organização social nuclear, menor que a aldeia), reforma agrária, direito a terra, direitos humanos, economia solidária.

Em outras palavras, a

Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu foca em: ensinar sobre cooperativismo, sobre história de Ermera e Timor, sobre reforma agrária, sobre leis, matemática tradicional, diversificação da agricultura, e várias disciplinas que oferecem para comunidade. Porque se pensa em necessidades da comunidade, não sendo apenas uma, mas várias, para o que a comunidade precise. Então escola busca contribuir com conhecimento sobre agricultura. Não um conhecimento científico, mas num conhecimento prático ligado as necessidades dos agricultores para depois poderem realizar o próprio trabalho, para poderem desenvolver seu próprio trabalho. Por exemplo, em relação ao conhecimento sobre leis, para conhecer seu direito, conhecimento sobre cooperativa para poder gerir cooperativa de forma eficiente, para que a mesma possa caminhar ligada ao conhecimento sobre agricultura, diversificação de culturas, para poderem desenvolver uma agricultura diversificada, para resultar em bom rendimento, e depois conhecer as leis sobre políticas de governo, para se adaptar a política que já se tem. Então, conceito de Instituto Fulidaidai, é o que se pensa para poder estabelecer este instituto. (LEO, 2015).

Desta forma, o curso da EEPFS foi dividido em dois módulos, sendo necessários quatro semestres para sua finalização. O módulo I foi composto pelos três primeiros semestres e o segundo módulo apenas o quarto. Assim, de forma geral, as disciplinas do primeiro módulo ficaram definidas da seguinte forma:

TABELA 04 - Grade curricular do primeiro módulo da EEPFS (primeira versão)

SEMESTRE	DISCIPLINA	DESCRIÇÃO
I	Escrita do Diário (Hakerek Diariu)	Desenvolvimento do processo de escrita, com o intuito de os agricultores produzirem a própria história.
	Literatura Mombae	Desenvolvimento da língua Mombae, baseando-se em aspectos culturais como música e literatura.
	Matemática tradicional (Matematika Tradisional)	Matemática do dia a dia relacionada à produção de café, com o intuito de melhor gerir rendimentos e demais questões envolvendo matemática simples.
	Ciência básica – meio ambiente (Siensia Basiku – meo ambiente)	Questões naturais, em especial, ambientais relacionadas às práticas cotidianas com o intuito de otimizar o processo agrícola.
II	Escrita da história da família (Hakerek Istoria Familia/Uma-fukun)	Registrar história da própria família durante o período colonial (português) e resistência (indonésia), seu papel na luta pela independência e restauração da independência.
	História local (Istoria local)	Registro da história da comunidade pelos próprios agricultores.
	Gestão nutricional da saúde familiar (Jestaun Aihan no Saude Familia)	Higiene e saúde com intuito de orientação nutricional e questões relacionadas à diminuição de enfermidades.
	Prática da diversificação da Agricultura Orgânica (Pratika Diversifikasaun Agrikultura Organika)	Necessidade de contínuo uso da agricultura orgânica, porém a realização de um processo de diversificação a partir dos rendimentos advindos do café, para que a agricultura familiar não dependa apenas da monocultura. Por ser uma disciplina prática, cada educando criará uma pequena horta diversificada em seu terreno (lote).
III	Introdução da Economia Fulidaidai-Slulu (Introdusaun ba Ekonomia Fulidaidai-Slulu)	Reflexão sobre as formas de economias locais, comparando-as com as formas de economia praticadas pelo Estado.
	Construção de Casas (Konstrusaun Uma Familia/Komunidade)	-
	Literatura Tétum	Desenvolvimento da língua Tétum, baseando-se em aspectos culturais como música e literatura.
	História da Libertação Nacional (Istoria ba Libertasaun Nasional)	Será discutida a história da libertação Nacional de Timor-Leste, em especial, no período da luta de guerrilha contra a invasão indonésia, a partir da visão de cada educando.

Fonte: Adaptado do *Projetu Kursu Ekonomia Fulidaidai* (2013, tradução nossa)

No primeiro semestre, destacam-se as disciplinas “Escrita do diário”, “Literatura Mombae”, “Matemática Tradicional” e “Ciência básica – meio-ambiente”. A primeira e a segunda surgiram da necessidade de desenvolver o processo de alfabetização em virtude do alto grau de analfabetismo, como visto no Gráfico 01. Levou-se em conta as línguas Mombae e a língua Tétum, considerando desde então um ensino político através da utilização de componentes literários ligados às lutas timorenses. A disciplina de Matemática busca trazer aos

agricultores um conhecimento de matemática simples ligada ao cotidiano desses trabalhadores, possibilitando um aprimoramento do cálculo de recursos e despesas, vinculado ao processo de gestão. A disciplina de “Ciência básica – meio ambiente”, possui um caráter mais específico em relação à agricultura, levando em conta os processos naturais, aproximando-se muito de uma disciplina de Geografia Física.

Sequentemente, no segundo semestre, as disciplinas são “Escrita da história da família”, “História local”, “Gestão nutricional da saúde familiar” e “Prática da diversificação da Agricultura Orgânica”. As duas primeiras, seguindo a mesma lógica do semestre anterior, possuem um caráter de desenvolvimento do processo de alfabetização num contexto político, pois, em ambas as disciplinas, as histórias serão contadas pelos educandos. Cabe destacar que as disciplinas ligadas a esse processo de alfabetização possuem certa ligação com a campanha de alfabetização realizada pela FRETILIN-UNETIM. A disciplina “Gestão nutricional da saúde familiar”, que está ligada às necessidades nutricionais dos timorenses, juntamente com a “Gestão nutricional e Saúde Popular” do segundo módulo do curso (TABELA 05), é resultado histórico da Pedagogia Maubere, principalmente no que se refere aos processos de educação e saúde realizados pelo Dr. Maubere e Dr. Lekdoe. No atual momento, não mais na produção de medicamentos, mas sim com a necessidade prioritária do atual contexto: a desnutrição principalmente a infantil:

TABELA 05 - Indicadores de estado nutricional de crianças menores de cinco anos no Timor-Leste para 2003 e 2009

INDICADORES	DESCRIÇÃO	2003		2009	
		Total de desnutridos	Severamente desnutridos	Total de desnutridos	Severamente desnutridos
Altura por idade	Identifica efeitos, para longo prazo, da subnutrição; reconhece nanismo como aspecto crônico	49,4%	28,2%	58,1%	32,9%
Peso por altura	Identifica o estado nutricional atual, levando em conta o desperdício de nutrientes como aspecto agudo da desnutrição.	12,4%	2,8%	18,6%	7%
Peso por idade	Indicador composto referindo-se a indivíduos abaixo do peso	45,8%	14,9%	44,7%	15,4%

Fonte: MDG (2011, tradução nossa).

Como pode ser visto na tabela acima, há um alto grau de desnutrição, havendo de 2003 para 2009 o aumento destes problemas sociais. Mesmo que o grau de desperdício de nutrientes seja baixo no país, ainda há a necessidade de melhora nesse quesito, principalmente por este

problema ter se acentuado de 12,4% para 18,6% entre os anos de 2003 e 2009 em crianças de 5 anos de idade.

A última disciplina do segundo semestre se denomina “Prática da diversificação da Agricultura Orgânica”, destacando-se por seu aspecto mais técnico e prático em complementaridade à disciplina do semestre anterior “Ciência básica – meio-ambiente”, de caráter mais teórico. A agricultura orgânica no país se coloca como predominante dentro das culturas de Timor-Leste, com exceção da produção de batata doce¹⁵⁹. No módulo II (TABELA 06), há também a complementaridade dessa disciplina, intitulada “Diversificação da Agricultura”, com temas relacionados à utilização de adubação orgânica e bom uso dos recursos como solo e água.

No terceiro e último semestre do módulo, destacam-se as disciplinas de “Introdução à Economia Fulidaidai-Slulu”, onde se propõe a reflexão entre a lógica da Economia Solidária em comparação com a economia de mercado capitalista hoje, na qual se tem o recrudescimento das desigualdades sociais. Destaca-se o grau de importância dessa disciplina pelo fato de dar nome à escola e ser ponte para todos os demais assuntos. Ligado a ela, tem-se a disciplina que visa à prática solidária de “Construção de casas”. Porém, quanto a esta última, não há muitas informações sobre sua realização, já que será trabalhada num momento futuro.

Outra disciplina do semestre, “Literatura Tétum”, relaciona-se novamente ao processo de alfabetização, nos mesmos moldes da disciplina “Literatura Mambae”. Através da literatura Tétum, serão trabalhadas poesias de Borja da Costa, Julieta Fatal, dentre outros autores timorenses. A partir daí, objetiva-se trabalhar essas poesias relacionadas à disciplina “História de Libertação Nacional Timorense.” Esta também complementa a disciplina do semestre anterior “História local”, a partir da visão dos educandos.

O segundo módulo foi planejado para ser realizado em apenas um semestre, ou seja, no quarto semestre do curso. Assim, a princípio, o curso terá duração de dois anos, sendo dividido em quatro semestres. Na tabela abaixo, encontra-se a grade curricular do segundo e do último módulo do curso.

¹⁵⁹ Informações obtidas através de conversa informal com o Prof. Dr. Antero Benedito da Silva.

TABELA 06 - Grade curricular do segundo módulo da EEPFS (primeira versão)

SEMESTRE	DISCIPLINA	DESCRIÇÃO
IV	Escrita e Pesquisa (Hakerek no Peskiza)	Identificação de problemas na comunidade com o intuito de solucioná-los através de práticas ligadas à Fulidaidai.
	Pedagogia da Libertação [Pedagogia ba Ukun-Rasik-an (Advokasia-Mobilisasaun Massa – Paulo Freire/Pedagogia Sahe)]	Contribuição do Professor Antero.
	Introdução a Economia Fulidaidai-Slulu II (Introdusaun Ekonomia Fulidaidai-Slulu II)	Os educandos irão realizar investigação em comunidade sobre o funcionamento dessas economias locais e, assim, apontar as práticas dessas economias realizadas pela comunidade. Além disso, os educandos desenvolverão projetos de empreendimentos solidários.
	Sociologia do Campo (Sosiolojia Agrikultor/Knua)	Discussão do que se entende por Sociologia do Campo em Timor, levando em conta a <i>Knua</i> , isto é, a organização social nuclear, menor que a aldeia de Timor.
	Liderança Coletiva e Gestão Fulidaidai (Lideransa kolektivu no jestaun Fulidaidai)	Liderança Coletiva refere-se a como realizar tomada de decisões de forma conjunta para que haja benefício a toda comunidade. Discussão dos projetos criados nas disciplinas de Introdução à Economia Fulidaidai-Slulu. Realização de intercâmbio relacionado à forma de cooperativismo contida nos projetos.
	Diversificação da Agricultura (Diversifikasaun Agrikultura)	Diversificação por utilizar a adubação orgânica e fazer bom uso dos recursos como solo e água, processo que será posto em prática através de hortas.
	Fair Trade	-
	Política e Democracia de base (Politika no Demokrasia base)	Discussão sobre valores da democracia e funcionamento da democracia nas bases da UNAER hoje.
	Gestão nutricional e Saúde Popular (Jestaun Aihan Familia/Saude Popular)	-
	Konstituisaun/Direito	Conhecimento da legislação nacional e questões relacionadas à terra.
	Literatura Tétum do Campo (?) ¹⁶⁰ (Tetum no Literatura Toos Nain)	-
	Introdução à resolução de conflitos (Introdusaun ba Tranformaun Konflitu)	Busca realizar estudos de caso sobre conflitos diversos dentro da comunidade, com o intuito de trabalhar a sua resolução.
	Reforma Agrária	Trabalhar o conceito de Reforma Agrária em Timor-Leste e a necessidade de sua realização, em especial, no que se refere ao monopólio da terra, realizado pelos estrangeiros no país. Assim, os educandos realizarão estudos de caso pontuais relacionados à necessidade da reforma relacionada aos produtores de café no distrito de Ermera.

Fonte: Adaptado do *Projetu Kursu Ekonomia Fulidaidai* (2013, tradução nossa)

¹⁶⁰ Não foi possível compreender.

Com o intuito de buscar-se um desenvolvimento da escrita em todo o curso, na disciplina “Escrita e Pesquisa” caberá a identificação de problemas relacionados à comunidade como forma de desenvolver e difundir a Economia Slulu na localidade.

De forma complementar às disciplinas de história anteriormente citadas, “Pedagogia da Libertação” objetiva trabalhar a Pedagogia Maubere praticada no país durante a luta pela restauração da independência. Essa disciplina, em específico, visa trabalhar a questão pedagógica para os dias atuais, baseando-se nas ideias de Paulo Freire e Vicente Reis (Sahe). Um dos objetivos do curso, nos mesmos moldes da educação da FRETILIN-UNETIM, é de que esses educandos sejam professores nas bases da UNAER, aproximando-se aí do trabalho de base destacado por Silva (2011, 2012, 2014) em relação a Mao Tsé-Tung. Daí a importância de ampliar a participação popular na formulação dos currículos.

“Sociologia do Campo” tem como foco principal refletir sobre a concepção de campo, baseando-se na organização nuclear *knua* e em seu papel ligado à terra. Essa disciplina difere do que no Brasil é denominado “Sociologia Rural”, pois tem como base a realidade de Timor-Leste e o que os timorenses entendem sobre a temática. Em complementaridade a disciplina “Sociologia do Campo” destaca-se a disciplina “Introdução à resolução de conflitos” que visa à resolução de conflitos, tanto na família como na comunidade de forma geral.

Complementando a “Introdução à Economia Fulidaidai-Slulu” do módulo I, no segundo módulo há a disciplina “Introdução à Economia Fulidaidai-Slulu II, visando observar na prática o funcionamento dessa economia solidária, sendo os educandos responsáveis pela criação de projetos solidários para a comunidade. Nesse sentido, tem-se também a disciplina “Liderança Coletiva e Gestão Fulidaidai”, que busca compreender essa solidariedade junto ao cooperativismo, juntamente com “Política e Democracia de base”, ligando a solidariedade a UNAER. Nisso, também, destaca-se o papel da área do direito - “Constituição e Direito” -, com o intuito de compreender a constituição da RDTL, em especial, no que se refere à legislação de terras no país.

Ainda em relação à UNAER e à questão da terra, sem desconsiderar o processo de solidariedade, destaca-se a disciplina denominada “Reforma Agrária” que busca discutir esse conceito relacionando-o às necessidades dessa prática em Timor-Leste, fazendo emergir questões locais como o monopólio do cultivo de café no Timor.

Analisar esse material que, de certa forma, ainda está em desenvolvimento se tornou um desafio na presente pesquisa, já que, em função de todo esse processo ter sido realizado na língua Tétum, fica complexa a tradução e transcrição das informações referentes às disciplinas. De forma a acentuar a complexidade, algumas questões pontuais tornaram-se abstratas até

mesmo para quem vivenciou esse processo, mais ainda para quem não possui nenhum contato com as especificidades de Timor. De forma sintética,

Discutiu-se muito (...) até agora 2015, mas sim é um processo que precisa muito tempo, tempu naruk¹⁶¹, muito tempo. Em 2013 quando UNAER realizou seu segundo congresso, eu fui lá e apresentei essa ideia, nós já tínhamos o currículo e o apresentei e, todos os agricultores gostam e sim... Isso que nós precisamos, não é muito acadêmico, mas é sobre como trabalhar um currículo voltado para a prática do dia-a-dia dos agricultores, isso é muito importante, senão é muito acadêmico e não há um entendimento sobre os assuntos por parte dos agricultores. Então eles gostaram. Isso foi lá em 2013 (UKA, 2015)

Após o primeiro congresso, foi atribuída à Cooperação Brasileira a demanda de apoio na formulação do currículo da EEPFS. Cabe ressaltar que as aulas se iniciaram um ano após o planejado em função de obstáculos como comunicação dos professores da escola com todas as bases da UNAER, estrutura física precária da escola, professores militantes que, por realizarem outras atividades, acabaram por deixar em segundo plano a EEPFS, além de questões relacionadas ao tempo do homem do campo, como por exemplo, o período de colheitas.

A Cooperação Brasileira assumiu o papel de contribuinte no processo de formação da escola, com conhecimentos técnicos e pedagógicos, a pedido dos professores da escola. Foram realizados encontros na UNTL com o objetivo de pôr em prática um processo mútuo de formação de professores, envolvendo tanto brasileiros quanto timorenses, através de troca de experiências e de conhecimentos teóricos e práticos em relação às disciplinas.

Durante esses encontros, discutiu-se sobre a contextualização da situação social do distrito de Ermera, englobando as necessidades educacionais, os objetivos da escola e em quais pontos mostraram-se necessárias as contribuições dos brasileiros (PQLP).

Segundo os professores timorenses participantes da reunião, Ermera é um dos distritos menos desenvolvidos de Timor-Leste, havendo, assim, necessidades diversas como, por exemplo, problemas relacionados à alfabetização, gestão dos recursos agrícolas e necessidade da realização da Reforma Agrária, pelo não acesso à terra.

Desta forma, os objetivos da escola permeiam a formação de lideranças comunitárias; organização e luta pelo acesso à terra; melhora na gestão da produção do café; a formação de pessoal para a criação de cooperativas; formar multiplicadores para a realização da alfabetização e pós-alfabetização (professores nas bases); aumentar os conhecimentos sobre leis, política e economia; aprimorar habilidades de leitura e escrita; e promover a resolução de

¹⁶¹ Na língua Tétum, significa longo tempo ou muito tempo.

conflitos que, muitas vezes, se transformam em dificuldades locais para a realização de um processo cooperativo.

Como resultado desses encontros, foi sugerida a inclusão da Língua Portuguesa, especialmente nas questões de literatura¹⁶² (literatura timorense em Língua Portuguesa) e legislação¹⁶³. Esta última em função de a Língua Portuguesa ser oficial no país, fazendo-se necessário seu aprendizado com o intuito de contribuir com uma maior compreensão da legislação da RDTL, para uma luta mais concisa pela reforma agrária em direito do povo de Ermera.

Outra sugestão foi a de se acrescentar à grade curricular uma disciplina ligada à questão de gênero, pois o país possui uma séria característica sexista, que afeta até mesmo a questão de acesso à terra, pois em Ermera,

(...) as comunidades apresentam como característica o fato de serem patrilineares, patrilocais e exogâmicas. A herança (...) é o meio mais usual de aquisição de terra. Nessas comunidades de sistema patrilinear só herdam os filhos, por norma, herdam as partes iguais, sendo as mulheres excluídas. (NARCISO; HENRIQUES, 2011, p. 248).

Destaca-se que, até março de 2015, ainda não havia sido criada uma disciplina específica sobre a temática, porém ficou estabelecido que cada base da UNAER indicaria dois educandos para a realização dos estudos na Escola Fulidaidai, sendo uma mulher e um homem.

Outro ponto sugerido pelos brasileiros veio da necessidade de se discutir a comunicação popular como comunicação emergente que advém do povo, muito usada, durante a resistência, através das rádios em contato com o exterior e com a população interna ao país. (AMARANTE, 2013)

A última proposta com relação às disciplinas específicas foi de inclusão da Ciência e Tecnologia Social¹⁶⁴ na disciplina de “Ciência básica – meio ambiente”, havendo, assim, aporte ao desenvolvimento das formas econômicas solidárias locais de Timor, amarrando melhor a disciplina com a proposta da escola.

De forma mais ampla, sugeriu-se, também, manter o currículo aberto como algo a ser construído constantemente, de acordo com a realidade de Ermera, não sendo o papel da

¹⁶² Há literatura timorense na língua portuguesa também.

¹⁶³ Sendo a Língua Portuguesa a língua oficial, faz-se necessário o aprendizado desta como forma de melhor compreensão das legislações oficiais.

¹⁶⁴ Ler DAGNINO (2010).

Cooperação Brasileira impor modelos prontos, a partir de sua visão de mundo, mas sim trabalhar de maneira cooperativa.

Por fim, seriam realizados seminários com o objetivo de os formadores apresentarem temas, materiais, metodologias e avaliação a serem desenvolvidos nas disciplinas.

Cabe destacar no entanto, que “*a ideia veio dos agricultores e depois nós discutimos juntos e produzimos esse currículo.*” (UKA, 2015). Desta forma, este foi um primeiro passo para que se pudesse ter um processo de investigação, para ter, por fim, uma seleção de conteúdos primária, nos mesmos moldes do que se realizou com a Educação Popular da FRETILIN. Assim, a partir do início das aulas, destaca-se, desde já, a necessidade de uma investigação temática mais aprofundada, para que, de fato, possam ser usados os princípios de Tema Gerador inspirados em Freire (1997).

Ainda em novembro de 2013, realizou-se um encontro com membros da UNAER, representantes do KSI, *Peace Center* e da Cooperação Brasileira (PQLP) na cidade de Gleno em Ermera.¹⁶⁵ (FOTO 04). Naquele encontro, houve a apresentação da proposta reformulada da Escola Fulidaidai-Slulu pela professora Uka, a qual recebeu grande apoio ao projeto da Escola, principalmente referente a alguns pontos que o currículo aborda, como a necessidade de um fortalecimento de uma agricultura sustentável e libertadora.

¹⁶⁵ Recém-chegado a Timor, pude participar desta demanda já neste encontro, em função de meu objeto de estudo anterior (revisão bibliográfica sobre Economia Solidária e Educação) estar relacionado com o trabalho a ser realizado no momento.

FOTO 04 - Reunião entre membros da UNAER e parceiros na construção da EEPFS, em 2013, na cidade de Gleno em Ermera



Fonte: URBAN, S. P. (2013)

Discutiu-se, naquele encontro, a necessidade de uma contribuição com a escola por parte dos educandos, a fim de que esta pudesse ser, de fato, sustentável e houvesse compromisso deles para que se sentissem pertencentes à escola e participassem de suas lutas. A partir daí, tratou-se da necessidade de se criar um fundo para a educação Fulidaidai-Slulu, no intuito de que a escola fosse de todos e tida dentro da lógica do cooperativismo. Com relação a esse fundo, houve o seguinte registro:

(...) pagamento, em primeiro lugar quando nós fomos lá em Ermera, nós falamos sobre este dinheiro, pagamento. Esses estudantes vão pagar muito pouco, pois foram os membros da UNAER é que disseram que, “não, nós precisamos pagar, não igual a outras universidades¹⁶⁶, mas pelo menos nós precisamos colocar dinheiro lá na escola, para ajudar os professores, que vêm de Díli, para comida, para este processo. Pois não são apenas os professores que vão lutar, mas também os estudantes vão lutar e pagar um pouco. O pagamento faz com que haja um compromisso dos estudantes, pensando que precisam ir pra escola porque pagamos e o meu dinheiro que sustenta esse

¹⁶⁶ Instituições privadas.

processo da escola. Eles têm renda do café, e vão pôr um pouco para esta escola. Então eles querem contribuir para este processo, não é só voluntariamente... Então esse processo de pagamento, não foi proposto por nós, mas os agricultores: “nós precisamos pagar.” Foi em outubro de 2013, professor lembra! Estudantes dizem que vão contribuir, eles dizem que não é pagamento, e sim contribuição, de 20 dólares. E depois, vamos agir e discutir para o processo começar e a escola para comprar as necessidades básicas. (UKA 2015)

Com relação à questão do pagamento, não seria essa uma característica da iniciativa privada? O compromisso para com a escola deve estar ligado a um processo educativo que se deseja desenvolver. Porém, compreende-se, aqui, que a escassez de recursos como resultado da também escassez de apoios faz com que haja essa limitação. Uma solução momentânea seria a própria UNAER investir financeiramente na escola, já que a escola está vinculada à UNAER. Sabe-se, então, que um dos planos é voltado para a institucionalização da Escola junto a UNTL.

Em função de datas comemorativas e demais questões, como o próprio período de colheita de alguns itens produzidos em Ermera, agravado ao término do contrato de alguns cooperantes envolvidos na construção da EEPFS, o processo da escola manteve-se estagnado até o mês de maio de 2014, quando fui colocado como responsável pela demanda junto ao PQLP. Naquele momento, a escola se tornara objeto de estudo de minha pesquisa de mestrado.

Em maio de 2014, realizou-se um encontro no *Peace Center*, com o intuito de acompanhar as atividades da escola. Nesse sentido, formulou-se um cronograma para as atividades futuras da escola e discutiu-se sobre os parceiros e espaço físico desta.

No cronograma, estava inclusa a abertura de contas bancárias para a criação do fundo da escola, a pedido da UNAER, e, assim, serem depositadas as inscrições do educandos. Em relação ao espaço físico da escola, contabilizaram-se os materiais disponíveis: dois quadros brancos e vinte e quatro cadeiras.

Dentre as parcerias, pontuou-se o *Institute of Business (IOB)*¹⁶⁷, a Fundação Cristal¹⁶⁸ e a Federação de Agricultores da Indonésia, tentando esta última realizar ligação entre Agricultores de Ermera e Agricultores da Bolívia. Além destes, tem-se o Ministério da Educação de Timor-Leste apenas como forma de divulgação do curso. Cabe destacar, desde já, que essas parcerias surgiram apenas num primeiro momento, pois, no decorrer do processo, surgiram outras parcerias como a HASATIL¹⁶⁹ e a Embaixada do Brasil em Timor-Leste.

¹⁶⁷ Instituição de Ensino privada.

¹⁶⁸ Instituição de Ensino privada.

¹⁶⁹ Rede de Agricultura Sustentável. Reúne organizações da sociedade civil de desenvolvimento rural do país.

No mês de julho do mesmo ano (2014), em acompanhamento das atividades, percebeu-se que apenas três disciplinas do curso estavam completamente formuladas e finalizadas. Assim, foi decidido o início das atividades da escola, havendo, então, uma reformulação da grade curricular. Além disso, ficou definido como espaço físico da escola a sede da UNAER. Em relação aos registros de interessados pelo curso, até aquele momento havia 16 alunos matriculados, de um total previsto de 54 alunos. Cabe ressaltar que, dentre os registros, planejava-se a mesma proporção de agricultores e agricultoras, sendo dois de cada base da UNAER. No mais, idealizou-se para o mês de agosto uma aula inaugural na escola, objetivando despertar um maior interesse dos agricultores.

Em setembro de 2014, foram realizados dois encontros: o primeiro visando ao acompanhamento das atividades e o segundo visando à reorganização no cronograma para a construção da escola e idealização de um Seminário (FOTO 05) em substituição da aula inaugural. Esta fora planejada para se realizar em agosto, mas teve sua data mudada para o mês de outubro.

FOTO 05 - Seminário na Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu em Ermera



Fonte: PQLP (2014).

Dessa forma, em outubro de 2014, realizou-se na cidade de Gleno (distrito de Ermera), mais especificamente na escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, o Seminário que deu início às aulas da escola. Juntamente com o Seminário, realizou-se a Mostra de Cinema Brasileiro com a apresentação do filme “O Veneno está na mesa” de Silvio Tendler – documentário que debate os modos como a chamada Revolução Verde, a partir do pós-guerra, eliminou quase totalmente os traços da agricultura tradicional e implantou um modelo de agricultura que ameaça a fertilidade do solo, os mananciais de água e a biodiversidade, contaminando pessoas e o ar no Brasil e em outras partes do mundo. Foi levantado um debate sobre a forma atual de agricultura em Timor-Leste.

A discussão do filme ocorreu entre os professores da Cooperação Brasileira, entre os quais me incluo, Camila Tribess, Vanessa Diniz e José Roberto Sanabria, juntamente com o professor do Departamento de Desenvolvimento Comunitário da FASPOL e diretor do *Peace and Conflict Studies Center*, Antero Benedito da Silva, os formadores do curso Elsa Pinto (Mana Uka), Maun Leo e Maun Miro, a liderança da União dos Agricultores de Ermera (UNAER), integrantes da HASATIL e os alunos da escola Fulidaidai.

Neste evento, cabe destaque às parcerias da HASATIL e Embaixada Brasileira, ambas responsáveis pela melhora no espaço físico da escola, fazendo com que, no ano seguinte, fosse possível o início das aulas, propriamente dito. A primeira instituição foi responsável pela aquisição de painéis instalados de energia solar, pois a escola não possuía sistema elétrico. A Embaixada do Brasil foi responsável pela verba para a realização do Seminário, sendo possível a compra de janelas e portas para a escola (FOTO 06).

FOTO 06 - Estrutura física da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu



Fonte: URBAN, S. P. (2015)

Enfim, após novo recesso de final de ano, foi possível o início das aulas, no dia 28 de fevereiro de 2015. Como resultado das diversas reformulações, as atividades da escola iniciaram com apenas três disciplinas: Escrita do Diário, tendo como docente a professora Uka; Diversificação da Agricultura, tendo como docente o professor Leo e Matemática Tradicional, tendo como docente o professor Miro. Dessa forma, as aulas, a partir de então, começaram a ser realizadas aos sábados, sendo as primeira ministrada pelo professor Leo. (FOTO 07).

FOTO 07 - Primeira aula da EEPFS sendo ministrada pelo Professor Leo



Fonte: URBAN, S. P. (2015)

Assim, as aulas da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu iniciaram com um currículo ainda em aberto, em função da necessidade de novas reorganizações, já que apenas três disciplinas estiveram em andamento no primeiro semestre. Nesse sentido, há diversos desafios em relação à escola, dentre eles a continuidade do curso. Reforço, portanto, as palavras de Uka (2015), quando declara:

Tenho muita esperança na Escola Fulidaidai, porque gosto muito desta ideia e também acho que já é tempo para capacitar agricultores, as pessoas que não conseguem entrar para a escola formal. Vai ser muito importante se conseguirmos realizar essa escola, então eu busco contribuir com meu conhecimento para trabalhar e para realizar, fazer acontecer esta escola. É necessário muito tempo para se realizar e esforço, vou lutar com todos os colegas, professores do Brasil... (UKA, 2015).

Essa esperança é uma questão histórica, enraizada num povo que participou de diversas lutas para adquirir a independência utilizando-se da educação e, nesse sentido o próximo passo seria o processo de emancipação através das economias Fulidaidai e Slulu. Acredita-se, assim, que a EEPFS seja um dos caminhos para que se atinja a emancipação.

Por fim, embora se percebam grandes avanços democráticos, se comparado com a realização da Educação Popular liderada pela FRETILIN, houve ainda a presença de ações verticalizadas na construção curricular da EEPFS. Este ponto pode ser caracterizado pela grande presença de hierarquias na sociedade timorense¹⁷⁰, além da aquisição de conteúdos propostos a partir de uma visão ocidental de mundo.

De qualquer modo, coloca-se como um enorme avanço a utilização de princípios ligados a uma educação visando a emancipação, através de uma seleção de conteúdos contextualizada aos integrantes da UNAER.

¹⁷⁰ A sociedade timorense pode ser entendida como as sociedades timorenses também, em função dos diversos povos de Timor.

4. A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA FULIDAIDAI-SLULU NO DISTRITO DE ERMERA

Como ressaltado anteriormente, a escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu (EEPFS) teve seu surgimento ligado, historicamente, a processos educativos que objetivaram suprir as necessidades prioritárias da população, chegando aos dias atuais com a mesma característica, porém, com objetivos distintos.

Nesse sentido, fez-se necessário apontar algumas especificidades da Educação Popular no passado que se ligam ao contexto atual da Educação Popular no distrito de Ermera. De forma mais específica, buscou-se compreender como se dão, hoje, as influências do passado no atual currículo da EEPFS.

Para isso, de forma a sintetizar a análise, buscou-se, num primeiro momento, evidenciar as informações relacionadas às influências de Paulo Freire, Amílcar Cabral e Mao Tse-Tung, para, em seguida, realizar uma ligação com a Pedagogia Maubere. (TABELA 07). Por fim, buscou-se relacionar a tabela com o atual momento da Educação Popular em Timor-Leste, tendo sua materialização através da EEPFS.

TABELA 07 - Síntese da Educação Popular em Timor-Leste

INFLUÊNCIAS EXTERNAS	PEDAGOGIA MAUBERE	CARACTERÍSTICAS
Paulo Freire Amílcar Cabral Mao Tsé-Tung	Borja da Costa	Utilização de Temas Geradores; Alfabetização ¹⁷¹ (FRETILIN); Educação Política; Uso das práticas culturais do povo.
	Abílio Araújo	
	Dr. Lekdoe	Educação baseada na prática.
	Dr. Maubere	
	Vicente Reis (Sahe)	Agricultura e Educação; Educação Política.
	Dr. Lekdoe	Educação e Saúde (Centros de saúde - PAIGC)
	Dr. Maubere	
Borja da Costa Abílio Araújo	Alfabetização (FRETILIN); Educação Política; Educação de base.	

Fonte: Elaboração própria.

Como já destacado em capítulos anteriores, as principais influências externas em relação à Educação Popular no Timor-Leste foram: Paulo Freire, Mao Tsé-Tung e Amílcar Cabral. Através da Casa dos Timores e União dos Estudantes de Timores, foi possível a utilização

¹⁷¹Alfabetização das mais variadas idades.

desses pressupostos teóricos externos a Timor, de forma a adaptá-los à realidade timorense, ligada a uma unidade epocal. Os grandes nomes da prática dos pressupostos externos em Timor foram Borja da Costa, Abílio Araújo, Dr. Lekdoe, Dr. Maubere e Vicente Reis (Sahe).

Com isso, destaca-se que Paulo Freire foi uma considerável influência para Borja da Costa e Abílio Araújo pela utilização da ideia dos Temas Geradores na campanha de alfabetização realizada pela FRETILIN com o apoio da UNETIM. Não deixaram de lado uma educação política e levaram em conta a “coerência entre a opção político-revolucionária do educador e sua prática (...) [, pois] Quanto mais vigilante na vivência desta coerência tanto mais autenticamente militante se faz, recusando assim, também, o papel técnico ou de especialista neutro.” (FREIRE, 1977, p. 20). Prática esta intimamente relacionada com a produção de medicamentos, fundando-se na “prática de pensar a prática, com que a prática se aperfeiçoa, [proporcionando] (...) o surgimento de verdadeiros centros de estudos” (FREIRE, 1977, p. 30), como é o caso da educação relacionada aos Doutores Lekdoe e Maubere.

Vicente Reis (Sahe), juntamente com o Dr. Maubere e Dr. Lekdoe foram protagonistas na relação existente entre Amílcar Cabral e a Educação Popular no Timor-Leste. Sahe liga-se a este processo principalmente no que se refere a uma educação direcionada às lideranças da luta pela restauração da independência de Timor, destacando ali o papel dos agricultores junto à reforma agrária e produção de alimentos, pois “reforma agrária exige um permanente pensar crítico em torno da ação transformadora mesma e dos resultados que dela se obtenham.” (FREIRE, 2010, p. 35). A influência de Cabral para com o processo de Educação e Saúde liga-se às “experiências lideradas pelo PAIGC nas então chamadas zonas libertadas do país, no setor da produção, da distribuição, com os "armazéns do povo”, no da justiça, no da saúde, no da educação.” (FREIRE, 1977, p. 23).

Mao Tse-Tung, através do trabalho de base, influenciou os timorenses numa educação direta da população em geral, destacando-se por um ensino político, ligado, na maioria das vezes, à campanha de alfabetização da FRETILIN-UNETIM e tendo por base os pressupostos de Borja da Costa e Abílio Araújo.

Fazendo uma transposição da Educação Popular de guerrilha para a Educação Popular hoje existente no distrito de Ermera, observam-se diversas influências da Pedagogia Maubere no currículo da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu (TABELA 08).

TABELA 08 - Influência da Pedagogia Maubere na EEPFS

PEDAGOGIA MAUBERE	DISCIPLINAS DA ESCOLA FULIDAIDAI-SLULU
Borja da Costa	Escrita do Diário/Literatura Mambae/Escrita da história da família/História Local/Literatura Tétum/Escrita e Pesquisa/Literatura Tétum do Campo/História da Libertação Nacional/Pedagogia da Libertação.
Abílio Araújo	
Dr. Lekdoe	Gestão Nutricional da saúde familiar/ Gestão Nutricional e Saúde Popular
Dr. Maubere	
Vicente Reis (Sahe)	Prática da diversificação da Agricultura Orgânica/Ciência natural-meio ambiente/Diversificação da Agricultura/Konstituisaun-Direito/Reforma Agrária/Política e Democracia de base/Introdução à resolução de conflitos (Introdusaun ba Tranformasaun Konflitu)/Sociologia do Campo/Construção de casas/Matemática Tradicional/Introdução à Economia Solidária I e II/Liderança Coletiva e Gestão Fulidaidai

Fonte: Elaboração própria

Os destaques feitos na presente tabela demonstram, apenas, a principal influência da Pedagogia Maubere na EEPFS, não excluindo demais aproximações. Assim, o processo educativo influenciado por Paulo Freire, utilizado por Borja da Costa e Abílio Araújo, teve uma forte presença nas disciplinas ligadas ao desenvolvimento da história local, pautadas no desenvolvimento da leitura e escrita. Como na guerrilha os Doutores Maubere e Lekdoe influenciaram as disciplinas ligadas à saúde, hoje também há essa influência, porém considerando as atuais necessidades.

Por fim, observou-se que a influência de Vicente Reis se materializou na maior parte das disciplinas, através da questão agrária, tendo como destaque as temáticas relacionadas às práticas agrícolas até a formação de lideranças coletivas ligadas a empreendimentos solidários.

Nesse sentido é que se pode destacar o caráter histórico da Educação Popular hoje em Timor-Leste (FIGURA 04).

FIGURA 04 - Características históricas contidas na Educação Popular em Timor-Leste



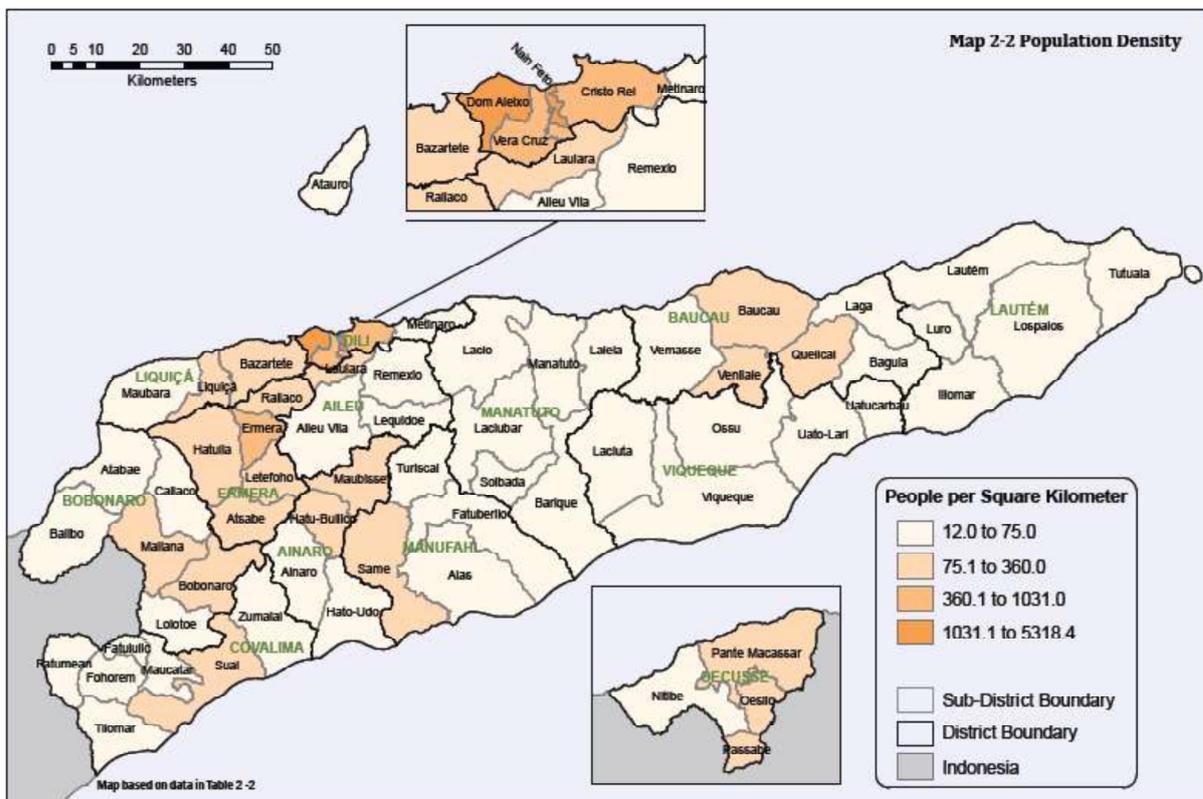
Fonte: Elaboração própria.

Num primeiro momento, a Educação Popular no Timor-Leste foi desenvolvida pela FRETILIN, com apoio da UNETIM, objetivando a libertação nacional atrelado ao processo de alfabetização. Após a conquista da restauração da independência, a agenda de lutas do país sofreu mudanças, em função de estar contida em outra unidade epocal. Há assim, a luta no sentido da alfabetização, porém num contexto não mais de libertação contra a Indonésia, mas na denúncia do *status quo*, através de uma solidariedade local. Essa denúncia do *status quo* liga-se à luta pela emancipação, presente desde os primórdios da Educação Popular em Timor até os dias de hoje, para que “os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação” (FREIRE, 1997, p. 75), construindo na denúncia o novo.

4.1. Características gerais do distrito de Ermera

O distrito de Ermera constitui uma área aproximada de 5% do território de Timor-Leste, estando próximo à capital Díli. Apesar de seu pequeno território, possui a terceira área mais populosa do país, onde se encontram 11% da população do país no distrito, atrás apenas de Díli. (MAPA 10).

MAPA 10 - Densidade Populacional de Timor-Leste



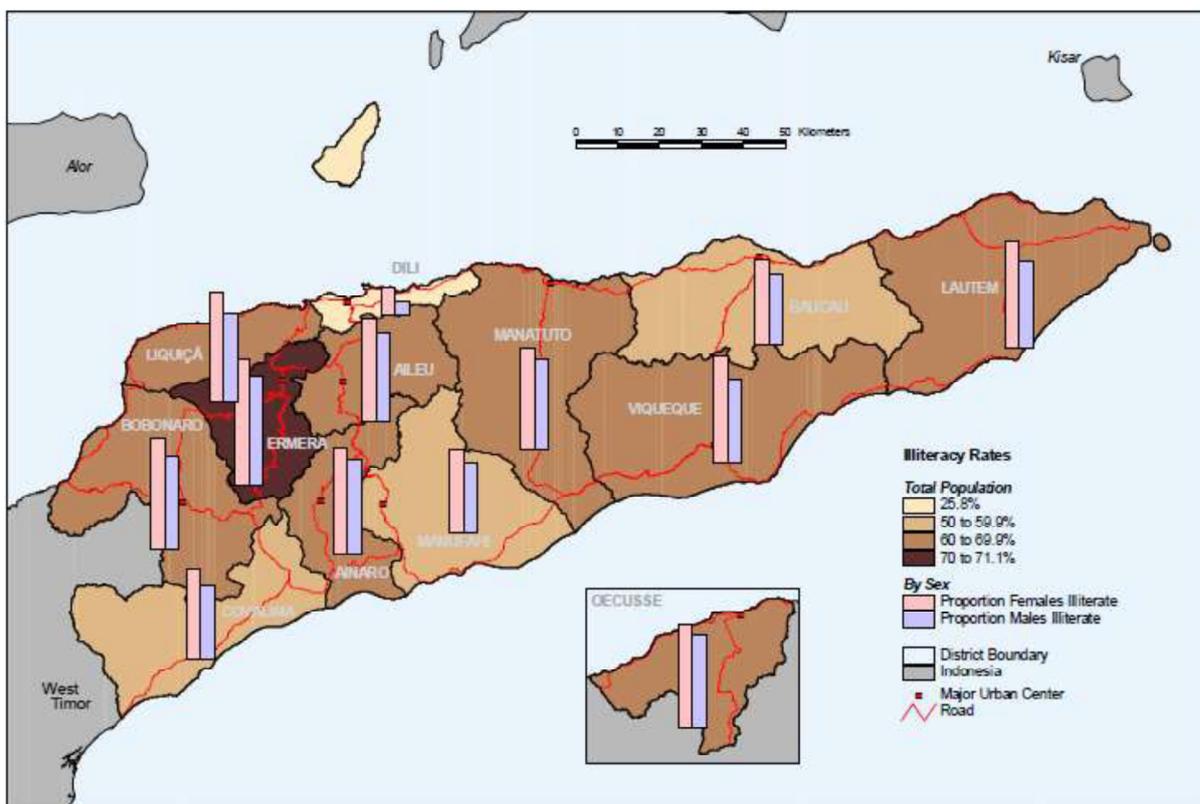
Fonte: RDTL (2010)

Ermera possui uma estrutura etária predominantemente jovem, destacando-se por pequenos agricultores produtores de milho, mandioca e, principalmente, café. O grau de importância deste último dá-se em função de ser o principal produto agrícola de exportação do país e Ermera possui, ainda, a maior produção da RDTL, representando 27% do total produzido. (RDTL, 2006).¹⁷²

Com relação à Educação, mais especificamente no que se refere ao índice de analfabetismo, o distrito se coloca como o mais problemático do país (MAPA 11), sendo este um dos principais pontos motivadores para a criação da EEPFS, além das necessidades advindas da agricultura local.

¹⁷² Utilizou-se tanto do Censo 2004, quanto do Censo 2010, pois nem todas as informações estão presentes em ambos.

MAPA 11 - Índice de analfabetismo no Timor-Leste



Fonte: RDTL (2006)

A produção de café é realizada nas áreas montanhosas do distrito, já que, majoritariamente, este se localiza em altitudes relativamente elevadas – levando-se em conta a área do país - atingindo, em alguns pontos, mais de 2000 metros de altitude. Assim, como tratado anteriormente, o relevo montanhoso de Ermera foi um dos fatores utilizados em favor dos timorenses, durante a resistência contra a invasão Indonésia, resistência esta que se materializa nos dias de hoje através das luta pela reforma agrária.

4.2. Os agricultores em Timor-Leste e a UNAER

A produção de café, tida como a principal do distrito, foi introduzida inicialmente pelos portugueses, havendo, então, a exploração da colônia através do monopólio da terra, realizada, em primeiro momento, pelos portugueses e, após 1975, pelos indonésios.

Após a restauração da independência, a agenda de lutas da população muda de foco, sendo a reforma agrária um dos principais motivos de lutas no sentido da emancipação através

da denúncia do *status quo*. É assim que surge a União dos Agricultores de Ermera (UNAER) que, apesar de especificar em sua denominação uma localidade, possui como um dos objetivos futuros, a transformação para um movimento nacional na luta pela reforma agrária.

Assim, como forma de uma melhor compreensão, fez-se necessário um maior detalhamento dos cenários históricos relacionados à complexidade da questão da terra em Timor-Leste, desde um contexto de pré-colonização portuguesa até os dias atuais, com destaque para a exploração da terra através de sua função econômica.

4.2.1. Cenário colonial português

Durante o governo de Celestino da Silva, no final do século XIX, foi introduzido o cultivo do café em larga escala no país. Esse período é caracterizado pela exploração da mão-de-obra timorense, isto é, as “circunstâncias em que os timorenses tinham de trabalhar nos cafezais e de fornecer mão de obra compulsória para a construção de estradas e de outros tipos de infra-estruturas eram deploráveis” (SCHOUTEN, 2007, p. 33). O autor ainda acrescenta que essa exploração da mão-de-obra timorense

(...) não melhoraria nas décadas seguintes. Clarence-Smith, bem como autores timorenses, atesta que o regime de trabalho no período dos empreendimentos cafeeiros tinha traços de escravatura. O relato de uma testemunha ocular, publicado no periódico australiano *Smiths's Weekly*, em 1932, pinta o quadro de um regime duro e cruel, pelo menos em algumas das plantações, e do sadismo dos encarregados. (SCHOUTEN, 2007, p. 33).

A exploração da terra em Ermera foi realizada por uma empresa ligada ao governo português denominada Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho (SAPT). Estes “*se tornam donos das terras em Timor, havendo uma grande ocupação das terras por causa da ignorância ou por causa de abnegação do movimento do povo.*”¹⁷³ (SILVA, 2015). Nesse sentido, Alberto (2015), relata:

O problema em relação à questão da terra era porque os portugueses ocuparam nossas terras. Com isso nós nos sentíamos tristes em função de nossos avós e nossos pais serem trabalhadores, mas não possuírem terras para sobreviver e, os que trabalhavam nas plantações não tinham pagamento, só recebiam comida durante o período da manhã e depois almoço à tarde. Depois do dia de trabalho, esses agricultores voltavam para suas casas trazendo

¹⁷³ Ponto este relacionado à interpretação existente do conceito de obscurantismo.

apenas alimentação para os familiares. Isso foi uma avaliação para em 1975, se tem um conhecimento que é básico, é o de apoiar a FRETILIN para libertar a nossa Pátria. (ALBERTO, 2015).

Para que pudesse ocorrer a exploração da terra, os portugueses da SAPT, aproximavam-se dos “liu-rai¹⁷⁴, pois o objetivo das aproximações é para falar sobre terra e realizar a divisão de terras, para que assim o malai possa ser dono de terras.” (MIRO, 2015)

Assim, a “Luta pelo direito da terra começa no período português, quando agricultores, nossos avós e bisavós, fazem resistência.” (MIRO, 2015), se estendendo ao período da invasão Indonésia e chegando aos dias atuais, ainda como pauta na agenda de lutas dos produtores rurais (camponeses) de Timor-Leste.

4.2.2. Cenário indonésio

Durante o processo de invasão, os indonésios buscaram explorar a situação economicamente. Nesse contexto econômico, a natureza das mercadorias mudou, sendo que os produtos industrializados, antes importados de Portugal, Hong Kong, Macau e Cingapura majoritariamente, foram substituídos por produtos advindos quase sempre da Indonésia. (GUNN, 2007, p. 56).

Em relação à questão da terra, o monopólio, exercido anteriormente pelos portugueses, foi substituído pelo indonésio. Dessa forma, segundo carta de 29 de Abril de 1976 enviada ao Secretário Geral da ONU, além de todo o massacre gerado, os militares [indonésios] são ainda acusados de dominar os negócios, de fazer crescer a corrupção e de impedir a preparação das terras para as colheitas, fazendo aumentar a fome entre a população. (ACÁCIO, 2006, p. 64).

Como atividade econômica, a terra estava intimamente ligada aos interesses militares indonésios através da empresa denominada P. T. Demok Hernandez International. Era controlada pelo exército, gerenciada por um empresário chinês e endossada pelo general Benny Murdani, tendo ligações com comércio e casas de finanças de países vizinhos. (GUNN, 2007, p. 47). O mesmo autor ainda descreve a quantidade exportada, juntamente com o montante em dólar:

Depois de seis meses da captura de Dili, essa empresa havia exportado 500 toneladas de café para Cingapura, seguido de um segundo envio de 800

¹⁷⁴ Chefe local, derivado dos reinos antigos.

toneladas, o que rendeu à Demok US\$ 3,1 milhões no primeiro ano da integrasi ou integração. Ao conquistar esse “nicho de mercado”, a Demok assumiu as plantações confiscadas e as fazendas de propriedade da SAPT – Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, a antiga companhia estatal portuguesa. (GUNN, 2007, p. 48).

Assim, pode-se dizer que, além da utilização das terras da antiga SAPT, foram roubadas mais terras dos timorenses, potencializando o monopólio da terra realizado pelos portugueses no período anterior. Em outras palavras,

A ocupação em si, foi igual à ocupação feita por Portugal, com exploração de militares¹⁷⁵ na produção de café que depois era enviado para Jacarta. Então pronto. Faz-se necessária uma política de apoio à resistência, contra a ocupação indonésia.” (ALBERTO, 2015)

Em função de ser o maior produtor de café do país, o distrito de Ermera foi fortemente atingido por esse processo de monopólio da terra, pois “Contribuindo para o sucesso da Demok estavam os crescentes preços mundiais do café entre 1976-1977 e a demanda pelo valioso café de Timor” (GUNN, 2007, p. 48), que hoje é exportado para Japão, Austrália e E.U.A., com destaque para a empresa Starbucks que, segundo os entrevistados¹⁷⁶, paga um valor muito pequeno aos produtores timorenses. “O monopólio da Demok também se estendia a outros cultivos de exportação e também ao sândalo, mercadoria que ela explorou avidamente junto com a importação de uma variedade de produtos alimentícios e mercadorias de consumo.” (GUNN, 2007, p. 48). Ainda segundo o mesmo autor, até 1980, os indonésios utilizavam-se da “venda forçada da safra de pequenos produtores abaixo do preço de mercado. Comprando barato e vendendo caro em Cingapura, essa companhia fez um lucro estimado em US\$ 20-25 milhões.” (GUNN, 2007, p. 48).

Num segundo momento, de forma mais sistemática, Gunn (2007, p. 48), destaca que “mais de dez mil hectares de terra foram convertidos para o cultivo do café (de 45.321 hectares em 1976 para 51.960 hectares em 1992) e um milhão de sementes de cravo-da-índia foram plantadas.” Além disso, houve a expansão para exportação da produção de coco. (GUNN, 2007, p. 48).

Desta forma, segundo Gunn (2007, p. 48-49), nessa fase da política indonésia, introduziram-se novas técnicas e formas de organização agrícola. Um exemplo é o caso do

¹⁷⁵ Empresa de café ligada aos militares indonésios.

¹⁷⁶ Professor da Escola Fulidaidai-Slulu, Maun Miro.

programa intitulado Desenvolvimento Rural Integrado, financiado pela Agência de Cooperação Internacional Norte-americana (USAID). Assim,

Enquanto admitia que a aplicação da ciência e da tecnologia para a agricultura fora tristemente negligenciada pelo colonialismo português, o programa de desenvolvimento indonésio em Timor-Leste impunha algumas fortes restrições. Primeiro, os próprios timorenses tinham acesso negado a terra fértil e, segundo, era exigido que eles subordinassem suas atividades agrícolas de subsistência aos critérios de segurança das forças de ocupação. (GUNN, 2007, p. 49)

Segundo Silva (2012a, p. 31), essa agência de “cooperação/Assistência para o Desenvolvimento Internacional (AID) são forças políticas articuladoras do sistema mundial contemporâneo, impondo uma vinculação específica dos países em desenvolvimento com os centros hegemônicos de poder”.

Todo esse processo, chamado de doutrinal (GUNN, 2007), foi realizado através da dupla função exercida pelo exército invasor, intitulada doutrina militar-social. Nesse processo, que se constituía como um sistema ditatorial, ocorreram casos de repressão, potencializando a “*luta pelo direito à terra e pelo objetivo nacional (restauração da independência)*.” (MIRO, 2015).

Destaca-se que, internamente às lutas, ocorreram massacres como “*o acontecido em Sakoko (1996), onde muitos timorenses foram mortos pela polícia indonésia, pelo fato de os timorenses ocuparem as áreas e realizarem suas pequenas hortas na área que agora era dos invasores.*” (MIRO, 2015)

De forma geral, “em Timor-Leste, os militares indonésios construíram impérios lucrativos não apenas no café, mas também em mármore e sândalo”. (GUNN, 2007, p. 49).

4.2.3. A terra em Timor-Leste após a restauração da independência e a ligação com o surgimento da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu

A questão da terra em Timor-Leste enquadra-se no que se denomina como sistemas tradicionais de uso e posse (FITZPATRICK *apud* NARCISO; HENRIQUES, 2011, p. 251), sendo as transferências de terra realizadas de forma hereditária, agravando a situação problemática de acesso à terra, pois filhos de indonésios e portugueses acabam por se manterem donos de terras, excluindo grande parte da população do acesso a ela.

Quanto ao mercado de terras em Timor-Leste, é de realçar que não há um verdadeiro mercado de terras em funcionamento, pelo menos em termos formais. O conceito de direitos de propriedade sobre a terra, semelhante ao

ocidental, ainda é um conceito emergente para a grande maioria da população. (NARCISO; HENRIQUES, 2011, p. 250).

Se de um lado as formas tradicionais acabam por beneficiar o uso da terra por parte de estrangeiros, para agravar essa situação, segundo Narciso e Henriques (2011, p. 250) existe “uma pressão crescente para a liberalização, a privatização e a “mercantilização” da terra, como evidenciam os contratos entre o governo de Timor-Leste e empresas privadas assinados nos últimos anos (...) e a ortodoxia dominante das agências de cooperação internacional.” Neste sentido, “o papel do Estado tem sido reduzido no que diz respeito ao acesso e ao uso da terra (...), o que na prática significa a aceitação da situação atual.” (NARCISO; HENRIQUES, 2011, p. 250).

Segundo depoimentos obtidos em entrevistas realizadas durante o ano de 2015, atualmente poucos timorenses possuem acesso à terra no país, havendo muitos portugueses e indonésios detentores dos direitos de terra, considerando que a Lei de Terras do país faz com que, após cinco anos do uso da terra, o estrangeiro torne-se dono desta. (UKA, 2015; LEO, 2015). Porém, há discussões com o intuito de mudança na Lei, para que os timorenses possam realmente ter acesso à terra.

É necessário uma grande mudança em relação a atual questão da terra para que a comunidade esteja satisfeita. A lei para a terra agora, está em discussão e está no parlamento para fazer promulgação. Nisso, destaca o comprometimento da UNAER para fazer valer os direitos, em nível nacional, local, para parlamento fazer sua parte, autoridades fazerem, Estado fazer, para assim poder haver benefício para comunidade, para assim haver o reconhecimento do direito para a terra. (LEO, 2015).

Em função de toda essa problemática, após a restauração da independência, há uma potencialização da busca pela reforma agrária. Neste sentido, Miro (2015), relata:

Meu avô tinha terra, mas não podia usar, então a resistência continua e depois em 2000, no princípio da organização da UNAER, inicia-se uma forte luta: a comunidade se organiza e começa a reivindicar as terras, para que as pessoas possam novamente ter acesso a suas terras. Então a luta inicia-se no tempo português e vai até depois da independência em 2002.

Após o ano 2000, “*dirigentes da UNAER em Maudiu (representado por Maun Alberto) tiveram a iniciativa de luta. É importante destacar também os grupos de Sakoko e de Lequici.*”¹⁷⁷ (AMARO, 2015). Após iniciativa, Alberto (2015) relata que

Em 2006, começamos a organizar a conscientização para todas as bases até atingirmos 16 plantações. Depois, em 2010, nós organizamos a União dos Agricultores de Ermera. Aumentando a adesão, somos agora 26 plantações.

4.2.3.1. A formação da União dos Agricultores de Ermera (UNAER)

A formação da União dos Agricultores de Ermera, apesar de sua oficialização no ano de 2010, tem sua origem nas bases da resistência, período em que, durante a invasão indonésia, os agricultores realizavam pequenos confrontos contra o monopólio da terra realizado pelos indonésios. (MIRO, 2015). Nesse sentido, “*os agricultores estão a lutar desde o tempo colonial português e até a ocupação da Indonésia e, até hoje, eles sempre estão a lutar sobre a terra, sobre direito de plantação do café, da terra.*” (UKA, 2015).

Após a derrota sofrida pelos indonésios no território timorense, os camponeses “*iniciaram a tentativa de se organizar, para conseguir terras em Ermera, onde se tinha o cultivo de café*” (UKA, 2015), sendo que, em “ *finais de 1999 e início de 2000, um grupo de camponeses em área chamada Lequisi, (...) conseguiu ocupar plantações das fazendas, e dividir entre eles. Cada família tem alguns metros para cultivar.*” (SILVA, 2015).

Esse movimento que, em princípio deveria ser um movimento nacional, por decisão dos próprios camponeses, acabou por ser um movimento apenas local no ano de 2010, porém, sem deixar de lado o interesse de se transformar em um movimento nacional pela reforma agrária. (SILVA, 2015). De forma sintética com relação à luta pela terra do passado até os dias atuais, pode-se dizer que a

Luta pela terra em Timor-Leste, com foco para Ermera, começa depois de independência em 2000 e pouco. Neste sentido, estrangeiros (malai) que possuíam terra já no período português, voltam a Timor depois da independência, fazem a reivindicação pela terra, já que possuem escritura, mas num processo que não é legal. Eles utilizam de poder para terem certificados não havendo consenso com a comunidade. Então depois da independência eles reivindicam terra e se nós queremos, temos que pagar. Então pessoas não possuem terra aqui, realizam luta pela independência, mas nós ainda não estamos satisfeitos, nós não ganhamos, nós rejeitamos ação, porque nós

¹⁷⁷ Sucus.

reconhecemos que povo não é dono da terra.¹⁷⁸ Então, em meados de 2000, os agricultores começam a se organizar em cada base, como objetivo, a ideia pelo direito a terra em cada base. Desta forma, vemos que não podemos lutar sozinhos, mas juntos. (LEO, 2015).

Em outras palavras e, de forma complementar, o surgimento da UNAER tem suas bases nas áreas de Sakoko, Maudiu e Lequici, sendo que os precursores do movimento constituem a atual liderança da UNAER. Neste sentido,

O primeiro é Sakoko, na plantação Lamaliu. Maudiu é plantação Maudiu. Lequice, plantação Lequici. Organizador foi o senhor Abel em Lequici, Sakoko foi senhor Amaro e, Maudiu fui eu. Antes de 2000, houve luta política pela reforma agrária já bem preparada e, após o referendo de 1999, houve remanejamento e distribuição de plantações (terras) para comunidade. Em 2001 o grupo já estava formado, mas antes mesmo do referendo já se pensava nessa distribuição de terras. (...) Depois disso, discutimos em relação à necessidade de consolidação de um grupo forte com outros agricultores para criar essa organização. Inicialmente foi uma associação, mas eu não concordei com isso e, fiz uma declaração, pois já tinha ideia para criar essa organização (UNAER). E antes do primeiro congresso, nós buscávamos um estatuto como símbolo de união e, até 2006 fez-se plano para realização do primeiro congresso. E assim, em 2010 acontece o primeiro congresso, para definir o estatuto, discutir e definir estrutura. Ali naquela altura, o senhor Amaro através de eleição, foi eleito presidente, e eu secretário geral. Antes disso também, voluntariamente, havia secretário provisório e, depois se criou a comissão e foram eleitos secretários. Depois de congresso, comecei a ser secretário geral da UNAER. O congresso acontece de 3 em 3 anos. (ALBERTO, 2015).

Ainda, em um contexto pré-restauração da independência, no ano 2000, instaura-se a relação entre os camponeses e KSI por meio do contato realizado, inicialmente, pelo Professor Dr. Antero Benedito da Silva:

Houve esta história, então eu fui lá visita-los, falar com eles, falar sobre esse movimento se podemos trabalhar juntos. Então começaram visitas regulares, intercâmbios para promover a Educação Popular e a reforma agrária em Ermera e, em quase uma década, conseguiu-se estabelecer a UNAER. (SILVA, 2015).

Cabe destacar que, “desde o início, os agricultores pensavam sobre a importância de incluir junto à agricultura também a educação, porque para lutar é preciso educação.” (UKA, 2015). Com isso, Alberto (2015), destaca a necessidade de um aprimoramento da luta pela Reforma Agrária, salientando a necessidade de um processo formativo: “precisamos também

¹⁷⁸ Esse período é compreendido entre os anos de 1999, quando é realizado o referendo, e 2000, quando ainda Timor estava sob a administração transitória da ONU.

ter formação para as estruturas de base para atingir os objetivos de nossa luta, senão não conseguimos desenvolver nossas lutas. Então, a iniciativa para se ter uma escola vem desde 2006 até 2014.” (ALBERTO, 2015).

É desta forma que nasce a escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu descrita na presente pesquisa. Tal escola possui como objetivo o desenvolvimento da luta pela Reforma Agrária, atrelada a um processo educativo ligado à solidariedade timorense.

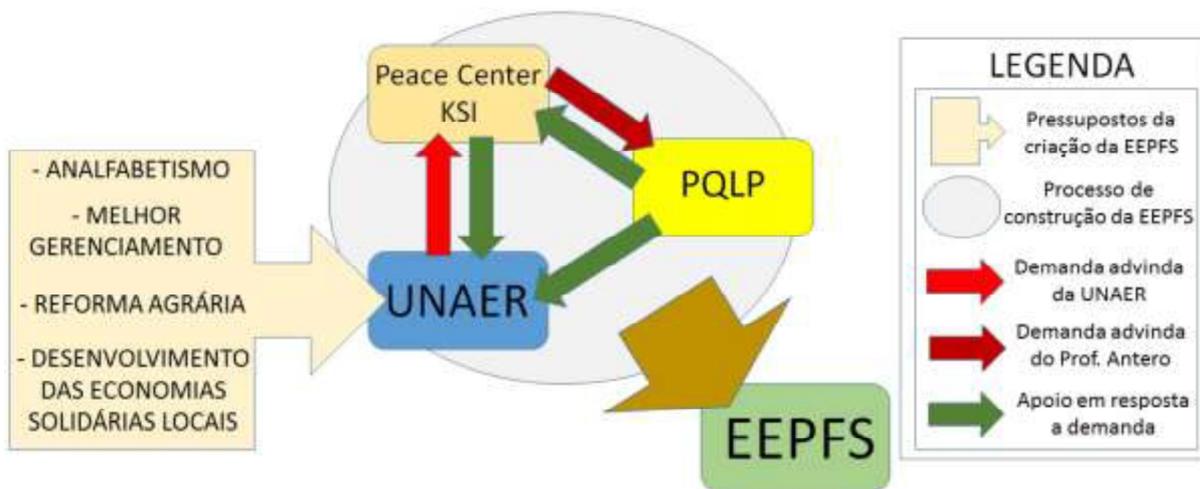
4.3. O papel dos intelectuais dentro desse processo educativo

A primeira ligação da escola estabelecida com a UNAER foi realizada através da organização não governamental intitulada Kdadalak Sulimutuk Instituto (KSI), sendo que o precursor deste relacionamento foi o então diretor Antero Benedito da Silva. A importância deste professor não se esgota neste momento, pois ele se liga novamente ao movimento dos camponeses, através do *Peace and Conflict Studies Center* – centro interno da UNTL em que ocorre o funcionamento da Pós-Graduação da Faculdade de Ciência Política de Timor-Leste. Eis um depoimento a esse respeito:

KSI foi fundado pelo professor Antero em 2000 e, depois eles lutaram muito tempo para ter essa UNAER, para conseguir realizar essa União dos Agricultores, KSI trabalhou sempre na área de Ermera, sempre, durante 10 anos. Eles sempre lutaram pela reforma agrária, direito da terra. Então de KSI nós temos UNAER. Aqui em Peace Center, que é parte da universidade, foi fundado pelo Professor Antero também, mas com outros interessados, não é o professor Antero somente. Ele está ligado com as três instituições. (UKA, 2015)

Em meados de 2013, ocorre, ainda por intermédio do professor Antero Benedito da Silva, a parceria entre o grupo envolvido com a formação da EEPFS e a Cooperação Brasileira em Timor-Leste (PQLP), como pode ser visto no esquema abaixo:

FIGURA 05 - Instituições envolvidas na formação da EEPFS



Fonte: Elaboração própria.

Assim, de forma simplificada, afirma-se que a formação da EEPFS iniciou-se a partir de necessidades advindas das bases do movimento, sendo levadas a UNAER e, em seguida, levadas ao KSI e Peace Center/UNTL por intermediação do Professor Antero que dá início a uma parceria de apoio às atividades de formação da escola com a Cooperação Brasileira no Timor.

4.3.1. O papel dos intelectuais envolvidos com o Kdadalak Suli Mutuk Instituto (KSI)

Com essa parceria, o principal papel dessa ONG era trabalhar a questão da educação ligada à UNAER, sendo que a primeira já possuía experiência prévia de criação de escola de Educação Popular. KSI é “*um instituto para a educação e universidade, isso que eu sei sobre KSI, por isso o nome é Instituto. KSI já trabalhou com agricultores, eles já fundaram escola em Casnapa, é parte de Díli, mas é uma área remota de Díli.*” (UKA, 2015).

Ainda baseando-se nas entrevistas realizadas com os envolvidos na EEPFS, Miro (2015) destaca que a parceria entre UNAER e KSI iniciou-se com o propósito de sanar as deficiências ligadas à Educação no distrito, sendo que,

Muita gente da base da UNAER não sabe ler, mas podem falar, pois têm vontade de aprender. Anteriormente UNAER realizou discussão interna para a necessidade da criação da escola e, assim, KSI entra para ajudar com este

processo. UNAER prepara lugar, no mesmo local onde funciona o centro da UNAER em Gleno, sendo o lugar de aprendizagem. (MIRO, 2015).

O papel dos envolvidos com o KSI estende-se, ainda, para a criação de novas parcerias com vistas ao desenvolvimento da escola. Um exemplo pode ser a parceria com o PQLP que concretizou-se a partir da relação criada pelo Professor Antero. Em outras palavras, um

(...) ponto importante do KSI é que esta instituição tenta fazer a ponte com as instituições (...) para desenvolver escola fulidaidai, havendo relação bilateral dentre as instituições e a influência de uma para com a outra, sendo importante para o desenvolvimento da escola. (MIRO, 2015).

Em todo esse processo, fez-se necessário um acompanhamento das atividades de execução e desenvolvimento da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, entendido como um processo de avaliação contínua da Educação Popular em Ermera. É nesse sentido que Silva (2015) aponta para a questão de: *“Como que podemos acompanhar? Este é um aspecto importante da Educação Popular: acompanhamento.”* Seguindo o raciocínio do entrevistado, ele destaca que esse processo de acompanhamento deve ser através de uma parceria a longo prazo: *“Sempre se trabalha com dedicação total quase, trabalha com eles, viva com eles, porque senão conseguir estabelecer que os grupos permaneçam ali para trabalhar com os camponeses.” (SILVA, 2015).*

De forma geral, a relação entre KSI e UNAER se dá no sentido de

(...) buscar conscientizar os pequenos agricultores para o pensamento de que é necessário ter educação, sendo esta a chave para a transformação. Então, o papel do KSI é o de fazer¹⁷⁹. Outra instituição é a UNAER, sendo que esta têm influência no contexto local. A UNAER organiza os pequenos agricultores, para confirmar reforma agrária com espírito de aprender no trabalho/prática. (MIRO, 2015).

4.3.2. O papel dos intelectuais envolvidos com a UNTL

A presente fragmentação de envolvidos na escola está sendo realizada apenas de forma a melhor compreender a EEPFS, pois, como visto na figura 05, esse é um processo interligado, sendo até mesmo difícil a identificação de onde acaba uma instituição e começa outra. Dessa forma, a UNTL, através do *Peace Center*, surge como parceira com o intuito de apoiar a reforma

¹⁷⁹ Intermediar a ligação entre UNAER e UNTL por exemplo.

agrária e de fazer com que a União dos Agricultores de Ermera seja legitimada através de suas lutas, sendo materializada na EEPFS. Eis um depoimento a esse respeito:

A idealizadora desse programa¹⁸⁰ foi a UNAER, então eles precisavam de Educação e nós fomos lá. E depois nós discutimos sobre esta escola no Peace Center e no KSI. KSI já está a trabalhar com eles há 10 anos, desde 2000. KSI que intermediou e ligou com UNTL e com Peace Center, tendo como intuito lutar pela legalidade, porque Peace Center é parte da UNTL, então achamos que iria ser fácil para lutar para ter legalidade, através da universidade¹⁸¹. E desde o início, nós sempre colaboramos com o Peace Center aqui e com agricultores lá em Ermera. De vez em quando nós realizávamos atividades e convidávamos eles para participarem do nosso programa da universidade, pois aqui temos estudantes que precisam ir lá para fazer pesquisa e sempre recomendamos para ir lá e aprender com UNAER, sobre movimento. (UKA, 2015)

Assim, os agricultores de Ermera estão interligados, tanto através do KSI como forma de desenvolvimento do processo educativo no distrito, como através de pesquisas e atividades complementares de alunos da UNTL, em especial, os pós-graduandos do *Peace Center*. É nesse sentido que Silva (2015) ressalta a necessidade de se estender as práticas educativas ligadas à UNAER com a ciência. O entrevistado assim registra:

Conceito [Fulidaidai-Slulu] ainda é marginal na literatura timorense, mas se ganharmos espaço na universidade, no governo, nos 10 anos próximos, acho que vai se desenvolver, mas têm que permanecer na prática e permanecer para produzir mais thesis¹⁸² (mais pesquisas), mais artigos, mais seminários, acho que vai se desenvolver. Então essa questão tem que ser desenvolvida no contexto da ciência na universidade para haver a parceria da escola Fulidaidai com a Universidade. Se pudermos ganhar hegemonia científico em relação a essas economias locais, que tem base aqui em Timor, se conseguirmos ganhar esse espaço e produzir textos (pesquisas), 20 estudantes do Peace Center que falam sobre Fulidaidai, vai andar. Acho isto, pra mim é necessário pesquisas científicas. (SILVA, 2015).

O principal compromisso com relação aos camponeses é desenvolver a economia local, através da solidariedade existente desde os primórdios.

Então aqui, o papel dos intelectuais, Maun Antero, Mana Uka, e outros interessados, é de ligação do conceito de escola fulidaidai com a UNTL, de forma a facilitar com a formação de professores, que acreditam na educação nacional. (MIRO, 2015).

¹⁸⁰ Projeto da EEPFS.

¹⁸¹ Como forma de legitimação da escola.

¹⁸² Monografias, dissertações ou teses.

Importante papel da universidade em relação aos camponeses é fornecer e formar docentes para trabalhar na Escola Popular e como destaque citam-se os professores do primeiro módulo da escola Mana Uka, atualmente professora da UNTL e militante; Mao Miro, liderança dentro do KSI, residente numa das bases da UNAER e militante e Mao Leo, militante do movimento UNAER e liderança dentre os camponeses. Leo (2015) afirma: “*Então o papel da UNTL (...), é o de contribuir para desenvolver Instituto Fulidaidai com recursos humanos que as universidades fornecem.*” Faz-se importante que os educadores da EEPFS sejam comprometidos com a causa, para que haja uma convergência de ideias, no sentido de desenvolver a Economia Solidária em Timor-Leste. (ALBERTO, 2015; AMARO, 2015).

4.3.3. O papel da Cooperação Brasileira

A Cooperação Brasileira, diferentemente das atividades realizadas até então, assume um novo papel, ou seja, o desafio de trabalhar com o currículo da EEPFS que não possui como base a língua portuguesa, mas as línguas Tétum e Mambae.

Assim, a contribuição dos brasileiros permeou uma formação de professores no sentido de dialogar usando métodos, estratégias e recursos para a execução das atividades da escola, sem desconsiderar o contexto espaço-temporal de formação da escola. Nesse sentido, em depoimento realizado pelo articulador da demanda no início de 2014, percebe-se

(...) que com este curso a cooperação brasileira terá uma oportunidade única para aprender com timorenses: lidando com diferentes formas de saber, de troca e produção de conhecimento em outras linguagens; experimentando práticas educativas em contextos definitivamente não-elitistas, não-formais e não-urbanos; estabelecendo uma relação direta com as questões vividas por aqueles que trabalham com a agricultura em Timor, de fato, a principal atividade econômica do país. (LUCCA, 2014, p. 7).

Desta forma, se faz “*importante o resultado que se tem através do envolvimento de intelectuais da UNTL, com nível acadêmico nacional, agência importante é a cooperação do Brasil.*” (MIRO, 2015), assim argumenta que

A UNTL, KSI e o Peace Center são muito importantes e, também, a Cooperação Brasileira. (...) Nós fizemos análise e concluímos que parceiros são importantes, mas são poucas instituições envolvidas com o desenvolvimento de escola fulidaidai. O Brasil, como agência internacional, trabalha com

formação de professores e dá condições físicas para o centro de aprendizagem¹⁸³, então este é um importante apoio concreto. Até porque, há grande influência da cooperação brasileira e isto faz com que a escola Fulidaidai tenha credibilidade, onde todos possam ver que ela é real, incluindo a liderança nacional em Timor e também no âmbito internacional. Isso significa que a cooperação brasileira contribui com sua experiência e conhecimentos científicos, havendo o compartilhamento do conhecimento, e havendo integridade da instituição aqui, incluindo a qualidade que advém dessa troca. Também, traz confiança esse processo educativo e para os professores locais, para que nós possamos difundir o interesse de aprender. (MIRO, 2015).

De forma geral, os três grupos aqui citados destacam-se por sua complementaridade. O KSI, quase que indissociável do *Peace Center* por estar ligado ao Professor Antero, realiza o papel de articulador da Educação junto aos agricultores, de forma a ligar-se a novas parcerias e acompanhar o processo para que este possa acontecer de forma sustentável. Com relação à UNTL ou ao *Peace Center*, há práticas no sentido de legitimar a Educação Popular no distrito de Ermera, além de fornecer professores militantes para o processo de formação da Escola. Por último, a Cooperação Brasileira tem o papel de auxiliar numa troca dialógica a formação da escola (formação de professores), incluindo apoio metodológico aos professores envolvidos na escola.

4.4. As dificuldades enfrentadas na formação da Escola

Dentre as diversas dificuldades para a formação da EEPFS apontamos, aqui, apenas as principais, aquelas mais incisivamente ressaltadas nas entrevistas realizadas (SILVA, 2015; UKA, 2015; MIRO, 2015; LEO, 2015; ALBERTO, 2015; AMARO, 2015).

Destaque é dado ao desafio posto em relação à necessidade de professores comprometidos com o projeto e que se dediquem de forma integral à escola. Há, ainda, a questão financeira que não possibilita a contratação de professores pela escola, mas sim a atuação de militantes, como é o caso daqueles ligados ao KSI e ao *Peace Center*. Somam-se a essas questões, as dificuldades com os recursos físicos, superados apenas de forma

¹⁸³ Com a realização do Seminário em Ermera, no final do ano de 2014, foi possível conseguir verba através da Embaixada brasileira para que pudesse haver na escola portas e janelas.

momentânea, sendo ainda necessária a ampliação desses recursos. Por fim, com pouco apoio, não há grande reconhecimento da escola, podendo afetar sua sobrevivência financeira.

Nesse sentido, para compreensão dessas dificuldades ressaltadas nas entrevistas, estas foram fragmentadas apenas como forma de estudo, já que as dificuldades enfrentadas se misturam e se inter-relacionam.

Há a presença na escola de um corpo docente, como já citado anteriormente, porém eles exercem outras atividades como forma de sustento, sendo estes militantes da causa dos camponeses de Ermera. Assim, “*Falta recursos humanos (professores), fornecimento de professores para ensino é um problema, pois ensinam como voluntários¹⁸⁴, exigindo também espírito de militância.*” (LEO, 2015). Isso pelo fato de que “*Os professores têm vontade, mas possuem outras atividades, aí é necessário que haja pagamento para que professor possa se dedicar exclusivamente à escola.*” (AMARO, 2015).

Além disso, ainda em relação aos educadores, Uka (2015) ressalta a necessidade de se “*aumentar o número de professores e isso não é só para aumentar numericamente a quantidade de professores, isso não é só pelo número de professores, mas sim porque é muito importante o comprometimento, para cooperar ou para contribuir.*¹⁸⁵”

Uma ideia para o futuro, seria a oficialização da parceria com a UNTL, mais especificamente com o *Peace Center*, para que seja possível a transformação da escola numa escola de Educação do Campo, institucionalizada pela Universidade. Aqui, então, temos um ponto a ser destacado: será que o governo da RDTL permitiria uma institucionalização de uma escola questionadora do *status quo*?

Cabe destacar que o governo não reconhece a Escola Popular em Ermera:

(...) primeiro em relação a legalização advinda do governo, sobre dificuldade que podemos pensar. Governo (Estado), não pensa em ganhar com Fulidaidai, com existência da Escola Fulidaidai. Então legalização advinda do Estado é uma dificuldade, falta vontade, interesse de espírito para poder caminhar. (LEO, 2015)

Há, ainda, outra questão com respeito ao não apoio da Educação Popular, pois, além de ser um conceito alternativo ao já estabelecido, ele é também um conceito local, não sendo

¹⁸⁴ Ser voluntário em Timor, pode significar militante.

¹⁸⁵ Essa contribuição é no sentido qualitativo.

valorizado pelos governantes. Nas palavras de Silva (2015), “*Para os agricultores têm limites, pois é um conceito local, e muitas coisas vêm do estrangeiro. Porém, se houver uma ação nacional reforçada em Ministérios, acho que vai ganhar espaço*¹⁸⁶.” (SILVA, 2015).

Em relação a apoios diversos, como citado no item 4.1.2, sobre o papel da Agência de Cooperação Internacional Norte-americana através do programa Desenvolvimento Rural Integrado que dava suporte aos negócios militares indonésios (GUNN, 2007, p. 49), há a presença, em Timor, de diversas instituições que os próprios camponeses classificam como “suspeitas”. Dentre elas destacam-se, na grande maioria das vezes, ONGs financiadas por governos externos para que Timor-Leste tenha uma produção agrícola em massa, com a utilização de agrotóxicos. Processo incitado por essas ONG’s, atrelado a já citada mercantilização da terra, faz com que a cada dia, haja maior pressão para a oficialização da terra como valor de troca. (ANDERSON *apud* NARCISO; HENRIQUES, 2011, p. 250).

É nesse mesmo sentido que,

Alguns falam em agricultura de subsistência, não é uma agricultura dinâmica, porque ela não tem capacidade de produzir para mercado. Mas esta sobrevivência vai sobreviver todo tempo. Se transformar este subsistência para a economia de mercado é frágil, muita fragilidade, fragilidade em termos de qualidade agrícola, fragilidade em termos de mercado. Indonésia e outros países tem grandes escala de produção. Aqui se produzimos, quantos para conseguir chegar ao Mercado Europeu. Muito complicado. É melhor sustentar a economia local e a distribuição local. Isto, um autor chamada Heins, localization of locality. (SILVA, 2015).

Por essa questão, é de grande importância a parceria entre UNAER-KSI-UNTL, para que haja uma criticidade na aceitação de apoios, para que se mantenha o sentido inicial da proposta da Educação Popular em Ermera com o intuito de promoção das práticas econômicas locais pautadas pela solidariedade.

Se a escola caminha no movimento contrário às práticas desumanizadoras do capitalismo, conseqüentemente poucos serão os apoios interligados com a causa dos camponeses em Ermera. Nesse sentido, há “*limitações financeiras para construir fisicamente a escola e para apoiar os mestres para ensinar os estudantes. Então é um processo muito delicado. Mas o plano está na mesa e está no caminho para se trabalhar.*” (SILVA, 2015).

¹⁸⁶ As questões referentes a uma economia local, baseada no local e não no advindo de fora, principalmente ao que vem posto de forma vertical de cima para baixo.

Assim, as limitações físicas constituem-se como mais uma das dificuldades ligadas às questões financeiras. É nesse sentido também que Leo (2015) destaca para a necessidade de uma

(...) sustentabilidade de apoios, arranjar parceiros para poder resistir por um longo tempo. Porque agora eu entendo que é necessário pensar sobre cobrar dos estudantes para, cada semestre ou cada trimestre, a princípio 20 dólares. Mas se pessoa não tem, pode ser outra quantia para o Instituto Fulidaidai. Então desafio para o futuro é que haja fundo para contratação de professores. Nós contribuimos voluntariamente, para poder realizar libertação da comunidade e da juventude com conhecimento da Educação Popular.

Portanto, há uma grande preocupação por parte dos envolvidos com relação ao futuro da escola, sendo necessário encontrar um meio de sustentabilidade financeira. Atualmente a escola depende de apoios, principalmente no que se refere ao corpo docente. Nesse sentido, um dos planos futuros da escola é a sua vinculação com a UNTL. Seria essa a resolução de grande parte dos problemas relacionados aos apoios? Por outro lado, uma institucionalização da escola, junto à Universidade, não retiraria sua autonomia, ou seja, não esvaziaria suas lutas pela reforma agrária e pelo desenvolvimento de uma economia alternativa? Ressalta-se, desde já, que a presente pesquisa não busca responder nem dar nenhuma solução a essas indagações, mas analisar criticamente todo esse processo, até pelo fato de que em relação à aplicação de modelos ocidentais antidialógicos, os camponeses estão cansados.

4.5. O projeto de construção da Escola de Educação Popular do distrito de Ermera como forma alternativa ao capitalismo

Nas bases da UNAER, constata-se a presença de um cooperativismo, onde o principal estabelecimento é o da área de Sakoko que “já possui uma consolidação.” (ALBERTO, 2015). Ressalta-se ainda que, como característica da Economia Solidária, a “Cooperativa acontece em base. Não vêm de cima para baixo.” (ALBERTO, 2015). Observa-se aí um dos princípios do cooperativismo, onde se tem uma relação horizontal. Outro ponto a ser destacado em relação ao cooperativismo praticado nas bases da UNAER é a realização de um mercado justo com o

café advindo de Timor. Nas palavras de Silva (2015), este produto é exportado “*através de mercado justo com japoneses*¹⁸⁷, *green cooperatives em Japão.*” (SILVA, 2015).

Esses são alguns dos apontamentos de que as práticas econômicas locais de Timor-Leste, denominadas como Fuidaidai e Slulu, se direcionam para outra lógica de sociedade que não é a atual. Nesse sentido, Silva (2015) afirma que Fulidaidai-Slulu é “*uma alternativa híbrida, dentro de um Sistema Global e dominante do capitalismo*”, destacando para a necessidade de que “*haja uma mudança que não seja apenas paliativa, mas que demonstre uma transformação estrutural, onde os trabalhadores devem agir de forma a executar uma reconstrução econômica da sociedade*” (SILVA, 2015).

Nas palavras de Holloway (2003) as atividades ligadas a economia solidária podem ser entendidas como um embrião de uma nova sociedade, como forma típica de um novo modo de produção, antagônico ao modo de produção capitalista. Ela permanece no campo da ética marxista, mas não em todas as suas concepções político-econômicas e estratégicas. Tratar-se-ia de um novo conceito de revolução. Tal conceito se aproximaria do que Singer (1999) denomina de revolução social que, necessariamente, passa pela questão educacional e cultural, pois se faz necessário que seus integrantes a entendam, a vivam, a “*expericiem*” como uma economia não-capitalista e isso só ocorre na medida em que se possui consciência do que se faz e isso se dá por meio da educação e da cultura. Em outras palavras, Singer (1999) afirma que a Economia Solidária é um projeto revolucionário, é um projeto para outra sociedade, e isso nos permite formulá-la como nós desejamos. E para isso seus empreendedores precisam de uma formação política (LEITE, 2011, p. 430).

Esse novo projeto seria, então,

(...) o que Braudel entende como golpes violentos de fora em combinação com alternativas convincentes, apresentadas por atores sociais e políticos no ‘interior’ do sistema. Alternativas políticas não são inventadas em conventículos acadêmicos ou políticos. Elas surgem na e a partir da práxis política, social e econômica das pessoas, em meio aos movimentos sociais. (ALTVATER, 2010, p. 277).

Para a questão da formação política hoje, como no passado, a Educação Popular em Timor-Leste tem sido a principal forma na prática de uma educação que visa à emancipação. Nesse sentido, a EEPFS se apresenta como uma alternativa às atuais necessidades dos camponeses que, em muitos momentos, contrariam a lógica econômica e social vigente, como atesta o depoimento a seguir:

¹⁸⁷ Em Ermera há uma cooperativa que produz café orgânico, no qual a produção é vendida para um empresa de café japonesa.

Nesta escola...sim é uma alternativa ao capitalismo, normalmente o que eu sei é que as pessoas que se envolvem nesse processo de Educação Popular, são pessoas da classe mais baixo, proletários, porque as pessoas que tem dinheiro, têm acesso a outras escolas. Então a Escola Fulidaidai é para quebrar essa barreira de acesso a escolarização, para criar um espaço e, assim, essa classe ter um lugar para aprender e praticar. Eles já praticam, mas é necessário juntar teoria e prática. (UKA, 2015).

Em outras palavras, Leo (2015) afirma que

Educação popular é importante, porque só educação formal não pode contribuir com recursos humanos suficientes, transformar mentalidade das pessoas. Então, Educação popular surge como uma alternativa com intuito de orientar as pessoas para a realidade e para transformar pessoas e a mentalidade capitalista preparando para a luta, o caráter de suas vidas com exatidão¹⁸⁸. Então eu penso que Educação popular agora serve para solucionar, para responder a problemas que tem na educação formal, educação que o governo faz, que reproduz problemas sociais, problema na economia, realidade social, política, e aspectos culturais. Então Educação popular tenta resolver os problemas da comunidade. Educação Popular é a educação da prática, porque identifica necessidades da comunidade, oferece solução como educação, como maneira, conteúdos que estão ligados a uma transformação. Para futuro é importante, pois há muitos problemas ligados a educação formal, educação mantida pelo governo não corresponde as necessidades da comunidade, não corresponde para suas necessidades de mercado de trabalho. Então Educação popular é uma alternativa para orientar comunidade, para desenvolvimento local e consertam vidas, cada base possui recursos naturais (terreno) e há o problema do conhecimento sobre gerência dos recursos, então o curso pode contribuir nesse sentido, para depois ter rendimento, uma boa gestão dos recursos. (LEO, 2015).

Observa-se, na fala acima, que há muita esperança com relação à Educação Popular. Porém, cabe um alerta para que ela não seja tratada como a salvadora, de forma que, por ela mesma se resolverão todos ou grande parte dos problemas relacionados aos camponeses. Pouco será feito se, durante a realização das aulas, se esperar uma palavra salvadora, porque “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1997, p. 68).

Seguindo a mesma linha de pensamento, considerando a escola em constante formação, faz-se necessário que a formação política seja construída num processo dialógico e dialético

¹⁸⁸ Moris ninian loloos.

entre os sujeitos que têm diferentes visões de mundo com relação ao objeto. Não havendo o diálogo, há semiformação, que nada mais é do que uma falsa participação. (PUCCI, 2007).

Levando em conta o processo de emancipação ligado à construção de uma outra sociedade a qual Alberto (2015) refere como independência, ele afirma em relação aos camponeses:

Então uma coisa que nós precisamos é de independência, é assegurar a doutrina política, ideia de militância. Quando se cria uma organização comum, mas nosso coração vem carregado com a doutrina capitalista, o nosso programa não atinge¹⁸⁹. Nossa ideia também é ter professores que venham com coração socialista, com ideia socialista. Quando ele é um professor que vem com ideia, com doutrina, uma política, com boa vontade comum, com certeza o que ele tem são valores de união para os alunos. Quando ele vem com coração capitalista, quando os alunos perguntam, o professor explica coisas que não condizem com nossas necessidades. Mas em coração socialista se vem com dez ideias, pode se servir tudo. Isso é uma preocupação nossa, precisamos de ideias políticas da doutrina socialista. A escola e a UNAER tem essa ideia. (ALBERTO, 2015).

O processo de emancipação advém da leitura ética do real, considerando a eticidade como uma construção histórica. Para atingir a emancipação aqui apresentada, faz-se necessário que os sujeitos que sofrem as opressões realizem, na desconstrução do capitalismo, a construção de uma nova sociedade, construindo com o outro, outra sociedade. Construir na denúncia um anúncio a ser feito, desvelando as verdadeiras contradições do capitalismo. Este último é, por excelência, desumano, pois em sua essência está a coisificação, na redução do outro a mercadoria, tendo aí o rompimento do primeiro sentido ético. Assim, pode-se afirmar que nada justifica o sofrimento humano que é passível de mudança. Dessa forma, a Economia Solidária em Timor-Leste se coloca como

(...) um projeto emancipatório que não se restringe a mitigar os problemas sociais gerados pela globalização neoliberal, mas trata-se de um projeto de desenvolvimento integral que visa à sustentabilidade, a justiça econômica, social, cultural e ambiental e a democracia participativa. Ela se fundamenta na cultura da cooperação, da solidariedade e da partilha, rejeitando as práticas da competição, da exploração e da lucratividade capitalista (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, s/d).

¹⁸⁹ Situação-limite em Paulo Freire.

Na construção dessa outra sociedade, segundo os entrevistados, é destacado o socialismo como o novo, construído a partir da solidariedade que advém dos conceitos de Fulidaidai e Slulu. Desta forma,

Escola Fulidaidai anda no sentido do socialismo. O conceito de escola Fulidaidai é para que ajude o companheiro¹⁹⁰ a pensar no socialismo. Ajudando companheiro, pode-se ter sentimento de solidariedade para com o outro que está na comunidade, assim, poder desenvolver a comunidade. Ideologia do capitalismo dá destaque para o dinheiro, para o ter, então não há ajuda entre os companheiros. Então conceito de Fulidaidai pensa no socialismo e depois ajuda companheiros através de cooperativas, trabalho conjunto entre comunidade, para depois poder desenvolver suas vidas. Então nós optamos pela ideologia do socialismo. (LEO, 2015).

Assim,

Conceito de escola fulidaidai, Escola Popular, escola alternativa, (...) sai como resposta as brechas deixadas pela educação formal. Então essa Educação popular chega para transformar nossa sociedade, comunidade, com conhecimento local, com recursos próprios, com recursos naturais, então esse conceito é para poder desenvolver conhecimento que já se têm, para poder promover. (LEO, 2015).

O socialismo ressaltado nas entrevistas se refere àquele do contexto da guerra fria, porém, partindo de uma economia local, isto é, “*por causa disso, nós da UNAER, trazemos a política original, doutrina da FRETILIN que é de independência.*” (ALBERTO, 2015).

Os objetivos futuros da escola, como alternativa de outra sociedade, requerem a construção, por parte dos camponeses, de uma “*forma participativa, para aprender e para que assim eles possam assegurar a luta pela reforma agrária e desenvolverem uma agricultura avançada e sustentável.*” (ALBERTO, 2015). Nesse sentido, o papel dos intelectuais, juntamente com os educandos da UNTL, é de “*sistematizar este conceito [Fulidaidai], para ser um conceito indígena de Timor, para marcar uma diferença com economia do capital esta poderá ser uma realidade e também uma visão.*” (SILVA, 2015).

Portando, de forma sintética, o projeto de construção da escola de Educação Popular do distrito de Ermera, como forma alternativa ao capitalismo, se coloca como uma das possíveis soluções para resolver problemas relacionados à terra e o gerenciamento de estabelecimentos solidários, sem deixar de lado a formação política contida nesses dois pontos. Assim, segundo Leo (2015),

¹⁹⁰Maluk = Vizinho

A educação aqui reflete para (na) vida deles, reflete nos problemas e pensa-se educação como uma solução para os problemas que eles encontram em relação ao conhecimento, que liga as atividades que acontecem no dia-a-dia deles. Por exemplo, problema com nossa cultura capitalista, a presente educação alternativa, escola fulidaidai, oferece para eles bons conhecimentos técnicos sobre agricultura, na relação com natureza. Por exemplo, os problemas com cooperativa, instituto fulidaidai pode dar subsídio para desenvolver cooperativa, bom, com sucesso. Problema sobre terra, escola fulidaidai pode fornecer subsídios em relação ao direito pela terra, para a reforma agrária. Nós pensamos na transformação, em transferir para comunidade o conhecimento¹⁹¹ para depois terem conhecimento sobre agricultura, para poderem gerir atividades do dia-a-dia e também poder passar legislação para eles saberem seus direitos, eles podem compreender como cidadãos, para eles compreenderem os deveres e direitos como cidadãos e assim fazer, para essa nação, para esse distrito. (LEO, 2015).

4.6. Perspectivas para o futuro da escola

Tomando a EEPFS como um projeto alternativo, surgem dúvidas e incertezas sobre o futuro da escola: “*A questão é: será que este tipo de economia vai sobreviver?*” (SILVA, 2015).

Mais à frente, o mesmo entrevistado complementa dizendo:

Se pudermos identificar e promover, pesquisar, debater, será que esses movimentos, essas práticas, vão ser um espírito para desenvolver a economia que, diferente da economia promovida pelos capitais, ou economias estatais? (SILVA, 2015).

Nesse sentido, Miro (2015) afirma:

Para o futuro pretende-se que escola fulidaidai possa construir com pensamento de uma outra economia, não sendo pública e nem privada, mas outra. Outra esperança é que escola fulidaidai saia como instituição de economia, instituição educativa que orienta as pessoas, prepara as pessoas para haver militância eficiente no nível dos sucus. A escola fulidaidai busca, ainda, ser referência para o território de Timor, para poder completar a independência com a educação advinda do povo, com informações advindas do povo e fazer com que o povo tenha acesso aos serviços públicos que ele não goza por não haver.¹⁹² Então, eu entendo que é preciso trazer educação para perto do povo, trazer informações para perto do povo¹⁹³, para o povo poder sentir-se independente. (MIRO, 2015)

¹⁹¹ Através dos trabalhos de base.

¹⁹² Não há esses serviços básicos.

¹⁹³ Pensa-se num conceito de educação que busque o conhecimento local.

Então para que o pensamento dessa economia possa ser desenvolvido, é necessário também o desenvolvimento da educação. É nesse sentido que almejam os envolvidos, uma ligação junto à UNTL, sendo a escola de Ermera integrante da universidade. Desta forma,

Se pudermos promover cooperações internacionais entre essas formas de economia isso vai promover o progresso da Fulidaidai, porque ganha um espaço no pensamento intelectual, dos Dexters¹⁹⁴ das Universidades, dos Dexters das Escolas. Então, cientificamente há espaço e pode devagar ganhar também área na política. (SILVA, 2015)

Contudo, faz-se importante destacar que apenas o acesso, ou ligação da escola ao contexto científico, não trará um desenvolvimento das economias Fulidaidai e Slulu, pois não estaria a ciência submetida ao modo de produção capitalista? Nas palavras de Oliveira (2008, p. 112), com relação a ciência tradicional, “A mercantilização (...) aparece como um meio de submeter a ciência ao controle do mercado, sendo mais uma manifestação da tendência capitalista a transformar tudo em mercadoria, que se acentua no neoliberalismo.” Porém, pensando numa ciência baseada em conceitos e saberes locais, fundamentados nas economias Fulidaidai e Slulu, acredita-se ser possível uma ciência que caminha na contramão do neoliberalismo.

É nesse sentido que Silva (2015), acrescenta: “*O que que nós podemos fazer? Se produzirmos mais pessoas como Uka, outras pessoas podem trabalhar todos juntos ali para promover um pensamento alternativo.*”

4.6.1. As parcerias para o futuro

Durante a convivência com os camponeses e docentes envolvidos com a EEPFS, foi possível observar que dentre a realização de parcerias, grande parte deles buscam tomar algumas precauções, principalmente no que se refere aos grupos que possuem muitos apoios externos ligados a ONGs.

Nas pesquisas de campo, foi possível constatar a existência de outro movimento social denominado Movimento dos Agricultores de Timor-Leste (MOKATIL). Porém, segundo conversas com os entrevistados, os mesmos afirmam que este é um movimento formado de cima para baixo, isto é, foi formado por ONGs e não pelos camponeses. Nesse sentido, Amaro (2015) afirma que “*Mokatil, ainda não tem base, tem muita ONG envolvida. UNAER são os*

¹⁹⁴ Grandes pensadores

próprios agricultores, vem da base. Mokatil não têm, são muitas ONGs.” (AMARO, 2015). Essa situação apresentada por Amaro, pode ser traduzida pelas palavras de Freire (1985, p. 26): “o invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação.”

O primeiro atua, os segundos têm a ilusão de que atuam na atuação do primeiro; este diz a palavra, os segundos, proibidos de dizer a sua, escutam a palavra do primeiro. O invasor pensa, na melhor das hipóteses, sobre os segundos, jamais com êles; êstes são “pensados” por aquêles. O invasor prescreve; os invadidos são pacientes da prescrição. (FREIRE, 1985, p. 27)

Ressalta-se que a formação da UNAER esteve envolvida, também, por uma Organização não-governamental (KSI), porém a demanda da luta pela terra e para a necessidade de formação de um movimento, veio dos próprios agricultores. O papel do KSI surgiu mais especificamente no sentido de desenvolver a Educação Popular ligada àquele movimento.

Apesar disso, há uma busca de apoios, pois há limitações (SILVA, 2015). Nesse sentido, o principal apoio almejado pelos envolvidos na formação da escola, seria a parceria com o governo da RDTL, com o intuito de institucionalizar a escola. Essa ligação com o governo se daria através da UNTL, sendo então a EEPFS uma vertente da universidade, porém como escola do campo.

Assim, realiza-se trabalho conjunto com UNTL, Centro de Estudos para a Paz (Peace Center), para depois poder dar igual legalização do Instituto Fulidaidai como escola institucionalizada como parte da UNTL. Em processo, se têm o Maun Antero para compreender a questão da legislação e se têm o intuito de legalização do instituto, levando em conta o trabalho conjunto, cooperativo com UNTL para depois o processo poder caminhar muito bem. Mas, tudo isso, ainda está em processo, Maun Antero está a fazer grande trabalho para ter ligação com UNTL para futuro poder arranjar-se como tal, em trabalho conjunto, sendo uma parceria forte para o futuro. (LEO, 2015)

Assim, o mesmo entrevistado acrescenta que esse é um desafio “*em relação a legalização perante o governo, com o próprio Estado. (...) Não significa que será parte da educação formal, mas que a ligação faça com que haja a existência da escola Fulidaidai.*” (LEO, 2015). Também, destaca a importância de que a escola tenha uma sustentabilidade de apoios, de forma consistente e que seja condizente com os ideais da EEPFS:

Agora, para futuro, pensamos na sustentabilidade com apoio de parte de instituições do governo e também outras agências de apoio para poder existir,

considerando os limites e desafios que se têm, para depois a escola poder se manter com sustentabilidade.” (LEO, 2015)

Outro plano para o futuro é uma ligação mais substancial da UNAER com outros camponeses de outras localidades do país, isto é, “*O plano é organizar a base dos outros distritos e depois juntar. Agora temos 3 integrantes junto a UNAER: Ermera, Liquiçá e Díli.*” (ALBERTO, 2015). Assim,

Alberto, ele já foi para Baucau, depois Ainaro, depois Aileu, com o intuito de desenvolver as bases para futuramente haver um movimento nacional. Não precisa ter 10 distritos. Se já tivermos 5 ou 6 distritos, já dá pra começarmos. Vai ser uma organização nacional e, não distrital. (AMARO, 2015)

Além disso, busca-se também apoios externos à Timor-Leste, como uma maior parceria com movimentos de luta pela reforma agrária no Brasil (MST), Vietnã e Indonésia, pois “*se tem apoio e solidariedade de companheiros da indonésia, Brasil, Vietnã, cooperação do Brasil para desenvolver escola.*” (MIRO, 2015). Em outras palavras, Silva (2015) afirma que, os

(...) camponeses serão bem mais fortes se eles tiverem solidariedade fora da sua região com outros camponeses como fonte de cooperação e solidariedade. Os camponeses com isto, precisam ser abertos, claro que, com as pessoas e organizações que tem semelhante espiritualidade.¹⁹⁵ (SILVA, 2015)

Nesse sentido Silva, relembra que,

(...) em 2003, eu recomendei que um camponês chamado Tomás, do distrito de Ermera, da mesma zona que eu falei anteriormente, em Lequici. (...) Ele foi lá com o MST, Movimento dos Sem-Terra (...). Foi cooperação entre um Instituto chamado Lao Hamutuk¹⁹⁶ e Movimento dos Sem-Terra, e o Tomás foi o representante do Kdadalak Sulimituk Instituto e do camponeses, em 2003 ou 2004. (SILVA, 2015).

Portanto, os desafios presentes na construção da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, perpassam pela escassez de apoios, resultando muitas vezes na insustentabilidade da escola em relação ao corpo docente e a questão financeira, uma vez que não há fundos capazes de garantir a gestão da escola. Contudo, destaca-se que essa grande necessidade de apoios deve ser suprida com sujeitos caminhem no mesmo sentido da economia solidária realizada em Timor.

¹⁹⁵ ONGs e outros grupos que possuem a mesma mentalidade com o intuito da Reforma Agrária.

¹⁹⁶ ONG Lao Hamutuk, ligado a HASATIL.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa somente foi possível através de uma experiência em Timor-Leste, atrelada à realização de entrevistas com os militantes ligados à formação da Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu no distrito de Ermera. A intenção da pesquisa não foi de impor algo externo ao país, principalmente por eu ter sido um *malai* no Timor-Leste, mas contribuir cientificamente com o desenvolvimento dos conceitos Fulidaidai e Slulu na perspectiva da Educação Popular. Necessidade esta exposta em entrevista por Silva (2015).

Baseando-se no materialismo histórico dialético, observa-se que a formação da EEPFS é resultado histórico de outras manifestações da Educação Popular em Timor-Leste, denominadas como Pedagogia Maubere. A principal luta no contexto da Pedagogia Maubere era pela libertação nacional. Hoje, a luta se traduz num questionamento ao *status quo*, salientando a luta pela Reforma Agrária.

A concepção de educação presente na Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, possui como principais influências: Paulo Freire, Amílcar Cabral e Mao Tsé-Tung num primeiro momento e, num segundo, Borja da Costa, Ablilio Araujo, Vicente Maria Reis (Sahe), Dr. Lekdoe e Dr. Maubere. Nesse sentido, afirma-se que foi a partir das práticas da Pedagogia Maubere que realizou-se a seleção do conteúdo programático do currículo da Escola Fulidaidai, adaptado a atual “unidade epocal”.

Com relação à seleção do conteúdo programático, faz-se necessário compreender esse processo a partir da Pedagogia Maubere. Para realização desta pedagogia, pode-se dizer que houve um processo de investigação temática por parte dos envolvidos durante a campanha de alfabetização da FRETILIN. Porém, antes do início das atividades da campanha, já havia sido criado um manual que continha os temas a serem discutidos. Baseando-se em Silva (2004), pode-se dizer que em vez de se ter temas geradores, o que se teve foram “contratemas”, pois prevaleceu a leitura de mundo do educador e não a do educando.

Com relação à EEPFS, houve um amadurecimento da compreensão do conceito de Temas Geradores, sendo que a partir de uma demanda dos agricultores, os educadores transpuseram essas demandas para o currículo da EEPFS. Porém a meu ver, ainda não houve uma completa compreensão do conceito de Tema Gerador em Timor-leste, sendo esse um dos grandes desafios para o futuro.

Para um maior amadurecimento com relação ao uso desses Temas Geradores, faz-se necessário interpretar a realidade como a mediadora dentro do processo de ensino-aprendizagem, diferindo daquela em que o educador se torna mediador. Em outras palavras, através da utilização dos Temas Geradores, onde a mediação é feita pela realidade, valoriza-se os processos indutivo e dedutivo, diferindo daquela em que o professor é o mediador, pois neste último, valoriza-se apenas o processo dedutivo. A realidade em si, no atual momento de nossa sociedade, em muitos momentos, é representada por situações-limites, onde há uma naturalização das contradições sociais como algo impassível de mudança.

Nesse sentido, o Tema Gerador surge como a própria compreensão coletiva do educando ligada a sua realidade, questionando-a como determinante do atual estágio do capitalismo. Para realização na prática, o Tema Gerador requer um processo de investigação, denominado como *investigação temática*. Nesse processo, ocorrem levantamentos de falas significativas a partir das contradições presentes nas falas, resultando num processo educativo que seja baseado em problemas reais que, atendam as reais necessidades dos educandos e da comunidade de forma geral.

Assim, é a partir da investigação temática que deverá ser realizada a seleção dos conteúdos, para que se tenha um currículo como meio para se atingir o processo de emancipação, construído a partir da realidade concreta.

Destaca-se, nesse sentido, que para aprofundar essa afirmação, faz-se necessário também uma maior escovação das entrevistas e uma nova pesquisa documental relacionada à Pedagogia Maubere, abrindo espaço para uma nova pesquisa.

Com relação à necessidade de apoios para a manutenção e desenvolvimento da escola, buscando uma comparação à realidade brasileira, os envolvidos na formação da EEPFS têm como pretensão a institucionalização desta, junto a Universidade Nacional de Timor-Lorosa'e, criando algo semelhante aos cursos de Pedagogia da Terra realizados por várias universidades no Brasil, com as devidas peculiaridades ligadas a Fulidaidai-Slulu. (URBAN, 2015). Desta forma, faz-se necessário pensar até que ponto essa institucionalização será benéfica para o desenvolvimento de uma educação fundamentada numa economia que busca ser diversa a atual lógica do capitalismo global.

De forma geral, a realidade da Educação em Timor-Leste é resultado histórico de uma educação proporcionada por Portugal e Indonésia, caracterizada como uma educação “bancária”, realizada de cima para baixo e de forma tradicional (SANTOS, 2014). Em

contraposição a isso, surge a EEPFS com seus princípios fundamentados numa educação que busca ser diferente da educação “bancária”. Seu caráter alternativo se dá pelo fato de que o próprio conceito Fulidaidai-Slulu é entendido aqui como práxis pedagógica, sendo indissociáveis ação e reflexão, isto é, se as práticas cotidianas são solidárias, a própria prática pedagógica da escola deve também o ser.

Assim, seria uma contradição em termos, se durante a prática econômica utilizasse da solidariedade, e na educação denominada como Fulidaidai-Slulu utilizasse de um ensino voltado à manutenção do *status quo* através da prática bancária de educação. Caso isso aconteça, provavelmente as práticas econômicas também terão se alterado deixando de ser práticas solidárias.

Destaca-se que a partir desse ponto, abre-se para um novo projeto de estudo (Economia Solidária e Fulidaidai-Slulu), possivelmente em nível de doutorado, podendo assim, realizar uma nova escovação das entrevistas e uma análise mais aprofundada com a vasta bibliografia sobre Economia Solidária.

Portanto, o processo educativo ligado a Economia Fulidaidai-Slulu vêm a ser uma alternativa aos desafios da complexa “educação timoriana” (SILVA, 2014a), pois vai muito além de uma pedagogia, se fundamentando em uma prática humana, ligada a busca pela emancipação.

REFERÊNCIAS

- ACÁSIO, Manuel. A última bala é a minha vitória: A história secreta da resistência timorense. Dafundo: Oficina do livro, 2006. 293 p.
- ALTVATER, Elmar. O fim do capitalismo como conhecemos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 363 p.
- AMARANTE, Maria Inês. Guerrilheiras da palavra: as mulheres no rádio em Timor-Leste. Rev. Estud. Fem. vol.21 no.3 Florianópolis set./dez. 2013
- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BELO, Dom Carlos Filipe Ximenes. A Guerra de Manufahi (1911-1912). Baucau: Diocesana Baucau, 2012. 36 p.
- BOUGHTON, Bob. East Timor's National Literacy Campaign and the Struggle for a post-conflict democracy. Biennial Conference of the Asian Studies Association of Australia, Melbourne, jul. 2008. Disponível em: <http://artsonline.monash.edu.au/mai/files/2012/07/bobboughton.pdf>. Acesso em: abr. 2015.
- BOUGHTON, Bob. Ten Years On: Adult Education & Development in Timor-Leste. In: LEACH, Michael. et al. Understanding Timor Leste. Díli: TLStudies, 2010. p. 255-260.
- CABRAL, Amilcar. Amilcar Cabral. Cabo Verde, s/d. 114 p. Disponível em: <<http://www.amilcabcabral.org/livro.pdf>>. Acesso em: out. 2015.
- CASA COMUM. Indonesia and Portuguese Timor, 1975. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_141414>. Acesso em: jul. 2015.
- CAVR. Chega! Relatório Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação em Timor-Leste (CAVR), 2006. Disponível em: <http://www.cavr-timorleste.org/po/Relatorio%20Chega!.htm>. Acesso em: 05 outubro 2015.
- CORREIA, Mouzinho. Investigasi Dan Identifikasi Kuburan Massal Korban Perang Di Timor-Leste. In: LONEY, Hannah. et al. Hatene kona ba, Compreender, Understanding, Mengerti: Timor Leste. Díli: TLStudies, 2014. p. 281-287.
- COSTA, Borja da. Seleção de poemas. Díli: Lidel, 2007. 40 p.
- CUNHA, João Solano C. da Cunha. A Questão do Timor-Leste: origens e evolução. Brasília: FUNAG/IRBr, 2001. 249 p.
- DAGNINO, Renato (org.). Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas: IG/UNICAMP, 2009. 183 p.
- DURAND, Frédéric. Timor-Leste: País no cruzamento da Ásia e do Pacífico. Lisboa: Lidel, 2010. 208 p.
- FORUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Disponível em: <http://www.fbes.org.br>. Acesso em: jan. 2013.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. 176 p.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo. 2. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 173 p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 149 p.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 93 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 184 p.

FRETILIN-Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente, "FRETILIN/Manual e Programa Políticos", FRETILIN-Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente, Lisboa, CasaComum.org, 1974. Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_130467. Acesso em: 02 outubro 2015.

GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como práxis pedagógica. São Paulo, Ed, L. 2009. 138 p.

GOLÇALVES, Marisa Ramos. (2012). A Língua Portuguesa e o conflito intergeracional em Timor-Leste. In R. Teixeira E Silva, Y. Qiarong, M. Espadinha & A. Leal (Eds.), III SIMELP: A formação de novas gerações de falantes de português no mundo China, Macau: Universidade de Macau. Disponível em: <http://ro.uow.edu.au/lhapapers/130/> Acesso em: jan. 2016

GUNN, Geoffrey C. A ocupação indonésia em Timor-Leste: Lições e legados para a construção do Estado da nova nação. In: SILVA, Kelly Cristiane da; SIMIÃO, Daniel Schroeter. Timor-Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007. p. 40-62.

GUTERRES, Fátima. Paraíso Violentado. Lisboa: Lidel, 2014. 430 p.

HARVEY, David. O novo imperialismo. São Paulo: Edições Loyola, 2010. 201 p.

HULL, Geoffrey. Manual de Língua Tétum. Winston Hills: PPETL, s.d., 134 p.

IBGE. Estatísticas do século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. 557 p.

IBGE. Tendências demográficas no período de 1950/2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf. Acesso em: nov. 2015.

LEACH, Michael. Helen Hill's contribution to the understanding of early East Timorese nationalism 1974-1975. In: LONEY, Hannah. et al. Hatene kona ba, Compreender, Understanding, Mengerti: Timor Leste. Díli: TLStudies, 2014. p. 265-270.

LEITE, Kelen Christina. Apontamentos sobre a relação da Economia Solidária com a Educação. Revista de Ciências da Educação - UNISAL, Americana, ano XII, n. 23 - 2º Semestre/2010, p. 143-168

LEITE, Kelen Christina. A Reestruturação Capitalista da sociedade e o ressurgir da Economia Solidária. *Estud. Sociol.*, Araraquara, v. 16, n. 31, p. 421-446, 2011.

LIMA JR, Jayme Benvenuto. Noam Chomsky e o poder da retórica global em face das intervenções humanitárias. *Lua Nova*, São Paulo, n. 73, p. 123-145, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n73/n73a06.pdf>>. Acesso em: nov. 2015.

LUCCA, Daniel De. PQLP/CAPES. Instituto Economia Fulidaidai-Slulu: Contexto e Ações do PQLP. Relatório de atividades. Díli, 2014, 11 p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

UNITED NATIONS - MDG. Joint Program: Promoting Sustainable Food and Nutrition Security in Timor-Leste. Final Report. Díli, 2011. Disponível em: http://www.mdgfund.org/sites/default/files/Signed_JP_Timor_Leste_Children_Sept09.pdf Acesso em: jan. 2016.

NARCISO, Vanda Margarida; HENRIQUES, Pedro Damião de Sousa. Funções da terra para as comunidades rurais de Timor-Leste. In: SILVA, Kelly; Souza, Lúcio. Ita Maun Alin... O livro do irmão mais novo: afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

NINER, Sara. Xanana: uma biografia política. Alfragide: Dom Quixote, 2011. 348 p.

NOBRE, Marcos. A Teoria Crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

OLIVEIRA, Marcos Barbosa de. Neutralidade da ciência, desencantamento do mundo e controle da natureza. *Sci. stud.* São Paulo, v. 6, n. 1, p. 97-116, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n1/a04v06n01.pdf>. Acesso em: jan. 2016.

PAULINO, Vicente. 'Os vultos de Timor' de Manuel Ferreira: entre glorificar e afirmar a identidade lusitana no Timor Português. *History Anthropology Timor*, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://www.historyanthropologytimor.org/wp-content/uploads/2013/01/Os-vultos-de-Timor_PAULINO-V.pdf>. Acesso em: jun. 2015.

PIRES, Paulo. Timor: labirinto da descolonização. Lisboa: Edições Colibri, 2013. 314 p.

PUCCI, Bruno. Anotações sobre Teoria e Práxis educativa. In: Bruno Pucci; Pedro Goergen; Renato Franco. (Org.). *Dialética Negativa, Estética e Educação*. 1ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2007, v., p. 141-153.

RDTL. Atlas Census of population and housing 2004. National Statistics Directorate, Díli, 2006. Disponível em: <http://www.statistics.gov.tl/pt/census-of-population-and-housing-2004/>. Acesso em: jan. 2016.

RDTL. Atlas Timor-Leste Population and housing census. Díli, 2010. Disponível em: <http://www.statistics.gov.tl/pt/category/publications/census-publications/>. Acesso em: jan. 2016.

RDTL. Natural resources and Environment: Priorities and Proposed Sector Investment Program, Several Ministries, Díli, 2005.

SANTOS, Teonuco Castro dos. Os movimentos de rotação e translação da terra aplicados ao ensino de estudo do meio: um exercício metodológico. 2014. 66 f. Monografia (Licenciatura em Educação) – Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2014

SCHOUTEN, Maria Johanna. A prática de um ideal: “Civilização” e a presença colonial portuguesa em Timor. In: SILVA, Kelly Cristiane da; SIMIÃO, Daniel Schroeter. Timor-Leste por trás do palco: Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007. p. 27-39.

SHOLEH, Badrus. Membangun Hubungan Damai Indonesia dan Timor-Leste: kerjasama Negara dan Masyarakat. In: LONEY, Hannah. et al. Hatene kona ba, Compreender, Understanding, Mengerti: Timor Leste. Díli: TLStudies, 2014. p. 297-302.

SOUSA, Ivo Carneiro de. China, Portugal and the Portuguese-speaking Countries: a long-term historical perspective from Jorge Álvares to the Macau Forum (1513-2013). Ewias View Points, Macau, n. 01, p. 151-196, dez. 2013.

SILVA, Antero Benedito da. Foinsa'e e Maubere: Historia Luta ba Ukun-Rasik-na husi UNETIM ba DSMPTL. Aileu: IEDKS, 2014. 125 p.

SILVA, Antero Benedito da. FRETILIN Popular Education 1973-1978 and its relevance to Timor-Leste today. 2011. 327 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of New England, 2011.

SILVA, Antero Benedito da. Fulidaidai: Dalan Kultural ba Dezenvolvementu Kooperativu. Klaak-semanal, 2008. Disponível em: <http://klaak-semanal.blogspot.com.br/2008/03/fulidaidai-dalan-kultural-ba.html>. Acesso em: jul. 2014.

SILVA, Antero Benedito da. Literacy Model of the Maubere Pedagogy. Comunicação apresentada no Grupo de Estudos Brasil-Timor (Peace and Conflict Studies Institute), 2012.

SILVA, Antero Benedito da. Pequena e Complexo: Os desafios da educação timoriana. Revista Veritas, Díli: UPDC-PPGP, v. 2, n. 3, p. 79-82, 2014a.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas. 2004. 405 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SILVA, Kelly Cristiane da. As nações desunidas: Práticas da ONU e a estruturação do Estado em Timor-Leste. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012a. 455 p.

SILVA, Nilce da. A História da Educação no Timor-Leste e os seus distintos Processos de Alfabetização. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 18, p. 145-158, set. 2005.

SILVA, Suzi Alves. A Educação em Timor-Leste em seus distintos períodos históricos: Um olhar para a formação de professores. In: I Congresso Internacional de Filosofia da Educação de Países e Comunidade de Língua Portuguesa. UNINOVE. 2011a. Disponível em: http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Eventos_parceria/SO_FELP/67.pdf. Acesso em: 10 Julho 2014. SINGER, Paul. MACHADO, João. Economia socialista. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. 81 p.

SINGER, Paul. Uma utopia militante: repensando o socialismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 84 p.

TIMOR DOBEN FURAK. Carta ao secretário das Nações Unidas Pérez de Cuellar. Disponível em: <http://timordobenfurak.blogspot.com.br/2011/06/carta-ao-secretario-geral-das-nacoes.html>. Acesso em: jul. 2015.

UNTL. Dicionário Tetum - Portugues - Malaio com Gramática. Díli: INL-UNTL, 2005.

URBAN, Samuel Penteadó. A educação do Campo em Timor-Leste: uma comparação junto à pedagogia da Terra. In: MARTINS, Francisco Miguel; PAULINO, Vicente. Atas 1ª Conferência Internacional: A produção do conhecimento científico em Timor-Leste. Díli: UNTL, 2015. p. 235-240.

GLOSSÁRIO

APRENDE HAMUTUK – Da língua Tétum, aprende-se juntos, aprende-se uns com os outros de maneira horizontal.

ESCOLA FULIDAIDAI-SLULU – também compreendida aqui como Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu, Instituto de Economia Fulidaidai ou mesmo Instituto Fulidaidai.

FASILITADOR – Traduzindo literalmente, significa facilitador na língua portuguesa. Porém, baseando-se nas entrevistas constata-se que seu significador é de mediador no processo de ensino aprendizagem.

FOHO RAMELAU – Monte Ramelau em língua Tétum, tendo uma altitude de aproximadamente 3000 metros. Foi utilizado como Tema Gerador através da Pedagogia Maubere.

FRENTE ARMADA – Guerrilheiras e guerrilheiros que lutavam contra o invasor indonésio.

FRENTE CLANDESTINA – Diversas maneiras de luta que funcionavam de forma clandestina. Uma das principais funções dos envolvidos, era a realização da comunicação, ou seja, os envolvidos passavam informações as demais frentes, muitas vezes agiam como civis, porém funcionava como uma infiltração da luta de guerrilha nas aldeias onde estavam dominadas pelos militares indonésios.

FRENTE DIPLOMÁTICA – Membros da FRETILIN principalmente, representantes da causa timorense no exterior, foram enviados ao exterior logo após o início da invasão indonésia.

HORTA (TO'OS) – To'os, se traduzido literalmente da língua Tétum significa horta. Porém seu significado vai além, pode significar pequena propriedade ligada ao campesinato em Timor-Leste.

INDEPENDÊNCIA – Em alguns momentos, independência aparece como sinônimo de emancipação.

KUDA- Cavalos na língua Tétum. Foi utilizado como Tema Gerador através da Pedagogia Maubere.

LITERACIA – Alfabetização na língua portuguesa falada em Portugal e Timor-Leste

LUTA PELA INDEPENDÊNCIA – Luta contra os invasores portugueses para a conquista da independência em 1975.

LUTA PELA RESTAURAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA – Luta contra os invasores indonésios para a reconquista da independência, conquistada inicialmente em 1975 contra os portugueses. Pode ser entendido também como resistência.

MALAI – Estrangeiro, similar ao que se têm como gringo no Brasil, porém nem sempre no sentido pejorativo.

MANUFAHI – Cidade em Timor-Leste

MANA - Uma mescla entre irmã e companheira, sendo não necessariamente por laços sanguíneos, mas por consideração e respeito, através do ato de solidariedade.

MAUN – Uma mescla entre irmão e companheiro, sendo não necessariamente por laços sanguíneos, mas por consideração e respeito, através do ato de solidariedade.

MONTANHAS – O relevo em Timor-Leste possui um alto grau de importância em função de ter sido uma dos grandes recursos na luta de guerrilha, pelo fato de os timorenses conhecerem seu território.

PEDAGOGIA MAUBERE – Refere-se ao processo educativo realizado durante a resistência timorense contra os invasores indonésios, tendo como principais representantes Dr. Maubere, Dr. Lekdoe, Vicente Maria Reis (Sahe), Abílio Araújo e Borja da Costa.

PEQUENO AGRICULTOR – Na presente pesquisa é compreendido como sinônimo de camponês, ligado a agricultura familiar.

SAKOKO – Localidade em Ermera onde se iniciaram às lutas pela Reforma Agrária após o ano de 1999.

SERVISU HAMUTUK – Da língua Tétum, trabalho conjunto, trabalho cooperativo ou ainda trabalho solidário.

TEBE-TEBE – Dança e música cultural timorense.

TO'OS NAIN – Em Tétum, significa dono de determinada terra.

VOLUNTÁRIO – Baseando-se em minha experiência no Timor-Leste, as pessoas com as quais trabalhei referem-se ao termo voluntário como sinônimo de militante.

ANEXOS

ANEXO 01

Doc. 3A

REPRODUCED AT THE NATIONAL ARCHIVES
 1/25/01 NARA Date 10/25/01
 Authority W0979508
 DECLASSIFIED

DEPARTMENT OF STATE
 BRIEFING PAPER

INDONESIA AND PORTUGUESE TIMOR

Portuguese Timor is a small (population 600,000) hitherto neglected Portuguese colony occupying half the island of Timor. The other half is Indonesian territory. The inhabitants of the two halves are ethnically indistinguishable, although centuries under separate rule have created social and cultural differences. Indonesia does not claim the colony, and the Suharto government has been content to leave it indefinitely in Portuguese hands. The GOI does, however, look with concern at the idea of an independent Portuguese Timor, fearing that its backwardness and lack of economic viability would open it to pervasive outside -- especially Chinese -- influence which could spread into Indonesia.

Background

A small scale civil war broke out between rival political parties in Portuguese Timor last August. Unable to restore order, the Portuguese evacuated their remaining citizens and moved their administration to a small off-shore island. Fretilin, a vaguely leftist party favoring early independence, quickly gained ascendancy when it won the support (and the weapons) of the 2,000-odd Timorese soldiers from the disbanded Portuguese garrison. The Indonesians, however, have trained and equipped units from the two main rival parties and sent them back into Portuguese Timor with a stiffening of disguised Indonesian special forces troops. The latter have been pressing Fretilin back toward Dili, the capital. Latest reports indicate that hostilities have decreased while the pro-Indonesian forces consolidate their position.

Meanwhile, the Indonesian Foreign Minister, meeting recently in Rome with his Portuguese counterpart, obtained the latter's agreement to a statement reasserting Portugal's responsibility for the territory and calling for a conference between the Timorese parties and the Portuguese to end the fighting and resume the "orderly" process of decolonization disrupted last August. The statement favors Indonesia, in that it refutes Fretilin's claim to control of the territory and has Fretilin outnumbered in a conference by the two rival parties now under de facto Indonesian control.

CONFIDENTIAL

GDS

ANEXO 02

Foho Ramelau (Monte Ramelau)¹⁹⁷

Oh! Monte Ramelau, monte Ramelau oh!

O que é mais alto que o teu cume,

O que é maior que a tua imponência!

Porque é que o timorense há-de curvar a cabeça para sempre?

Porque é que o timorense há-de ser escravo para sempre?

Porque é que o timorense há-de curvar-se para sempre?

Porque é que o timorense há-de ser escravo para sempre?

Acorda, que a madrugada já desponta!

Acorda, que o novo dia já desponta!

Abre os olhos, o novo dia chegou à tua aldeia

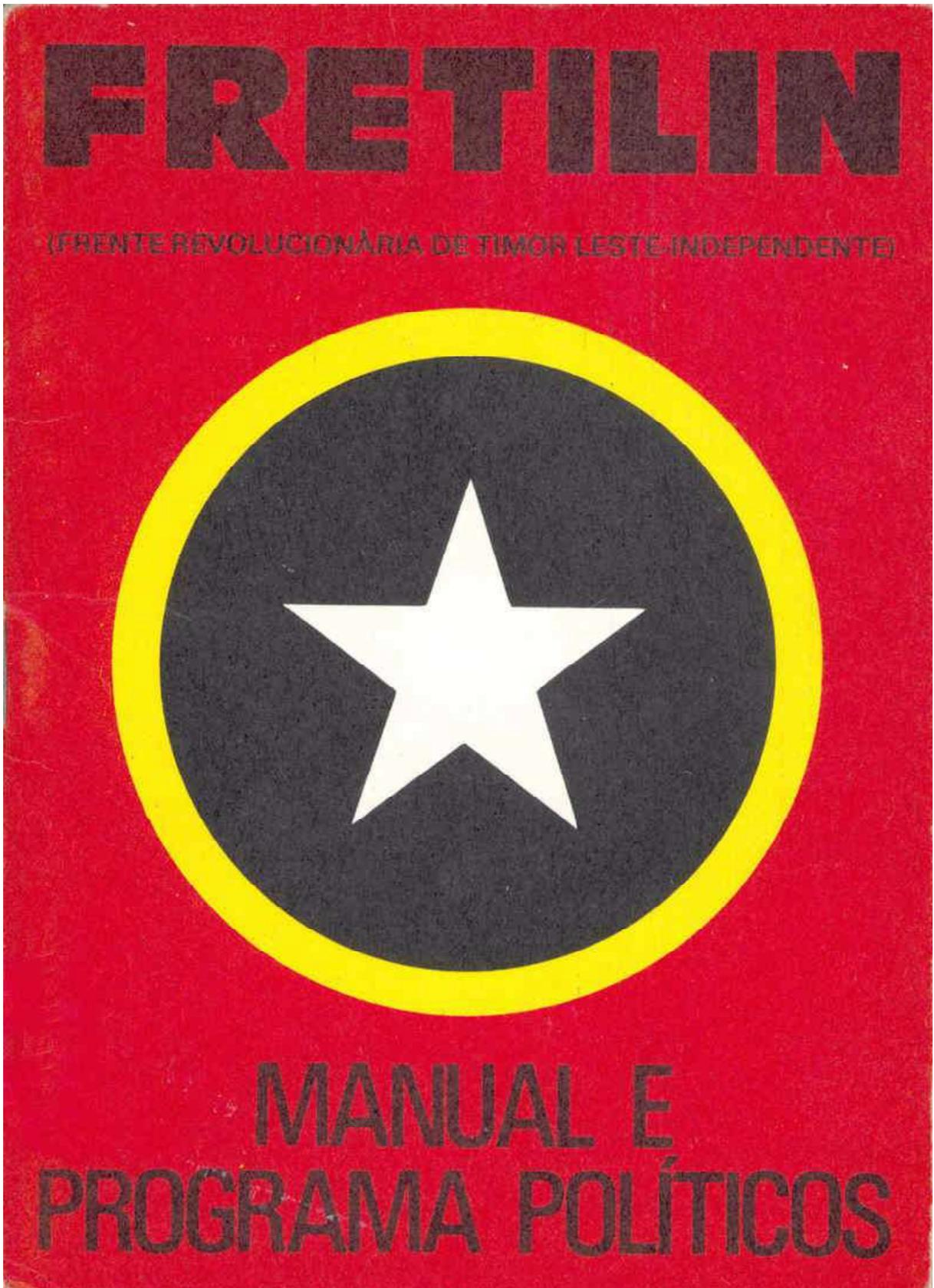
Abre os olhos, o novo dia chegou à nossa terra

Acorda, toma conta do teu destino oh!

Acorda, governemos nós próprios a nossa terra oh!

¹⁹⁷Originalmente essa letra é proferida na Língua Tétum.

ANEXO 03



ANEXO 04

Um minuto de silêncio

Calai
 Montes
 Vales e fontes
 Regatos e ribeiros
 Pedras dos caminhos
 E ervas do chão,
 Calai

Calai
 Pássaros do ar
 E ondas do mar
 Ventos que sopram
 Nas praias que sobram
 De terras de ninguém,
 Calai
 Calai

Canas e bambus
 Árvores e "ai-rús"¹⁹⁸
 Palmeiras e capim
 Na verdura sem fim
 Do pequeno Timor,
 Calai

Calai
 Calai-vos e calemo-nos
 POR UM MINUTO
 É tempo de silêncio
 No silêncio do tempo
 Ao tempo de vida
 Dos que perderam a vida
 Pela Pátria
 Pela Nação
 Pelo Povo
 Pela Nossa
 Libertação
 Calai - um minuto de silêncio...

¹⁹⁸ Vegetação local, semelhante a do cerrado brasileiro.

ANEXO 05**Pátria - Pátria**

Pátria, Pátria, Timor-Leste, nossa Nação.

Glória ao povo e aos heróis da nossa libertação.

Pátria, Pátria, Timor-Leste, nossa Nação.

Glória ao povo e aos heróis da nossa libertação.

Vencemos o colonialismo, gritamos:

Abaixo o imperialismo.

Terra livre, povo livre,

Não, não, não à exploração.

Avante unidos firmes e decididos.

Na luta contra o imperialismo

O inimigo dos povos, até à vitória final.

Pelo caminho da revolução.

APÊNDICES

APÊNDICE 01

Entrevista - Antero

Entrevistador: Samuel Penteado Urban

Entrevistado: Antero Benedito da Silva (Professor Dr. da UNTL)

Local: Instituto de Estudos de Paz e Conflito (UNTL)

Data: 01/2015

Meios utilizados: Gravador

Transcrição: Samuel Penteado Urban

Tradução: Samuel Penteado Urban

Língua: Português e Inglês

1) Fale sobre os primórdios da Educação Popular em Timor-Leste: a. Fale sobre o surgimento da luta de terras em Timor.

A situação do homem do campo e a questão da terra, tanto agora quanto durante o período da colonização portuguesa, relaciona-se a um sistema de relações de poder em relação a Terra em Timor. Os portugueses introduziram o latifúndio e o cultivo de café através do governador Castro e depois pelo governador Celestino da Silva, no final do século XIX e no começo do século XX. Havia o latifúndio através de fazendas (café sociedade), nas terras altas: Ermera, Maubisse, parte de Liquiçá¹⁹⁹, iniciando a marginalização dos povos nativos, particularmente os Mambais, causando uma relação de antagonismo entre o sistema colonial e o sistema indígena do povo timorense. Houve muitas rebeliões, incluindo a Guerra de Manufahi²⁰⁰, em função dessas mudanças em relação a terra. Houve rebeliões em Maubara²⁰¹.

Em 1974-75, a FRETILIN começou com o movimento nacional anti-imperialista anticolonialista e, nesse espírito de lutas, a FRETILIN também tomou medidas para a realização de reforma agrária, para apoiar o povo a produzir alimentos com o intuito de autossuficiência, sendo objetivo básico da luta de libertação. Esta política provocou controvérsia, havia oposição por parte da Igreja Católica por exemplo, ligada ao Bispo Joaquim Ribeiro, mas a FRETILIN continuou a prolongar um programa como produção agrícola comunal: economia familiar, economia comunal, dois conceitos.

Durante a ocupação indonésia, essa questão foi abandonada por causa da guerra, a governança da FRETILIN nas zonas – bases de apoio – foi somente até 1978. Após 1978, houve a luta de guerrilha nas montanhas e guerrilha urbana, indo até meados de 1990. Assim, a questão da reforma agrária não foi continuada. Após a ocupação indonésia²⁰², a nossa organização KSI²⁰³, uma ONG, um núcleo dos estudantes começou a promover a questão da reforma agrária, então foi formada a UNAER²⁰⁴ com militantes basicamente do distrito de Ermera. Acho que são mais

¹⁹⁹ Áreas altas de Timor, Ermera é o nome de um distrito, Maubisse um subdistrito e Liquiçá outro distrito. Todos próximos a capital Díli.

²⁰⁰ Ocorrida entre 1911 e 1912. Ler BELO, Dom Carlos Filipe Ximenes. A Guerra de Manufahi. Baucau: Tipografia Diocesana de Baucau, 2012.

²⁰¹ Subdistrito de Liquiçá, localizado na área litorânea do distrito.

²⁰² Após a restauração da independência em 2002.

²⁰³ Kdadalak Sulimutuk Instituto. É uma ONG criada pelo próprio Professor Dr. Antero Benedito da Silva, para trabalhar junto a movimentos sociais do campo.

²⁰⁴ União dos Agricultores de Ermera

de 14 mil hectares de terra que já foram distribuídos para os camponeses, eles são indígenas, povos originais de Ermera que foram marginalizados pela introdução da APT²⁰⁵, Sociedade Agrícola Pátria pelos portugueses.

b. Paulo Freire e a Educação no contexto da Guerrilha

Educação Popular em Timor tem várias dimensões, vários teóricos, fundamentos de teoria, por exemplo, a educação de Paulo Freire para a conscientização através das práticas culturais do povo (poesia, Tebe-Tebe²⁰⁶) e outros materiais utilizados para consciencializar²⁰⁷, eram utilizados como? Introduzindo-se conceitos políticos através das poesias, músicas que os timorenses costumavam cantar, etc... Ukun rasik-an²⁰⁸, conceito de o que é colonialismo, etc... Esse é um lado. Também outra parte do Freire é educação para alfabetização, porque na altura, em 1974, houve pelo menos quase 80% dos timorenses que não foram literados, alfabetizados, a maioria da população. Então a independência seria difícil se a FRETILIN não iniciasse campanha de alfabetização, literacia para eles²⁰⁹ poderem desenvolver a vida e ter um progresso social além de progresso político. Então começou o uso de Paulo Freire através do método temático. Foi interessante, no Brasil foi um conceito importante para educar os trabalhadores, tijolo indenticado através do “halo umah”²¹⁰ (construir casas), isso foi no Brasil. Em Timor na altura, o conceito Kuda²¹¹ foi o principal, porque o dono da Kuda são os Malais²¹² colonialistas, são os Liu Rais²¹³, as elites coloniais, mas o povo *dada Kuda*²¹⁴, conduzem o kuda, cultivam o Kuda mas o kuda é do Malai²¹⁵. Então conceito Kuda²¹⁶ é utilizado em relação a um sistema de escravidão que os timorenses passaram em relação à terra, os timorenses trabalham com Malai, e Malai tem muitos kudas e o malai é dono dos kudas. Então conceito Kuda foi principal nas bases de apoio e literacia. Assim, como tema gerador, era utilizado de forma que objetivava pensar que o timorense precisa cuidar de seu Kuda próprio e pra si, não mais para os colonialistas. Karasi kuda tali²¹⁷, Ukun rasik-an, o kuda, conceito kuda foi o principal, é a mesma prática temática, discussão temática do Paulo Freire. No mais, Educação Popular, tem outras práticas, teorias, por exemplo, o conceito Gotu beis/fila batu male²¹⁸, trabalho de base. O trabalho de base foi o prática do partido Comunista na China, praticado em uma província chamada “Yan’an province”, parte norte do país. Em 1942, o Mao Tse Tung construiu uma base de apoio na província Yan’an, em que todos os revolucionários visitaram as aldeias para trabalhar com os camponeses tendo a prática como critério de verdade, “se vocês são revolucionários, vão lá para trabalhar com as massas.” Esta prática foi em minha pesquisa²¹⁹, mostra que a FRETILIN promove a mesma prática aqui, servisu²²⁰ base, trabalho

²⁰⁵ Sociedade Agrícola de Pátria e Trabalho.

²⁰⁶ Dança e música cultural timorenses.

²⁰⁷ Conscientizar

²⁰⁸ Ukun rasik-an significa independência na língua Tétum.

²⁰⁹ O povo timorense.

²¹⁰ Na língua Tétum, significa construir casa.

²¹¹ Na língua Tétum, significa cavalo.

²¹² Estrangeiro, similar ao que se intitula grongo no Brasil, porém Malai nem sempre é tratado de forma pejorativa.

²¹³ Rei local, existe até os dias atuais, mas com poderes limitados. São timorenses, no qual também são donos de terra.

²¹⁴ Na língua Tétum, significa puxar cavalo. Em outras palavras pode-se dizer que, enquanto o os Liu-rai e Malais e portugueses andavam em cima do cavalo, os timorenses apenas puxavam e não o tinham.

²¹⁵ Estrangeiro, similar a gringo no Brasil, porém, Malai nem sempre é um termo pejorativo. No presente caso, Malai refere-se aos portugueses donos de terras.

²¹⁶ Conceito Kuda é utilizado como Tema Gerador em Paulo Freire.

²¹⁷ Significa ser dono do cavalo agora, em língua Tétum.

²¹⁸ Significa trabalho voltado para base na língua Tétum.

²¹⁹ Tese de doutorado.

²²⁰ Serviço ou trabalho na língua Tétum.

de base, onde o piloto foi em Aisirimun em Aiuleu²²¹: o 28 de novembro de 2014²²², foi celebrado ali na primeira base (segunda base foi em bulcoli em baucau). E depois espalhou-se esse trabalho de base por todo o território timorense, sendo que, quase 200 estudantes da UNETIM²²³ e estudantes da Casa dos Timores²²⁴ que foram a Lisboa e voltaram aqui para trabalhar junto com estudantes aqui e com os membros do Comitê Central (FRETILIN), todos foram viajar para as áreas rurais e trabalhar com o povo, sendo esta uma dimensão da Educação Popular. Outra, uma educação mais política, foi a dos esclarecimentos, mistura de uma propaganda política e literacia política sobre conceitos e teorias principais, por exemplo, as teorias revolucionárias marxistas, Teoria de Mao Tsé Tung e Amílcar Cabral em África. Estas teorias foram introduzidas pela FRETILIN através de escolas populares, em reuniões populares, reuniões de massas e sistematicamente foi desenvolvido em base de apoio, escolas políticas destinadas a formação da liderança da FRETILIN, CEFORPOL²²⁵ orientado pelo DOPI (Departamento Orientação Política Ideológica) do partido (1976 a 1978). Então a maioria dos líderes em Timor, alguns estão no parlamento nacional, foram alunos do CEFORPOL nas montanhas e, este CEFORPOL, foi estabelecido em quase todo o território em seis setores principais: “Setor centro-norte, centro-sul, fronteira-norte, costa-sul, centro-leste e ponta leste”. Foram seis setores com escolas CEFORPOL, que é constituído por alunos militares, líderes médios dos militares e também dos civis, jovens literados também participaram dos cursos regulares por pelo menos 3 meses e, assim, alguns mais tarde se tornaram delegados políticos, comissariados²²⁶, viajando todo o tempo para fazer propaganda²²⁷, discutir com os povos sobre questões de segurança, etc... Esse foi um outro tipo de Educação Popular. Outro tipo de Educação Popular foi através da introdução de plantas indígenas para serem medicina²²⁸, FRETILIN construiu escolas populares de saúde nas bases de apoio, havendo destaque para dois nomes famosos: o Dr. Maubere, foi iliterado, mas ele conhecia bem plantas indígenas então promoveu um centro de educação no centro norte em Remexio²²⁹ e conseguiu educar quase 200 paramédicos para trabalhar em todo o campo das bases de apoio. Em outras partes do país, Manuel Gama (Dr. Lekdoe), foi analfabeto também. Ele foi preso em Angola em 1959 e depois voltou para Timor mais tarde em 1960 e depois, quando Indonésia invadiu, esteve em Timor também. Em Angola, anteriormente, ele trabalhou com um doutor Português que fez pesquisa sobre plantas indígenas em Angola, ele aprendeu sem escrever, só vendo e praticando. Quando a Indonésia invadiu o Timor ele surgiu como enfermeiro e estabeleceu um centro de produção de medicina e conseguiu trabalhar até o final das bases de apoio em 1978²³⁰. Ele teve muitos alunos paramédicos que trabalharam com ele. O centro funcionava em baguia, centralizado em Baguia²³¹, mas em outras bases de apoio havia também práticas de produção de medicina com plantas indígenas. Isso pra mim, foi científico e Político.

²²¹ Distrito de Timor próximo a Díli.

²²² Dia da proclamação da independência de Timor-Leste de forma unilateral em 1975.

²²³ União dos Estudantes de Timor.

²²⁴ “Group in Lisbon and from Nicolau Lobato’s informal group in Díli, were the key leaders and educators behind this popular education campaign.” (SILVA, 2011, p. 7)

²²⁵ Centro de Formação Política

²²⁶ Lideranças dentro da FRETILIN

²²⁷ Propaganda da luta pela independência.

²²⁸ Medicamentos.

²²⁹ Cidade do Distrito de Díli.

²³⁰ Quando as bases de apoio foram derrotadas pelo exército indonésio, havendo a necessidade de mudança de tática.

²³¹ Cidade do Distrito de Baucau.

c. Outros autores que influenciaram a luta pela independência e a educação

Vicente Reis é um timorense, Bieky Sahe²³². Outro foi Borja da Costa, ele foi poeta, a poesia dele influenciou muito, até mesmo nos dias atuais. O Sahe foi o maior Educador timorense no terreno²³³, ele estudou engenharia na escola técnica em Lisboa, mas depois voltou a Timor quando ele estava no quarto ou quinto semestre da Universidade, voltou a Timor em 1974 e surgiu como o maior pensador dentro dos Timorenses. Nas bases de apoio, o Sahe foi muito conhecido, e também o Xanana²³⁴ foi aluno do Sahe, O Lu Olo²³⁵, o Xanana, o Lere²³⁶, o Taur Matan Huak²³⁷ foram todos estudantes do Sahe. Eles têm um alto respeito ao Sahe. Por que? Ele era um homem do exemplo, tinha grande amizade com as pessoas e era inteligente, ele trabalhava com outras pessoas, então ele, como se diz, era orador, grande orador, todas as pessoas eram apaixonadas pelo Sahe, todos. E eu fui na Universidade de Porto, em Portugal, e quando eu falei com o professor Barbero Magalhães, sobre o Sahe, ele disse que o Sahe é um homem que pode aprender com si próprio, aprender como ninguém, se tem uma pessoa influente, é o Sahe²³⁸. Ele foi morto no início de 1979, no cerco²³⁹, na Guerra, no combate. Borja Da Costa foi jornalista no Diário das Notícias em Portugal com José Saramago, ele esteve lá e depois talvez encontrou com alguns poetas Angolanos naquele momento, Fonseca é um deles, e depois quando estava em Portugal ele conseguiu escrever o Foho Ramelau²⁴⁰. Assim, Abílio Araújo foi lírico e depois Abílio escreveu as notas, aumentou a palavra “é” Foho Ramelau “é” para ser música, então Foho Ramelau foi a primeira música revolucionária dos timorenses “É Foho”, Foho Ramelau este é conceito principal também da Educação Popular, Foho Ramelau também foi um conceito político como o kuda foi também conceito político, e também o conceito Maubere²⁴¹. Os timorenses são todos Mauberes, a lutar contra o colonialismo, então camarada Maubere, camarada Buibere²⁴², são iguais, então depois Kdadalak Sulimutuk²⁴³ foi música do Borja. Outra poesia foi *1 minuto de silêncio*, muito utilizada até hoje e ele foi morto no primeiro dia da invasão ou segundo dia. Acho que no primeiro dia, 17 de dezembro 1975, aqui em Díli, mas as poesias e musicas dele permaneceram, imagine se ele ainda estivesse vivo, o que iria acontecer hoje. O Sahe e outras pessoas, quase 60 pessoas, originalmente foram sessenta e pouco no comitê central, e com quadros médios mais de 60 pessoas. Se eles todos estivessem vivos agora, o que aconteceria em Timor, seria muito radical se comparado com agora. Abílio Araújo é um homem muito importante em Portugal, ele escreveu o programa político com os colegas dele, o programa política da FRETILIN, é um intelectual muito conhecido até hoje. Vicente é uma pessoa que conseguiu aprender várias teorias da revolução, mas conseguiu adotar a situação de Timor, ele é pensador dentro da FRETILIN, ele foi professor, educador. Então o Sahe foi o espírito, além de Nicolau²⁴⁴, Nicolau foi o comando militar, mas o Sahe foi o homem do “the brain of the

²³² Ler sobre em SILVA, Antero Benedito. Foinsa'e e Maubere: História luta ba Ukun-Rasik-an husi UNETIM ba DSMPPTL. Díli: Biblioteca Maubere, 2014.

²³³ Território de Timor-Leste.

²³⁴ José Alexandre Xanana Gusmão foi membro do Comitê Central das FRETILIN de 1974 até 1978.

²³⁵ Francisco Guterres Lu Olo

²³⁶ Guilherme dos Santos foi membro do Comitê Central das FRETILIN de 1974 até 1978.

²³⁷ Atual presidente da RDTL (República Democrática de Timor-Leste)

²³⁸ Autodidata.

²³⁹ Certo de aniquilamento: era uma tática de guerra do exército indonésio, que gerou o fim das bases de apoio.

²⁴⁰ Traduzindo para o Português, significa Monte Ramelau. Este é o maior Monte de Timor com quase 3000 metros de altitude em relação ao nível do Mar. Sobre a música, Ler COSTA, Luís. Borla da Costa: Seleção de Poemas-Kibur Dadolin. Díli: Lidel, sem ano.

²⁴¹ O conceito Maubere, significa homem natural de Timor.

²⁴² O conceito Buibere, significa mulher natural de Timor.

²⁴³ Poesia de Borja da Costa.

²⁴⁴ Nicolau Lobato.

resistance”²⁴⁵. Nicolau é líder, à frente, o Sahe é reservado, pessoa reservada, e ele conseguiu sistematizar várias teorias para adotar a cultura de Timor e também interpretar a cultura de Timor pra serem teorias. Foi um grande homem.

d. Tem algum outro autor “Malai”, que influenciou, além dos citados anteriormente?

Franz Fanon é da Argélia, líder revolucionário da Argélia. Mas não é grande. Particularmente sobre a questões como se fazer violência da luta. Se a gente não conseguir fazer violência, você não pode conseguir matar os inimigos, é importante também, senão as FALINTIL²⁴⁶ não conseguiriam resistir, aprende então a violência, você vai dialogar com os inimigos ihhh. Mas algumas teorias de Fanon foram mal praticadas aqui. Freire, Amílcar Cabral e Mao Tsé Tung são os principais, estudantes de maiores teóricos como Karl Marx e Lenin. Eles são pós Marx.

2) A Educação popular no Distrito de Ermera

a. Conte sobre o início da Educação Popular no distrito e sobre a formação da UNAER

Na resistência já havia as bases de apoio. Depois da independência, finais de 1999 e início de 2000, um grupo de camponeses em área chamada Lequisi, um grupo de camponeses em Lequici Ermera, conseguiu ocupar plantações das fazendas, e dividir entre eles. Cada família tem alguns metros para cultivar. Houve esta história, então eu fui lá visitar-los, falar com eles, falar sobre esse movimento se podemos trabalhar juntos. Então começaram visitas regulares, intercâmbios para promover a Educação Popular e a reforma agrária em Ermera e, em quase uma década, conseguiu-se estabelecer a UNAER. Primeiro o movimento foi chamado Movimento da Reforma Agrária. Depois UNAER. UNAER foi decisão deles²⁴⁷. Se eu estivesse lá votaria em Movimento Reforma Agrária e não UNAER²⁴⁸. O processo de Educação Popular ali, tem variações. Claro que as inspirações estão em Freire. E também em um Chinês chamado Lauchu. *Fila ba noa, hela ho povu, aprende husi ba husi ne hatene, hahu husi guarda ne'e sira iha, depois quando hotu-hotu sucesso, povu animak halo*. Vamos lá, vivem com eles, aprende com o que eles sabem, trabalhar com coisas que eles têm e depois quando o sucesso chegar, o povo diz nós fazemos, nós fazemos isto tudo. Então nós fomos lá trabalhar e, depois, promover cultura, processo, um movimento cultural, por exemplo, em Ermera, é chamada Slulu. É trabalho junto. E depois democracia de base. Depois cultura local como evidência para os camponeses para defender as suas terras. Por exemplo, umah lulik²⁴⁹, be lulik²⁵⁰, zonas sagradas, cemitérios, eles são evidências culturais que o povo pode usar para defender a sua terra, se vem latifundiário que estava na Austrália ou em Portugal, então os timorenses perguntam: “Onde está a vossa referência? A sua referência cultural? Se você não têm, você não é filho desta região.” Este é um movimento cultural. E depois têm outros movimentos: econômicos, cooperativos, para promover mercado justo com japoneses²⁵¹, green cooperativos em Japão. Ainda em relação a valorização da questão cultural, há o Tara-Bandu²⁵², que serve

²⁴⁵ De tradução do inglês, significa o cérebro da resistência.

²⁴⁶ Forças Armadas de Libertação e Independência de Timor-Leste.

²⁴⁷ Dos agricultores.

²⁴⁸ Durante a decisão pelo nome do movimento, Professor Antero estava realizando seu doutoramento na Austrália. Sendo assim, ele defendia que o nome do Movimento fosse um nome que englobasse todo o país e não apenas um Distrito.

²⁴⁹ Do tétum significa Casa Sagrada.

²⁵⁰ Do tétum significa Água Sagrada.

²⁵¹ Em Ermera há uma cooperativa que produz café orgânico, no qual a produção é vendida para um empresa de café japonesa.

²⁵² Leis tradicionais, locais.

para regular as atividades, práticas dos Mambais no caso. Os Mambais têm muitas festas, rituais que talvez sacrificam muitos grandes Búfalos, então Tara-Bandu é para regulamentar. Ninguém pode sacrificar Búfalo sem justificação. Então o movimento cultural está em muitas dimensões.

O Kdadalak Sulimutuk já terminou o trabalho em Ermera, tudo é dos camponeses. Agora sobre a escola, esta é para mais tarde, porque se o Kdadalak Sulimutuk deixar totalmente Ermera, eles não vão mais trabalhar ali. *Como que podemos acompanhar?* Este é um aspecto importante da Educação Popular: acompanhamento. Sempre se trabalha com dedicação total quase, trabalha com eles, viva com eles, porque senão conseguir estabelecer que os grupos permaneçam ali para trabalhar com os camponeses, têm outras intervenções e, depois situação,²⁵³ então Escola Fulidaidai é um meio de acompanhamento, Fulidaidai Slulu, Slulu é Mambai, Fulidaidai é Liomai.

b. Fale um pouco sobre a SAPT

SAPT são os Assistencialistas que trabalham com esse projeto APT e, depois, mais tarde, esse grupo de assistencialistas se tornam donos das terras em Timor, havendo uma grande ocupação das terras por causa da ingnorância ou por causa de abnegação do movimento do povo.

c. Sobre Economia Solidária na América Latina e Fulidaidai em Timor

Sim, este é um tipo de solidariedade indígena, porque todas as regiões (países) têm essa forma de solidariedade como Fulidaidai, servisu Hamutuk, trabalho conjunto, construir casas, cultivar as terras. Por que não utilizamos este espírito para desenvolver economia do povo, economia de raiz? Este conceito é encontrado em todos os territórios e ainda sobrevive. Não é maior que o capitalismo, mas ainda sobrevive. Se pudermos identificar e promover, pesquisar, debater, será que esses movimentos, essas práticas, vão ser um espírito para desenvolver a economia que, diferente da economia promovida pelo capitais, ou economias estatais? Então, começou uma pesquisa em Iliomar²⁵⁴ em 2007 e, depois, resultou na tese de estudante ali em Iliomar também, e outra tese em Maliana - Hakauk²⁵⁵, chamada Kauak, Kauk é similar a Fulidaidai e, esses resultados das pesquisas foram apresentados no Ministério da Economia e do Comércio desse governo atual e, também pra minha surpresa, as pessoas do governo acharam muito interessante: nós temos um conceito. Então, o vice Ministro da Economia fala de economia Fulidaidai por todo o território. Agora, este é um conceito em descobrimento, em desenvolvimento. Então, eu ministro a disciplina economia local e cooperativismo no curso de Desenvolvimento Comunitário na UNTL, para promover essas economias. Fazer pesquisa sobre, baseado em popular em Taibissi²⁵⁶, em Comoro²⁵⁷, para orientar os estudantes a pensarem sobre os conceitos indígenas, ligar essas dimensões com as economias Bazar (comércio local), se pudermos promover mais nos anos futuros, para sistematizar este conceito, para ser um conceito indígena de Timor, para marcar uma diferença com economia do capital esta poderá ser uma realidade e também uma visão. Economia Solidária é promovida no Brasil, mas o solidário tem outro nome. Solidário em Timor é chamada Fulidaidai, chamada Hakauk, porque não temos conceito chamado solidário, mas outro conceito com a mesma prática. A questão é: será que este tipo de economia vai sobreviver? Há benefícios a comunidade, sendo primeiro um sistema de sentimento de dono, de pertencimento, sendo uma coisa encontrada na comunidade, tem uma força natural, se podemos promover... Essa economia Fulidaidai é outra dimensão da Educação Popular, minha pesquisa em Iliómar foi para pensar como utilizar

²⁵³ Tudo que estiver em vermelha nas entrevistas, quer dizer que não foi possível compreender.

²⁵⁴ Cidade localizada ao sul do distrito de Lautém.

²⁵⁵ Língua Quémaque em Maliana, no Distrito de Bobonaro.

²⁵⁶ “Bairro” em Díli

²⁵⁷ “Bairro” em Díli

Educação Popular para promover economia Fulidaidai. Foi uma pesquisa dentro da crise de 2007²⁵⁸.

3) Escola Fulidaidai

a. Qual o papel da UNTL e de professores (intelectuais) no processo de formação da Escola.

Em 1998, eu fui entrevistado por uma jornalista holandesa, e ela perguntou: “Antero, após a independência, o que você vai fazer?” Eu respondi: “Eu vou trabalhar em Universidade e depois viajar a comunidade. Em 1998, 60% dos timorenses ainda eram iliterados. E falamos sobre reforma agrária, sobre campanhas de alfabetização, em 1998 quando se fez campanhas aqui sete experiências com trabalhos com movimentos da juventude. O problema é que se tem um discurso, mas falta o letramento. Se um futuro líder do país que fala, sem conseguir escrever, vamos encontrar um grande problema. Então eu me envolvi na área de educação, para contribuir com o país após a ocupação da indonésia. E aí, permaneci aqui, e estabeleceu-se o Departamento de Desenvolvimento Comunitário²⁵⁹, juntamente com a Professora Helen²⁶⁰, professor Helen é australiana, ela fez advocacia para estabelecer o departamento, e eu apoiei ela para estabelecer Departamento de Desenvolvimento comunitário em 2002. Depois eu fui a escola²⁶¹ fazer mestrado e depois voltei²⁶². Agora, educação na universidade, é educação dos adultos, para as pessoas que já completaram a escola primárias, secundária, pois é totalmente diferente, ainda temos alto número da população analfabeta, 60% do país no terreno. O que nós da universidade podemos fazer para contribuir com este processo? Responsabilidade social, empowerment²⁶³, conceito para reforçar os movimentos de base. Então, Fulidaidai é um modelo de empoderamento para trabalhar, reforçar os camponeses para que eles possam adquirir Ukun rasik-an, dimensões sociais e econômicas como Fulidaidai, condições para agricultura local, para realização de reforma agrária para que eles possam governar as suas aldeias, os seus sucus²⁶⁴ no futuro. Então esta questão pedagógica é também política.

b. Como se dá o envolvimento do Peace Center nesse processo

Tem-se o Peace Center e o KSI (Kdadalak Sulimutuk Instituto). O KSI está preocupado com outro movimento na Costa Sul em Maubasia. Peace Center trabalha em Ermera e o Kdadalak Sulimutuk trabalha em Costa Sul. Todos são movimento de base e para mim é bom para estudantes do Desenvolvimento Comunitário, mestrando, visitarem comunidade, uma campanha de empowerment, apoiando a população local e também aprender com população. Isso é uma relação orgânica que é uma pedagogia.

²⁵⁸ Dissertação de Mestrado.

²⁵⁹ Departamento da Faculdade de Ciências Sociais e Políticas (FASPOL) da UNTL, no qual trabalhei em duas disciplinas como co-docente: História Geral e Educação Popular e Adulto.

²⁶⁰ Helen Hill, Professora Dr. da Victoria University em Melbourne na Austrália. Hoje ela trabalha no Ministério da Educação em Timor-Leste.

²⁶¹ Universidade

²⁶² Foi realizar o mestrado na Irlanda.

²⁶³ Empoderamento.

²⁶⁴ São regiões administrativas de Timor: Dentro da RDTL, tem-se os distritos. Dentro dos distritos, tem-se os subdistritos. Dentro dos subdistritos, tem-se os Sucos e, dentro dos Sucos, tem-se aldeias.

c. Há outra instituição envolvida com a formação da Escola, além das citadas

Instituição portuguesa, HASATIL²⁶⁵. Os professores brasileiros, Samuel, Daniel, Camila²⁶⁶. Porque em 2003, eu recomendei que um camponês chamado Tomás, do distrito de Ermera, da mesma zona que eu falei anteriormente, em Lequici. Ele foi ao Brasil e eu pedi para ele encontrar o livro do Paulo Freire. Ele foi lá com o MST, Movimento dos Sem-Terra, um mês acho em Brasil, não sei qual parte do Brasil. Foi cooperação entre um Instituto chamado Lao Hamutuk²⁶⁷ e Movimento dos Sem-Terra, e o Tomás foi o representante do Kdadalak Sulimutuk Instituto e do camponeses, em 2003 ou 2004. Então, acho que esta escola está a trabalhar com algumas ONGs em Indonésia. Normalmente, camponeses serão bem mais fortes se eles tiverem solidariedade fora da sua região com outros camponeses como fonte de cooperação e solidariedade. Os camponeses com isto, precisam ser abertos, claro que, com as pessoas e organizações que tem semelhante espiritualidade²⁶⁸.

d. Fale sobre as dificuldades para formação da escola

A escola é um processo, a construção da escola é um processo, não é uma ação revolucionária porque a situação não é revolucionária. Então as pessoas como o Peace Center²⁶⁹, como o Kdadalak Sulimutuk tem boa vontade, tem visão, tem amizade com camponeses, mas eles tem outros trabalhos, os camponeses também tem outros trabalhos pra fazer, mas há a procura de um espaço para que possamos apoiar uns aos outros. Então, surgiu a escola. Agora, há limitações financeiras para construir fisicamente a escola e para apoiar os mestres para ensinar os estudantes. Então é um processo muito delicado. Mas o plano está na mesa e está no caminho para se trabalhar. Cedo ou tarde o processo vai se realizar. Foi a Sra Carmem²⁷⁰, quem apoiou a reabilitação da escola, depois os camponeses promoveram discussões, sobre “O veneno está na mesa”, eles gostaram muito do filme e agora o filme está circulando no curso de Relações Internacionais²⁷¹ e, neste momento, estamos procurando um canal dentro da universidade e do Peace Center. Se pudermos encaixar um pouco de verba para admitir a Uka²⁷² a trabalhar com eles, porque a Uka está recrutada aqui como contratada por um ano, até dezembro, ontem ela assinou contrato, então significa que ela pode trabalhar com a escola. Isso é parte de uma pesquisa dela. Agora, há ainda a procura de mais uma verba dentro do projeto, para ela fazer pesquisa ali em Ermera com os camponeses e, assim, permitir a ela viajar regularmente. Depois vamos ver, próximos anos, talvez tenha mais possibilidades para realizar, apoiar a escola.

e. Como a escola se coloca com alternativa ao capitalismo

Como alternativa, mas uma alternativa para começar como uma alternativa híbrida, dentro de uma Sistema Global e dominante do capitalismo. Mas este é um laboratório que é necessário para permanecer, senão a questões de desigualdade social, questões diferenças entre rurais e remotas, vai agravar, porque esta é a natureza do sistema do capitalismo, sempre as separações entre os poderosos e os trabalhadores são características de todo o sistema do capitalismo, por

²⁶⁵ Hametin Agrikultura Sustentável Timor é uma rede de ONGs ligadas a agricultura em Timor. É também ligada a via campesina.

²⁶⁶ Cooperação Brasileira em Timor-Leste, no qual demos apoio na criação do currículo da Escola, além de realizarmos acompanhamento da formação da Escola Fulidaidai.

²⁶⁷ ONG Lao Hamutuk, ligado a HASATIL.

²⁶⁸ ONGs e outros grupos que possuem a mesma mentalidade com o intuito da Reforma Agrária.

²⁶⁹ Instituto Peace Center é ligado a UNTL, no qual funciona a Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da UNTL.

²⁷⁰ Primeira Secretária da Embaixada do Brasil em Dili, se referindo ao ciclo de Cinema que realizamos com os agricultores em Ermera, com o filme “O veneno está na mesa”.

²⁷¹ Curso de Relações Internacionais da UNTL.

²⁷² Elsa Pinto é militante e estudante de Mestrado do Peace Center. Atualmente é Professora da UNTL e da Escola Fulidaidai.

causa da seu objetivo de sustentar a si próprio. Então, não há justiça, tem conceitos mais recentes de responsabilidades sociais, etc.. Mas a responsabilidade social também é algo mínimo. Falado sobre o responsável AID²⁷³, a responsibility of you, 0,9%, mas elas estão encontrando crises em Europa e agora as ONGs em África e Ásia estão fechadas. Então estas alternativas são necessárias para permanecer, para continuar, cultivar uma cultura simplicidade de vida e sustentabilidade dos camponeses que acho vitoriosa no futuro. Mas se destruir esses sistemas populares, acho que vai ser perigoso, muito perigoso, porque em Indonésia, por exemplo, a economia local que sustentar a Indonésia hoje²⁷⁴, não usa economias capitais, maioritaria em Indonesia sobreviver por economia local, quando viajamos muitas partes da indonésia, os bazar locais, ainda existe local market.²⁷⁵ Tudo local. Como se diz, Indonésia caiu, milhões de dólares de débito nacional, grande dívida, esta é uma grande dívida do Estado, então o povo sobrevive com seu próprio sistema de economia local. Tem que ser, proteger estas dimensões nacionais em Timor, os cafés, os camponeses, a agricultura de subsistência. Alguns falam em agricultura de subsistência, não é uma agricultura dinâmica, porque ela não tem capacidade de produzir para mercado. Mas esta sobrevivência vai sobreviver todo tempo. Se transformar este subsistência para a economia de mercado é frágil, muita fragilidade, fragilidade em termos de qualidade agrícola, fragilidade em termos de mercado. Indonésia e outros países tem grandes escala de produção. Aqui se produzimos, quantos para conseguir chegar ao Mercado Europeu. Muito complicado. É melhor sustentar a economia local e a distribuição local. Isto, um autor chamada Heins, localization of locality.

g. Futuros e limites da Escola e Economia Fulidaidai

Futuro: a Escola é para promover a Economia Fulidaidai, então a escola vai ser um laboratório para promover a economia fulidaidai. O que que nós podemos fazer? Se produzirmos mais pessoas como Uka, outras pessoas podem trabalhar todos juntos ali para promover um pensamento alternativo, com os intelectuais timorenses da universidade e membros do governo, para promover a economia local, promover as trocas da produção local, pois não há sistema de distribuição local. Por isso muitas coisas são importadas, por causa de não haver um sistema rigoroso de distribuição local.

The challenges of the school, the limitations of the school, híbrida ideia. E por que não houve a produção desses ideais durante a ocupação indonésia, a colonização? Os pensamentos locais não foram valorizados, é necessário valorizar os práticas locais que sobrevivem com o povo, o espírito do povo, isto é, boas práticas. Aqui tem-se estudos estrangeiros, sempre intercâmbios dos ministérios que enviam pessoas para a Austrália, mas não há muita utilização das práticas locais com o intuito de promover as questões locais: pesquisar, promover e discutir. Então, Fulidaidai é um pequeno esforço, pequeno projeto que não sei se podemos promover. Para os agricultores têm limites, pois é um conceito local, e muitas coisas vêm do estrangeiro. Porém, se houver uma ação nacional reforçada em Ministérios, acho que vai ganhar espaço²⁷⁶. Pelo menos o Ministério do Comércio, está a falar sobre Fulidaidai, com a professora Hellen Hill da Austrália: “Antero, o que você está fazendo em Timor? Agora o Ministro já falou sobre Fulidaidai.” Ah sim, tá bom, pelo menos né. Acho que há limitações de espaço, limitações de apoios, também de investigações²⁷⁷, porque não há muitas investigações aqui. Há outras

²⁷³ ONGs estrangeiras em Timor. Com destaque para US AID e Australian AID.

²⁷⁴ Camponeses

²⁷⁵ Na indonésia, como no Timor, há formas de economias locais alternativas ao capitalismo.

²⁷⁶ As questões referetes a uma economia local, baseada no local e não no advindo de fora, principalmente ao que vêm posto de forma vertical de cima para baixo.

²⁷⁷ Pesquisas

preocupações, se houvesse mais 2 ou 3 economistas locais que tem preocupações permanentes para promover economias locais acho que iria ampliar o espaço.

h. Sobre o papel do governo

É importante, pois falamos em Ukun rasik-an (independência), Ukun rasik-an em todas as dimensões, o conceito Ukun rasik-an é muito fundamental, então em relação aos que estão no governo, acho que o problema é que, esse conceito novo (Fulidaidai), não tem muitas pessoas que o compreendem. Se pouco a pouco promovermos (...) mais vamos ver. Em Indonésia havia um professor chamado Ubiato, ele já está morto. Além dele surgiram mais outras pessoas em Indonésia que falavam sobre a mesma prática de economia: economia raia, economia do povo. Acho que essas práticas tem que ganhar espaço universal, para haver redes fora do país. Em Darwin²⁷⁸, por exemplo, tem um conceito chamado Gharma, a cada dois anos os aborígenes, no Norte de Anamblar, celebram uma festa chamada Gharma Festival. Gharma é Fulidaidai. Eu fui lá, e escrevi em 2010 sobre este Gharma, que é Fulidaidai na Austrália e na Indonésia tem também, chamado de economia raia. Se pudermos promover cooperações internacionais entre essas formas de economia isso vai promover o progresso da Fulidaidai, porque ganha uma espaço no pensamento intelectual, dos Dexters²⁷⁹ das Universidades, dos Dexters das Escolas. Então, cientificamente há espaço e pode devagar ganhar também área na política.

Em relação ao movimento neoliberal, foi o haia, começava o movimento liberal em mil novecentos e cinquenta e tal, na universidade de São Francisco - Califórnia, ele teve sua origem da Áustria. O professor ali promoveu um pequeno grupo na sua escola e hoje o Neoliberalismo está em todo o mundo. O mesmo fez o Karl Marx num livro pequeno, conseguindo atrair todo mundo. Igreja Católica, pequena, mas conseguiu crescer e se difundir. Não sei. Pelo menos já temos como começar.

Algumas pessoas ainda querem desenvolver Fulidaidai, mas muitas pessoas não. Aqui na universidade também, ainda não são todas as pessoas. Então o conceito ainda é marginal na literatura timorense, mas se ganharmos espaço na universidade, no governo, nos 10 anos próximos, acho que vai se desenvolver, mas têm que permanecer na prática e permanecer para produzir mais thesis²⁸⁰ (mais pesquisas), mais artigos, mais seminários, acho que vai se desenvolver. Então essa questão tem que ser desenvolvida no contexto da ciência na universidade para haver a parceria da escola Fulidaidai com a Universidade. Se pudermos ganhar hegemonia científico em relação a essas economias locais, que tem base aqui em Timor, se conseguirmos ganhar esse espaço e produzir textos (pesquisas), 20 estudantes do Peace Center que falam sobre Fulidaidai, vai andar. Acho isto, pra mim é necessário pesquisas científicas.

i. Os movimentos estudantis antes e agora.

Diferente, porque o objetivo foi determinado²⁸¹, Ukun rasik-an. Quando se é secreto é muito interessante, mas quando muitas sabem e é aberto, não se é mais interessante: o movimento clandestino foi secreto. Quando uma pessoa ouve “ah este nome”²⁸², tem muita curiosidade, a natureza dessa operação foi secreta e depois quando movimento de massa surgiu, conseguiu-se a vitória. Em 1974, surgiu o movimento e, imediatamente confrontaram com a indonésia. Então foi no regresso. Depois, durante um grande período de mais de 10 anos, surgiu um grande movimento que veio a ganhar a vitória, e aí, terminou o movimento. Este secreto foi um objetivo

²⁷⁸ Principal cidade no norte da Austrália

²⁷⁹ Grandes pensadores

²⁸⁰ Monografias, Dissertações ou teses.

²⁸¹ Pois adquiriu-se a restauração pela independência.

²⁸² Em relação a Frente Clandestina. Sendo esta, umas das Frentes da luta contra os indonésios.

claro da resistência, dependendo das pessoas para conseguir articular com bravura no processo de organização. E não é uma rara, tem esta. Eu me envolvi no movimento, primeiro na Frente Clandestina e, pouco a pouco fui aprendendo. Mais tarde quando havia oportunidade surgiu e Depois Timor alcançou a independência. Hoje em dia, os movimentos têm uma complexidade, pluralismo de organizações porque tem partidos políticos, na altura foi só um partido político, agora tem muitos partidos políticos, muitas ONG's, as intenções de AID²⁸³ e ativismo são muito contraditórias, mas estão a trabalhar juntos, então ativismo é também trabalho, e é desenvolvimento e isso na base também é trabalho, estão juntos, é interessante, por isso eu realizo trabalho com camponeses. Depois da independência, haviam apenas dois movimentos: camponeses e professores. Agora há outros movimentos aqui na cidade, mas estudantes são eventuais, alguns estudantes aqui do FRONT²⁸⁴ por exemplo, eles são parte de um movimento estudantil, ligados ao nosso movimento estudantil historicamente. Eles tentam ganhar coisas aqui, mas talvez só fazem drama, são muito teóricos. Enfim, mas é bom para resistir, é necessário apoiar-los, fazer uma coisa, dar espaço para eles aprenderem a: investigar, aprenderem a falar, aprenderem a se organizar. Esses são aspectos de aprendizagem que não encontramos nas salas de aula. Então é necessário uma coexistência entre estudos teóricos e práticos que eles estão a fazer, por isso eu apoio os estudantes, sendo então, um espaço de prática. Agora, mais que isso, eu prefero o Mauk Moruk²⁸⁵, o Conselho Revolucionário Maubere é mais interessante, tem preocupações maiores no país.

j. O que falta para esses novos movimentos estudantis

Falta-se o contexto, porque se, por exemplo, todo o país se reunir e dizer: vamos o construir o socialismo, então tem um objetivo único e têm dinâmica para lutar, ganhar espaço, marcar a diferença no país, levando em conta o caráter de nação. Mas isso não é o que acontece com esses novos movimentos estudantis. O Xanana vai falar, e eles aceitam. Ele é um político. Ainda não se tem um espírito decisivo de luta. Pode haver. Talvez amanhã, ou próximo ano, não sei, depende também contexto político entre Austrália, Indonésia, etc.... Cuba é interessante, decisivo, mas agora....

k. UNETIM esteve ligada junto com Educação Popular na altura

Sim, 1998, nós falamos sobre consciencialização. Mombaun Kesadara em indonésio é consciencialização. "Constract the conscience of the people. Dead Indonesia has collapse. All must be out. People should know that". O povo tem que saber que Indonésia já caiu, momento é hoje para ganhar independência. Então consciencialização foi um programa, dentro da dimensão da Educação Popular, com destaque aos movimentos de massas, levando em conta os diálogos, com o intuito de promover, agitar e também dialogar com o inimigo, foi isso. Eu juntamente com o atual Secretário de Estado de Fortalecimento institucional, Uburlá, Francisco Uburlá, eu com ele juntamente com outros colegas fomos dialogar com os militares da Indonésia, para quando acontecer diálogo em Suai, eles não atirarem nos estudantes, foi uma estratégia. Se não houvesse diálogo dentro do movimento estudantil e com o povo, não haveria independência. Porque Xanana foi peça, Lu Olu foi importante na montanha e, nós trabalhamos aqui, com cuidado, sendo cuidadosos, pensando para conseguir ganhar credibilidade dentro do

²⁸³ ONG's, com destaque as influenciadas por governos de Austrália e E.U.A. principalmente.

²⁸⁴Movimento Estudantil.

²⁸⁵ Timorense que lutou no período da resistência ao lado de Timor e depois ao lado da Indonésia. Quando ao lado da Indonésia, foi para Papua lutar como comandante do exército indonésio. Lá, tomou a causa dos Papuas e assim ganhou antipatia tanto dos timorenses, quanto dos indonésios. Atualmente está a haver alguns conflitos internos em Timor, no qual Mauk Moruk diz que o país ainda não é independente.

povo, e conseguir apoio do mesmo tendo como objetivo a independência. Depois mais tarde surgiu o CNRT²⁸⁶, que trabalhou junto com o movimento estudantil.

²⁸⁶ Partido Político ao qual pertence Xanana Gusmão.

APÊNDICE 02

Entrevista – Liderança UNAER

Entrevistador: Samuel Penteado Urban

Entrevistado: Sr. Amaro (Presidente da UNAER) e Sr. Alberto (Vice-Presidente da UNAER)

Local: Instituto de Estudos de Paz e Conflito (UNTL)

Data: 02/2015

Meios utilizados: Gravador

Transcrição: Samuel Penteado Urban

Tradução: Samuel Penteado Urban

Língua: Português e Tétum

1) Educação Popular em Timor-Leste

a. Fale sobre o início da Educação Popular em Timor-Leste (Amaro)

Em relação à Educação Popular no distrito de Ermera, UNAER é quem a organiza a educação para os membros agricultores, pois considera ser importante para membros da UNAER. Essa importância tange os dirigentes de base de todas as plantações, porque a comunidade tem rendimento com o café, mas até agora, não têm uma boa capacidade de gerenciamento sob estes estabelecimentos, por isso, a UNAER têm uma política para reforma agrária ligada a educação, para todas as plantações²⁸⁷, porém ainda falta capacidade para organizar os rendimentos advindos do café. Por isso que UNAER pensa em organizar formação para os dirigentes de base. Nisso, há muitas dificuldades, primeiro em relação aos formadores: formadores que agora irão trabalhar na escola, eles são funcionário do KSI, e outros, docentes da UNTL. Isso me causa uma preocupação em função de que eles vivem em Díli e a UNAER não tem dinheiro para trazê-los. Por isso a UNAER têm alguns questionamentos. Eles serão voluntários aqui em Ermera? Isto é que é importante saber. Então, nós dirigentes, tivemos a iniciativa para organizar a escola, mas nos preocupa em relação aos formadores, formadores são importantes, mas todos os docentes da UNTL ou funcionários do KSI. Falamos em começar as aulas no dia 28 de outubro de 1975, mas hoje ainda não começaram as aulas. A estrutura física da Escola já está pronta, com portas e janelas. E depois, o senhor Antero, até agora ainda não entrou em contato com senhor Leo, eu estive na direção desta formação.

b. Como começou a luta de terras no Timor e como está hoje. (Amaro)

Sobre a política de luta pela terra, têm-se um marco em 2000, quando dirigentes da UNAER em Maudiu (representado por Maun Alberto), tiveram a iniciativa de luta. É importante destacar também os grupos de Sakoko e de Lequici.²⁸⁸

A UNAER dirige as terras no distrito de Ermera, sendo que o mesmo possui 26 plantações (áreas), a maioria localizadas no subdistrito de Hatu Lia, onde se têm 13 sucus. No subdistrito²⁸⁹ de Ermera existem 8 plantações, em Hai Laco 4 plantações e em detepovu 2 plantações.

²⁸⁷ Área em que estão os agricultores da UNAER.

²⁸⁸ Sucus.

²⁸⁹ É nesse subdistrito que estão os sucus Sakoko, Lequici e Maudiu.

c. Quais culturas (Amaro)

Mandioca, milho, contas, batata. Durante a ocupação portuguesa, a maioria dos agricultores não tinha pensamento crítico, apenas o conhecimento básico para cultivo. Por isso que é necessária a iniciativa de escola Fulidaidai.

d. Os senhores participaram da resistência (Alberto)

Estudamos no tempo Português, na escola secundária, mas não conseguimos acabar a faculdade. Naquela altura nós estudávamos e depois já tínhamos ideia, iniciativa para apoiar o partido FRETILIN, para libertar a nossa pátria. Esse era o nosso problema aqui, em que tínhamos que ter o conhecimento para libertar a nossa pátria. O problema em relação à questão da terra era porque os portugueses ocuparam nossas terras. Com isso nós nos sentíamos tristes em função de nossos avós e nossos pais serem trabalhadores, mas não possuírem terras para sobreviver e, os que trabalhavam nas plantações não tinham pagamento, só recebiam comida durante o período da manhã e depois almoço à tarde. Depois do dia de trabalho, esses agricultores voltavam para suas casas trazendo apenas alimentação para os familiares. Isso foi uma avaliação para em 1975, se tem um conhecimento que é básico, é o de apoiar a FRETILIN para libertar a nossa Pátria. Depois, em 1975, a UDT realizou um golpe como partido pró-indonésia, Timor-Timur²⁹⁰, Timor-Leste, e assim, uma luta que se iniciou contra Portugal, se estendeu, após 1975, pela luta contra a invasão indonésia. A maioria dessas pessoas era também contra o golpe da UDT. A ocupação em si, foi igual à ocupação feita por Portugal, com exploração de militares²⁹¹ na produção de café que depois era enviado para Jacarta. Então pronto. Faz-se necessária uma política de apoio à resistência, contra a ocupação indonésia. Naquela altura, meu pai era comandante²⁹² e no tempo português era soldado, ele tinha tática para organizar a guerra, mas não sabia escrever, então ele disse para mim: “você vai ser o meu secretário” e, assim, eu comecei a estudar política para ganhar a luta e libertar o Timor. Fiquei em Railaco²⁹³ quase dois anos, e depois o meu tio, ele também estava a lutar contra a Indonésia e fomos à escola por três anos. Voltei como secretário de Suco, ficando por quase 2 anos e, assim, a luta política para a reforma em Timor-Leste continua. Na língua de Timor-Leste dizíamos que temos 2 padrões: um padrão é a Indonésia com secretário de suco²⁹⁴ e outro padrão é a política que liberta Timor-Leste. Assim, em 1999 e em 2000, houve uma reforma agrária, no momento só temos 3 plantações, a plantação de Maudiu onde está escola Fulidaidai, senhor Amaro em Sakoko, e meu colega João Alves organiza comunidade, distribui plantação, depois nós três, fizemos uma socialização, conscientização para outras plantações, para ganhar a participação dos agricultores. Pronto, conseguimos naquele momento adesão de 12 plantações. Fizemos reuniões, política pessoal, criando uma organização para todas as plantações. Em 2006, começamos a organizar a conscientização para todas as bases até atingirmos 16 plantações. Depois, em 2010, nós organizamos a União dos Agricultores de Ermera. Aumentando a adesão, somos agora 26 plantações. Depois organizamos para a reforma agrária contendo comissão executiva e comitê da zona.²⁹⁵ Debaixo de comitê da zona, têm-se as estruturas de base, mas ainda faltam colegas que possuam boa vontade para organizar este movimento. Então eu estou aqui, com Amaro já discutimos, que em relação à União dos Agricultores, o recurso é mínimo, e nós agora precisamos realizar mais reformas, e precisamos também ter formação para as estruturas de base para atingir os objetivos de nossa luta, senão não conseguimos desenvolver

²⁹⁰ Significa Timor-Leste na língua indonésia, no sentido de uma integração.

²⁹¹ Empresa de café ligada aos militares indonésios

²⁹² Período indonésio.

²⁹³ Subdistrito de Ermera.

²⁹⁴ Como indonésia é invasor, algumas lideranças locais fazem o jogo do invasor para se manterem no poder.

²⁹⁵ Base.

nossas lutas. Então, a iniciativa para se ter uma escola vêm desde 2006 até 2014. Agora já temos apoio da embaixada do Brasil²⁹⁶ e a escola, fisicamente, já está pronta, já temos o mínimo de docentes, e assim iniciaremos às aulas no dia 26 de março de 2015, com isso, poderemos ter uma formação para ajudar a desenvolver nossa juventude para assegurar nossa luta política pela reforma agrária e, depois também, para haver uma formação sustentável para assegurar a economia local, tentando conseguir políticas de governo relacionado à nossa causa. E depois, têm um conceito que os membros e a juventude da UNAER podem vir aqui aprender na Escola Fulidaidai, voltando depois para a base e abrindo outras escolas nas bases, e assim esse aprendizado volta para centro da UNAER para aumentar a capacidade de recursos para assegurar a política e a luta pela reforma agrária. Se não tivermos a formação para a juventude, teremos problemas no futuro, e a luta política pela reforma agrária da UNAER, nunca atingirá os políticos. A escola fulidaidai acontece por causa de preocupação de dirigentes de UNAER. A organização vem da UNAER com o intuito de resolver o problema da agricultura ligada aos sem-terra e, também, nós agora, fazemos planos para ver se encontramos um ou dois doadores para ajudar o nosso dirigente na UNAER, cooperação em relação aos problemas da UNAER, porque têm a gente, mas tem mais colegas companheiros da educação que tem conhecimento mais alto, porém só possuem interesses pessoais, só interesse pessoal, não se preocupam com interesse comum, este é um problema. Porque a maioria das pessoas em Timor-Leste, quando acaba o estudo, não quer criar revolução para salvar agricultores com níveis mais baixos, não possuem um pensamento de que uma nação precisa de uma economia forte. Pode-se ter economia forte, quando se têm agricultores com terras. Porém, quando se tem agricultores que, não possuem terras, não se têm produção, quando não se têm produção, não há economia e o Estado é fraco. Essa é a política da UNAER. O pessoal da cooperativa tem um bom conhecimento, para formar, para conhecer programa com objetivo para criar mais cooperativas, têm capacidade para criar estatuto, mas mesmo assim, nossa educação é mais serena. Por isso temos preocupação para criar esta escola, para dirigentes, como para os níveis mais baixos da UNAER.²⁹⁷ O senhor Antero diz que: “senhor Alberto e senhor Amaro não precisam estudar na escola, apenas organizar a escola, pois vocês já têm conhecimento.” Porém, nossa educação é serena. Depois, com aulas, podemos dar formação para outros colegas.

e. Participaram de alguma escola da FRETILIN na guerrilha (Alberto)

Sim, entre 1973 e 1975, depois, de 1975 até 1979 no mato. Naquela altura, eu também fui secretário da zona, para ensinar jovens. Mas naquela altura alunos não usavam caderno, usavam casca de bambú e depois escreve com pés que tem coco. No mato se ensinava as crianças, mas os integrantes da FALINTIL também, eles também precisam aprender então todos passavam pela educação, mesmo aqueles que tinham físico para lutar, pois era necessário ler e escrever. Assim, criou-se a escola, para conhecer armas, e para comando da luta (diretório).

2) UNAER

a. Como funciona a estrutura da UNAER (Alberto)

Houve 2 congressos. No primeiro congresso participaram membros da UNAER, colegas de Díli e muitas pessoas como o senhor Amaro, que hoje é presidente da UNAER e, naquela altura, eu fui nomeado secretário geral da UNAER. Outro colega foi coordenador técnico sobre agricultura e sobre cooperativas. Depois se criou 3 coordenações, estrutura de zona até a base

²⁹⁶ Foi realizado um seminário com os agricultores no qual foi passado o documentário “O veneno está na mesa”, neste sentido, foi possível a aquisição de verba para colocar portas e janelas na escola.

²⁹⁷ Objetivos da Escola Fulidaidai-Slulu.

(plantações). Depois, no segundo congresso houve mudanças com relação à estrutura. Naquela altura então (antes do segundo congresso), tinham 4 pessoas presidente, vice-presidente, secretário geral e coordenador técnico. Com o segundo congresso, muda-se a estrutura: presidente, vice-presidente, secretário geral, em base tem uma estrutura grande na base, vice-coordenador, coordenador, secretários, tesoureiro e depois têm secções. Sete secções: Agricultura, cooperativa, que tem empresa. Comitê executivo não têm secções. Nas bases já têm em quase todas cooperativas, e já se têm um plano para criar mais uma cooperativa com comitê executivo. A cooperativa primeira, já possui uma consolidação. Então para as outras mais recentes, precisa-se de tempo para que os membros possam compreender o processo. Cooperativa acontece em base. Não vêm de cima para baixo.

b. Organização da UNAER (Amaro)

Em 2010. Mas começa em 2000 organizado por grupo de Maudiu, Grupo de Lequici, Grupo de Sakoko. Por isso que em 2010, surgem esses dirigentes que aqui estão na UNAER. Até 2009, 3 grupos que organizaram. Grupo Lequici em Aipú. Grupo Maudiu se encontra onde funciona a sede da UNAER. Primeiro começa-se a organizar grupo em 2000. E três grupos que dá o que tem hoje. Em outros distritos tem organização também, mas não tem ligação com UNAER. Unaer é o maior grupo sobre reforma agrária. Já registraram-se 22 mil pessoas, sete mil famílias, quase 800 chefes de família. Hatu-lia, Ermera, etc...

3) Escola e Economia Fulidaidai

a. O que o senhor pensa sobre a Escola Fulidaidai e o papel dos professores (intelectuais) da UNTL. (Amaro)

Até agora UNAER tem ligação com a UNTL, a UNTL que realiza as formações. Eles que organizam a escola fulidaidai, mas agora a UNAER ainda não tem recursos para os formadores. Que é muito importante. Até agora já se registraram como formadores: um funcionário do KSI e docentes da UNTL. Mas há um problema. Eles têm iniciativa voluntária, porque UNAER ainda não tem dinheiro para pagá-los.

b. Além da UNTL tem outras instituições.(Amaro)

Ainda não. ONG internacional (IBUS), eles nos deram capacitação. Há ligação da UNAER com outros países: Indonésia, Filipinas, por exemplo, em Timor-Leste tem organizações com HABURAS, Lao Hamutuk, KSI, PONTIL, HASATIL²⁹⁸.

c. E Mokatil (MOVIMENTO DOS AGRICULTORES DE TIMOR-LESTE) (Amaro)

Mokatil, ainda não tem base, tem muita ONG envolvida. UNAER são os próprios agricultores, vem da base. Mokatil não têm, são muitas ONGs.

²⁹⁸Todas ONG

d. Educação Popular hoje e no futuro para agricultores em Ermera. (Amaro)

Eu penso que Educação Popular para agricultores é muito importante porque todos os agricultores têm rendimento, mas eles não têm capacidade. Importante é que eles organizem cooperativas em base, para responder as dificuldades dos agricultores.

e. Qual a função da UNAER na Escola Fulidaidai (Amaro)

UNAER também envolve alunos para aprender matérias, por exemplo, criar/gerir cooperativas, construir casas, (...) Eu aprendi língua portuguesa na primeira classe em 1973 e 1974.

(Alberto)

Mais ou menos na quarta classe. Não usávamos cadernos, mas sim casca de bambu.

Primeiro têm-se problema de dinheiro. Criou-se uma escola de Educação Popular que, com certeza, os dirigentes têm preocupação em relação à qualidade desta escola, e assim, precisa-se de contribuições e participação de dirigentes e executores de membros da UNAER, de forma participativa, para aprender e para que assim eles possam assegurar a luta pela reforma agrária e desenvolverem uma agricultura avançada e sustentável. Nesse sentido, há a necessidade de que todos conheçam muito bem sobre política e técnica de agricultura, desta forma, automaticamente nós atingiremos resultados na produção, quando têm resultado da produção, economia também vai bem²⁹⁹, senão... Este é o primeiro ponto. O segundo é que, para garantir essa Escola Fulidaidai, se faz necessário professores que tenham capacidades, conhecimento sobre agricultura, sobre cooperativa, sobre política de direito pela terra, para ensinar agricultura com boa capacidade e qualidade, senão, com certeza a escola não será boa. Terceiro, a UNAER é política então precisamos de um ensino politizado, para que os alunos conheçam muito bem sobre a política da independência de Timor-Leste e que conheçam muito bem sobre os princípios da Escola/Economia Fulidaidai. Um problema aqui, é que o ensino acaba sendo diferente do ensino formal, pois em vez de seis dias de aulas, na Escola Fulidaidai teremos dias de aulas por semana, pois os professores são da UNTL. Então se precisa de 6 dias de aulas, precisa de professor preparado para trabalhar com juventudes de escola fulidaidai. Uma necessidade é que educação relaciona-se também com os costumes culturais, a escola fulidaidai é a primeira vez em Timor que acontece e é aqui em UNAER, em Díli só tem outros trabalhados, mas em outros distritos não têm. Essa política é a melhor para o futuro.

Para uma agricultura sustentável é necessário a organização dos trabalhadores. Mas quando não se têm um grupo como nossa organização da UNAER e não se têm um trabalhador bem informado, com certeza que não se atinge a produção, quando não se atinge a produção, a economia, ano a ano, não avança. Quando a economia não avança com certeza a governança também é fraca. Para agravar, agora, nossa organização não tem garantia de governo, o governo tem interesse pessoal e não interesse comunal³⁰⁰, quando não há interesse comum, com certeza, quem vai à frente sempre fica a frente e quem vai atrás sempre fica atrás.³⁰¹

f. Explique Economia Fulidaidai e a ligação com a escola (Alberto)

Muitos agricultores tem terra para produzir, mas não têm produção máxima, ou conhecimento para a agricultura, ou ainda, a comunidade não tem vontade. O problema então, é que essas

²⁹⁹Kapas na língua Tétum.

³⁰⁰Interesse individual aqui significa interesse individual e não coletivo, havendo assim a ligação do neoliberalismo.

³⁰¹Não há mobilidade social, o pobre continua pobre e o rico continua rico.

peças não possuem conhecimento mínimo não havendo assim avanço. Através da escola, pode haver uma formação para dirigentes de cooperativas, e depois a educação deve chegar à base e por causa disso é que nós precisamos de docentes. Não apenas docentes que possuam certificado, mas que venham pela capacidade, pelo conhecimento máximo, para que a escola tenha qualidade e depois possa criar uma coisa que é pública, para saber que escola também faz uma coisa, senão diz que a escola não faz nada, só tem o nome da escola, mas essa escola não tem. Essa é também uma preocupação nossa.

g. Significado de Fulidaidai (Alberto)

Palavra usada no tempo indonésio. Sentido de Fulidaidai é em português trabalho conjunto, aprende-se juntos. Língua de Los Palos, em Mambai é Slulu. Através desta escola, começou a discutir nome da escola. Era para ser nome Slulu, mas empresta outra da palavra de Los Palos. Sentido Slulu, significa escola conjunta, juntos aprendem, juntos ensinam e juntos trabalham, tudo conjunto.

h. Ideia de Fulidaidai vêm desde 2006? (Alberto)

Sim, mas não acontece. Depois em 2010, quase se aplica a ideia, mas não conseguimos, por causa de dirigentes, pois precisava de uma coisa mais clara. A escola levou muito tempo para ser pensada, mas em 2013 conseguimos com a Amaro, que vai para escola na Indonésia, aprende na escola da Indonésia, escola que foi criada por uma organização na Indonésia, que tem a mesma organização da UNAER, então pronto, começa-se a discutir sobre a necessidade da escola. E depois, têm uma cooperação com organização³⁰² da Indonésia, que tem política pela reforma agrária e da agricultura sustentável. E Aqui no Timor é a mesma coisa com a UNAER, têm-se as lutas políticas pela reforma agrária e busca-se uma agricultura sustentável. Isso é o que até agora conseguimos, a preocupação de dirigentes é obrigatório para manter a qualidade da escola, quando a escola não tem qualidade não atinge plano, política.

i. Quais foram as dificuldades desde a formação da escola até agora? (Alberto)

Muitos problemas. Sobre a qualidade da escola, mas um fato é que não há apoio para garantir a qualidade da escola, a relação é com iniciativa direta dos professores. Os professores têm vontade, mas possuem outras atividades, aí é necessário que haja pagamento para que professor possa se dedicar exclusivamente a escola. Então até agora, de onde vem o salário? Criam-se cooperativas e depois se têm o resultado da mesma, podendo-se criar novas cooperativas. No comitê executivo pensa-se para ajudar os professores. Por isso não queremos que venham professores de fora de nossas localidades, porque os locais é que conhecem muito bem e compreendem bem o ser comunitário. Então se tem interesse coletivista. Mas se o interesse é privado, isso é um problema, porque cria uma coisa, um plano que é bem feito para este programa vai atingir o povo.

j. Como os senhores veem a escola e a economia Fulidaidai, como uma forma alternativa ao capitalismo (Alberto)

O Timor já é independente, mas têm um coração capitalista. Praticamente todos os funcionários do governo usam de práticas capitalistas, reproduzindo essa ideia e, praticando-a. Antes de fazer uma coisa, se diz: “posso fazer, mas você me paga quanto?”. Isso é doutrina capitalista. Por

³⁰²Movimento Social do Campo

causa disso, nós da UNAER, trazemos a política original, doutrina da FRETILIN que é de independência. Então uma coisa que nós precisamos é de independência, é assegurar a doutrina política, ideia de militância. Quando se cria uma organização comum, mas nosso coração vem carregado com a doutrina capitalista, o nosso programa não atinge³⁰³. Nossa ideia também é ter professores que venham com coração socialista, com ideia socialista. Quando ele é um professor que vêm com ideia, com doutrina, uma política, com boa vontade comum, com certeza o que ele tem são valores de união para os alunos. Quando ele vem com coração capitalista, quando os alunos perguntam, o professor explica coisas que não condizem com nossas necessidades. Mas em coração socialista se vêm com dez ideias, pode se servir tudo. Isso é uma preocupação nossa, precisamos de ideias políticas da doutrina socialista. A escola e a UNAER tem essa ideia. É por causa disso que no tempo passado, criou-se comissão, com sociedade civil concordando com comissão, entregou-se lá para UNAER, “o senhor estava na reunião, então pronto”, depois UNAER.³⁰⁴ Depois disso, no dia 7 de dezembro, houve nossa marcha Nacional em Díli³⁰⁵, eu queria que tivéssemos esta comissão, mas povo não concorda, nós defendemos para haver comissão permanente de marchas pela reforma agrária e, não é assim. Foi decidido coletivamente. Se assim, agora, já nesta comissão para o futuro quando tem uma atividade assim, pronta.

k. Como os senhores veem para esse ano de 2015 a escola Fulidaidai e depois para o futuro. (Alberto)

A escola Fulidaidai não é só aqui na sede, mas escola fulidaidai cria-se até a base, e quem é que logo vai ser professor lá na base, é a gente que vai aprender aqui.

l. No início da UNAER foram três grupos, teria como falar sobre eles. (Alberto)

O primeiro é Sakoko, na plantação Lamalihu. Maudiu é plantação Maudiu. Lequice, plantação Lequici. Organizador foi o senhor Abel em Lequici, Sakoko foi senhor Amaro e, Maudiu fui eu. Antes de 2000, houve luta política pela reforma agrária já bem preparada e, após o referendo de 1999, houve remanejamento e distribuição de plantações (terras) para comunidade. Em 2001 o grupo já estava formado, mas antes mesmo do referendo já se pensava nessa distribuição de terras. O centro da Escola Fulidaidai é em Maudiu. Depois disso, discutimos em relação à necessidade de consolidação de um grupo forte com outros agricultores para criar essa organização. Inicialmente foi uma associação, mas eu não concordei com isso e, fiz uma declaração, pois já tinha ideia para criar essa organização (UNAER). E antes do primeiro congresso, nós buscávamos um estatuto como símbolo de união e, até 2006 fez-se plano para realização do primeiro congresso. E assim, em 2010 acontece o primeiro congresso, para definir o estatuto, discutir e definir estrutura. Ali naquela altura, o senhor Amaro através de eleição, foi eleito presidente, e eu secretário geral. Antes disso também, voluntariamente, havia secretário provisório e, depois se criou a comissão e foram eleitos secretários. Depois de congresso, comecei a ser secretário geral da UNAER. O congresso acontece de 3 em 3 anos. Depois do terceiro ou quarto congresso, houve uma mudança, um plano para consolidar a política de reforma agrária, para 3 distritos, já se considerando Liquiçá e Díli. Num desses congressos, participaram mais de 10 distritos, mas mesmo assim, decidiu-se em 2010 que Ermera teria um grupo (UNAER). Futuramente (nos próximos 10 anos) busca-se criar a União dos Agricultores de Timor-Leste. O plano é organizar a base dos outros distritos e depois juntar.

³⁰³ Situação-limite em Paulo Freire.

³⁰⁴ Isso se refere a decisões democráticas realizadas através de reuniões da UNAER.

³⁰⁵ Marcha Nacional pela reforma agrária em Díli

Agora temos 3 integrantes junto a UNAER: Ermera, Liquiçá e Díli. Daqui em diante, senhor Alberto, ele já foi para Baucau, depois Ainaro, depois Aileu, com o intuito de desenvolver as bases para futuramente haver um movimento nacional. Não precisa ter 10 distritos. Se já tivermos 5 ou 6 distritos, já dá pra começarmos. Vai ser uma organização nacional e, não distrital. E porque agora essa organização que tem Ermera, mas muitos movimentos estão lá em Díli. E agora, o Presidente da República, e depois o parlamento nacional, e também ministro da justiça, conhecem muito bem esta organização, qualquer debate sobre leis de terras, sempre nos dão convite para participarmos da discussão.

APÊNDICE 03

Entrevista – Mana Uka

Entrevistador: Samuel Penteado Urban

Entrevistado: Mana Uka (Professora da Escola Fulidaidai-Slulu e da UNTL)

Local: Instituto de Estudos de Paz e Conflito (UNTL)

Data: 03/2015

Meios utilizados: Gravador

Transcrição: Samuel Penteado Urban

Tradução: Samuel Penteado Urban

Língua: Português

1) Fale sobre o início da Educação Popular em Ermera

Quando os agricultores voltaram a ativa após a luta pela independência, iniciaram a tentativa de se organizar, para conseguir terras em Ermera, onde se tinha o cultivo de café. Então, desde o início, os agricultores pensavam sobre a importância de incluir junto à agricultura também a educação, porque para lutar é preciso educação para saber mais coisas. Então, em 2010, UNAER realizou seu primeiro congresso. Eu fui lá só para participar, e ouvi que eles falavam e discutiram sobre educação: como é que vamos realizar uma escola aqui em Ermera para os agricultores? E em 2012, lá na primeira vez que eu me encontrei nesse programa, nesse projeto, com o professor Antero, membros da UNAER e *staff* da KSI. Desde 2012, já discutir, discutir e discutir, sempre discutir sobre currículo, qual material que vamos utilizar, quem que vai ajudar, quem são os estudantes... Discutiu-se muito de 2012 até agora 2015, mas sim é um processo que precisa muito tempo, *tempu naruk*³⁰⁶, muito tempo. Em 2013 quando UNAER realizou seu segundo congresso, eu fui lá e apresentei essa ideia, nós já tínhamos o currículo e o apresentei e, todos os agricultores gostam e sim... Isso que nós precisamos, não é muito acadêmico, mas é sobre como trabalhar um currículo voltado para a prática do dia-a-dia dos agricultores, isso é muito importante, senão é muito acadêmico e não há um entendimento sobre os assuntos por parte dos agricultores. Então eles gostaram. Isso foi lá em 2013 no mês de maio. A ideia veio dos agricultores e não do KSI ou do Peace Center ou do Professor Antero, não! Então a ideia veio dos agricultores e depois nós discutimos juntos e produzimos esse currículo.

2) Como a UNAER e como a UNTL estão envolvidas na formação da escola.

A idealizadora desse programa foi a UNAER, então eles precisavam de Educação e nós fomos lá. E depois nós discutimos sobre esta escola no Peace Center e no KSI. KSI já está a trabalhar com eles há 10 anos, desde 2000. KSI que intermediou e ligou com UNTL e com Peace Center, tendo como intuito lutar pela legalidade, porque Peace Center é parte da UNTL, então achamos que iria ser fácil para lutar para ter legalidade, através da universidade³⁰⁷. E desde o início, nós sempre colaboramos com o Peace Center aqui e com agricultores lá em Ermera. De vez em quando nós realizávamos atividades e convidávamos eles para participarem do nosso programa

³⁰⁶ Na língua Tétum, significa longo tempo ou muito tempo.

³⁰⁷ como forma de legitimação da escola.

da universidade, pois aqui temos estudantes que precisam ir lá para fazer pesquisa e sempre recomendamos para ir lá e aprender com UNAER, sobre movimento e....

a. Eles disseram que antes já houve uma escola de Educação Popular, Mao Miro falou.

O que sei é que o Mao Miro disse. Mas não conseguiu se sustentar e depois fechou.

b. Os agricultores da UNAER pediram para KSI ajudar na formação da escolar certo?

Sim, mas o staff da KSI muito preocupado com outros projetos, então, foi muito difícil para o professor Antero e outros do KSI. Pois é necessário pessoas com foco, que tomam atenção para este assunto. O KSI foi fundado pelo Professor Antero, é uma ONG, mas a visão do KSI é de um instituto para a educação e universidade, isso que eu sei sobre KSI, por isso o nome é Instituto. KSI já trabalhou com agricultores, eles já fundaram escola em Casnapa, é parte de Díli, mas é uma área remota de Díli.

c. Onde começa uma instituição e acaba outra?

KSI foi fundado pelo professor Antero em 2000 e, depois eles lutaram muito tempo para ter essa UNAER, para conseguir realizar essa União dos Agricultores, KSI trabalhou sempre na área de Ermera, sempre, durante 10 anos. Eles sempre lutaram pela reforma agrária, direito da terra. Então de KSI nós temos UNAER. Aqui em Peace Center, que é parte da universidade, foi fundado pelo Professor Antero também, mas com outros interessados, não é o professor Antero somente. Ele está ligado com as três instituições.

d. Acaba que a você também é ligada aos três, certo?

Sim.

e. Como a você vê a Educação Popular em Ermera hoje e futuramente e, quando começou a luta pela terra em Ermera, luta ba rai.³⁰⁸

A luta, o que eu sei, é que os agricultores estão a lutar desde o tempo colonial português e até a ocupação da Indonésia e, até hoje, eles sempre estão a lutar sobre a terra, sobre direito de plantação do café, da terra. Eu ainda me lembro de quando eu fui estudante da faculdade de agricultura, fomos a Ermera para fazer uma entrevista com os agricultores, em Ermera e Aileu, eles sempre falam sobre essa questão histórica. O que sei é que em relação a lei, os documentos e as entrevistas, é que eles não tem direito a terra, só trabalham e para um dono da terra e recebem muito pouco por isso. Eu sempre trabalhei em Ermera, desde 2010, trabalhei com a **After Trade Timor, Social Bussiness Company**, é do Japão, não é a mesma empresa de café que o Mao Miro trabalhou, é uma empresa do Japão, **fair trade**, eles compram café em Ermera e depois processam e depois mandam para o Japão, e asseguram que o preço do café é melhor para os donos do café (café na'in), cooperative, sempre trabalhou com grupo, até hoje ainda existe. Há uma cooperativa que trabalha junto nessa coleta de café, com 10 ou 15 famílias.

³⁰⁸ Luta pela terra na língua Tétum

Então sei que sempre é preciso lutar, sempre há preocupações importantes, e o número 1 em agricultura é Ermera³⁰⁹.

Para se ter uma ideia em relação ao respeito dos agricultores pelo KSI, quando uma instituição de fora chama os trabalhadores, eles não se interessam, mas quando é o KSI, juntamente com a figura do Professor Antero, a participação por parte dos agricultores é grande. Quando é KSI ou Peace Center, vamos realizar esta reunião para defender a terra para discutir...sempre teremos muitos agricultores de longe para participar, só para ver esta realidade, é muito importante essa questão da terra, é parte importante da vida destes agricultores, porque antes plantação não é de Ermera ni'an³¹⁰, só dos colonizadores, de empresa da indonésia. Tem indonésios que são donos da terra.

f. Mas não tem que ser timorense para ser dono da terra.

Café na'in³¹¹ não tem direito de terra, o que sei é que quando esta pessoa já vive aqui por 5 anos, depois de 5 anos.³¹² Está para sair lei da terra nova, em 2010 presidente veta (Ramos Horta)³¹³, porque está em processo hoje, porque não temos resultado de revisão. O problema que o presidente só pode vetar a lei 2 vezes. Por isso a luta da UNAER ainda continua, sempre.

Eu sempre acreditei na Educação Popular em Ermera, porque o que eu sei, é que nós temos essa Educação Popular e, nós resistimos através dela a ocupação Indonésia. Ganhamos essa luta, porque desde 1965 até 1978, a Educação Popular foi parte muito importante dessa luta para independência. Foi a FRETILIN que promoveu e introduziu essa educação e nós podemos ver que o resultado é muito positivo, por exemplo, meu pai até hoje lembra muito bem o que aprendeu lá no CEFORPOL (Centro de Formação Política da FRETILIN). Então acho que já, há muito tempo, tem-se essa ideia de Educação Popular, o que ele aprendeu está ainda muito bem guardado e praticando. Então, em relação à Educação Popular em Ermera, se vamos ter uma Educação Popular aqui neste momento em 2015, será muito importante porque se refere ao espírito de luta que pessoas possuem e, depois agora pode-se continuar a ter muitas pessoas com pensamento relacionado ao processo de Educação Popular, aos ideais políticos. Porque Educação Popular dá lugar para todas as pessoas aprenderem juntos, aprende hamutuk³¹⁴, como no país não se têm uma educação boa, todos têm direito na Educação Popular, então não tem discriminação.

3) Fulidaidai

a. Sobre a escola Fulidaidai, o que é economia e escola fulidaidai.

Economia Fulidaidai é sobre, vem da língua Makalero de Los Palos, significa trabalhar junto, traduzindo significa cooperativa. Mas na verdade é que em Timor nós temos também o termo que descreve, que explica sobre esta ação de vir junto e trabalhar junto para ajudar uns aos outros, para ter benefícios iguais, então economia fulidaidai é este trabalho junto. Contemporaneamente, significa cooperativa, mas Timor tem essa economia fulidaidai em prática nas pequenas sociedades de Timor, em aldeias, em sucus. Há a fulidaidai de Los Palos

³⁰⁹ Em função da organização dos trabalhadores e o peso econômico em relação ao país, através da exportação de café orgânico.

³¹⁰ Pessoas locais do distrito de Ermera.

³¹¹ Latifundiário.

³¹² Essa lei dá direito à terra a estrangeiros, por isso que o presidente vetou.

³¹³ Quando Ramos Horta esta como presidente da RDTL, ele vetou a lei de Terras que dava direito de posse à estrangeiros.

³¹⁴ Aprender junto num sentido de solidariedade.

e também tem Slulu a de Ermera, Hakauak de Suai, e também em Maliana. Então quando pesquisamos mais à fundo, vamos descobrir que também nos dialetos tem essa ideia, o termo de servisu hamutuk³¹⁵, junto. Então desde tempo dos avós, eles já praticavam essa ideia, este trabalho. Em vez de trabalhar sozinho, para trabalha em meu to'os³¹⁶, em minha plantação de café. Busca-se trabalhar com meus colegas, vizinhos, para trabalho junto. Essa é a ideia de Economia Fulidaidai, trabalho junto. Mas não é dependência (ser dependente de um dono de terra), vou trazer o que eu tenho para juntar e depois fazer benefício para todos os membros. Isso é o que eu entendo sobre economia Fulidaidai. Escola Fulidaidai também Slulu. Nós temos também Fulidaidai traço Slulu, Slulu é em Mambai. O uso do termo Slulu é para promover o conceito além da língua Makalero em Los Palos, pensando na língua Mambai de Ermera (Para o povo de Ermera se pertencer/reconhecer nesta forma de economia), buscando pensar em Ermera e em Timor como um todo. Isto dá um sentimento de pertencimento, dono deste programa, desta escola, parte importante da escola, não fora dela. Tenho muita esperança na Escola Fulidaidai, porque gosto muito desta ideia e também acho que já é tempo para capacitar agricultores, as pessoas que não conseguem entrar para a escola formal. Vai ser muito importante se conseguirmos realizar essa escola, então eu busco contribuir com meu conhecimento para trabalhar e para realizar, fazer acontecer esta escola. É necessário muito tempo para se realizar e esforço, vou lutar com todos os colegas, professores do Brasil...

b. Qual o papel dos intelectuais no processo de formação da escola?

O papel, o importante é nós entendermos essa ideia de Educação Popular, que é necessário discutir e sempre tentar para ter uma solução conjunta, para satisfazer todas as partes. Não é algo que deve vir da UNTL ou intelectual ou da UNAER ou KSI, mas sempre pensado em conjunto todos para que todos nós sintamos que é a melhor decisão. Nós sempre nos envolvemos nesta atividade, desde o início até hoje, sempre envolvendo intelectuais, não só o professor Antero e eu, mas staff da KSI, e outros colegas da UNTL intelectuais, eles participam também de uma discussão.

c. Mas já têm outros professores que participam ou não?

Não, agora ainda não, mais o KSI também.

d. Quais outras instituições estão envolvidas nesse processo de formação da escolar.

KSI, Peace Center, o Brasil³¹⁷.

e. Vem de onde financiamento do KSI?

Vem de doador internacional. Um doador CCFD. Vem da França. Eles estão muito interessados na escola. E vão ajudar muito esta escola através de KSI. Mas ainda está em discussão. Mas em relação ao assunto da cooperação com UNTL, este assunto, vice-reitor, ele sabe sobre este processo da UNTL. Informalmente nós sempre falamos com outras ONGs, oficialmente não, e com o governo ainda não falamos oficialmente. Informalmente sim, já informamos sobre o

³¹⁵ Trabalho conjunto na língua Tétum.

³¹⁶ Agricultura local.

³¹⁷ Brasil através da Cooperação Brasileira em Timor-Leste, pelo qual realizei atividades relacionadas a Escola Fulidaidai de 2013 a 2015. Além de apoios via embaixada do Brasil.

processo desta escola, para o Ministério da Educação sobre a Economia Fulidaidai e sobre a Escola Fulidaidai. Também informamos ao Ministério da Agricultura e do Comércio, informalmente este último ministério sabe sobre este processo.

f. Há algum objetivo de fazer a Fulidaidai ligada ao governo ou de forma oficial?

Nós vamos tentar realizar, mas nós achamos que vai ser melhor se nós começarmos esta escolar primeiro, o processo, o currículo e, depois tendo algo em andamento, vamos apresentar para o Ministério da Educação, já funcionando. A ideia de Fulidaidai não é para ser dependente do governo, mas independente, vamos iniciar com o que nós temos e, depois vamos apresentar este processo, e dizer: “agora já temos isso, e ver o que o governo pode contribuir”. Só não pode chagar a eles sem nada na prática e, pedir ao governo ajuda não é uma bom ideia, por isso até agora nós ainda, só para informamos estas instituições de governo e ONGs informalmente.

g. Quais as dificuldades encontradas no processo de formação da escola?

Nós temos muitas dificuldades, sempre. Primeiro, parece ser recurso financeiro e também porque os professores que vão trabalhar lá, estes professores tem também outros serviços, então é muito difícil para esses professores dedicarem muito tempo para esse trabalho. Por exemplo, para a área de currículo, modo do ensino, *leva muito tempo professor, eu sempre tento* entrar em contato, ligar para avisar, vamos realizar isso, vamos ter discussão, o professor sabe o processo, chegam tarde, essas pessoas, elas querem contribuir, mas, também eles têm outros compromettimentos que eles precisam fazer, então é muito difícil professor, mas vamos conseguir, mas leva muito tempo. Eu acho que isto é o mais difícil, não é só o financeiro. E também as distribuições de informações para base da UNAER, nós também temos dificuldade aqui, porque uma base ou outra são muito longe, área rural, não têm Estrada, então processo de divulgar informações leva muito tempo também, e quando por exemplo, decidimos ter um a reunião, então precisa duas semanas só para avisar, ou três semanas, sim, mas este é o processo, porque UNAER tem 24 bases, e nós queremos envolver todas essas bases para eles sentirem que estão juntos e *nós* que iremos realizar e fundar esta escolar, não é KSI, não é o Peace Center, não é UNTL.

h. Fale sobre o projeto de construção da escola como alternativa ao capitalismo

Sim, é uma alternativa. E sempre acho que economia e escola andam juntas sempre! Porque para capacitar as pessoas, para ter bom gerenciamento³¹⁸ da economia é necessário educação, porque onde vão ter este educação? Nesta escola...sim é uma alternativa ao capitalismo, normalmente o que eu sei é que as pessoas que se envolvem nesse processo de Educação Popular, são pessoas da classe mais baixo, proletários, porque as pessoas que tem dinheiro, têm acesso a outras escolas. Então a Escola Fulidaidai é para quebrar essa barreira de acesso a escolarização, para criar um espaço e, assim, essa classe ter um lugar para aprender e praticar. Eles já praticam, mas é necessário juntar teoria e prática.

i. Quem são os estudantes da escola?

O objetivo principal é para as pessoas que não conseguiram acabar a escola, não conseguiram acabar a pré-secundário, o secundário, eles vão participar dessa escola, eles estudam e depois quando eles voltam para as suas localidades, eles é quem vão capacitar outros agricultores que não sabem ler ou escrever. Começa com eles. Porque se é para todos, para as pessoas que não

³¹⁸ Gerenciamento de todo o processo de agricultura ligada a Fulidaidai.

sabem ler e escrever, não sei, mas acho que vamos capacitar as pessoas lá na área delas, na aldeia ou sucu e depois eles que vão realizar este curso. A questão é quem que pode ser estudante desta escola... Agora, por exemplo, Sr. Alberto tem 50 anos e tal, mas agora temos estudantes de 19, 20 e 23. Sr. Alberto³¹⁹ quer participar também como aluno, mas vamos ver para criar condições e ver se ele realmente sente que é preciso. Agora acho que idade dos estudantes que se matricularam, é de 20, 28, 27, se não me engano temos de 30 anos. Vou confirmar com Mao Leo. O que eu sei que uns 10 estudantes possuem idade entre 20 e 27 anos. Mas agora já há novos estudantes ainda não vieram muitos deles. Os alunos já são estudantes e estão no ensino secundário, porém não tem oportunidade para ter acesso à universidade, pois é muito caro³²⁰. Eles têm secundário e pré-secundário. Eles sabem ler e escrever e já têm conhecimentos escolares. Então, vamos acomodar eles nessa escola.

Sobre a matrícula, pagamento, em primeiro lugar quando nós fomos lá em Ermera, nós falamos sobre este dinheiro, pagamento. Esses estudantes vão pagar muito pouco, pois foram os membros da UNAER é que disseram que, “não, nós precisamos pagar, não igual a outras universidades³²¹, mas pelo menos nós precisamos colocar dinheiro lá na escola, para ajudar os professores, que vêm de Díli, para comida, para este processo. Pois não são apenas os professores que vão lutar, mas também os estudantes vão lutar e pagar um pouco. O pagamento faz com que haja um compromisso dos estudantes, pensando que precisam ir pra escola porque pagamos e o meu dinheiro que sustenta esse processo da escola. Eles têm renda do café, e vão por um pouco para esta escola. Então eles querem contribuir para este processo, não é só voluntariamente... Então esse processo de pagamento, não foi proposto por nós, mas os agricultores: “nós precisamos pagar.” Foi em outubro de 2013, professor lembra! Estudantes dizem que vão contribuir, eles dizem que não é pagamento, e sim contribuição, de 20 dólares. E depois, vamos agir e discutir para o processo começar e a escola para comprar as necessidades básicas.

i. Como você vê a escola para esse ano de 2015, futuro e os limites?

Em 2015 vamos, tenho otimismo que vamos realizar a escola, aulas da Fulidaidai, porque Maun Leo já está pronto, Maun Miro já está lá, e também eu. Acho que vamos realizar essas 3 matérias nos próximos 6 meses³²², e depois, quando já tivermos realizado essas 3 matérias, acho que vamos ter muitos estudantes interessados e também o interesse de outras organizações nesta escola Fulidaidai. Também quando o processo já estiver em andamento, vamos buscar a legalidade junto ao Ministério da Educação além de outros Ministérios relevantes.

Em relação aos limites, têm-se a questão do formador. Ainda precisamos aumentar o número de professores e isso não é só para aumentar numericamente a quantidade de professores, isso não é só pelo número de professores, mas sim porque é muito importante o comprometimento, para cooperar ou para contribuir.³²³ Se pensarmos apenas numericamente, vamos ter muitos professores, pois *ema barak hakarak*³²⁴, mas é necessário comprometimento ligado ao entendimento deste processo de Fulidaidai. Isso que é difícil.

³¹⁹ Liderança da UNAER.

³²⁰ No país há apenas uma universidade pública, a UNTL. A mesma localiza-se na capital Díli.

³²¹ Privadas.

³²² Hakerik Diariu (Escrever Diário), Matematika Tradisional (Matemática Tradicional) e Agricultura Sustentável. A primeira será ministrada pela Mana Uka, a segunda pelo Maun Miro e a terceira pelo Maun Leo.

³²³ Essa contribuição é no sentido qualitativo.

³²⁴ Muitas pessoas querem (língua Tétum)

j. Então é a Pedagogia Maubere ligada a escola?

Tem ligação para capacitar, principalmente em relação as pessoas que não tem acesso para educação³²⁵. Este acesso é para capacitar todos os timorenses a nível de base, os pobres, para todos terem acesso à educação, porque educação não é só educação formal, é educação, Educação Popular, educação informal. Porque agora, praticamente o Ministério da Educação eles não tem um Instituto para capacitar os estudantes que não conseguem acabar a escola secundária, pré-secundária ou também primária, mas os estudantes muitas vezes querem continuar a estudar e, nós não temos este lugar.

³²⁵ Esse acesso está muito ligado ao combate ao analfabetismo, tido historicamente através da Pedagogia Maubere realizada pelas FRETILIN.

APÊNDICE 04

Entrevista – Mao Leo

Entrevistador: Samuel Penteado Urban

Entrevistado: Maun Leo (Professor da Escola Fulidaidai-Slulu)

Local: Escola Fulidaidai-Slulu

Data: 02/2015

Meios utilizados: Gravador

Transcrição: Samuel Penteado Urban

Tradução: Samuel Penteado Urban

Língua: Tétum

1) Educação Popular no distrito de Ermera

a. Fale sobre início da Educação Popular em Timor-Leste e Ermera.

Iniciativa começa, quando nós estávamos reunidos, com os dirigentes da UNAER e também com o comitê de base da UNAER, o KSI, com Instituto de Estudos de Paz e Conflito Maun Antero, pensando sobre Educação Popular destaca uma alternativa para a educação, porque há muitos problemas na base, muitos jovens que não possuem acesso à universidade. Mais especificamente em relação à Universidade formal, escola formal. Outro problema é que muitos jovens abandonam a escola, um número muito alto. Desta forma muitos na base da UNAER, estão pensando juntamente em uma iniciativa de escola popular como uma alternativa para a juventude em relação ao conhecimento, com uma educação baseada na realidade de nossas vidas, baseado na realidade. A educação aqui reflete para (na) vida deles, reflete nos problemas e pensa-se educação como uma solução para os problemas que eles encontram em relação ao conhecimento, que liga as atividades que acontecem no dia-a-dia deles. Por exemplo, problema com nossa cultura capitalista, a presente educação alternativa, escola fulidaidai, oferece para eles bons conhecimentos técnicos sobre agricultura, na relação com natureza. Por exemplo, os problemas com cooperativa, instituto fulidaidai pode dar subsídio para desenvolver cooperativa, bom, com sucesso. Problema sobre terra, escola fulidaidai pode fornecer subsídios em relação ao direito pela terra, para a reforma agrária. Nós pensamos na transformação, em transferir para comunidade o conhecimento³²⁶ para depois terem conhecimento sobre agricultura, para poderem gerir atividades do dia-a-dia e também poder passar legislação para eles saberem seus direitos, eles podem compreender como cidadãos, para eles compreenderem os deveres e direitos como cidadãos e assim fazer, para essa nação, para esse distrito.

b. Como UNAER está envolvida com formação da escolar

UNAER, Instituto Fulidaidai, se foca em base onde UNAER atua, porque o envolvimento da UNAER é ativo em Fulidaidai. Instituto Fulidaidai realiza trabalho conjunto com UNAER, com KSI e Peace Center e com intelectuais para que estudantes possam terminar estudos num ensino superior em área relevante que contribua para o desenvolvimento da comunidade em sua Educação Popular. Então, a base coberta pela UNAER, desde 2014, cada base indica 2 pessoas

³²⁶ Através dos trabalhos de base.

para estudarem na escola Fulidaidai³²⁷, são 24 bases, com total de 48 estudantes. Cada base indica 2 estudantes, sendo um homem e uma mulher, e aqui, quando se formam, eles saem como facilitadores, instrutores em cada base. Eles podem facilitar de novo, podendo ensinar de novo, jovens, comunidade, na base ensinando a entender a ler e escrever. E assim, continua o processo em cada base. Nós ensinamos aqui e depois os estudantes vão ensinar nas bases. Então UNAER têm participação muito ativa, com trabalho conjunto com dirigentes da UNAER, trabalho conjunto com todos os comitês da base, desenvolvendo direitos com comunidade com a juventude para o desenvolvimento do instituto fulidaidai que pode ser ativo e depois ter força para poder ser forte.

c. Como ocorreu a organização da UNAER?

Organização da UNAER vêm de comunidade, de agricultores que enfrentam os mesmos problemas, vêm da base, problemas relacionados a terra. Problemas de direito de acesso à terra. Eles moram na terra, mas não possuem direito de acesso à terra. UNAER, em relação as bases inicialmente, por exemplo em Maudiu, em Sakoko, em Lequisi, se andam sozinhas, então ideia de fulidaidai não é forte, agora se andam juntas, são fortes. Então UNAER faz todos pensarem juntos, aprender juntos, para lutar com o interesse/objetivo igual. Porque todos da base possuem mesmo interesse, na luta pelo direito pela terra. Então UNAER se inicia em 2010, em seu congresso primeiro, para criação de estatuto, criação de estrutura na UNAER, mas processo começa antes de 2010. Sendo que os dirigentes de cada base organizam a comunidade para luta da do direito à terra, para eles terem direito pela terra, em cada base. Por exemplo posso contar a história de Maudiu. Em meados de 2000, organizadores que estiveram na luta com comunidade contra estrangeiros que possuíam terra, também estavam nas batalhas contra Portugal, Austrália e, depois pela independência, com o objetivo de conquistar direito pela terra. Então na base da comunidade Maudiu, em relação a luta pelo direito da terra, um organiza o outro, como autodefesa para direito da terra aqui. Conseguimos ir ao tribunal, a nível distrital e, agora temos recurso pendente no tribunal de recursos da RDTL. É necessário uma grande mudança em relação a atual questão da terra para que a comunidade esteja satisfeita. A lei para a terra agora, está em discussão e está no parlamento para fazer promulgação. Nisso, destaca o comprometimento da UNAER para fazer valer os direitos, em nível nacional, local, para parlamento fazer sua parte, autoridades fazerem, Estado fazer, para assim poder haver benefício para comunidade, para assim haver o reconhecimento do direito para a terra.

d. Quando começa luta pela terra em Timor-Leste

Luta pela terra em Timor-Leste, com foco para Ermera, começa depois de independência em 2000 e pouco. Neste sentido, estrangeiros (malai) que possuíam terra já no período português, voltam a Timor depois da independência, fazem a reivindicação pela terra, já que possuem escritura, mas num processo que não é legal. Eles utilizam de poder para terem certificados não havendo consenso com a comunidade. Então depois da independência eles reivindicam terra e se nós queremos, temos que pagar. Então pessoas não possuem terra aqui, realizam luta pela independência, mas nós ainda não estamos satisfeitos, nós não ganhamos, nós rejeitamos ação, porque nós reconhecemos que povo não é dono da terra.³²⁸ Então, em meados de 2000, os agricultores começam a se organizar em cada base, como objetivo, a ideia pelo direito a terra em cada base. Desta forma, vemos que não podemos lutar sozinhos, mas juntos. Então juntou-

³²⁷ Um homem e uma mulher.

³²⁸ Esse período é compreendido entre os anos de 1999, quando é realizado o referendo, e 2000, quando ainda Timor estava sob a administração transitória da ONU.

se todas as bases para depois realizar luta, pois é necessário lutar pelo mesmo objetivo em todas as bases.

e. Portugueses ainda possuem terra?

Sim, agora. Porque eles possuem certificado, do período português, assim, eles utilizam de poder, então nós consideramos certificado como ilegal, porque usa de poder obrigatório, obrigando comunidade a dar terra.

f. Indonésios possuem terra?

Sim, mas agora não é grande o número de terras por parte dos indonésios, pois os mesmos voltaram para Indonésia, mesmo que alguns reivindicuem ainda, mas Indonésia não é problema quanto Portugal.³²⁹

g. Como maun vê Educação Popular hoje e no futuro?

Educação Popular é importante, porque só educação formal não pode contribuir com recursos humanos suficientes, transformar mentalidade das pessoas. Então, Educação Popular surge como uma alternativa com intuito de orientar as pessoas para a realidade e para transformar pessoas e a mentalidade capitalista preparando para a luta, o caráter de suas vidas com exatidão³³⁰. Então eu penso que Educação Popular agora serve para solucionar, para responder a problemas que tem na educação formal, educação que o governo faz, que reproduz problemas sociais, problema na economia, realidade social, política, e aspectos culturais. Então Educação Popular tenta resolver os problemas da comunidade. Educação Popular é a educação da prática, porque identifica necessidades da comunidade, oferece solução como educação, como maneira, conteúdos que estão ligados a uma transformação. Para futuro é importante, pois há muitos problemas ligados a educação formal, educação mantida pelo governo não corresponde as necessidades da comunidade, não corresponde para suas necessidades de mercado de trabalho. Então Educação Popular é uma alternativa para orientar comunidade, para desenvolvimento local e consertam vidas, cada base possui recursos naturais (terreno) e há o problema do conhecimento sobre gerência dos recursos, então o curso pode contribuir nesse sentido, para depois ter rendimento, uma boa gestão dos recursos.

2) Escola e economia Fulidaidai

a. Explique sobre o conceito de Economia Fulidaidai

Conceito de escola fulidaidai, Escola Popular, escola alternativa, que sai como resposta as brechas deixadas pela educação formal. Então essa Educação Popular chega para transformar nossa sociedade, comunidade, com conhecimento local, com recursos próprios, com recursos naturais, então esse conceito é para poder desenvolver conhecimento que já se têm, para poder promover e depois ter esse conhecimento para a vida. Então educação desse instituto de economia Fulidaidai irá formar pessoas, os estudantes, os jovens, a comunidade, para assim poderem desenvolver economia alternativa, ligada ao cooperativismo e as ideias que contribuem para desenvolver a própria economia, em nível de base. Por exemplo, há alguns

³²⁹ Entende-se aqui que, há o problema da terra hoje ligado aos indonésios, porém com os portugueses o problema é maior. Os indonésios não possuem o certificado que os portugueses possuem.

³³⁰ Moris ninian loloos.

problemas em que a comunidade enfrenta com café, em que se tem dinheiro, mas não se têm um bom sistema de gestão, então, enfrenta-se pobreza. Educação Popular, Instituto Fulidaidai, reforça o conhecimento local que se tem para depois ter um bom gerenciamento, para poder contribuir para diminuição da pobreza, tendo boa gestão para a vida, para as atividades do dia-a-dia, para os chefes de família, para a própria comunidade, contribuindo ativamente. Além disso, Escola de Educação Popular Fulidaidai-Slulu foca em: ensinar sobre cooperativismo, sobre história de Ermera e Timor, sobre reforma agrária, sobre leis, matemática tradicional, diversificação da agricultura, e várias disciplinas que oferecem para comunidade. Porque se pensa em necessidades da comunidade, não sendo apenas uma, mas várias, para o que a comunidade precise. Então escola busca contribuir com conhecimento sobre agricultura. Não um conhecimento científico, mas num conhecimento prático ligado as necessidades dos agricultores para depois poderem realizar o próprio trabalho, para poderem desenvolver seu próprio trabalho. Por exemplo, em relação ao conhecimento sobre leis, para conhecer seu direito, conhecimento sobre cooperativa para poder gerir cooperativa de forma eficiente, para que a mesma possa caminhar ligada ao conhecimento sobre agricultura, diversificação de culturas, para poderem desenvolver uma agricultura diversificada, para resultar em bom rendimento, e depois conhecer as leis sobre políticas de governo, para se adaptar a política que já se tem. Então, conceito de Instituto Fulidaidai, é o que se pensa para poder estabelecer este instituto.

b. Qual função da UNTL e intelectuais no processo de formação da Escola Fulidaidai

É muito importante, pois recursos humanos em relação a professores, facilitadores, que se graduam na UNTL e em outras universidades como, por exemplo, UNIPAZ³³¹ e UNITAL³³², graduados, podem ensinar seus estudantes, jovens das bases que estudarão na escola Fulidaidai. Então, o conhecimento se tem, no intuito de transformar, transferir, contribuir para mudança social. Então o papel da UNTL, e outras universidades que existem em Timor, é o de contribuir para desenvolver Instituto Fulidaidai com recursos humanos que as universidades fornecem. Assim, realiza-se trabalho conjunto com UNTL, Centro de Estudos para a Paz (Peace Center), para depois poder dar igual legalização do Instituto Fulidaidai como escola institucionalizada como parte da UNTL. Em processo, se têm o Maun Antero para compreender a questão da legislação e se têm o intuito de legalização do instituto, levando em conta o trabalho conjunto, cooperativo com UNTL para depois o processo poder caminhar muito bem. Mas, tudo isso, ainda está em processo, Maun Antero está a fazer grande trabalho para ter ligação com UNTL para futuro poder arranjar-se como tal, em trabalho conjunto, sendo uma parceria forte para o futuro.

c. Quais outras instituições contribuem, e o papel delas.

Há outras instituições, por exemplo, em Ermera têm a instituição que foca na agricultura, é uma universidade intitulada ECI (East Timor Coffee Institute), Instituto Café Timor, estabelecido em Ermera. Possui foco na agricultura, num ensino voltado para os jovens. No interior da escola têm-se o conceito de agricultura moderna. Portanto, recurso vêm de professores e, depois de UNTL, de UNPAZ, Universidade DIT (Dili Institut Technology), IOB, de UNITAL, usa-se estas instituições para se ter professor para fulidaidai, em que transforma, transfere conhecimento para comunidade e para jovens.

³³¹ Universidade da Paz (privada)

³³² Universidade de Timor Oriental (privada)

d. Quais as dificuldades para formação da Escola Fulidaidai.

Têm-se várias dificuldades, o professor sabe, primeiro em relação a legalização advinda do governo, sobre dificuldade que podemos pensar. Governo (Estado), não pensa em ganhar com Fulidaidai, com existência da Escola Fulidaidai. Então legalização advinda do Estado é uma dificuldade, falta vontade, interesse de espírito para poder caminhar. Agora, outra dificuldade, em relação a professores, pois professores tem que se oferecer voluntariamente, então é um problema, pois todas as pessoas precisam de dinheiro para poderem ensinar. Então se têm dificuldades, de contribuição de recursos humanos, de professores, pois professores tem que serem voluntários. Agora, eu entendo que os problemas principais são dois. Agora, precisa sustentabilidade de apoios, arranjar parceiros para poder resistir por um longo tempo. Porque agora eu entendo que é necessário pensar sobre cobrar dos estudantes para, cada semestre ou cada trimestre, a princípio 20 dólares. Mas se pessoa não têm, pode ser outra quantia para o Instituto Fulidaidai. Então desafio para o futuro é que haja fundo para contratação de professores. Nós contribuimos voluntariamente, para poder realizar libertação da comunidade e da juventude com conhecimento da Educação Popular. Outro problema é que se convida alguém de fora para vir, precisa de dinheiro para suprir necessidades, se vêm de outros lugares precisa de dinheiro. Então dificuldade que penso agora é primeiro precisa ter comprometimento para depois poder caminhar.

e. Como você vê o projeto da escola como alternativa ao capitalismo.

Sim, Escola Fulidaidai anda no sentido do socialismo. O conceito de escola Fulidaidai é para que ajude o companheiro³³³ a pensar no socialismo. Ajudando companheiro, pode-se ter sentimento de solidariedade para com o outro que está na comunidade, assim, poder desenvolver a comunidade. Ideologia do capitalismo dá destaque para o dinheiro, para o ter, então não há ajuda entre os companheiros. Então conceito de Fulidaidai pensa no socialismo e depois ajuda companheiros através de cooperativas, trabalho conjunto entre comunidade, para depois poder desenvolver suas vidas. Então nós optamos pela ideologia do socialismo.

f. Já houve outra escola de Educação Popular em Ermera antes.

Antes já havia, Escola Popular, em 2000 e pouco, escola para militantes, facilitado pelo Instituto Sahe em Díli. Depois parou. Davam formação para todos os organizadores, por exemplo em Ermera para Maun Amaro³³⁴, Maun Alberto³³⁵, Maun João, com formação para eles organizarem comunidade, mas agora não continua. Mas conceito não era igual, quase igual. Buscava formar pessoas que depois voltariam para os companheiros na base e assim organizariam enfrentamentos (ocupações de terras), mas agora escola Fulidaidai tem grande potência para o futuro, para se ter um bom desenvolvimento e poder andar. E têm trabalho próprio com UNAER com base para poder caminhar.

g. Por que a escola acabou?

Eu não entendo porque parou, apoio para se continuar não tinha.

h. Quem Organizou

Instituto Sahe, Maun Abel da UNTL. É uma ONG. A escola funcionou por 1 ano. Mas Maun Amaro entede bem.

³³³Maluk = Vizinho

³³⁴ Presidente da UNAER

³³⁵ Vice-Presidente da UNAER

3) Como você vê a escola fulidaidai agora com o início das aulas e futuro.

a. Quais os limites, perspectivas e os desafios da Escola.

Há grandes desafios. O primeiro desafio é em relação a legalização perante o governo, com o próprio Estado. Legalização para depois poder resistir. Ao menos precisa-se da legalização. Não significa que será parte da educação formal, mas que a ligação faça com que haja a existência da escola Fulidaidai. Tem-se limitações, professores oferecem conhecimento para o aprendizado. Agora, para futuro, pensamos na sustentabilidade com apoio de parte de instituições do governo e também outras agências de apoio para poder existir, considerando os limites e desafios que se têm, para depois a escola poder se manter com sustentabilidade. Em termos de lugar, há poucos recursos, mas pode-se começar. Falta recursos humanos (professores), fornecimento de professores para ensino é um problema, pois ensinam como voluntários, exigindo também espírito de militância, se não tiver, não pode andar. Mas eu espero que todos os desafios possam ultrapassar com comprometimento, cooperação com o outro.

b. Há influência da educação da guerrilha na Educação Popular hoje?

Tem pouca ligação, pois baseia-se na realidade social atual. Educação agora, solução para problemas relacionados com a nossa comunidade. Essa educação corresponde às nossas necessidades práticas. Essa Educação Popular é uma solução para os problemas da comunidade. Tem um pouco de ligação com a educação da guerrilha, mas Escola Fulidaidai caminha independentemente, não adere a nenhum partido³³⁶.

c. Há algum comentário adicional?

Agradecimento ao apoio da cooperação brasileira, apoio bom do governo brasileiro. Tendo uma boa solidariedade. Pela reabilitação do lugar³³⁷ esperamos que apoio da cooperação do Brasil possa continuar, pois pudemos formular módulos, currículo com professores que ajudaram nesse processo. Para o futuro esse apoio precisa ainda continuar, para andar, o professor vai embora em março, mas espero que possamos manter contato e que o professor possa voltar outra vez para trabalharmos juntos.

³³⁶ Durante a guerrilha, a Educação Popular era organizada pelas FRETILIN.

³³⁷ Através de atividade via embaixada do Brasil.

APÊNDICE 05

Entrevista – Mao Miro

Entrevistador: Samuel Penteado Urban

Entrevistado: Maun Miro (Professor da Escola Fulidaidai-Slulu)

Local: Kdadalak Sulimutuk Instituto (KSI)

Data: 02/2015

Meios utilizados: Gravador

Transcrição: Samuel Penteado Urban

Tradução: Samuel Penteado Urban

Língua: Tétum

1) Educação Popular no Distrito de Ermera

a. Fale sobre o início da Educação Popular em Ermera

A iniciativa para promoção da Educação Popular em Ermera, inicia-se no período em que Timor estava sob administração portuguesa e depois continua no período indonésio. Hoje, muitas pessoas não vão para escola, a situação não admite que pessoas aprendam. Nisso pequenos agricultores e muitas pessoas realizam iniciativas para realizar atividades de construir casas juntos, *servisu hamutuk*, e outras atividades para aquisição de *osan hamutuk*³³⁸ para construir *kios*³³⁹, fazer cooperativas. Mas há também um pensamento conservador, pelo qual ainda não se desenvolve um caráter inovativo, ainda não se usa tecnologia para desenvolver. Então em 2004, KSI³⁴⁰ realiza trabalho conjunto com *Sahe Institute for Liberation* inicia-se assim, atividade de Educação Popular para facilitar ensino em comunidades, para cozinhar, preparar alimentação com o intuito de boa nutrição, aprender a ler e escrever. Esse processo realizou-se por 3 meses, em 3 bases: *Ermera, Sakoko ho Lequise*³⁴¹. Uma iniciativa igual a anterior se faz necessário continuar e essa Educação Popular reduzir o número de analfabetos em Ermera. Segundo dados estatísticos, o número de analfabetos em Ermera é alto, por volta de 61% da população. Então esse dado é uma motivação para construir Educação Popular em Ermera. Identifica-se um número alto de analfabetos dentre os mais jovens, os idosos e também os agricultores com idade entre juventude e terceira idade no interior de Ermera. Os jovens são analfabetos porque falta escola e depois vão em busca de emprego em Gleno ou Dili e não encontram.

b. Como se dá o envolvimento da UNAER para organização da Escola Fulidaidai?

Muita gente da base da UNAER não sabe ler, mas podem falar, pois têm vontade de aprender. Anteriormente UNAER realizou discussão interna para a necessidade da criação da escola e,

³³⁸ Dinheiro coletivo

³³⁹ Pequenas vendas familiares

³⁴⁰ Kdadalak Sulimutuk Institute (ONG criada pelo Professor Antero Benedito da Silva com o intuito de trabalhar com agricultura familiar)

³⁴¹ Aldeias

assim, KSI entra para ajudar com este processo. UNAER prepara lugar, no mesmo local onde funciona o centro da UNAER em Gleno, sendo o lugar de aprendizagem. Então envolvimento da UNAER em relação aos problemas relacionados com a educação, UNAER dá prioridade a atividade da escola fulidaidai, pois a escola busca resolver substancialmente os problemas sociais. Então o envolvimento deles está para os problemas que eles enfrentam, sendo que a escola fulidaidai pode ser uma solução. Então, eles oferecem lugar, organizam agricultores e fazem propaganda da escola no interior do distrito para legitimação da atividade, para estes fazerem a escola, aproximando a liderança do movimento e, ao mesmo tempo, aproximando instituições a nível de distrito: IOB (Institute of Business)³⁴², Cristal (Instituto Superior Cristal - ISC)³⁴³, fazendo aproximação para que a existência da escola Fulidaidai em Ermera, possa ser divulgada publicamente, para que pessoas conheçam a escola.

c. Sobre a Educação Popular em Ermera, como o Maun vê futuramente a escola.

Para o futuro há grande esperança. Com a Educação Popular iniciada na resistência e pela luta pela independência realizada em 2004, hoje transforma-se em escola fulidaidai. Para o futuro pretende-se que escola fulidaidai possa construir com pensamento de uma outra economia, não sendo pública e nem privada, mas outra. Outra esperança é que escola fulidaidai saia como instituição de economia, instituição educativa que orienta as pessoas, prepara as pessoas para haver militância eficiente no nível dos sucus. A escola fulidaidai busca, ainda, ser referência para o território de Timor, para poder completar a independência com a educação advinda do povo, com informações advindas do povo e fazer com que o povo tenha acesso aos serviços públicos que ele não goza por não haver.³⁴⁴ Então, eu entendo que é preciso trazer educação para perto do povo, trazer informações para perto do povo³⁴⁵, para o povo poder sentir-se independente.

d. Como se deu a formação/surgimento da UNAER?

UNAER veio de movimento de agricultores, onde havia atividades do governo português. Por exemplo, havia grande instalação para processamento de café, haviam grande plantações, quase 40 e tal hequitares, então em Ermera há plantação de café. Em 2004 os agricultores se organizam com os vizinhos³⁴⁶ - após a saída dos indonésios -, para o cultivo de milho, de café, mandioca. Essa organização ocorre e em três bases do movimento de resistência: em Sakoko, Lequise e Maudiu (centro atual da UNAER). Isso, porque já em 2003, os agricultores começam a reivindicar os certificados de terra dos portugueses e indonésios, para que haja o direito de uso. Assim, o povo têm que se levantar junto, preparar alimentos junto, se organizando, antes que a pessoa que possua o certificado da terra venha tentar retirar o povo dela. Então, eles começam na base em Sakoko, usam terra juntos. KSI facilita a eles, facilita para comunicação que é difícil. Em 2004 para 2005, vê-se a necessidade de haver a organização de movimento como UNAER em cada distrito. Então forma-se instituição dos agricultores, cria-se uma grande cooperativa a nível de distrito para haver uma grande produção. Então os agricultores

³⁴² Centro educacional superior privado.

³⁴³ Centro educacional superior privado.

³⁴⁴ Não há esses serviços básicos.

³⁴⁵ Pensa-se num conceito de educação que busque o conhecimento local.

³⁴⁶Companheiros

consideram os companheiros, organizam movimento em 2000 vindo até em 2004 e 2005 passando pela crise política de 2006 e em 2008, 2009 e 2010 se organizam novamente para formar estrutura contendo comitê da base, comitê da zona, estrutura do comitê executivo em nível de distrito.³⁴⁷ Então na UNAER, cada pessoa forma a UNAER, visando a luta pela reforma agrária, e também para promover desenvolvimento de economia sustentável, agricultura sustentável com Educação Popular sustentável. Então agora, UNAER faz ligações com parceiros internacionais, regionais, com cooperação do Brasil, com companheiro Zé, maun³⁴⁸ e outros mais. Ponto importante aqui é em relação aos problemas de injustiça de acesso à terra. Nesse sentido, para o futuro, UNAER pensa na escola fulidaidai e em outras atividades produtivas para haver investimento em recursos humanos, porque todo o tempo de colonização e a estrutura da terra dominam as pessoas, as gerações. A grande maioria da população não possui terra, então se tem apoio e solidariedade de companheiros da indonésia, Brasil, Vietnã, cooperação do Brasil para desenvolver escola.

e. Quando e por que inicia luta pela terra em Timor?

Luta pelo direito da terra começa no período português, quando agricultores, nossos avós e bisavós, fazem resistência contra as aproximações dos malais com os liu-rai³⁴⁹, pois o objetivo das aproximações é para falar sobre terra e realizar a divisão de terras, para que assim o malai possa ser dono de terras. Assim, surge a resistência, mas esta não pôde ser duradoura, e não pode resistir por muito tempo em função do forte regime colonial exercido por Portugal. Apesar de fraca, a resistência sobrevive, em função de algumas lideranças.

Durante o período indonésio, acontece o mesmo: luta pelo direito à terra e pelo objetivo nacional (restauração da independência). Um grande exemplo foi o acontecido em Sakoko (1996), onde muitos timorenses foram mortos pela polícia indonésia, pelo fato de os timorenses ocuparem as áreas e realizarem suas pequenas hortas na área que agora era dos invasores.

Essa é a polícia legal da Indonésia. Meu avô tinha terra, mas não podia usar, então a resistência continua e depois em 2000, no princípio da organização da UNAER, inicia-se uma forte luta: a comunidade se organiza e começa a reivindicar as terras, para que as pessoas possam novamente ter acesso a suas terras. Então a luta inicia-se no tempo português e vai até depois da independência em 2002.

2) Escola Fulidaidai e Economia

a. O que significa Fulidaidai?

Fulidaidai é termo local, na língua Makalero de Los Palos e, significa *servisu hamutuk*³⁵⁰. Então escola é escola *hamutuk*, aprende *hamutuk*, além de aprenderem com professores, aprendem com estudantes e com companheiros. Escola e economia fulidaidai tiveram início com Escola de libertação dos agricultores de forma mais radical. Após isso, o início de discussão de elaboração da ideia da escola atual aconteceu em 2013 e 2014 com um discurso mais moderado. Para chegar a esse discurso mais moderado houve discussões. A partir daí, identificou-se alguns

³⁴⁷ Inicialmente há a pretensão de se criar um movimento a nível nacional, porém acaba-se que o movimento torna-se apenas local. Porém, com ligações com outros movimentos de outros distritos.

³⁴⁸ Samuel (eu).

³⁴⁹ Chefe local, derivado dos reinos antigos

³⁵⁰ Trabalho junto, trabalho solidário, etc...

problemas ligados a educação, mas tendo como ponto central a economia. Então aprende hamutuk aqui e aprende para fazer mudanças como saída a problemas, além do direito pela terra, lugar para morar, reforma agrária por completo, prosperidade sustentável para os agricultores, etc.. Então um problema chave é a economia, para ajustá-la é necessário aprender juntos para confirmar soberania, tendo uma economia dos agricultores. Então transforma a escola de libertação dos agricultores para escola de pequena agricultura³⁵¹, e depois forma escola de economia fulidaidai. Porque eu entendo que além da escola aqui, necessita-se de investimento concreto em agricultura familiar, igual à história que contei para o maun sobre comunidade de base, que eles começaram a produzir tijolos³⁵² como atividade concreta da economia, onde escola prepara as pessoas na luta contra a injustiça da economia³⁵³, KSI com UNAER, servisu hamutuk, forma uma nova instituição/conceito de economia, ao menos um sistema não baseado na exploração, considerando as pessoas iguais, não criando injustiças e, assim, inicia-se a cooperativa fulidaidai onde a mesma já se concretizou, sai como instituição da economia local, como mínima solução para problemas do povo e dos pequenos agricultores. Há, nesse sentido, ligação entre o distrito de Ermera com outros distritos como Same e Manufahi, para a necessidade de ligação dos pequenos agricultores de outros distritos, pois há relação emocional e conceitual forte na luta pelo direito pela terra, há relação igual para atividades concretas, como em Manufahi tem pobres e produz porco, em Ermera produz tijolo e café. Então há a necessidade de se juntar para praticar Fulidaidai, aprendendo juntos e depois desenvolvendo economia juntos, ao menos numa estrutura de não exploração.

b. Qual o papel da UNTL e dos professores que estão envolvidos na economia e Escola Fulidaidai?

Eu e os outros professores entendemos que temos que ter esperança para que a escola seja imagem/exemplo para pequenos agricultores no futuro em todo o território nacional e para todos os intelectuais. Além de que todos tenham acesso à escola. Agora aqui, é muito importante o envolvimento da UNTL, porque pode trazer qualidade e integridade para a escola Fulidaidai. Então aqui, o papel dos intelectuais, Maun Antero, Mana UKa, e outros interessados, é de ligação do conceito de escola fulidaidai com a UNTL, de forma a facilitar com a formação de professores, que acreditam na educação nacional. O papel da UNTL é muito importante.

c. Quais as instituições envolvidas na formação da Escola e as respectivas funções?

Dois são os mais importantes. A influência entre instituições com escola fulidaidai, eu falei com dirigentes da UNAER sobre parceiros. A UNTL, KSI e o Peace Center são muito importantes e, também, a Cooperação Brasileira. Também há instituição do governo, como ministério da educação³⁵⁴. Nós fizemos análise e concluímos que parceiros são importantes, mas são poucas instituições envolvidas com o desenvolvimento de escola fulidaidai. O Brasil,

³⁵¹To'os nain – donos das hortas de forma literal ou pequenos agricultores, ligados a uma agricultura familiar se traduzido ao caso brasileiro.

³⁵² Os agricultores da UNAER começaram a produzir tijolos, com o intuito de baratear a construção de casas para a comunidade local, e dar acesso a moradia a população.

³⁵³ Capitalismo.

³⁵⁴ Num plano futuro.

como agência internacional, trabalha com formação de professores e dá condições físicas para o centro de aprendizagem³⁵⁵, então este é um importante apoio concreto. Até porque, há grande influência da cooperação brasileira e isto faz com que a escola Fulidaidai tenha credibilidade, onde todos possam ver que ela é real, incluindo a liderança nacional em Timor e também no âmbito internacional. Isso significa que a cooperação brasileira contribui com sua experiência e conhecimentos científicos, havendo o compartilhamento do conhecimento, e havendo integridade da instituição aqui, incluindo a qualidade que advém dessa troca. Também, traz confiança esse processo educativo e para os professores locais, para que nós possamos difundir o interesse de aprender.

Em relação a UNTL, há a influência através do envolvimento da Mana Uka e Maun Antero, colegas do KSI e também da cooperação do Brasil que estão na UNTL também. Professor Samuel e outros companheiros constroem currículo em alto nível, cientificamente. É importante o resultado que se têm através do envolvimento de intelectuais da UNTL, com nível acadêmico nacional, agência importante é a cooperação do Brasil. Então como iniciativa cria escola? Quando a UNTL se envolve no processo há a construção da escola Fulidaidai. Automaticamente há o impacto para o público aqui e UNTL começa a qualificar e também a mobilizar recursos.³⁵⁶ A UNTL têm também, influência para legalização da escola, para ligar com o direito, desta forma, observa-se a importância da UNTL e do Peace center em especial para com o processo da escola Fulidaidai.

Em relação ao KSI, este é importante por buscar conscientizar os pequenos agricultores para o pensamento de que é necessário ter educação, sendo esta a chave para a transformação. Então, o papel do KSI é o de fazer³⁵⁷. Outro ponto importante do KSI é que esta instituição tenta fazer a ponte com as instituições acima, para desenvolver escola fulidaidai, havendo relação bilateral dentre as instituições e a influência de uma para com a outra, sendo importante para o desenvolvimento da escola.

Outra instituição é a UNAER, sendo que esta têm influência no contexto local. A UNAER organiza os pequenos agricultores, para confirmar reforma agrária com espírito de aprender no trabalho/prática para ter produção e amar sua profissão para encontrar-se, para ter dinheiro.

d. Sobre a formação da Escola, quais as dificuldades para a formação da mesma?

Primeiro, uma dificuldade é em relação a mobiliários, livros e ao mesmo tempo há outras dificuldades que fazem com que as aulas não tenham começado até o momento, pois ainda não tem calendário para aprendizagem³⁵⁸, outra dificuldade é em relação aos recursos humanos e recursos financeiros. Também há problemas em relação à infraestrutura da escola, refletindo no processo de aprendizagem.

Quando se realizou a divulgação da escola, viu-se grande interesse advindo dos pequenos agricultores, mas não há espaço para a realização das aulas, ainda não têm infraestrutura

³⁵⁵ Com a realização do seminário em Ermera no final do ano de 2014, foi possível conseguir verba através da embaixada brasileira para que pudesse haver na escola portas e janelas.

³⁵⁶ Essa mobilização se deu através dos envolvidos com a UNTL, onde foi posta a demanda a Cooperação Brasileira.

³⁵⁷ Intermediar a ligação entre UNAER e UNTL por exemplo.

³⁵⁸ Calendário escolar de acordo com o oficial do país.

suficiente para facilitar os agricultores realizarem seus estudos. Eu me entristeço por eles não terem infraestrutura e também recursos humanos. Mana Uka, já têm tudo pronto para o início das aulas, mas resto dos professores ainda não têm. Pelo menos tem o suficiente para transformar com ciência³⁵⁹. Então têm obstáculos para se desenvolver a escola Fulidaidai.

Outra dificuldade é em relação a situação política de Rai Laco³⁶⁰. Pensava-se que poderia haver mudança com educação, porém se têm uma comercialização da ciência. Nesse sentido, quando se vê uma comercialização da educação³⁶¹, Fulidaidai se torna obstáculo para a política nacional sobre educação, pois busca a educação para a transformação. Atualmente têm currículo, mas precisa ter conexão com currículo nacional, utilizando calendário de ensino. Outro desafio, outra dificuldade, é lugar, provisoriamente usa espaço do centro da UNAER, assim, lei pela reforma agrária pode solucionar essa dificuldade.

e. Fale sobre o Projeto de formação da escola fulidaidai.

Há 3 apoios, da cooperação brasileira, que consegue trazer esperança para os professores locais, além de trazer fundamentação teórica. Também KSI e Peace Center. Esses conseguem preparar lugar para que professores possam iniciar processo de ensino-aprendizagem. Pensando no tempo agora, suficiente para o processo de aprendizagem.

Para futuro, se o número de estudantes aumentar, precisará aumentar também o espaço da escola, com capacidade para acolher muitas pessoas, com a construção de um novo prédio³⁶². É minha esperança, mas é necessário informações, apoio e solidariedade de Maun Samuel e outros. Em 2004, quando começa atividade de Educação Popular, pôde-se ter equivalência a estudantes de outras instituições. Onde se debatia, discutia, trocavam-se ideias na escola popular. Isso foi no início de 2004. De 2004 até 2005 e 2006, Educação Popular continua a andar em Lequise e Sakoko incluindo Madiu, em 2006, com a crise militar, a Educação Popular para. Em Sakoko funcionava um centro de Educação Popular, onde os agricultores aprendiam a ler e a escrever. Depois, os estudantes iam fazer estágio de um mês e voltavam com relatório, orientado pelo professor Antero, professor Abel e com outros militantes em duas localidades: cidade de Ermera e aldeias Sakoko, Liquisi e Maudiu.

f. Como o maun vê a Escola e a economia fulidaidai como alternativa ao capitalismo?

Por causa da orientação de situação nacional, para orientação comercialização da ciência³⁶³, essa escola já se inicia de maneira simples. Por exemplo, a maneira como os professores na escola pública agem fazendo com que os estudantes usem farda, calça, camisa e outros. Pois isto faz com que haja um custo de 40 dólares para cada aluno. Mas que política nacional de educação gratuita é essa? Essa é a maneira de comercialização da ciência/educação. Então precisa-se de um nível alto de educação (de acadêmicos). Comercializam tudo... Desta forma,

³⁵⁹ Ciência e conhecimento local.

³⁶⁰ Subdistrito de Ermera.

³⁶¹ educação é uma mercadoria e não um direito.

³⁶² Eficiente

³⁶³ Educação mercadológica.

pergunta-se: e as pessoas pobres que não conseguem pagar os 40³⁶⁴ dólares, como vão participar da escola?

As escolas localizam-se muito longe das pessoas. Escola Fulidaidai aqui, para pequenos agricultores, está para resolver problema de distância, não realizando comercialização da ciência. Mas não é gratuita, porque precisa preparar infraestrutura, considerando capacidade de cada estudante para manter a escola. Para que assim a Escola Fulidaidai não seja mais uma. Então tem-se iniciativa para fazer transformação humana, orientação e preparação para pessoas e para que se produza pessoas críticas, para uma outra sociedade, crítica em termos práticos, para poder reduzir força do capitalismo que invade área da economia, ciência e da educação. Fulidaidai pode ser forte para educação e superação do capitalismo. Cooperação do Brasil oferece, UNTL com maun Antero e mana Uka, KSI e UNAER, isso só facilita essa educação que almejamos.

g. Quais são os limites e desafios e como o maun vê o futuro da Escola?

Hoje, a presença da escola Fulidaidai, têm por objetivo o início da transformação humana. Porém há limitações na constituição da escola. Como forma de resolução dos problemas faz-se encontros, como por exemplo, o seminário realizado qual possibilitou a reabilitação do centro com apoio da Cooperação brasileira. Nossa esperança é que a participação dos estudantes aqui possa ser ativa, mas faltam-nos condições como livros, laboratórios, e em relação a tecnologias, o que temos é limitado. Talvez, o interesse dos estudantes possa se ascender, pois o ensino utilizado ao lado de tecnologias é chave para processo de desenvolvimento da educação. Esse é um desafio a curto prazo. A longo prazo, o grande desafio é em relação ao sistema nacional, sobre sistema de educação³⁶⁵: o Ministério da Educação exige que para ser escola, primeiro tem que ter terra, lugar e ao mesmo tempo professores, biblioteca e também capacidade de fazer 10.000 dólares³⁶⁶. Então, Escola Fulidaidai ainda não possui todas as condições. Possui terra, lugar, professores, mas não possui os 10.000 dólares. Mais ainda, precisa-se de professores da própria escola, pois Maun Leo, Mana Uka, e demais colegas são voluntários. Portanto esse é um desafio. Além disso, a escola é dependente do conhecimento do professor Antero, pois é uma pessoa que tem grande conhecimento para desenvolver a Escola Fulidaidai, mas o problema é a questão tempo dele, pois têm UNTL e outras atividades. Meu tempo com KSI, isso implica no processo de aprendizagem da escola fulidaidai. Outro desafio é que têm-se discussões, mas ainda não se tem um pensamento da UNTL pronto para colaborar com a escola Fulidaidai. Nosso Ministério da Educação... Mas há esperança para a Educação, Escola Fulidaidai busca ser exemplo/imagem, como guia, como alternativa de acesso para a educação. No futuro escola fulidaidai pode sair como escola acreditada, com legitimidade de aprendizado, desde o governo até a população, como instituição educativa.

h. Fale sobre a influência de Paulo Freire na Escola Fulidaidai.

No início do projeto da escola, a inspiração veio de Paulo Freire, para transformação humana, descentralização da educação para se ter uma sociedade crítica considerando a educação como chave para transformação humana. Então baseia-se em ideias de Paulo Freire, sendo inspiração

³⁶⁴ No entanto a escola fulidaidai será paga em 20 dólares.

³⁶⁵ Ligado ao governo.

³⁶⁶ Em infra-estrutura.

para os militantes³⁶⁷, como professor Antero, que elabora ideias para atividades de Educação Popular. Agora, Escola Fulidaidai têm princípio de pensamento de Paulo Freire, aprende com sociedade, num processo de aprendizagem para mudança de situação. Também, eu penso que escola Fulidaidai, tem eficiência e é eficaz para transformar ciência de pessoa para pessoa, buscando a ciência local: Escola Fulidaidai desenvolve criatividade local e aprende com o conhecimento local. Assim, elabora-se a Escola Fulidaidai.

³⁶⁷ O termo ativista em Timor significa militante.